from the author of The Unearthly *and* The Vanishing Girl

THE **BARGAINER** SERIES **BOOK THREE**



dark harmony

LAURA THALASSA

the

devil

is

in

the

deal

Índice

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27

Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Epílogo
Nota da Autora
Glossário

TRADUÇÃO E FORMATAÇÃO:



BOOKSUNFLOWERS

Para aqueles que sonham—

Mantenham sua mágica.

“Estrelas, escondam o seu brilho; não permitam que a luz veja meus profundos e obscuros desejos.”
—William Shakespeare*, Macbeth*

Capítulo 1

OLHO PARA as minhas mãos pela quinquagésima vez desde que Des e eu voltamos do Reino da Flora, procurando algo que indique que estou diferente. *Alterada*.

Imortal.

Eu pressiono minha mão sobre o meu coração. Sob a batida constante, sinto outra coisa. Algo mágico e misterioso.

Algo que não estava lá há apenas alguns dias.

Minha conexão com Des vibra sob o meu toque como um segundo batimento cardíaco, nós dois agora magicamente unidos.

Lanço-lhe um olhar sugestivo.

Des está sentado ao longo de um espesso parapeito de pedra, com as costas apoiadas em uma das colunas que se elevam a partir da ilha rochosa acima de nós. Nós dois permanecemos na varanda mais baixa de Somnia, uma das seis ilhas flutuantes do Reino da Noite e a capital dos domínios do Negociador.

— Estou com raiva de você, você sabe, — eu digo, embora não haja veneno nas palavras.

Os olhos do Negociador estão fechados, a cabeça inclinada para trás contra a coluna.

— Eu sei.

Eu assisto enquanto ele senta na extremidade do mundo, a noite escura além dele. Ao longe, ouço o riso estridente de duendes cavalgando no vento da tarde.

— Você nunca me perguntou se eu queria viver para sempre. — Minha voz quebra na última palavra.

Tecnicamente, não vou viver *para sempre*, mas pode parecer isso. Graças ao vinho lilás que Des me deu, agora estou diante de uns bons quatrocentos anos de vida - se não mais.

Como será que a Terra vai parecer quando eu bater as botas? E o Outro Mundo?

Preciso conversar com Temper sobre o quão assustadoramente longo é o tempo de vida das fadas.

Os olhos do Negociador se abrem, seu brilhante olhar prateado parecendo temível e fae.

Ele me oferece a sombra de um sorriso, embora não haja humor nele. — Querubim, você parece estar esquecendo o fato de que estava morrendo naquele momento.

Eu estava morrendo, e ele não estava disposto a me deixar ir.

Ele estende a mão para mim, e sua magia me puxa em direção a ele. Franzo a testa enquanto sou guiada até o seu lado.

Des bate um dedo na minha boca. — Diga-me, Callie, — diz ele, sua voz é como vinho doce enquanto suas mãos pousam na minha cintura, — você não quer passar mais do que algumas décadas comigo?

Claro que eu quero. Esse não é o ponto.

Estou chateada por nunca ter tido a chance de decidir meu destino por mim mesma. E agora o futuro se estende infinitamente à minha frente.

Des levanta o braço tatuado no ar. Da noite afora, uma fumaça azul luminescente se une, solidificando-se mais e mais à medida que se aproxima da mão do Negociador. Quando atinge a sua palma, é um cordão brilhante. Eu já vi essas coisas antes - luz do luar.

O Negociador a manipula na mão, trabalhando a substância estranha até que não seja apenas um cordão, mas um colar elaborado.

Eu estreito meus olhos quando ele traz a joia sobrenatural para a minha garganta.

— Isso não é justo, — eu digo enquanto ele a prende no meu pescoço, ao mesmo tempo em que as pontas dos meus dedos alcançam o colar. — Você não pode simplesmente usar um dos seus lindos truques de fada e comprar o meu perdão.

Mas ele pode, e ele comprou, e ele fará isso novamente. Esses lindos truques de fada dele me fizeram perdoar muito.

O Negociador vira-se, de modo que minhas pernas estão entre as suas. Ele me puxa para perto, meus quadris se ajustando confortavelmente entre suas coxas. — Meus lindos truques de fada são o que você mais gosta em mim, — diz ele, seus lábios roçando os meus enquanto ele fala. Seu olhar cai para os meus lábios. — Bem, isso e o meu pa...

— *Des.*

Ele ri contra a minha pele, seu hálito quente deixando minha pele arrepiada. Lentamente, o riso morre de seus traços. — Eu te perdi uma vez, Callie, — diz ele — e esses sete anos quase me mataram. Não pretendo te perder de novo.

Minhas entranhas apertam com a memória. Mesmo agora eu posso sentir a dor de sua ausência; uma ferida que nunca cicatrizou.

Des pressiona a mão em cima do meu coração: — Além do mais, isso não vale a pena?

Ele não precisa elaborar o que é *isso*.

Sob a palma da sua mão, sinto o calor da presença de Des – não apenas contra a minha pele, mas *dentro* de mim. Parece que estou sendo beijada pela pálida luz da lua, como se as estrelas e a noite profunda permanecessem sob minha pele, e sei que não faz sentido, mas é isso aí.

Sua magia tem até um som. É uma melodia baixa, as notas tênues além do meu alcance. Isso me faz sentir a mesma excitação ofegante que eu costumava sentir na Academia Peel quando a noite estava chegando e Des estava vindo junto com ela.

Já fomos parceiros separados por mundos e magia. Não mais, graças ao vinho lilás.

Há outras vantagens que vieram com o vinho. Agora tenho a capacidade de fazer minhas garras, escamas e asas aparecerem e desaparecerem à vontade. E eu posso sentir a magia fae de uma maneira que nunca pude antes.

Claro, também existem desvantagens - presentes de fadas *sempre* têm desvantagens.

Eu ainda vou atrás de você. Sua vida é minha.

O Negociador pega meu pulso, examinando meu antebraço nu.

— Trezentos e Vinte e dois favores - o valor de uma vida, — ele murmura.

Eu sigo o seu olhar. É estranho olhar para baixo e não ver as pulseiras do Negociador. A pele ali é mais pálida que o resto, e admito que meu braço parece nu sem o peso de todas aquelas miçangas. Eu usei essas pulseiras todos os dias por quase oito anos... e da noite para o dia, desapareceram.

Era o valor de uma existência inteira em miçangas, mas no final, era ainda mais do que isso - era o valor de uma *vida*. Essas miçangas me trouxeram de volta da beira da morte. E agora tenho que me perguntar se, desde o início, a magia de Des de alguma forma sabia que chegaria a isso. Se toda essa dívida e todos esses anos de espera fossem sua maneira de reunir magia, para que um dia pudesse impedir minha morte prematura.

Ou talvez eu tenha muita, muita sorte.

Abaixo meu pulso para poder olhar nos olhos do Rei da Noite. — Raiva à parte, obrigada. — Minhas palavras saem ásperas.

Obrigada é uma palavra muito pequena para demonstrar a minha gratidão pelo que Des fez. Porque, no final, ele me salvou. *De novo*.

Pelo menos uma vez eu gostaria de retribuir o favor.

A mão de Des aperta meu braço, e ele leva meu pulso aos lábios e pressiona um beijo ali. — Isso significa que você me perdoa pelo vinho lilás?

— Não abuse da sorte, fadinha.

— Querubim, ninguém te contou? Conseguir o que quero não tem nada a ver com sorte. Eu uso favores.

Capítulo 2

— NÃO É MAIS uma escrava, pelo que vejo.

Meus ombros tencionam ao som dessa voz.

Essa *voz*.

A última vez que eu a ouvi, estava na Floresta de carvalhos sagrados da Rainha da Flora, minha vida sangrando para fora de mim. E agora, ela soa bem atrás de mim

— Nos encontramos novamente, encantadora, — diz o Ladrão de Almas.

Sinto as pontas dos dedos do monstro arrastando-se como veludo pelo meu braço.

— Suas asas se foram... — Ele se inclina e respira, — e isso que eu cheiro é magia fae? Poderia ser que o poderoso Rei da Noite lhe deu o vinho lilás?

— Não aja como se estivesse surpreso, — eu digo.

O Ladrão deliberadamente orquestrou uma situação em que eu beberia o vinho e me tornaria fae, tudo para que seu poder pudesse dominar o meu. Antes disso, sua magia não funcionava em mim, assim como não funcionava em nenhum humano.

— O que posso dizer? — Ele responde. — Receio que fadas apaixonadas possam ser terrivelmente previsíveis.

O Ladrão aparece à minha frente e finalmente dou uma boa olhada nele.

Ele é como eu me lembro dos meus sonhos e naquele breve momento na floresta. Cabelos muito negros, olhos escuros e amendoados, boca carnuda, pele de alabastro.

Como todas as outras fadas que conheci, ele é lindo. Quase insuportavelmente. Não pela primeira vez, desejo que o mal se pareça como deveria.

Eu me afasto de seu toque. A noite nos envolve por todos os lados, mas mesmo na escuridão posso distinguir os carvalhos retorcidos que me cercam.

Meu estômago se revira. Estou de volta à Floresta de Carvalhos Sagrados de Mara Verdana.

Eu poderia jurar que tinha deixado este lugar.

Ao longe, ouço as notas fracas de um violino e o estalar e o crepitar de uma fogueira. O cheiro de madeira queimada é carregado pela brisa. Há algo sobre o cheiro, um aroma que é doce de algum modo. Se eu pudesse desvendá-lo…

O Ladrão de Almas caminha até uma árvore, sua bota raspando uma raiz. — Aqui, creio eu, é onde você fodeu com o Rei da Noite.

Sinto a bile subir pela minha garganta.

Jesus. Ele nos assistiu?

Seu olhar encontra o meu. — Como eu sei disso? — Ele olha para o tronco da árvore novamente. A casca normalmente áspera está revestida com uma substância escorregadia. — Eu tenho olhos em todos os lugares.

Enquanto assisto, O Ladrão pressiona a mão na casca reluzente. Em segundos, o que quer que seja que revestia o tronco da árvore agora escorre para a mão do Ladrão, as linhas escuras serpenteando entre seus dedos e pulso.

E agora entendo o que é esse aroma estranho.

Sangue.

Goteja da árvore que o Ladrão toca e agora está se espalhando pela mão dele.

O Ladrão me dá um pequeno sorriso, seus olhos brilhando na escuridão.

Começo a ouvir o tamborilar lento da chuva. Só que... não tenho certeza de que é *chuva* que está caindo dos galhos das árvores.

Enquanto eu observo, o carvalho à minha frente começa a gemer e tremer.

O Ladrão me olha de cima à baixo. — A magia Fae combina bem com você, encantadora. Confesso que estou ansioso para ver como ela interage com a minha própria.

Ao meu redor, as árvores se quebram e lascam, fazendo barulhos molhados e estalos.

Um por um, os troncos se abrem como cascas de banana. Aninhados dentro de cada carvalho há um soldado adormecido, todos eles imóveis como se estivessem mortos. O sangue goteja em suas peles e escorre através de suas roupas esfarrapadas.

O carvalho ao lado do Ladrão se rompe, revelando uma fada de pele de bronzeada. O Ladrão toca a bochecha do soldado e, por um instante, seu rosto se transforma no rosto do homem adormecido. Então a ilusão se foi, e ele é ele mesmo uma outra vez.

Eu estremeço.

— Tenho esperado esse dia chegar faz algum tempo, — diz ele, distraído, ainda encarando o soldado. Ele abaixa a mão e volta toda a sua atenção para mim. — Diga-me, encantadora, você pode fazer um homem - qualquer homem - se apaixonar por você? Não apenas encantá-los por um tempo, mas realmente conquistar seus corações?

Minha pele está formigando.

O Ladrão se afasta do soldado, andando em minha direção. Ao nosso redor, o som de madeira sendo lascada e sangue pingando aumenta até que eu sinto que posso enlouquecer.

De repente, o bosque fica assustadoramente silencioso.

Sem aviso, minha sirene vem à tona, desencadeada por algum medo esmagador e desconhecido. Minha pele acende, iluminando o rosto do Ladrão na noite escura.

Seus olhos assumem um brilho fascinado. — *Sim*, — ele diz quase que para si mesmo, — eu aposto que você poderia. — Ele fecha a distância entre nós. — Sinto falta dos dias em que eu achava que você era uma simples escrava. Talvez quando você for minha, eu fingirei que você ainda é uma. — Ele pega um dos meus pulsos. — Você usará algemas de metal e uma coleira como os escravos de antigamente. E então você será minha encantadora *escravizada*, e juntos veremos o quão perto você pode chegar de fazer alguém como eu sentir afeição.

Ele se atreve a nos ameaçar? Nunca mais cairemos sob o jugo dele.

— Espero que você consiga lidar com isso, — continua ele — mais pela sua segurança do que pela minha. Eu não sou conhecido por ser gentil com meus brinquedos. Pode perguntar à Mara.

Eu o encaro por um longo momento, minhas garras afiando, mal conseguindo conter as tendências violentas da minha sirene. Então, de uma só vez, eu libero meu controle sobre ela.

Minha mão livre se move quase sem eu perceber. Eu ataco, golpeando seu rosto. As pontas das minhas garras rasgam a pele de sua bochecha em quatro linhas uniformemente espaçadas.

Quase imediatamente, o sangue começa a pingar das feridas.

O Ladrão parece entretido.

Eu não recebo nenhum aviso antes dele me jogar contra a árvore que ele estava cutucando com os pés apenas alguns minutos antes.

Deixo escapar um grito de raiva quando atinjo o tronco ensanguentado, meu peito pressionado contra o soldado adormecido, meus olhos encarando o rosto ensanguentado do homem. Por trás, o Ladrão me segura.

— Normalmente, eu gosto das minhas mulheres dóceis, — ele sussurra no meu ouvido, — mas você - com você, eu vou gostar de lutar. De quebrá-la.

Suas palavras são decididamente sexuais, e eu me lembro de todas aquelas guerreiras e as crianças que ele as forçou a conceber.

Eu cerro os dentes, minhas unhas cravando no tronco da árvore.

Nunca, minha sirene promete. *Vamos matá-lo primeiro, e vamos* saborear *isso.*

Ouço um gemido ao vento, e as árvores tremem, suas folhas começando a cair dos galhos como se fossem lágrimas.

À minha frente, os olhos do soldado se abrem.

Ah, *merda*.

TO Ladrão se inclina para o meu ouvido novamente, seus lábios roçando a pele sensível. — Aproveite a carnificina. Eu espero que você sobreviva...

Os GRITOS ME arrancam do sono.

Eu me levanto na cama, completamente acordada em um instante, minha respiração saindo em suspiros assustados.

Não estou na Floresta de Carvalhos da Rainha. Não estou presa à uma árvore podre.

Não estou nas garras do Ladrão.

As lâmpadas fracas penduradas acima de mim iluminam os aposentos do Negociador no Outro Mundo.

Eu estou segura. Por enquanto.

Os gritos voltam à minha consciência.

E então de novo...

Des pula para fora cama e fica de pé, suas asas com garras completamente abertas, parecendo um anjo infernal enquanto ele olha para um ponto acima da minha cabeça. Eu sigo o seu olhar, mas não há nada lá.

Meus olhos encontram os dele enquanto mais gritos vibram através das fundações do castelo. Há algo sobre o som... como se fosse uma voz saindo por muitas bocas.

Lembro-me do sonho, dos olhos do soldado se abrindo. Algo frio desliza pela minha espinha.

Não há homens adormecidos aqui no Reino da Noite, tento me tranquilizar. E é verdade, não há homens adormecidos aqui em Somnia. Mas a mil pés abaixo de nós, um exército de mulheres dorme.

Os gritos cortam através dos meus pensamentos.

Pelo menos, as mulheres *estavam* dormindo.

Eu tenho a maldita certeza que agora elas estão acordadas.

Capítulo 3

De repente os gritos são interrompidos, e o silêncio que se segue é de alguma forma ainda mais sinistro.

O que diabos...?

Des e eu ainda estamos olhando um para o outro. Um segundo passa, depois dois, três, quatro. Está tão terrivelmente quieto.

Talvez eu tenha imaginado tudo.

Mas então uma onda de gritos recomeça, chegando como o início de uma tempestade. Primeiro, é um único grito alarmado, depois outro e depois vários. Eles parecem tão distantes.

O Negociador fecha os olhos por alguns segundos, como se o barulho lhe machucasse profundamente. — Quais são as chances de que eu possa convencê-la a se esconder em algum lugar seguro? — Ele pergunta, abrindo os olhos, sua voz sedosa.

Me esconder em algum lugar seguro? O que exatamente ele acha que vai acontecer?

Eu chuto meus lençóis, colocando as pernas para fora da cama.

— Zero — eu digo.

Ele engole em seco. — Eu não posso te perder, querubim. — Por um momento, a dor do astuto Negociador é transparente. — Não de novo.

Ainda posso ver o rosto dele quando entrei na escuridão final.

Você não está me deixando, Callie.

Ainda é tão recente.

Des fecha sua expressão, a suavidade se dissipando como se nunca tivesse existido.

Couros de batalha escuros se materializam ao meu lado. Eu olho para eles, minha mente trabalhando rápido para acompanhar a situação.

— Você se lembra do seu treinamento? — A voz de Des não parece muito normal. Não é zombaria ou provocação. Ele parece sério demais.

Só há um motivo para ele me perguntar isso.

Nós vamos ter que chutar algumas bundas.

Eu concordo com a cabeça.

— Que bom. — Ele se levanta, as sobrancelhas franzidas enquanto me leva com ele. — Se eu não posso te esconder, simplesmente terei que *soltá-la*.

Me soltar - ele diz como se eu fosse uma força imparável. Acho que talvez ele tenha mais fé em mim do que deveria.

Mais gritos chegam das profundezas da ilha, perto de onde as mulheres adormecidas foram deixadas para descansar. Na minha mente, ainda posso ver aquelas guerreiras em seus caixões de vidro, cada uma enterrada com uma arma.

Tenho esperado esse dia chegar faz algum tempo.

Eu respiro fundo, entendendo agora o que Des já tinha percebido.

Todas aquelas mulheres estavam dormindo no centro da ilha, esperando como bombas para detonar.

E hoje à noite, o Ladrão de Almas acendeu o pavio.

A MAGIA DE DES roça contra a minha pele, e a camisola minúscula que eu uso escorrega para fora do meu corpo, o tecido se acumulando ao redor dos meus quadris e me deixando com os seios nus.

Antes que eu possa me cobrir, a gaveta do armário mais próximo se abre e dela sai flutuando um conjunto inteiro de roupas. Elas flutuam no ar, depois se assentam em mim, o tecido separando-se como manteiga quando toca minha pele, moldando-se ao meu corpo antes de se unir novamente. Mais da magia de Des.

Depois vêm os couros de batalha. Então minhas botas. Cada um escorregando com uma pequena ajuda da magia de Des. Ele me observa o tempo todo, seus olhos ferozes e resolutos.

Destruirei o mundo antes de te perder de novo, eles parecem dizer.

Estou saindo da cama quando a peça final da minha roupa flutua para mim. O cinto que segura minhas adagas enrola-se em volta da minha cintura, as empunhaduras de labradorite das minhas lâminas brilhando.

Vestida e armada em segundos.

O Negociador não está para brincadeiras.

Só depois que estou pronta para chutar algumas bundas e acabar com eles é que seu próprio equipamento corre pelo ar em uma velocidade vertiginosa, fixando-se em seu corpo mais rápido do que meus olhos podem acompanhar. Seus couros, uma espada, um par de facas, uma adaga presa ao tornozelo e outra que circula seu bíceps.

Vestido como está, tenho certeza que ele poderia fazer mulheres terem um orgasmo espontâneo com apenas um olhar.

Deus, agora *não* é o momento para meus pensamentos sujos.

Os gritos estão ficando mais altos.

— Caso você não tenha notado, — Des diz — aquelas soldadas que dormiam embaixo do meu castelo estão acordadas agora e pretendem derrubar meu reinado.

Não pergunto como ele sabe disso. Meu coração bate um pouco mais rápido quando Des basicamente confirma o que eu temia: as soldadas que Karnon aprisionou e abusou agora são nossas inimigas.

— Essas mulheres não são civis — continua o Rei da Noite — Elas

defenderam esse reino por décadas - até séculos. Elas não hesitarão em machucá-la e não mostrarão misericórdia a você ou a qualquer outra pessoa. Quando você se deparar com uma, dê um golpe mortal e não desperdice seu remorso com elas; garanto que elas não desperdiçarão o delas com você.

Minhas asas coçam para se revelar quando a adrenalina atinge meu sangue.

O Negociador se vira para mim, fechando os olhos. Ele abaixa a cabeça, como se estivesse rezando, mas eu posso sentir o pulsar de sua energia inquieta enquanto ela se acumula dentro dele. Canta através do nosso laço e vibra ao longo da minha pele.

As sombras ondulam sobre a sala. Eu mal tenho tempo para registrar o que está prestes a acontecer quando a magia de Des explode através dele.

A escuridão varre a sala, cobrindo o mundo ao nosso redor num instante, sacudindo as próprias fundações do castelo. Ela domina os meus sentidos até que eu não seja ninguém e nada mais que um alfinete de pensamento na vasta extensão de escuridão. Logo depois, eu não sou nem isso.

Eu já estive aqui uma vez. A última vez que a magia de Des explodiu para fora dele, Karnon - o Rei da Fauna - e centenas de outros faes morreram.

Me preparo para o mesmo desfecho.

Mas quando a escuridão volta a Des, os gritos não se foram.

O Negociador cambaleia, seu rosto incrédulo.

— Eu não posso... matá-las.

As soldadas adormecidas, ele quis dizer.

Não sei o que é mais chocante - que Des estava pronto para acabar sozinho com o ataque, apesar das soldadas serem faes do Reino da Noite, ou que não funcionou. Eu vi o poder que ele tem. Se ele quisesse, ele poderia destruir cidades inteiras apenas com sua vontade.

O que poderia ser forte o suficiente para suportar esse tipo de ataque mágico?

Meus olhos se movem para o armamento amarrado ao seu corpo. Ou melhor - como devemos derrotar algo que o poder de Des sozinho não podia?

Os gritos estão enchendo a noite, roubando meu fôlego.

— Elas estão se movendo rápido — diz ele — e estão vindo em nossa direção.

E devemos encontrá-las em combate.

Eu respiro fundo. A última vez que lutei contra um inimigo foi apenas alguns dias atrás, e isso não terminou muito bem.

Espero que eu me saia um pouco melhor esta noite.

Cerro minhas mãos quando começo a me mover, indo em direção à porta. A forma de Des tremula, desaparecendo por um momento apenas

para se materializar diretamente à minha frente.

Seus olhos travam nos meus intensamente. — Você sabe que eu confio em você, respeito você e, acima de tudo, amo você. Mas que os deuses me deem paciência, Callie, porque teremos um acerto de contas se você me enganar.

Ó, homem de pouca fé. Eu só fiz isso uma vez, e nessa época o "inimigo" que Des e eu enfrentamos foi Temperance "Temper" Darling, minha melhor amiga e feiticeira.

— Eu não vou *enganar* você, Des.

— Apenas para que fiquemos claros. — Relutantemente, ele sai do caminho, e então nós dois saímos de seus aposentos.

O chão estremece assim que passamos da porta. Há um estrondo à distância, como uma tempestade chegando, e o ar carrega a mais leve sugestão de algo enjoativo e vil.

— Que cheiro é esse? — Pergunto a Des enquanto o sigo pelo castelo. Nosso entorno imediato está muito quieto.

— Magia negra — diz ele por cima do ombro.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Eu posso *cheirar* magia?

Isso… não é normal.

— Magia fae — Des especifica — E, sim, aparentemente você pode.

Tuuuuudo bem. Acho que posso lidar com isso.

Passos soam pelo corredor. As asas de Des se alargam protetoramente, mas os indivíduos que viram a esquina são alguns dos assistentes reais de Des.

— Onde está Malaki? — Des exige, claramente interessado em debater sobre estratégia com seu general.

Os assistentes se entreolham perplexos. — Não o vi — diz um deles.

— Verifique o quarto da feiticeira — eu digo. Temper, sem dúvida, tem o general de Des acorrentado à sua cama.

Eu não sou a única que tem uma queda por fadas.

TO Negociador passa a mão pelos cabelos brancos. — Quantos soldados estão posicionados aqui em Somnia? — Ele pergunta a um dos assistentes.

— Oitocentos e cinquenta. Existem mais algumas centenas nas outras ilhas. O resto está posicionado nas fronteiras ou em licença por conta dos tempos de paz.

Des esfrega a boca. Eu sei o que ele está pensando: estamos em menor número. Há facilmente mais de mil mulheres dormindo embaixo deste castelo. Se elas querem sangue... vão nos massacrar.

— Chamem o máximo de reforços que puderem — ordena Des — Enviem todos os soldados da noite para o palácio. As mulheres que dormiam anteriormente vão tentar tomar o castelo. Não podemos deixar isso acontecer.

Olho através da fileira de janelas em arco mais próxima. Explosões de luz estão piscando em Somnia como os flashes de uma câmera. Com eles

vêm gritos. Tantos gritos.

Os assistentes inclinam a cabeça e depois partem, voltando furtivamente de onde vieram para cumprir as ordens do Rei da Noite.

Percebo que nenhum de seus homens tentou permanecer e protegê-lo - nem tentaram levá-lo para um lugar distante e deixá-lo aguardando longe da batalha. Nesse sentido, as fadas são diferentes dos humanos. Ou talvez Des, já calejado das batalhas, com seus braceletes de guerra e sua escuridão, apenas seja diferente dos outros líderes.

O Negociador começa a andar pelo corredor novamente. — Prepare essas adagas, querubim, — diz ele por cima do ombro — Vamos enfrentar as mulheres de frente.

Pego minhas armas com as mãos trêmulas. Uma coisa é treinar com Des, outra é se preparar para uma batalha real.

Minha pele brilha quando a sirene assume o controle. Com a mudança, surge um tipo de confiança cruel que eu não tinha há um segundo. Puxo minhas lâminas, as fases da lua gravadas brilhando ao longo do comprimento do metal. Os punhais são um peso familiar em minhas mãos.

Há um estrondo vindo das profundezas do castelo, seguido por uma explosão. Então mais gritos.

Além dos assistentes de Des, não vemos mais ninguém. Isso, mas do que qualquer outra coisa, faz minhas garras se afiarem e minhas asas se manifestarem. Estamos caçando predadores.

Os gritos ficam mais altos à medida que avançamos pelos corredores do palácio, chegando cada vez mais perto da entrada principal.

E então viramos num corredor que não está abandonado.

Várias fadas estão fugindo em nossa direção, seus olhos selvagens e suas roupas ensanguentadas.

Um deles tem os bons modos de parar quando vê o rei. — Sua Majestade — ele arfa — por favor, não vá por aí... elas estão matando todos em seu caminho.

O olhar do Negociador desliza do homem para o corredor.

— Fique em segurança — É tudo o que Des diz, e então ele está avançando mais uma vez.

O homem me lança um olhar apressado e depois sai correndo feito uma lebre.

Des e eu seguimos por outro corredor, em direção a uma escada. Mais fadas fogem passando por nós e os gritos estão ficando mais altos. Mais próximos.

Aperto ainda mais minhas adagas, minhas asas tensas elevadas atrás de mim, minha pele brilhando sob as arandelas do corredor.

Ao descermos a escada, a cena abaixo de nós se revela lentamente. Meu sangue treme com a visão. Existem corpos ensanguentados espalhados pelo chão, os olhos vidrados. Do outro lado do patamar, uma soldada se aproxima de um assistente do palácio, seu machado de batalha erguido

acima de sua cabeça. Ela vai cortar o homem em dois - assim como ela aparentemente partiu essas outras pobres almas.

À minha frente, Des desaparece. Ele se materializa entre as duas fadas, no momento em que a soldada abaixa o machado.

Engulo meu grito quando ele pega a arma pelo cabo. O assistente se abaixa por trás de Des e foge.

O Rei da Noite estala a língua, parecendo completamente à vontade enquanto a soldada puxa o machado contra o seu aperto.

— Ninguém te contou que é falta de educação matar um homem dentro de casa? — A soldada rosna de frustração enquanto tenta soltar o machado do aperto de Des. Quando isso não funciona, ela o ataca com o braço livre, seu punho fechado. Des desaparece apenas o suficiente para o golpe passar por ele e a soldada tropeçar em desequilíbrio.

Ele então reaparece, chutando a soldada no peito, o golpe derrubando-a. Ela bate no chão com força, e eu posso ouvir o *whoosh* quando a respiração é arrancada de seus pulmões. O machado escapa de seu aperto, derrapando vários metros atrás dela.

— É todo esse sangue — Des continua, rondando-a. — Fica muito fácil tirá-lo do chão com um pouco de magia, mas os espíritos adoram se agarrar até a última gota. Ninguém quer um fantasma assombrando sua casa.

A soldada mostra os dentes para o Rei da Noite, rastejando rapidamente para pegar seu machado. Ela o pega assim que Des se aproxima. Casualmente, o Negociador pisa em seu pulso, e o osso se rompe com um estalo doentio. A soldada grita, o som é mais um choro animalesco de frustração do que de dor real. Essa é a parte mais assustadora de tudo; ela está tão empenhada na carnificina que sua dor fica em segundo plano.

Outra fada – um nobre, pela aparência de seu traje – corre pelo patamar vindo das escadas, uma soldada em seu encalço. Ela faz uma pausa, erguendo o arco e posicionando uma flecha.

Mas nem fodendo.

Eu projeto meu braço para trás e jogo uma das minhas adagas. Ela acerta bem em cheio. Com um baque molhado, ela se aloja na garganta da soldada.

Puta merda, eu não esperava que a minha mira fosse *tão* boa.

E ai meu Deus, eu acabei de ferir alguém mortalmente. O pensamento se aloja como uma pedra na boca do meu estômago.

A mulher tropeça para trás, a mão indo em direção à garganta ensanguentada. A cada batida de seu coração, mais e mais líquido carmesim se derrama da ferida. Isso faz lembrar do meu padrasto, da propensão que eu tenho para cortar essa artéria em particular.

Espero a soldada soltar um grito de dor ou ver medo em seus olhos – qualquer indicação de que exista uma pessoa residindo naquele corpo – mas quando seu olhar encontra o meu, não há nada por trás desses olhos,

exceto frieza e um calmo desinteresse.

Agarrando o punho da minha adaga totalmente cravada, a soldada arranca-a da própria garganta.

Droga. Isso é hardcore demais para mim.

Diante dos meus olhos, seu ferimento começa a fechar.

Porra, é sério? Quer dizer, eu sei que apenas alguns segundos atrás fiquei horrorizada com a morte dela, mas agora, essa mulher precisa morrer.

Ela começa a avançar, minha arma na mão. Aperto o punho em volta da adaga restante, a adrenalina latejando nos meus ouvidos.

A meio caminho de mim, ela hesita e sua mão volta para o ferimento no pescoço. Enquanto sigo seus movimentos, percebo que, embaixo de todo o sangue, a ferida ainda está aberta. Não sei por que, mas parou de curar.

Ela não dura muito. Antes que ela ou eu possamos fazer qualquer coisa, Des aparece na sua frente, espada na mão. Em um movimento limpo, ele a apunhala.

Os olhos dela se arregalam quando ele remove a lâmina ensanguentada do seu estômago e, um momento depois, seus joelhos cedem. Os olhos vítreos da soldada olham fixamente para o teto, e sua boca se abre e se fecha até que sua vida termina.

O Negociador se ajoelha e tira minha lâmina da mão dela. Um momento depois ele desaparece, apenas para reaparecer bem na minha frente.

Ele devolve minha lâmina. — Você fez bem, querubim — diz ele, seus olhos brilhando quando me puxa para perto.

Eu umedeço meus lábios, meus olhos se movendo para a soldada. Ser bom em matar não é um elogio. Minha sirene se envaidece de qualquer maneira.

Des segura minha mandíbula e me dá um beijo rápido, e minha sirene – ela canta com o gosto do meu companheiro na minha língua e com o cheiro de sangue no ar.

Depois que o Negociador me libera, seu olhar permanece no meu rosto por mais um momento. Relutantemente, ele se afasta, andando pelo palácio mais uma vez, em direção aos sons dos gritos.

Respirando fundo, eu o sigo.

Passamos por várias outras fadas caídas enquanto atravessamos o castelo, suas mortes horrendas, violentas. Minha natureza conflitante não pode decidir o que fazer em relação a isto. Parte de mim se sente enjoada e horrorizada, e parte de mim está cheia de sede de sangue e vingança.

Faça-os sofrer. Faça-os pagar, minha sirene sussurra.

A próxima soldada que encontramos está em um corredor escuro, agachada sobre um corpo. Eu olho de soslaio para os arredores; quase todas as arandelas estão apagadas neste corredor, como se a luz não suportasse testemunhar esse horror.

A cabeça da soldada se ergue, seus olhos brilhando como os de um

gato. Seu rosto manchado de sangue, e a faca que ela empunha está mergulhada no mesmo, o líquido carmesim cobrindo a lâmina, o punho e a maior parte de sua mão.

De jeito nenhum a fada abaixo dela está viva.

O Negociador está em cima dela em um segundo, espada na mão. Em um golpe limpo e rápido, ele corta fora sua cabeça.

A cabeça atinge o chão com um baque doentio, o corpo da soldada se juntando a ela um momento depois. Uma poça de sangue escuro derrama de ambos.

Eu olho para a cabeça. Seus olhos ainda estão piscando. Oh meu doce Senhor – por que seus olhos ainda piscam? E santo inferno – sua boca está abrindo e fechando como um peixe fora d'água.

Eu posso sentir minha sirene, pressionando-me, ficando cada vez mais excitada com a visão e o cheiro de sangue.

Eu quero tudo, ela sussurra. *Sua dor, seu poder, suas próprias vidas. Minhas para saborear, minhas para tomar.*

Uma parte de mim quer envolver a crueldade da minha sirene em torno de mim como uma armadura, mas uma parte ainda maior de mim é tão perturbada por ela quanto por toda a carnificina. Não quero que nenhuma parte de mim prospere com essas mortes violentas.

Então, faço o que sempre fiz – mantenho-a amarrada da melhor maneira possível.

Forçando-me a me mover, vou para a civil esparramada no chão e me ajoelho ao seu lado. Seus olhos estão fechados, seu rosto está frouxo e seu pescoço está uma bagunça de pele ensanguentada – e também há todo o sangue *fora* de seu corpo. Nenhum humano poderia sobreviver a tanta perda de sangue. Entretanto, ela não é humana.

Eu vejo o peito dela subir e descer e ouço-a respirar de modo exaustivo, o som quebrado e irregular.

Des se ajoelha ao meu lado e coloca dois dedos na testa da mulher. Eu posso provar uma pitada de sua magia no ar enquanto ela se instala em torno da mulher ferida.

Os olhos dela vibram e ela estremece.

— O que você fez? — Pergunto.

O Negociador levanta. — Tirei a dor dela. O resto, sua magia terá que consertar sozinha. Eu não sou um curandeiro.

Lembro-me da última soldada com quem lutei, a maneira como a ferida dela começou a fechar apenas para parar de se curar. Se a magia da soldada não conseguiu curar aquela ferida, a magia desta mulher é capaz de curar sua própria lesão?

Improvável.

O pensamento vem de uma parte nova de mim, a parte que bebeu o vinho lilás, a parte que agora é um pouco fae. Eu posso sentir a magia da fada deslizando para fora de seu corpo. Está presente em seu sangue derramado, e está dissipando no ar. Ela penetra as paredes e o teto, e

então não é mais da mulher, ela é do castelo.

O que Des disse?

Os espíritos adoram se agarrar até a última gota. A magia dessa mulher está escapando dela – sua alma vai escapar junto?

Serei capaz de sentir isso também?

Não fico por perto tempo suficiente para descobrir.

Deixamos ela lá, mais uma vez abrindo caminho para a entrada principal do palácio. Quanto mais nos aproximamos, mais corpos começam a se acumular. Aqui os sons de luta são quase ensurdecedores. Posso dizer pelo barulho que uma batalha ocorre na entrada principal do palácio.

Em vez de irmos para lá, Des nos leva a uma escada que desce mais.

— Para onde vamos? — Pergunto.

— Às masmorras.

— Às masmorras? — Eu ecoo. — Por quê?

Chegamos a uma porta espessa feita de bronze martelado. Eu posso sentir um certo poder de contenção cantarolando da coisa.

Ele se vira para mim. — Espere aqui, amor.

— Des...

Mas ele já se foi.

Capítulo 4

Eu ajusto meu aperto nas adagas, depois mudo meu peso de uma perna para a outra.

Eu olho para a porta de metal à minha frente, os sons da batalha soando abafados através dela. Meu coração está martelando loucamente no meu peito enquanto minha adrenalina zumbe através de mim. Um minuto passa. Então outro.

A batalha acima de mim está chamando minha sirene, atraindo minha natureza sombria. Minhas asas batem e realojam com a minha agitação, e minha pele ainda brilha como nunca. Começo a me afastar da porta, sentindo o impulso de voltar à luta. A parte sensata de mim não está feliz da vida com a ideia de ter que matar mais pessoas, mas não posso ficar aqui enquanto fadas inocentes...

O Negociador retorna, interrompendo o fluxo de pensamentos. Ele segura nas mãos uma caixa de madeira manchada.

Eu olho entre ele e a caixa.

Sério, *o que* está acontecendo?

Des se inclina e sussurra para a caixa no que estou assumindo ser Fae Antigo. Ele faz uma pausa, ouvindo, depois fala mais um pouco. Enquanto ele fala, posso sentir os encantamentos do recipiente se desfazendo. Depois que eles se dissolvem, Des para de falar.

Por um momento, nada acontece. Então a tampa se abre.

Não consigo me conter, me inclino para frente e espio dentro da caixa.

Está... vazia. Até, é claro, não estar mais.

Sombras que eu não notei no fundo começam a se agitar. Elas não se parecem com as sombras de Des, que engrossam e enrolam como fumaça. Essa sombra é uma coisa bidimensional e frágil que se move.

Uma mão óssea e sombria surge das profundezas da caixa, os dedos segurando a borda da caixa um por um. A coisa se empurra para fora, desliza para o lado e depois rasteja para um canto no chão.

Minha respiração falha. Eu já vi essa criatura antes, na sala do trono de Des.

Um Pântano.

Eu assisti a criatura comer um fae da Fauna que achou que seria uma boa ideia presentear o Rei da Noite com um saco de cabeças decapitadas.

Aposto que o cara se arrependeu *dessa* decisão.

— Lembre-se do nosso acordo — Des diz ao monstro das sombras.

Acordo? Só mesmo o Negociador poderia ter fechado um negócio desses no pequeno período de tempo em que saiu do meu lado. E com o Pântano, ainda por cima.

— *Siiiim, meu reeeei.*

Os pelos dos meus antebraços se eriçam quando a criatura fala. Estou encarando um pesadelo vivo. Literalmente. O Pântano come suas vítimas vivas e no longo tempo necessário para digeri-las, essas fadas são amaldiçoadas a viver seus piores pesadelos. Somente o Outromundo poderia abrigar um monstro tão assustador.

E agora Des planeja soltar essa coisa.

O Pântano começa a se mover, depois hesita. Fico imóvel quando percebo que ele me notou.

Não é uma criatura da qual quero chamar a atenção.

Um adversário tentador, minha sirene sussurra, porque ela não tem nenhum senso.

Des entra na minha frente, seus ombros largos bloqueando a visão do Pântano.

— Melhor matar qualquer pensamento que esteja passando pela sua cabeça — ele rosna. — Olhe para a Rainha da Noite novamente e você descobrirá por que seus companheiros me temem.

Rainha da Noite?

E tudo cairá sob meu jugo...

A sirene em mim está *morrendo de vontade* de ser libertada.

— Entendiiiiido — o Pântano assobia.

Eu mal vejo sua forma enquanto ela desliza pelo mesmo caminho que viemos.

Des e eu o seguimos pelas escadas. Quando chegamos à entrada principal do palácio, existem dezenas e dezenas de fadas travando combates, suas asas bem abertas atrás deles. Alguns deles são civis, mas muitos são soldados defendendo o palácio de outras soldadas, antigos camaradas agora lutando um contra o outro.

Meus olhos varrem o resto do hall dourado de entrada. O lugar parece um matadouro. Os corpos estão espalhados pelo chão, a maioria deles servos, nobres ou ajudantes – essencialmente, fadas que não foram treinadas para matar. Também existem Soldados da Noite caídos, mas mesmo na morte é difícil dizer qual deles defendeu ou invadiu o castelo.

Eu olho, chocada com todo o caos. Dentre tudo isso, vejo o Pântano deslizando, engolindo uma soldada traidora após a outra. Não tenho ideia de como ele distingue um amigo de um inimigo, mas acho que Des repassou esses detalhes com o monstro antes que ele o soltasse.

Espadas estão colidindo, flechas estão voando, sangue está sendo derramado. Magia negra enche o ar. Eu posso sentir o cheiro, provar, sentir sua natureza oleosa agarrada à minha pele.

Des me puxa para perto, roubando um beijo rápido dos meus lábios. — Fique segura, amor — ele diz. Seus olhos mergulham na minha pele brilhante, e seu aperto fica mais forte. Sinto sua hesitação, o glamour e nosso vínculo mantendo-o ao meu lado.

Em algum lugar debaixo de sua armadura, ele usa três braceletes de guerra feitos de bronze, concedidos a ele por bravura. O pensamento dessas faixas me conforta. Não há nada que eu tenha que mostre para ele que vou ficar bem.

No momento em que abro a boca para falar, uma flecha passa ao lado da minha cabeça.

Agindo sob agressão e instinto, Des saca sua espada, a arma zumbindo conforme é liberada. Ele gira em direção à briga, seus olhos examinando o recinto. No momento em que encontra o arqueiro ele desaparece, me deixando sozinha.

O mundo tem uma sensação de vazio, os gritos, os cheiros, as imagens.

Nosso para saborear, a sirene sussurra. *Junte-se a ele. Vamos participar até que haja sangue suficiente para nadar.*

Dou um passo, depois outro, atraída pela força perversa da batalha. Ao meu redor, os olhos de várias fadas se prendem à minha forma brilhante.

Uma soldada se aproxima de mim, seus olhos brilhantes, mas seu rosto impassível enquanto ela levanta a espada.

Olho para a arma e minhas lâminas parecem subitamente pequenas e insignificantes. Não são páreas para essa mulher com seus reflexos rápidos e sede de sangue.

Deixe-a tentar nos matar.

Por outro lado, acontece que conheço um certo alguém que empata bem essa conta...

Normalmente, tenho o cuidado de conter minha sirene, mesmo quando uso minha magia. Agora, eu deixo esse controle escapar um pouco.

Sinto o riso dela borbulhar no meu peito.

Isso-vai-ser-divertido.

Assim que a soldada balança a arma, eu me movo, meu corpo dobrando e mergulhando para evitar os golpes. Meus movimentos parecem fluidos, como água rolando em um rio.

Eu me abaixo, giro e, com um impulso rápido, enfio minhas adagas em sua barriga. É um ataque impossível, que até uma semana atrás eu não teria sido capaz de fazer. E agora tenho que me perguntar se, junto com a longa vida e uma noção de magia, o vinho lilás me deu outros atributos fae como agilidade e precisão.

Arrasto minhas lâminas pelo torso dela, cortando carne e outras coisas mais macias, antes de me afastar.

A soldada cambaleia para trás quando me afasto. Mas nem mesmo as feridas que infligi são suficientes para detê-la. Ela me ataca novamente. Bloqueio o primeiro golpe, mas não sou rápida o suficiente para evitar completamente o segundo. Sinto a lâmina se uma afundar nos meus

couros e depois morder minha pele. Eu grito e giro, minha adaga apontada. A arma abre um corte limpo no pescoço da mulher.

Siimmmmm. Minha sirene bebe a carnificina.

Fico sem uma oponente por um total de cinco segundos, e então outra mulher está em mim, suas lâminas curvas brilhando perversamente sob a luz do lustre de bronze gigante acima de nós.

Dobrando os joelhos, pulo no ar, os golpes poderosos das minhas asas me forçando a subir. A vários metros do chão, aperto minhas asas com força nas costas e caio na soldada, enterrando minha adaga no pescoço dela.

Sua lâmina curvada arqueia no ar, a ponta me espetando na coxa antes que ela caia flácida no chão. Eu desmorono em cima dela, sibilando por causa ferida.

Uma mão trêmula vai para minha coxa. Eu cerro os dentes contra a dor aguda.

Eu acho que é profundo – definitivamente profundo o suficiente para tornar a caminhada um problema.

Eu me afasto da fada morta, quase urrando quando coloco peso na minha perna. Mas assim que sinto toda a força da lesão, ela começa a fechar, o sangue parando de escorrer.

Magia fae em ação. Outra regalia do vinho lilás.

Depois que minha ferida cicatriza, pulo de volta na confusão.

Do outro lado da sala, vejo Malaki e Temper – a última com um sorriso louco no rosto – enquanto lutam contra as soldadas uma vez adormecidas. E bem acima de nós, Des luta no ar, seus inimigos caindo do céu.

As soldadas continuam chegando, e é preciso todo o meu foco para combatê-las.

Quando chego à entrada principal do castelo, o cheiro de magia e sangue revestem o ar como perfume. Estou banhada no líquido, usando-o como outra camada de armadura.

Difícil acreditar que matei uma única vez antes de hoje. Ao final da noite – se ainda estiver viva – minha contagem de mortes estará na casa dos dois dígitos.

A luta se espalha pelo pátio, e rajadas de magia fae iluminam a noite enquanto as fadas usam seu poder.

Eu seguro brevemente meus punhais enquanto meu olhar se move sobre a paisagem. Minha parte humana está tentando não vomitar. Os jardins estão repletos de olhos vidrados e corpos estripados.

Soldados matando soldados. Os civis estão sendo esfaqueados. E as mulheres que dormiam anteriormente estão aos montes ao lado de suas crias.

Agora que chegou a hora, aquelas crianças do caixão assustadoras abandonaram todas as pretensões de inocência. Seus corpos minúsculos deleitam-se com fadas vulneráveis, seus olhos brilhando com malícia

profana.

É uma loucura que eu não consigo entender.

Des pousa ao meu lado e pega minha mão. Ele parece selvagem, seus couros de batalha manchados de sangue e seus cabelos claros salpicados com o fluido. É irritante o quanto o visual combina com ele.

— Você está bem? — Ele pergunta, seus olhos brilhando com preocupação e um irônico prazer fae.

Fadas e seus corações selvagens, a sirene sussurra. *Ele está gostando disso quase tanto quanto nós*.

Seu olhar cai para os meus lábios, a outra mão alcançando minha pele brilhante.

Molho meus lábios com a língua e concordo com a cabeça. — Estou bem.

Para enfatizar meu argumento, forço minhas asas a sumirem. Elas não desaparecem imediatamente e, mesmo que façam isso, é difícil mantê-las ocultas.

É um desperdício de esforço. O Rei da Noite ainda está olhando para os meus lábios, parecendo fascinado por eles.

Ao nosso redor, o ar se torna espesso com eletricidade estática, elevando os pelos ao longo do meu braço. Olho em volta, tentando descobrir sua fonte. Des tira o olhar da minha boca, seus olhos se movendo para nossos arredores.

Algo ruim está chegando.

BOOM!

O chão embaixo de mim treme e os destroços voam no ar quando algo do outro lado do palácio explode. Um momento depois, sinto uma onda de magia negra bater em mim, me derrubando. Des me pega antes que eu caia no chão, e nós dois compartilhamos um olhar intenso.

Um novo lote de gritos surge do outro lado do castelo.

Eu estava errada - algo ruim não está chegando.

Já está aqui.

Ao meu lado, as asas do Negociador aparecem em suas costas, expandindo-se ameaçadoramente. — Eu já volto, querubim.

Com isso, ele desaparece do meu lado.

Des!

Ainda sinto a pressão das mãos dele em mim, mas ele partiu.

Meus olhos se movem em direção à parte traseira do palácio, de onde vêm os gritos. É para onde ele foi.

Eu corro naquela direção, meu coração batendo forte. Há pressão perto das minhas omoplatas, minhas asas lutando para se revelarem.

Ignorando a sensação, corro por um dos caminhos de paralelepípedos que serpenteiam ao redor do palácio, as pedras manchadas de sangue. À minha frente, uma fada morta está espalhada sobre a grama pálida, os braços esticados, os olhos vidrados.

Quantas vidas foram tiradas em uma única noite?

Muitas. Faremos com que nossos inimigos paguem pelos menosprezados.

Fadas passam por mim, algumas voando e outras correndo a pé, todas fugindo do que quer que tenha causado a explosão.

Quando dou a volta nos fundos do castelo, fico sem palavras. Eu preciso travar meus joelhos com a visão à minha frente.

Querido Deus.

O anexo circular que contém o portal real do Reino da Noite está em uso, suas portas duplas obliteradas. Fileiras e mais fileiras de soldados cobertos de sangue derramam através dela, os olhos vazios. Eles marcham para os terrenos do palácio, seus uniformes carregando o símbolo do Reino da Noite.

Os homens adormecidos.

Existem dezenas e dezenas deles, e mais estão chegando a cada segundo que passa.

Eu cambaleio ao vê-los.

Eu vou morrer.

Eu vou morrer, e tudo será por nada: Encontrar Des apenas para perdê-lo. Passar sete anos agonizantes sem ele. Resistir a Karnon. Quase morrer nas mãos do Homem Verde. Beber o vinho lilás. Nada disso importa mais porque um exército de soldados possuídos quer varrer o povo do Rei da Noite da face da terra, e eu serei apenas mais uma vítima.

À minha frente, Des fica muito, muito quieto. Mesmo não vendo o rosto dele, juro que posso sentir seu desespero. Os números estavam contra nós quando eram apenas as mulheres adormecidas atacando. Com os homens, eles são *insuperáveis*.

Os soldados começam a romper as fileiras, se espalhando para atacar qualquer coisa que respire.

Eu sou uma dessas coisas. Assim como Des, e as poucas fadas espalhadas ao nosso redor que decidiram ficar e lutar.

O Negociador dá um grito de guerra e desaparece, reaparecendo no meio dos soldados adormecidos apenas para espalhar a morte antes de sumir e reaparecer novamente.

Ele olha por cima do ombro para mim, seus olhos selvagens. — Esconda-se, Callie! — Ele grita, enquanto soldados se aproximam dele por todos os lados.

Não tenho vontade de me mexer nem medo para fugir. Até minha sirene está quieta. Ela não vai sussurrar a verdade.

Não podemos vencer.

Há um punhado de soldados para cada um de nós, e nossas chances pioram à medida que mais soldados adormecidos saem do portal. E assim que terminarem conosco, eles seguirão para outras fadas, talvez até que nenhuma fique de pé.

Isso não é uma batalha; é um matadouro.

E não quero mais testemunhar isso.

— *Parem* — eu sussurro, minha voz harmonizando à medida que a batalha se desenrola. Eu pisco quando minha visão fica embaçada. Os soldados já viram minha pele brilhante; eles estão correndo em minha direção, armas brandidas, como se eu fosse uma ameaça grande e terrível.

Os homens adormecidos começam a atacar os soldados leais e os civis que permanecem em pé, cortando-os em segundos.

— Parem — eu digo, mais alto.

Ninguém está ouvindo. Claro que não estão. Eles têm coisas mais importantes a fazer – como tentar permanecer vivos.

Mas não posso deixar isso como está. Estou me despedaçando, e pode ser que dessa vez seja de forma definitiva.

— *PAREM!* — Eu berro, como uma mulher louca.

Para minha surpresa, eles fazem exatamente isso.

Armas param de colidir, fadas param de se mover – tudo fica total e absolutamente imóvel.

Eu toco minha garganta.

Ah.

Olho para a fada da Noite mais próxima de mim, que está a apenas alguns metros de distância. Seu pé está levantado enquanto ele se mantém congelado no meio de um passo, lâmina na mão, seu rosto intensamente focado em mim. Mesmo daqui, sinto o cheiro desagradável que sai de suas roupas, como se a Morte decidisse mergulhar no lixo.

— Você — eu digo, apontando para o soldado. — Me dê sua espada — eu exijo, abrindo minha mão.

A fada descongela e caminha tranquilamente até mim antes de me entregar sua arma.

Meus dedos se fecham sobre o punho da espada, e um sorriso perverso floresce no meu rosto.

Porra, eu posso glamourizar *fadas*.

Caralho, mundo, segura essa. Callie. Está. De. Volta.

Capítulo 5

CASSETE, EU POSSO glamourizar fadas.

Antes de beber o vinho lilás, não era bem assim. Eu deveria ter percebido que o elixir reconfigurou esse aspecto da minha magia, assim como os outros.

Meus olhos se movem para o meu parceiro. Para meu choque e horror (e talvez um pouco de prazer) - ele também está congelado.

— Des! — Eu chamo, minha voz melódica com o meu poder. — Venha aqui.

O Negociador desaparece, reaparecendo ao meu lado um instante depois, uma sobrancelha arqueada. Fora isso, ele está plácido – tudo, exceto pelos olhos. Seus olhos prateados brilham de uma maneira perversamente excitada.

— Eu liberto você do meu glamour — eu digo.

Eu claramente fiquei enferrujada com essa coisa toda de glamour, porque não é apenas Des quem segue o meu comando. Alguns soldados adormecidos, incluindo o que acabou de entregar sua lâmina, agora voltam à ação.

Sinceramente, Callie, que erro de principiante.

Des está sobre os soldados em um instante, cortando-os com sua espada antes que eles tenham a chance de atacar.

Assim que lidou com eles, o Rei da Noite sacode os ombros, como se quisesse se livrar da minha magia. — Então é *assim* que é ser glamourizado por uma sirene — diz ele, o canto da boca se curvando um pouco — Como se eu tivesse sido pego pelas minhas bolas. — Ele se aproxima, seu sorriso crescente. — A coisa toda foi terrivelmente invasiva. Eu gostei bastante.

A conversa é tão inapropriada e deslocada que solto uma risada, o som melódico.

Seus olhos se movem sobre minhas feições brilhantes. — Criatura bonita — ele murmura. — Você era irresistível antes. — Ele estende a mão, roçando minha mandíbula com os nós dos dedos. — Não sei bem o que vai ser de mim agora.

Des se inclina e me beija, seus lábios persistentes.

O som de passos pesados quebra o feitiço.

Afasto-me do Negociador, virando-me para o portal. Mais soldados adormecidos estão marchando através dele.

— Soldados, parem! — Ordeno, minha magia grossa na minha voz.

Os soldados adormecidos param no lugar, seus corpos enchendo o portal.

— Você conseguiu, querubim — diz Des, examinando as fadas vulneráveis. — Você virou alguém para se temer.

Capítulo 6

DEMORA VÁRIAS HORAS, mas eventualmente consigo incapacitar todos os soldados adormecidos psicopatas e as crianças do caixão que estavam causando estragos em Somnia.

Ao que parece, os soldados estavam organizando um golpe político. Quer dizer, *falharam* em organizar um golpe político.

Obrigada, glamour.

Cercamos os culpados, removemos suas armas e os prendemos nas masmorras. No momento, meu glamour os torna plácidos, mas assim que ele desaparecer em um ou dois dias, suas tendências sanguinárias vão retornar.

Agora Des e eu seguimos pelo palácio em direção às masmorras. Abro e fecho minhas mãos enquanto avançamos. Estou um pouco nervosa, o que é ridículo. O que estou prestes a fazer foi ideia minha.

As fadas pelas quais passamos me encaram. Minha pele parou de brilhar há algum tempo, então sei que não é a sirene que atrai seus olhares.

— Por que estão olhando para mim? — Eu finalmente pergunto a Des.

Ele faz uma pausa para olhar para mim e depois para as *fadas* em questão.

— Você realmente não sabe? — Des pergunta, arqueando uma sobrancelha, seu olhar retornando ao meu.

Balanço a cabeça.

— *Querubim* — ele diz, com um pequeno sorriso brincando nos cantos dos lábios — Você é a encantadora que parou um exército. A humana que tem o poder de seduzir suas vontades, se ela assim o desejar. Eles estão intimidados e com medo de você, e isso é o maior elogio que um fae da Noite pode te dar.

Eventualmente, deixamos os olhos curiosos para trás, descendo a mesma escada que subimos apenas algumas horas, quando Des soltou o Pântano.

Nós dois paramos na familiar porta de bronze martelada.

Com uma pincelada da magia de Des, a porta se abre, revelando um longo corredor que desce na escuridão, as arandelas de parede não sendo totalmente capazes de combater as sombras.

Lá dentro, soldados armados (aqueles que não estão possuídos pelo desejo profano de esmagar o maior número possível de cérebros) nos escoltam sombriamente pelo corredor.

Quando chegamos à masmorra propriamente dita, estamos no fundo do castelo. Eu posso sentir as paredes deste lugar pressionando por todos os lados, a sensação me lembrando quando eu era prisioneira de Karnon, presa em uma de suas muitas celas subterrâneas.

Eu respiro fundo. Tenho certeza de que essa experiência me deu claustrofobia por toda a vida.

Os soldados adormecidos estão amontoados em dezenas e dezenas de celas, e, embora centenas deles tenham sido mortos, quase não há espaço suficiente para os que restaram.

Ao passarmos pelas celas, noto que as fadas ainda estão presas no domínio do meu glamour. Eles olham para frente, seus rostos impassíveis.

Não sei o que é mais assustador, sua verdadeira natureza ou esse estado catatônico em que caíram.

Na última cela, uma única soldada está alojada.

Ela fica inerte no meio da câmara, seus cabelos ruivos caindo em cachos pelas costas.

Des, nossos acompanhantes e eu paramos na frente da cela, observando a fada. Ela está alheia à nossa atenção.

A mão do Negociador pousa na parte de trás do meu pescoço. Seu rosto é impassível, mas posso dizer que ele não está emocionado com este meu pequeno plano. Ele não tenta, no entanto, me convencer a desistir.

— Abram a porta — Des comanda aos guardas, sem desviar o olhar de mim.

As barras de ferro guincham quando a porta se abre. A soldada ruiva nem sequer olha para a porta antes de eu entrar.

Eu a encaro por um longo momento antes de deixar minha sirene surgir.

— Eu liberto você do meu glamour.

Espero que a soldada me ataque, mas ela não o faz. Por vários segundos, *nada* acontece.

Então os olhos da ruiva deslizam para mim.

Meus músculos tencionam; estou esperando ela atacar. Em vez disso, ela começa a andar de um lado para o outro, para lá e para cá, seu olhar ficando distante.

— Qual é o seu nome? — Eu pergunto, minha voz soando melódica.

— Eu não tenho nome — ela responde.

— Todo mundo tem um nome — eu insisto.

— Eu não tenho. Não mais.

Perder um nome é uma injustiça tão minúscula em comparação à tudo o que o Ladrão fez, e ainda assim, era o que lhe dava uma identidade, e ele tirou isso dela.

— Qual costumava ser? — Pergunto.

Ela faz uma pausa tão longa, que tenho certeza que ela nunca irá responder.

— Mirielle — ela finalmente diz, a mágica tirando a resposta dela.

— E você sabe quem eu sou?

Mirielle faz uma pausa e depois assente lentamente. — Você é a encantadora. Temos permissão para machucá-la, mas não devemos matá-la. Ainda não. Ele quer você viva.

Minhas garras se afiam em resposta a isso. Não tinham permissão para me matar? Lembro-me do quanto lutei e de como meus agressores eram cruéis. Nenhum deles parecia estar se contendo.

— Quem me quer viva? — Eu pergunto, mesmo que eu saiba muito bem.

— Meu mestre.

Ladrão do caralho.

A cela escurece. Aparentemente, o Rei da Noite também não está muito feliz com isso.

— E foi... seu mestre... quem acordou você do seu sono?

— Ele chamou e nós respondemos — diz ela, continuando a andar para lá e para cá, para lá e para cá.

— Por que você atacou seus camaradas, Mirielle? — Eu pergunto, minha voz melodiosa.

Ela franze a testa quando ouve o nome dela nos meus lábios.

— Eu não sei. — Ela continua andando.

— O que você quer dizer com não sabe? — Entendo que a mente dessa mulher foi fodida de todas as maneiras possíveis, mas certamente ela tem uma explicação melhor para toda essa carnificina do que *'eu não sei'*.

— Fazemos a vontade do nosso mestre — diz ela — Nada mais.

— E o que seu mestre quer? — Pressiono.

— Eu não sei — ela responde distraidamente.

Não estamos chegando a lugar nenhum...

— Quem sequestrou você? — Começo novamente.

Ela consegue se lembrar de algo que ocorreu há tanto tempo? Algumas dessas mulheres dormem há *anos*.

— Meu irmão mais velho — ela responde friamente, ainda andando de um lado para o outro.

O *irmão* dela?

Acho que não ouvi direito.

— Ele está morto há mais de um século — diz Des do outro lado da cela.

Minhas sobrancelhas se erguem e eu dou uma olhada para meu parceiro. Ele conhecia o irmão dessa mulher?

Os olhos da soldada se voltam para o Negociador, e lá eles ficam. Lentamente, ela inclina a cabeça, como se o reconhecimento estivesse surgindo das profundezas de sua memória.

— *Você* — ela respira. — Você me abraçou uma vez... há muito tempo.

Como é?

Minha pele queima com agitação. Eu olho entre os dois. Essa cadela realmente está admitindo o que eu acho que ela está?

—Você fez amor comigo então, sob as estrelas...

Minhas garras se alongam.

Ela *está*.

Vamos eviscerá-la lentamente, diz minha sirene. *Será divertido.*

É uma sensação estranha estar com ciúmes de uma mulher que, muito provavelmente, dormiu com seu parceiro séculos antes de você existir. Uma mulher que agora nada mais é do que uma casca de si mesma, sua mente e corpo comandados pelo Ladrão de Almas.

E ainda assim, sinto a ferroada disso queimar dentro de mim.

Des cruza os braços, parecendo sem graça. Ele não tenta se explicar para mim, o que provavelmente é uma coisa boa – se tentasse ia parecer culpado pra caralho, e não era como se ele tivesse me traído – mas caramba, eu quero algum rastejamento da parte dele. Isso é errado?

Ele vai *rastejar*, insiste a sirene.

Tudo bem, se ela acha que rastejar é justo, provavelmente é errado. Mas isso não significa que eu discordo dela.

Eu me forço a focar novamente na tarefa em questão.

Des mencionou que o irmão de Mirielle morreu pouco mais de cem anos atrás. Levo um momento para fazer as contas (não é o meu forte), mas depois que faço, percebo que a linha do tempo não faz sentido. Soldadas começaram a desaparecer há uma década, e não há um século.

— Como seu irmão poderia ter sequestrado você se ele estava morto?

Janus tinha um gêmeo, um gêmeo que morreu, o Ladrão havia me dito na floresta da rainha Flora. *A primeira vez que você o conheceu, você estava na verdade me conhecendo.*

Os olhos vazios de Mirielle se concentram no chão. — Eu não sei.

Essa resposta irritante novamente.

— Eu esperava… — Mirielle começa, então ela cai em silêncio.

— Fale comigo abertamente — eu ordeno.

Devagar, seu olhar misterioso move para encontrar o meu. — Está escuro aqui. Muito escuro.

A parte de trás do meu pescoço pinica. — Você está no Reino da Noite? — Pergunto.

— Sim e não.

Espero que ela diga mais, mas ela não diz.

— O que você quer dizer com isso?

— Está muito escuro aqui — ela repete. — Eu quero descansar. Por que não posso descansar?

— Você sabe onde está o Ladrão? — Eu pressiono.

— Você nunca o encontrará.

É o que todo mundo fica me dizendo.

— Existe mais alguma coisa que você possa me dizer? — Pergunto.

— Segredos são destinados para uma alma manter.

Sinto, mais do que vejo, Des enrijecer com suas palavras.

O canto da boca de Mirielle se curva. — Ele está te observando, encantadora, sempre te observando. Meu mestre desenvolveu uma queda por escravas.

Minha sirene empurra. — Você pode dizer ao seu mestre que eu desenvolvi uma queda por filhos da puta sádicos — eu respiro, as palavras harmônicas enquanto rolam da minha língua. — Que ele me encontre. Estou ansiosa para vê-lo novamente. Vou ensiná-lo, então, o que significa ser minha vadi...

Domo minha sirene em submissão e recupero o controle de mim mesma. É uma linha tênue, entre usar o meu glamour e tentar manter as piores tendências dela afastadas.

A cela escurece novamente e, de repente, Des está na lá conosco. — O interrogatório acabou — diz ele.

Antes que eu possa protestar, a porta de ferro se abre e sou puxada para fora. Giro de volta para encarar Mirielle no momento em que as barras se fecham.

Uma pergunta final. — Se eu deixar você sair agora, o que você fará?

Os olhos dela me encaram. — Conquistar.

Capítulo 7

DES CAMINHA PENSATIVO ao meu lado, o corredor por onde passamos escurecendo com a presença dele.

— Você poderia ter me deixado terminar o interrogatório — eu finalmente digo. Quer dizer, ele não é o único que está num humor péssimo. Eu tenho sangue duro no cabelo, estou funcionando com apenas meia noite de sono, meus ossos estão a ponto de quebrar por causa da exaustão pós-batalha, e eu precisava de um café *horas* atrás.

— Você está andando num terreno muito perigoso agora, Callie — o Negociador rosna.

Eu giro para encará-lo, suas palavras me irritando. — *Eu* estou andando num terreno perigoso? — Digo, minha voz aumentando. — Foi *você* quem fodeu a prisioneira.

Toquei no assunto mais cedo do que eu pretendia.

— Dois séculos atrás — diz Des. — Você espera que eu lhe dê um pedido formal de desculpas por todas as pessoas com quem dormi? Porque se for isso, acho muito bom eu receber o mesmo de você.

— Você é insano.

O Rei da Noite desaparece ao meu lado apenas para reaparecer à minha frente, seu corpo bloqueando o caminho e me forçando a parar.

— Você o *provocou* — ele rosna. — Você instigou o Ladrão de Almas a encontrá-la. — Ele passa a mão agitada pelo cabelo, o movimento expondo uma de suas orelhas pontudas. — Você não entende, foi por esse mesmo motivo que eu parei de levá-la nas minhas barganhas quando você estava da Academia Peel.

Eu glamourizei um homem naquela época também... um homem que, ironicamente, sabia informações sobre o Ladrão de Almas. Ele estava disposto a morrer em vez de compartilhar seu conhecimento, e ainda assim eu o fiz falar.

Eu ainda coro com a memória. E agora o Negociador está essencialmente dizendo que, durante todo esse tempo, eu não mudei em nada.

Eu *discordo* muito disso. — Eu já estou na mira do Ladrão. Eu *não* vou deixar aquele monstro me provocar sem provocá-lo de volta.

Um músculo no rosto do Negociador treme. Ele se aproxima. — Você

quer saber um segredo, querubim? — Ele pergunta, sua voz baixa. — No início desta noite, quando tentei parar todas aquelas soldadas adormecidas em nossos aposentos - não funcionou.

Houve um momento em seu quarto em que pensei que ele sangraria na escuridão a dentro e acabaria com todas aquelas soldadas adormecidas, assim como ele fez com Karnon e seus homens. Mas ele não foi capaz.

— Você quer saber por que não funcionou? — Des pergunta. Ele não espera eu responder. — A escuridão é leal a si própria - ela não machucará outra fada que maneja seu poder.

Sinto o primeiro fio de inquietação com suas palavras.

— Isso significa que o Ladrão é como eu - ele é um fae da Noite.

MEUS JOELHOS FICAM um pouco fracos. Um fae da Noite? Alguém que é imune à magia de Des?

Ele não é imune à nossa, minha sirene sussurra, sua voz sedutora.

O Rei da Noite segura meu rosto. — Estou *louco* de medo por você — diz ele, sua voz baixa. — Parece que as rodas do destino estão te empurrando para cada vez mais perto do Ladrão, e nada que eu faça pode impedir isso. Isso me *aterroriza*.

Ouvir Des admitir ter medo... é como aquele momento em que você vê um adulto chorar pela primeira vez. Como se a pessoa de quem você dependia para manter suas merdas sob controle realmente não conseguisse fazer isso. É o tipo de coisa que abala o seu mundo.

— Eu sinto *muito* que você tenha tido que ouvir sobre o meu... passado... daquele jeito — diz ele com voz rouca.

Eu acho que isso é um pedido de desculpas.

Ele se inclina para perto, seus lábios a um fio de cabelo dos meus. — Mas eu devo admitir, eu saboreei avidamente sua reação. — Com essa confissão, seus lábios pressionam os meus.

É estúpido o quão rápido os beijos dele podem acalmar meus nervos em frangalhos. Ele me beija até que nossa discussão esteja esquecida, seu gosto e toque consomem meus pensamentos. E mesmo que o dia esteja uma bagunça, e eu esteja uma bagunça, e o Outromundo tenha virado uma merda, por alguns segundos felizes, tudo está como deveria estar.

TUDO O QUE quero agora é um banho, café e cama - de preferência tudo ao mesmo tempo. Não me diga que isso não é possível; estou no Outromundo, *impossível* é o nome do meio deste lugar.

Mas vou conseguir o que quero?

Não.

Em vez disso tenho que bancar a maldita adulta, o que significa levar minha bunda para alguma sala aleatória do castelo e entender a confusão do caralho que é a situação atual.

— Ora, ora, ora, olha só o que os ventos me trazem. — Temperance Darling, minha melhor amiga, sócia e companheira causadora de

problemas, cumprimenta assim que entramos.

Ela se senta ao lado de Malaki e vários oficiais fae, os tornozelos apoiados na mesa à sua frente. Os olhos dela se movem sobre mim. — E caramba garota, parece que o vento não apenas te trouxe, mas também te jogou no meio de um furacão e brincou um bocado com você.

Meu alívio ao ver Temper viva é rapidamente eclipsado por suas palavras. Eu dou aos meus couros sangrentos de batalha uma olhada antes de assimilar Temper por completo. Ela usa um macacão branco, e a roupa está *imaculada*.

Ao lado dela, Malaki parece severo, sua cicatriz especialmente austera sob o tapa-olho. Ele continua abrindo e fechando as mãos, e eu tenho a impressão distinta de que ele quer machucar alguma coisa.

Assim que vê Des, ele se levanta e atravessa a sala em alguns passos rápidos. Ele abraça o amigo, dando-lhe tapinhas nas costas.

Vou para o assento ao lado de Temper. — Você bem que podia aprender algumas coisas com ele — eu digo.

Ela dispensa o comentário com um movimento de mão. — Abraços são para maricas.

Solto uma risadinha, pegando a xícara de café pousada na frente dela e tomando um gole.

— Ei, vadia, isso era *meu*.

— Awwwn — eu provoco, dando-lhe um olhar doce, — alguém aqui tem dificuldades em dividir? — Tomo um longo gole.

Os olhos de Temper se estreitam. — Cuidado para eu não enfeitiçar esse café e fazê-lo espirrar na sua cara toda vez que você tomar — diz ela.

Eu sorrio por cima da borda da xícara. — Cuidado para eu não glamourizá-la para dizer a Malaki como você realmente se sente sobre ele.

Para ser sincera, nem sei *se* minha magia ainda funciona em humanos. Mas ela não precisa saber disso.

Temper balança a cabeça. — Golpe baixo, Callie.

Nós duas caímos num silêncio, assistindo Des e Malaki se abraçarem e fazer todo tipo de juramento sobre morrer pela lâmina para proteger um ao outro e blá, blá, blá.

— Malaki está apenas sendo excessivo — diz Temper. — Ouvimos horas atrás que vocês dois estavam bem. — Ela cutuca meu ombro com o seu. — Ouvi dizer que agora você pode glamourizar faes. — Ela coloca o punho para fora, e eu bato o meu contra o dela. — É assim que se faz, garota.

Des e Malaki falam em voz baixa por um pouco mais de tempo. Algo que o Rei da Noite diz faz Malaki rir, e algo que o general diz faz os olhos de Des pousarem em mim, seu olhar intenso o suficiente para fazer meu estômago palpitar.

Ele se afasta do amigo e vem em direção à mesa, sentando-se ao meu

lado. Sua mão repousa na minha coxa enquanto ele acena para cada um dos conselheiros sentados à mesa que também estavam esperando por nós. Alguns dos conselheiros lançam olhares curiosos para mim e Temper. Duvido que estejam acostumados a ter humanos (ex-humanos ou de qualquer outro tipo) nessas reuniões.

— Estou feliz em ver todos vivos e bem — Des começa quando Malaki se senta. — Vamos direto ao assunto: o Reino da Noite foi atacado esta noite pelas mãos de nosso próprio povo. O que sabemos sobre a situação?

E assim, as conversas começam.

Nosso grupo repassa o que já sabemos - um bando de soldadas adormecidas acordou de seu longo sono, cada uma com a necessidade de matar, mutilar e conquistar. Então, registramos os mortos e feridos e tomamos nota dos danos causados ao reino.

— Não fomos os únicos — diz um dos conselheiros, — recebemos relatos dos outros três reinos de que eles também foram atacados.

Meu sonho volta a mim em toda a sua vivacidade. Do Ladrão parado entre os carvalhos envenenados quando eles se abriram. Não sei mais onde fica a linha entre fantasia e realidade.

— O Reino da Flora caiu, — continua o conselheiro.

O Reino da Flora… *caiu*?

A frase evoca imagens daqueles cedros gigantes caindo no chão, da terra engolindo todo o palácio. Não faz justiça...

Uma cidade inteira provavelmente foi derrubada. Todas aquelas pessoas simplesmente... se foram.

Não posso processar esse tipo de devastação. Não quando estávamos lá há tão pouco tempo. Eu dancei, bebi e me diverti ao lado das fadas da Flora. Eles podem não terem sido minhas pessoas favoritas, mas agora conhecendo a tarefa mortal que aqueles soldados adormecidos se propuseram a realizar...

— Quantos mortos? — Pergunto.

A sala está silenciosa, e o conselheiro me olha impotente enquanto outra balança a cabeça.

Muitos.

Todos aqueles homens adormecidos... o reino nunca teve chance.

Malaki joga uma folha de pergaminho no meio da mesa. — Ouvimos rumores de que Mara saiu a tempo, mas o mesmo não pode ser dito para o resto dos cidadãos de Flora.

Des agita o pulso e o pergaminho desliza até ele. Os olhos do Negociador examinam as anotações.

— A Fauna também se foi — continua Malaki. — De acordo com nossos relatórios, poucos morreram. Não havia resistência para os soldados esmagarem.

Nem sequer haveria um palácio para invadir. Tudo isso foi apagado do mapa quando Des me resgatou de Karnon.

— O Reino do Dia derrotou seus inimigos por enquanto — acrescenta outro conselheiro.

Meu olhar se move para a mesa a nossa frente. Pintado nela está um mapa do Outromundo.

O continente foi completamente capturado. Os únicos lugares que ainda não foram conquistados são os reinos do dia e da noite, aqueles que flutuam no céu.

Temper se inclina para frente. — Como aquele reizinho bonito conseguiu derrotá-los?

Malaki franze a testa, e pode ser minha imaginação, mas tenho quase certeza de que o incomoda que Temper pense que Janus, o Rei do Dia, é de fato bonito. Especialmente quando é tão óbvio que Malaki *não é* bonito, com seu tapa-olho e cicatriz.

Claramente, ele não percebe que sua beleza feroz é igualmente atraente.

Mas agora não é hora de dizer a Malaki que *bonito* nunca foi o tipo de Temper, ou que o general de Des deveria estar mais preocupado com Temper aterrorizando o homem até a morte do que com ela dando olhadelas furtivas. Ela é leal até demais.

— Eu imagino que descobriremos em breve — diz Des, batendo os dedos na mesa. Seu olhar se move de pessoa para pessoa. — Os reinos conquistados se reagruparão e depois voltarão sua mira para nós — diz ele sombriamente. — O glamour da minha parceira não pode salvar a todos nós. Precisamos arrumar outra estratégia. Desta vez, quero estar pronto para eles.

DEPOIS DE DAR ordens oficiais, Des dispensa seus conselheiros, deixando apenas ele, Malaki, Temper e eu na sala.

— Se vamos derrotar o Ladrão de Almas — diz o Rei da Noite — Precisamos fazer mais do que simplesmente ter uma boa defesa contra suas forças. Precisamos descobrir de uma vez por todas quem e o que ele realmente é, e onde está se escondendo.

— E se nós formos atrás de Galleghar? — Eu digo.

Galleghar Nyx, o Rei da Noite anteriormente morto, que está de alguma forma decididamente não mais morto. De volta ao Reino da Flora, ele foi responsável por atrair soldados para a floresta e esteve lá na noite em que quase perdi minha vida.

— Se o encontrarmos — continuo, — podemos encontrar o Ladrão.

Temper tira as pernas da mesa. — Garota, há um problema com esse seu pequeno plano: também não sabemos onde ele está. Quero dizer, não é como se ele estivesse ali fora, exibindo os mamilos e implorando para que o capturássemos.

Dou uma olhada para minha amiga. — Eu acho que é realmente uma pena que não sejamos detetives especializadas em encontrar pessoas.

Temper pigarreia.

Des se levanta, apoiando-se pesadamente contra a mesa. Seus olhos encontram os meus e ele me dá um leve aceno de cabeça. — Devemos checar a cripta de Galleghar, no mínimo.

— Querubim — Des diz, seu olhar prateado em mim — Gostaria de fazer uma visita à tumba do meu pai?

Para que eu possa chutar o cadáver daquele filho da puta nas bolas?

— Eu adoraria.

NÃO VISITAMOS A tumba imediatamente.

Em vez disso, nós dois retornamos aos aposentos do Rei da Noite.

Eu posso sentir o peso dessa longa noite caindo sobre meus ombros.

Silenciosamente, Des aparece atrás de mim e começa a retirar meus couros de batalha.

— Sinto muito — ele diz suavemente, afrouxando as fivelas e desatando as correias. — Por essa guerra, por colocá-la na mira do Ladrão, por fazer você enfrentar a noite passada.

— Nada disso é culpa sua — digo por cima do ombro, minha voz baixa.

— Talvez… — ele pondera.

Seu sarcasmo inteligente se foi no momento, e tenho um vislumbre de outro lado de Des, que parece velho, sábio e cansado da batalha. Ele puxa meus couros dos ombros e planta um beijo lá.

Apesar das circunstâncias sérias, arrepios surgem ao longo da minha pele. Ele remove minha blusa e suas mãos deslizam pelos meus braços.

As mãos do Negociador deslizam mais para baixo pelo meu corpo, e sua magia retira a última das minhas roupas e as últimas das dele.

— Deixe-me cuidar de você, querubim — diz ele atrás de mim.

Juro por deus, honestamente não sei o que ele quer dizer com isso. Ele cuidou de mim todos os dias em que esteve na minha vida. Mas aceno com a cabeça de qualquer maneira, porque ser cuidada soa muito, muito legal agora.

Sem mais uma palavra, o Negociador me pega e me leva para o banheiro.

A banheira já está cheia até a borda com água. Espalhadas ao redor dela estão lâmpadas que tremeluzem com brilho de luz estelar. Uma brisa noturna agradável entra pelas janelas em arco.

Des nos coloca na banheira, sentando-nos na água quente do banho. Eu engulo em seco quando o líquido fica rosa. O tempo todo o Rei da Noite me abraça, colocando minha cabeça em seu peito.

Não sei por que, mas este é o momento em que toda a minha coragem e bravata desaparecem. Tantas pessoas morreram hoje à noite, todas elas vítimas de uma maneira ou de outra. Algumas delas eu mesma matei. A prova disso é a coloração da água.

TO Rei da Noite deve sentir meu humor instável, porque diz: — Está tudo bem, Callie. Está tudo bem. Vamos apenas lavar o sangue e a sujeira.

Eu fecho meus olhos e meus ombros começam a tremer e é estúpido,

estúpido, estúpido, mas começo a chorar contra ele.

Sinto que tenho dezesseis anos de novo. Dezesseis anos e quebrada e desesperada para o Negociador me consertar, mesmo que esse nunca tenha sido o trabalho dele. Mas ele me *consertou*; ele pegou cada pedaço quebrado meu e me recompôs e amou minhas rachaduras de uma maneira que só ele podia.

E então sete anos se passaram e eu cresci. Eu acreditava que todas aquelas partes frágeis de mim haviam sumido, mas cá estamos nós de novo, eu com sangue nas mãos e pensamentos sobre faes mortos e aquele Ladrão do caralho enchendo minha cabeça.

Inclino minha testa no peito de Des e silenciosamente choro contra ele. Ele não precisa de uma confissão da minha parte para saber o que está me incomodando. Ele embala a parte de trás da minha cabeça e me segura. Fico sentada ali, em seus braços, mantendo os olhos fechados para não poder ver a água colorida. Des começa a cantarolar.

Faço uma pausa por um momento, reconhecendo a melodia. Ele costumava cantar a mesma música baixinho no meu dormitório. Ao som, meus soluços cessam. Porque Des está aqui, me confortando como ele costumava fazer, e mesmo que eu lamente os horrores da noite, eu aprecio isso.

Ele me segura um pouco mais e, em seguida, pega uma toalha e começa a esfregar minha pele, passando o pano pelas minhas costas e pelos meus braços. Ele passa cuidadosamente pelo meu pulso e por cada dedo meu, o tempo todo cantarolando a mesma música.

Eu solto um suspiro trêmulo e assisto seus avanços.

— Você não precisa limpar…

— Querubim. — Com uma palavra, ele interrompe meu fraco protesto.

Tudo fica quieto por alguns minutos enquanto minha respiração acalma, o único som é o leve respingo de água enquanto Des percorre meu corpo com os dedos.

— Isso é… — Des tenta, e depois começa novamente. — Na minha imaginação, nós conseguimos. Eu limpei a sujeira do mundo que estava impregnada, até sobrar apenas você em meus braços.

— Pare — eu digo, minha voz falhando. Eu quase me recompus, mas as palavras de Des vão me quebrar novamente.

A toalha chega ao meu rosto e ele levanta meu queixo. — Você salvou meu povo hoje à noite, Callie. Você os *salvou*. Quem sabe quantos mais teriam morrido se você não estivesse lá.

Eu olho em seus olhos enluarados.

— Eu nunca vi nada mais bonito ou assustador do que você encantando aqueles faes. Você é uma força da natureza.

Eu engulo. — Você não está mais imune a isso.

Eu tinha visto em primeira mão o que meu glamour agora podia fazer com Des.

— Estou deliciosamente aterrorizado com a perspectiva. Nossa vida

sexual acabou de ficar dez vezes mais promíscua.

Ele não faz ideia.

Olho para a água. Não sei que magia o Negociador está fazendo, mas a água do banho está cristalina agora. Qualquer que seja o sangue que a manchou, não está mais visível.

Des coloca a toalha de lado e passa o polegar no meu lábio inferior. — Faça um desejo — diz ele, do nada.

— Por quê? — Pergunto.

— Porque eu quero um.

Fada exigente.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — E qual é o custo? — Pergunto.

Ele bate no meu nariz. — Que exaustivo. Eu gostaria que você tivesse um pouco mais de fé em mim.

Minhas sobrancelhas sobem mais. — Então você está me dando um desejo de graça?

— Hmm. Talvez *de graça* não seja o termo certo.

Foi o que pensei.

Ele brinca com o meu cabelo. — Mas você vai gostar do pagamento. Prometo.

Eu não duvido.

— Tudo bem então. Eu quero café.

— De todos os desejos do mundo, é isso que você quer? — Des parece nitidamente não impressionado.

Eu realmente quero uma xícara do Joe, está bem? Então me processe. Meu breve gole do café da Temper não foi suficiente.

Inclino minha cabeça para frente e para trás, pesando suas palavras. — Você está certo, pensando melhor, talvez eu deva desejar outro namorado...

Um copo se manifesta do éter e na mão de Des. — Tudo bem, bebê sirene — diz ele, me cortando. — Entendi como você quer jogar. — Ele pressiona a caneca em uma das minhas mãos.

Eu sorrio para ele, a tristeza anterior desaparecendo completamente com a ação.

— Vou ter que lembrá-la mais tarde do por que só haverá eu… — ele murmura.

Meu sorriso se amplia, e o Negociador se inclina e rouba um beijo rápido, a ação fazendo com que um pouco do café abençoado em minha caneca caia na água. Como sempre, Des tem gosto de pecado e pensamentos perversos, e estou quase mais interessada em beber dele do que do café.

Quase.

Uma vez que o beijo termina, eu me inclino contra a borda da banheira e abraço meus joelhos contra o peito.

— Qual era aquela música? — Eu pergunto, tomando um gole do meu café.

Des está me olhando como se ele quisesse me comer no almoço. — Que música?

— A que você estava cantarolando quase agora.

Reconhecimento brilha em seus olhos. — 'Para o Meu Amor Perdido, Sonho Contigo'.

Coloco minha caneca ao lado de uma das lanternas brilhantes. — Eu gostei — admito.

Ele me dá um sorriso suave. — Estou feliz que goste. Minha mãe cantava para mim quando eu era pequeno.

Essa confissão - dada livremente, observo - envia uma pontada através de mim. Há uma parte vulnerável no coração de Des que pertence à mãe dele e somente a ela, e pela centésima vez, eu gostaria de poder conhecê-la.

— Sobre o que é a música? — Pergunto.

A expressão do Negociador fica um pouco melancólica. — Um homem perde o amor de sua vida e anseia pela noite, porque em seus sonhos eles estão juntos de novo — diz ele.

Nós dois ficamos quietos por um momento.

— Bem, isso é uma porra de uma chatice — eu finalmente digo.

Essa é a música com a qual ele tem me tranquilizado esse tempo todo? É como afugentar um pesadelo contando a alguém uma história de fantasma.

Há um segundo de silêncio, e então o riso de Des enche o aposento. — Sim, querubim, é mesmo.

Capítulo 8

Olho ao meu redor para a terra castigada pelo sol.

Isso... não era o que eu estava esperando. Quer dizer, eu não tenho certeza do que eu *estava* esperando quando se tratava do lugar de descanso de Galleghar Nyx, mas eu acho que assumi que seria em algum lugar no Reino da Noite - e que um cemitério estaria envolvido.

Para ser justa, o lugar parece tão mórbido quanto um cemitério.

Depois que eu tomei café, um banho e tirei um cochilo leve - er, ok, na verdade dormi pra caralho - Des e eu fomos visitar a tumba do pai dele.

Que, aparentemente, é esse terreno baldio no meio do nada.

Meus olhos varrem a paisagem novamente. A terra seca e empoeirada se estende por quilômetros e quilômetros à nossa volta, interrompida aqui e ali por uma pedra. Ao longe, alguns penhascos escarpados se erguem, parecendo tão áridos quanto a terra. O vento assobia uma melodia solitária e sem amor enquanto arrepia meus pelos.

É mais do que só a aparência austera do lugar. Há algo sobre esta terra... como se as cores estivessem escoadas e os sentidos ficassem entorpecidos - parece que a própria terra está sugando a vida de mim.

— Que lugar é esse? — Pergunto.

— As Terras Banidas — diz Des, olhando de soslaio para nossos arredores. — É um trecho de terra que divide os reinos da Flora e da Fauna. É para onde as fadas exiladas vão.

Quer saber, eu nem fazia idéia que fadas poderiam ser exiladas. Eu assumi que os governantes fae faziam seus criminosos *desaparecerem*.

Eu acho que você aprende algo novo todos os dias.

— E você enterrou seu pai aqui — eu digo, ligando os pontos.

O Negociador olha para a paisagem, uma expressão preocupada em seu rosto, antes que seu olhar encontre o meu. — Esse foi o mais próximo de profanar o corpo dele que eu pude chegar — diz ele.

A admissão envia um arrepio através de mim. Des é tão bom para mim que muitas vezes esqueço o quão implacável ele pode ser.

A noite está surgindo aqui, e pela primeira vez desde que conheci Des, a escuridão não parece acolhedora.

Eu pego a mão do Negociador. — Mostre-me onde seu pai está enterrado.

ATRAVESSAMOS A PAISAGEM, Des me levando a um singelo conjunto de pedras, a maior delas do tamanho de um carro. Quando chegamos a ela, Des levanta a mão, sua expressão sombria. Abaixo do nosso vínculo, sinto a atração da magia, e então a sinto ao nosso redor, saturando o ar seco.

Com um gemido, a pedra maciça à nossa frente se arrasta para o lado, revelando um poço pequeno e grosseiramente feito.

Por um tempo, o Negociador simplesmente olha para a escuridão sombria, com o rosto inexpressivo.

Eu lambo meus lábios ressecados. — Isso é...?

— O túmulo do meu pai — diz Des, seus olhos nunca se distanciando daquele buraco no chão.

No que diz respeito aos enterros, este é praticamente o equivalente a dar aos mortos o dedo do meio - um último *vá se foder* antes de mandá-los para a vida após a morte.

Então eu acho que é apropriado para o cuzão do pai dele.

— Por que dar a ele uma tumba? — Pergunto.

Eu jogaria sua carcaça aos lobos.

— Acredite, eu não queria. — Des respira fundo, depois desvia o olhar daquele buraco. Um sorriso sardônico puxa o canto da sua boca para cima. — Depois que Galleghar morreu, deixei seu corpo exposto para virar carniça — diz ele — mas nenhuma criatura iria tocá-lo. Quando isso não funcionou, joguei o corpo dele ao mar - mas as ondas o devolveram para mim.

Eu o encaro enquanto ele fala, sentindo sua inquietação. Meu próprio mal-estar está crescendo.

— Eu tentei queimar seu corpo. — Ele esfrega o lábio inferior. — Era impermeável à chama. Tentei vaporizar seus restos mortais, mas eles resistiram à minha magia.

Meus olhos mergulham para o buraco no chão, tentando não me assustar com as palavras de Des.

— Existem apenas três tipos de almas cujos corpos podem resistir ao retorno à terra: aqueles que são poderosos demais para isso, aqueles que são puros demais para isso e aqueles que são corrompidos demais para isso.

Adivinhe em qual categoria o pai de Desmond Flynn se enquadra.

— Eventualmente, eu o trouxe aqui. — Os olhos do Negociador retornam ao poço. — Me matou ter que dar a ele mesmo isso - um buraco no chão. Ele merecia algo muito pior.

Pelas histórias que ouvi - que Galleghar havia massacrado todos os seus herdeiros em uma tentativa de manter seu trono - não posso deixar de concordar.

Des solta a respiração e caminha até a beira do buraco. Ele se ajoelha, estudando suas profundezas. Então, em um movimento suave, desce na escuridão.

Oh doce menino Jesus, nós vamos descer até lá.

Claro que vamos.

Mas eu realmente não quero…

Talvez eu possa apenas ficar aqui do lado de fora...

— Não me diga que você desenvolveu um medo de escuro agora, querubim — Des chama lá de baixo, sua voz ecoando.

Ugh. *Tudo bem*.

Vou até o buraco, sentando-me na beirada e deixando meus pés balançarem. Eu dou uma olhadela para o poço, tentando medir sua profundidade.

Das sombras, duas mãos envolvem meus tornozelos e, com um rápido puxão, sou levada para a escuridão.

Antes que eu tenha a chance de gritar pela minha vida, Des me pega, e tenho certeza que ele pode sentir as batidas do meu coração retumbando contra o seu peito.

— Ah meu Deus — eu digo, sem fôlego, minha pele brilhando — *por que* você faria isso?

Des ri na escuridão.

— É *muito* tentador brincar com você… — seus olhos caem nos meus lábios, presos no brilho do meu glamour — e resistir a você, também.

Ele se inclina, mas antes que possa me beijar, eu pressiono uma mão em sua boca.

— Uh uh — eu o castigo, glamour na minha voz. — Você não ganha um beijo por isso.

Com minhas palavras, ele se afasta um pouco, seus olhos brilhando. — O *que* eu ganho? — Ele diz, o canto da boca se curvando em um sorriso travesso.

Uma surra, minha sirene sussurra. *Vamos fazê-lo dar a si mesmo umas palmadas. Ele tem sido um menino mau.*

Eu quase rio com o pensamento.

— Você ganha o prazer de evitar a ira da minha sirene. Ela quer que você dê a si mesmo uma surra.

A reação apropriada é ficar horrorizado com o pensamento. Pena que o Negociador é decididamente *in*apropriado.

Seu rosto se enche de surpresa alegre. — Coisinha travessa — ele repreende. — E bem aqui no túmulo do meu pai também. — Agora ele me dá um beijo rápido. — Talvez mais tarde eu apazigue seus pensamentos sujos. — Na penumbra lançada pelo brilho da minha pele, eu o vejo piscar para mim.

É o suficiente para acalmar minha sirene.

Com isso, Des me libera.

— Cuidado onde pisa — ele aconselha. — Há uma escada complicada que você precisará manobrar - pensando bem, provavelmente seria melhor se eu te carregasse...

Antes que eu possa dizer ou fazer qualquer outra coisa, sua magia se enrola como fumaça abaixo da minha barriga. Sinto o puxão me

aproximar dele.

— Isso é reembolso pelo café, não é? — Eu digo enquanto a mágica passa por mim.

Isso, ou Des realmente gosta de provocar minha sirene. Porque um segundo atrás ela estava se acomodando, e agora ela está pressionando contra a parte inferior da minha pele, ansiosa para assumir completamente.

— Eu disse que o pagamento seria divertido — diz Des, com um sorriso na voz.

Ha!

— Isso não é realmente o que eu tinha em mente quando fiz aquele desejo...

— Considere isso como preliminares, sirene bebê.

E ainda assim sua magia me puxa, ficando mais insistente a cada segundo que passa.

— Tudo bem, mas eu quero ir montada atrás — afirmo.

— Eu não tinha percebido que cabia a você designar os termos do reembolso — diz ele suavemente, me pegando. Agora que estou em seus braços, a mágica relaxa.

— Claro, se você quiser me montar por trás... — seu tom é inegavelmente sexual — Eu não vou protestar *muito*. Embora não seja minha posição favorita.

Deus, ele está com tudo hoje.

Ele me move para suas costas, e eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço, sentindo seu cheiro enquanto seus cabelos fazem cócegas na minha bochecha. Suas mãos seguram minhas pernas e ele me carrega pela escada sinuosa, indo ainda mais profundamente chão à dentro.

O ar aqui embaixo é espesso como melaço, pesado com barreiras protetoras destinadas a impedir a entrada de intrusos. É um choque sentir tanta magia concentrada aqui quando a própria terra parece ressecada.

Des pronuncia uma frase em Fae Antigo, e como num estalar os dedos, as magias se rompem, deixando-nos passar.

À nossa frente, tochas fixadas brilham, iluminando uma pequena câmara; as paredes, o teto e o chão não passam de terra. Bem no meio da sala, repousado em uma cama natural de rochas, está um sarcófago de pedra rústica.

Talvez sejam os feitiços que ainda engrossam o ar, ou talvez seja a visão do caixão de pedra, ou talvez seja simplesmente o fato de que este é o túmulo de um homem tão mal que a terra não corrompe seu corpo, mas uma onda de vertigem passa por mim. Se não fosse pelo aperto de Des, eu teria deslizado pelas costas dele.

Gentilmente, Des me coloca no chão para que ele possa levantar a mão em direção ao sarcófago. Sua magia engrossa brevemente o ar, e então pedra mói contra pedra quando a tampa começa a deslizar para fora do

caixão.

Um velho terror de gosto azedo que eu costumava sentir sempre que pensava em meu pai agora ressurge. Mas não é meu padrasto que me assusta. É a possibilidade do que está embaixo daquele pedaço de pedra. Um corpo que não pode se deteriorar, um homem que voltou dos mortos.

A tampa se abre, pairando no ar antes de se abaixar lentamente ao chão. Ela cai na terra com um baque ecoante, poeira subindo ao seu redor.

De onde estou, não consigo ver o sarcófago. Eu rastejo para frente, Des ao meu lado. Ouço a respiração acelerada do Negociador, e então meus olhos pousam no interior do caixão.

Não há cadáver apodrecido, nem corpo perfeitamente preservado. Não há nada aqui.

Galleghar Nyx pode ter descansado uma vez aqui, mas não descansa mais.

O sarcófago está vazio.

Capítulo 9

EU OLHO PARA as estrelas, meu corpo esticado ao longo da fina estrutura de madeira sobre a terra seca. A noite aqui nas Terras Banidas é tão clara que os céus brilham acima de nós.

Ao meu lado, Des se inclina contra uma rocha, um dos joelhos dobrados na frente dele, pensando. Ele não está bravo ou surpreso, apenas... perdido em sua própria mente.

Á minha frente, nosso fogo crepita. Suas chamas tremeluzem do rosa ao verde pálido ao lilás e depois ao amarelo amanteigado, e a fumaça que sobe no céu noturno é lançada em tons pastéis. A coisa toda é um caleidoscópio de cores capturadas no calor e na luz, e está gastando uma tonelada de mágica.

Isso parece um segredo que Des não revelou - ainda.

— Há quanto tempo você acha que o corpo de seu pai está desaparecido? — Pergunto.

Des balança a cabeça. —Não mais que uma década ou algo assim.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Eu verifiquei muitas vezes ao longo dos dois séculos desde a sua morte — explica ele. — Fiquei perversamente curioso para saber se a terra um dia o aceitaria. Eu deveria saber que algum outro tipo de merda fodida estava acontecendo.

Reis ressuscitados, soldados possuídos e um Ladrão que rouba corpos. Parece absurdo.

Talvez, se eu escrevesse, entenderia tudo melhor.

— Você tem um caderno e uma caneta? — Pergunto ao Negociador.

Em resposta, ele estala os dedos e, a partir do éter, produz uma caneta e um bloco de papel.

Pego os dois e aliso o papel no chão. Destampando a caneta, começo a escrever.

Des espreita o que estou rabiscando.

Quando não digo nada, ele pergunta: — O que você está escrevendo?

Faço uma pausa, meus olhos se movendo para os dele.

— Uma linha do tempo.

— AQUI ESTÁ O que sabemos: seu pai e o Ladrão estão de alguma forma

conectados — eu digo — Se começarmos do começo, seu pai já foi simplesmente um rei com muitas consortes e filhos; ele provavelmente não era o melhor cara do mundo, mas nem *sempre* esteve matando sua prole.

Faço uma pausa, apenas para ter certeza de que a história está correta até agora.

Des me dá um aceno de cabeça, parecendo vagamente entretido.

— Então, em algum momento — digo, movendo a caneta na minha linha do tempo — ele ouviu uma profecia sobre a perda de seu trono e, como resultado, matou seus filhos. — Eu rabisco a observação.

— Você, seu único filho remanescente, o destronou — Paro para escrever os fatos — e logo depois você descobriu que o corpo dele não se deterioraria, então o colocou em uma tumba. — Eu traço uma longa linha para mostrar o tempo que passou. — Mais de uma década atrás, seu corpo ainda estava sepultado. — Preencho isso na minha folha. — Agora seu corpo se foi e ele está muito vivo.

Depois de escrever tudo, olho para a folha.

E... não tenho certeza se este exercício produziu alguma resposta. Exceto que...

O Ladrão de Almas começou a sequestrar soldadas há cerca de uma década, essencialmente durante aquele período de tempo nebuloso em que Galleghar Nyx poderia ou não estar sepultado.

Pode haver algo aí.

Meu olhar volta para o início da linha do tempo, quando Galleghar Nyx ouviu uma profecia e começou a matar seus filhos. Esse foi o primeiro dominó caído, o que pôs em movimento tudo o que nos levou a acabar aqui nas Terras Banidas, uma tumba vazia a poucos passos de distância.

— Você já ouviu a profecia? — Pergunto.

Os cantos dos lábios de Des se abaixam. — Foi... perdida no tempo.

Bem, lá se vai *essa* pista em potencial.

Um frasco se materializa na mão do Negociador. Ele dá um profundo gole e depois passa sem palavras para mim.

Des não costuma ser tão aberto a compartilhar álcool comigo. Antes que ele possa reconsiderar a oferta, pego o frasco dele e o levo à minha boca. Estremeço assim que o destilado apimentado atinge minha língua. Há mágica na bebida, mágica que acaricia minha garganta e faz cócegas no meu estômago.

Eu passo o frasco de volta.

— Está muito quieto aqui — ele admite, seu olhar percorrendo as redondezas. — Algo está errado.

Algo está mais do que um errado. Um homem voltou dos mortos.

— Des, porque *ainda* estamos aqui? — Pergunto suavemente. Eu não insisti no assunto até agora, porque queria dar tempo ao meu parceiro para lidar com qualquer agitação emocional que estivesse passando por sua cabeça.

E sim, entendo que a tumba vazia não é uma grande surpresa, já que Des lutou com seu pai antes na floresta do reino Flora, mas entre me manter viva e depois defender seu reino de um exército de soldados possuídos, o Rei da Noite provavelmente ficou um pouco ocupado demais para realmente processar esse fato.

Isso dito, era para ser uma aventura rápida - ver o túmulo de Galleghar Nyx e depois ir embora. Mas agora estamos nos prolongando, e talvez isso não seja um problema, exceto que, apesar da bebida, posso sentir esse lugar minando minha força pouco a pouco. E Des tem um olhar distante e perturbado em seu rosto, como se a cada segundo que passa ele estivesse cada vez mais fora do meu alcance.

Ele toma outro gole de seu frasco, passando de volta para mim. — Alguém aqui deve ter visto o que aconteceu com o corpo — ele responde. — Vou ter uma conversinha com eles.

Uma conversinha. *Certo.* É um eufemismo do Negociador, se é que já ouvi um.

Eu engulo uma dose alcoólica do Outromundo - oh, isso fica *bem* no estômago - antes de entregar o frasco para Des e olhar ao nosso redor.

Não há uma única centelha de vida em nenhum lugar à vista. Nenhum animal, nenhuma planta e, certamente, nenhuma fada. Além de nós, não há ninguém aqui agora, assim como provavelmente não havia ninguém aqui no dia em que o corpo de Galleghar desapareceu de sua tumba.

Mas mesmo se houvesse…

— Não deveríamos estar procurando por eles?

— Eles virão até nós.

Eu realmente não estou entendendo.

Des sorri para mim, não mais parecendo tão distante. — Você está se sentindo um pouco drenada?

— Sim… — eu digo devagar. O que uma coisa tem a ver com a outra?

— Há uma razão pela qual banimos faes para cá. Este lugar é desprovido de mágica. Há muito tempo, a batalha ceifou cada gota da terra. E magia, querubim, é a força vital de uma fada.

Com o frasco, o Negociador aponta para a fogueira, que está fazendo um trabalho tão excelente em acabar com o frio que eu tenho que me afastar dela. — Isso aí está lançando magia aos montes - magia que irá atrair os faes.

A fumaça exala um cheiro perfumado - como pétalas de rosas em chamas - e de repente eu percebo. O fogo estava literalmente emitindo um sinal de fumaça, carregando magia ao longo do vento, colocando faes famintos por magia em nossa direção.

— Então, nós somos iscas — digo — Você decidiu nos fazer de isca.

O olhar do Negociador se afia, seus olhos pálidos mudando de cor enquanto as chamas dançam neles. — Você não é a isca, amor. O fogo é a isca. Você é uma armadilha, uma algema de ferro pronta para esmagar fadas voluntárias.

Simmmm, minha sirene diz. *Ele entende.*

Os olhos de Des se movem para o fogo e seu olhar se desfoca. Acho que talvez ele vá falar mais alguma coisa, mas os segundos passam e logo fica óbvio que seus pensamentos se voltaram para dentro.

Acho que nunca vi o grande e terrível Negociador ficar introspectivo. Na minha cabeça ele é o bandido tatuado fazedor de acordos e arrombador de portas que eu conheci há oito anos.

Não isso.

— Des.

Todos temos papéis que desempenhamos. Estou acostumada a ser a pessoa vulnerável, a solitária, e o Negociador está acostumado a ser o brutamontes misterioso. O problema é que não somos atores e isso não é uma peça de teatro. Somos carne e sangue e até uma fada tão forte, capaz e velha (e quero dizer *velha*) quanto Des às vezes precisa ser fraca.

E não há problema em ficar fraco e chateado. Eu lidei com essas emoções chegando ao fundo de muitas garrafas.

Acho que é aí onde o Negociador está, mesmo que sua expressão estoica não mostre nada. Seu reino está comprometido e seu pai está vivo e acho que todos os tipos de emoções antigas que ele pensava ter enterrado estão agora ressurgindo. Eu não sei, talvez eu esteja errada, mas caso eu não esteja…

Levanto-me e fecho a pouca distância que existe entre mim e Des. Eu afundo em seu colo, minhas coxas em ambos os lados de seus quadris. Seu olhar aguça, e ele me olha com aqueles olhos intensos e pálidos. Ele é difícil de olhar porque, mesmo depois de todo esse tempo, ainda é ridiculamente bonito.

Ele fecha os olhos e, quando os abre, há muita turbulência neles. Muita. Uma quantidade imensurável. Eu toco o canto de seus olhos.

— Eu estou com você — digo. E então eu beijo uma das bochechas dele e depois a outra.

Sem palavras, ele me puxa para ele.

— Querubim — ele escova meu cabelo para trás e segura meu rosto — eu não estou triste. Estou com muita, muita raiva.

Agora que ele diz isso, posso sentir a emoção como se fosse algum tipo de mágica própria. Ela vibra sob sua pele e ao longo de nosso vínculo. Isso faz as mãos dele tremerem.

— Esta é a única parte de mim que eu não quero que você veja — diz ele suavemente.

O lado colérico dele.

— Eu realmente odeio ter que te contar isso, Des, mas eu já te vi com raiva. — Várias vezes. Ele é sempre assustador de se ver.

— Não desse jeito. — Ele balança a cabeça. — Assim não.

Suas mãos deslizam pela minha cintura, e é tudo o que preciso para perceber que, mesmo quando ele está com raiva - talvez especialmente assim - eu o quero.

Sua raiva e seu toque estão mexendo com a sirene dentro de mim. Eu a neguei mais cedo. Não tenho certeza se ela será negada novamente.

Eu empurro meus quadris contra os dele. Embaixo de mim, eu o sinto endurecer.

As mãos de Des apertam minha carne. — Cuidado — diz ele, em um tom que me deixa no limite.

Eu me inclino para frente, minha respiração contra seus lábios. — Ou então *o quê*? — Eu desafio.

Os olhos de Des se estreitam quando sua boca começa a se desenrolar num sorriso. Ele passa um dos braços em volta de mim e nos gira para que minhas costas estejam agora no chão e seus quadris estejam aninhados firmemente entre minhas coxas.

— Essa noite eu estou com um controle especialmente pequeno — adverte. É só agora que noto as sombras nas costas dele. Elas se reúnem no formato de suas asas e depois se dissipam. Reúnem e então se dissipam. De novo e de novo.

Ele realmente está por um fio.

— Você nunca esteve comigo quando meu lado fae sai para brincar — diz ele. Há uma nota em sua voz que não é humana.

— Eu não tenho medo do seu lado fae — eu digo desafiadoramente. Eu nunca tive.

Ele estala a língua. — Callie, Callie — adverte.

Enquanto ele fala, sinto minhas roupas derreterem, como se fossem feitas de cera quente e não de fibra. É um dos pequenos truques bacanas do Negociador.

Suas roupas seguem, e agora sinto o comprimento duro dele pressionando contra a minha pélvis.

Ele se abaixa para levar meu seio à boca. Isso é tudo o que é necessário para minha pele brilhar e minha sirene surgir.

Sinto um leve arrepio passar por ele, e não tenho muita certeza se é porque ele pode sentir minha magia através do nosso vínculo, ou se minha sirene simplesmente tem esse efeito sobre ele.

— Doce sirene — diz ele entre beijos — é melhor você afiar essas garras. Hoje não pretendo ser gentil.

Ele abre minhas pernas. É quase obsceno o quão aberta eu estou para ele. O tempo todo ele me observa com avidez.

— Você é adorável por achar que estou preocupada — eu o provoco abertamente. — Eu tenho meus próprios truques — Bato em seus lábios com o dedo — truques cujos você não é mais... imune — eu digo, glamour enchendo minha voz.

Os olhos de Des piscam e suas asas se manifestam, se espalhando atrás dele. Elas são iluminadas pelas chamas, e suas membranas finas brilham com um calor pálido.

— Eu te *desafio*, sirene. — As feições do Negociador parecem afiar.

Então a fadinha *tem* que sair para brincar.

Isso é como jogar Verdade ou Desafio de novo. Só que agora, sou eu quem roda a garrafa.

Que reviravolta deliciosa.

— Faça o seu pior, Desmond Flynn — ordeno.

Algo obscuro, obsessivo e distintamente fae brilha em seus olhos quando ele me prende ao chão, seu corpo uma algema viva. Eu voluntariamente me mexo contra ele.

Posso sentir através de nosso vínculo essa estranha necessidade de me capturar e me levar embora. Para reivindicar e manter.

Quero tudo - todas as suas partes perversas e sombrias.

Sem dizer mais nada, ele levanta meus quadris e ferozmente investe contra mim. Eu quase suspiro quando o comprimento duro de seu pau desliza através da minha umidade. Ele captura minha boca quando sai, apenas para meter com força novamente, de novo e de novo.

Isso não é uma reivindicação doce. Isso é necessidade. Isso é possessão. É tudo que Des luta tão assiduamente contra.

Maldito seja, eu amo cada segundo disso.

— Mais forte — eu exijo.

Seus lábios se curvam quando ele impõe o novo ritmo.

Parece que há mais do que apenas seu pau dentro de mim, como se ele todo estivesse avançando e sitiando. E ainda assim eu poderia pará-lo, se eu quisesse.

Como se eu fosse querer.

O que eu quero é que ele me foda sem escrúpulos e depois me foda um pouco mais.

Ele pega minhas mãos e as pressiona no chão, me mantendo refém enquanto estoca em mim, seu peito largo já escorregadio com as primeiras gotas de suor.

— Confesse — eu ordeno. — Confesse para mim o que você está pensando.

Ele olha para mim, uma mecha de cabelo balançando entre nós.

— Eu quero te foder até que você esteja irracional de tanto desejo. Eu quero sentir você apertar meu pau enquanto você goza ao meu redor. Eu quero morrer enterrado dentro de você.

— Isso é tudo que você tem? — Eu digo. — Estou desapontada.

É uma batalha de desejos nesse momento. Seu lado fae contra a minha sirene. Sua magia contra a minha.

Ele me vira e me pressiona no chão. Inclinando-se perto do meu ouvido, ele sussurra: — Não podemos desapontá-la agora, podemos?

Des levanta uma das minhas pernas e empurra seu pau em mim por trás. Meus olhos tremem com a força da intrusão. Ele é mais rude do que eu estou acostumada - muito mais - e, no entanto, meu Deus, isso é tudo que eu nunca soube que queria, e não consigo ter o suficiente.

O chão arranha meus joelhos e seios. Não poderia me importar menos.

— Toque-se — ordena o Negociador, sua magia seguindo as palavras.

Fico prisioneira delas.

Por vontade própria, minha mão desliza entre as minhas coxas, exatamente onde já estou encharcada. E então meus dedos começam a acariciar meu clitóris.

É quase demais.

Empino em direção à Des, aprofundando suas estocadas. Sinto sua pele deslizar escorregadia contra a minha. Dentro e fora, dentro e fora. Estou sendo esfregada nos lugares certos.

E então uma de suas mãos roça minha bunda.

Isso é novo. Ele vai...?

Sua mão para quando encontra meu outro buraco. Ele o toca, circulando, colocando a menor das pressões contra ele até que a ponta do dedo entre.

— Ai meu *Deus*.

Des se inclina para perto. — Deixe Deus fora da conversa, querubim. Ele não tem nada a ver com isso.

Homem pecador, pecador.

Ele continua empurrando, eu continuo me tocando, e ele continua me tocando *lá*. É o último que está me deixando louca.

— Mais fundo — eu digo, sem fôlego. É mais a sirene que exige isso do que eu.

Eu nunca fiz isso antes. Com nenhum dos homens com quem estive. Não que eles não tivessem tentado; eu simplesmente não queria isso naquela época.

Eu quero isso agora. Ah, e como quero.

Solto um gemido imoral com a sensação de ter Des duplamente dentro mim

Seu dedo continua pressionando, e eu entendo exatamente por que Des domina o sexo e a noite e toda essa merda de tabu que vem junto com isso. Porque isso é tão errado, mas parece incrível.

Mais, mais, *mais.*

— Diga-me, sirene, você está decepcionada agora?

— Deus, não — eu ofego.

— Essa palavra novamente. — Seu dedo entra mais fundo.

Esse toque deveria ser punitivo? Não é. Outro gemido rouco escapa de mim quando meu corpo vibra de prazer.

— Talvez seja melhor encontrar um sinônimo — diz ele.

A magia de Des envolve minha traqueia, e sou prisioneira disso.

— *Des* — dou um grito estrangulado.

— Muito melhor — diz ele, o diabo em sua voz.

Toda essa estimulação, toda essa sensação de ser pressionada, cutucada e preenchida até o limite, é quase demais.

E ainda assim eu aguento. A sensação é muito intensa, muito deliciosa, muito tentadora, e não consigo suportar a ideia de que ela termine.

Então eu adio o meu orgasmo.

Não sei quanto tempo ficamos presos fazendo amor estranho e proibido. Só que em algum momento, os cabelos brancos de Des roçam contra a pele do meu ombro e seus lábios estão no meu ouvido.

— Eu não estou servindo minha rainha bem o suficiente?

Minha sirene apenas ronrona.

Ele empurra contra mim, e eu descaradamente ofego com a sensação deliciosa.

— Certamente você já deveria ter gozado – ou eu estou perdendo meu... toque? — Ele mexe o dedo e eu solto um grito sufocado, quase chegando ao clímax nesse exato segundo. —Mas talvez você precise de um pouco mais de persuasão.

Nunca quero que isso acabe.

Ele respira na minha bochecha. — Goze para mim, sirene.

Eu posso sentir magia e escuridão nessas palavras. Eles se instalam em mim e, através da minha névoa de prazer, registro que tudo isso vai chegar a um fim rápido.

Consigo fazer um pedido final. — Me dê… *tudo.*

Ele dá. Des entra em mim quando eu me despedaço, sua carne batendo contra a minha mais e mais e mais e mais e mais. O prazer é tão extremo, tão agudo que mal consigo aguentar. Me inunda, ofuscante, antinatural, viciante.

Seu corpo foi feito para isso - foder e reivindicar e distorcer minha vontade na sua.

Assim como o meu era feito para atraí-lo e seduzi-lo e por fim dobrar seus desejos para se adequarem aos meus.

Com um gemido, ele goza, seus quadris batendo contra os meus enquanto ele me preenche. Cada golpe dos quadris de Des envia outra onda de prazer através de mim.

Nos acalmamos lentamente, nossos corpos suados e empoeirados.

Des cai ao meu lado antes de me arrastar para o seu peito. Ele me mantém cativa em seus braços, acariciando minha carne suavemente, seus lábios passando por cima do meu ombro. Ele morde a pele de brincadeira. — Fique nos meus braços, querubim. Fique aqui e nunca vá embora.

— Tudo bem — eu digo, me aconchegando nele, alegremente indiferente ao frio que se aproximava com a noite.

Por um tempo, ficamos ali em silêncio. Então, lentamente, uma risada borbulha baixo na minha barriga. — Não acredito que deixei você enfiar um dedo na minha bunda — finalmente digo.

Sou tão suave nas conversas íntimas pós-foda.

Sinto mais do que vejo ele sorrir. — Diz a garota que uma vez me fez gozar nas calças.

Agora é a minha vez de sorrir. Então meus pensamentos voltam ao ponto. — Não acredito que gostei.

— Minha pequena sirene atrevida? Eu acredito. Tenho o

pressentimento de que quando nossas vidas chegarem ao fim, você vai ser a parte depravada que complementa minha alma virgem e santa.

Eu gargalho abertamente. — Até parece.

Um sorriso se espalha por seu rosto. — Você provavelmente está certa. — Sua mão acaricia minhas costas, fazendo minha pele se arrepiar. — Tenho mais truques na manga. Tudo o que você precisa fazer é pedir. Ou me desafiar novamente. Eu gostei de jogar minha magia contra a sua.

Não consigo conter o arrepio excitado que percorre meu corpo. Eu não acho que tinha percebido exatamente o que acasalar com Des significa. Ele domina o sexo; tudo o que fizemos juntos até agora - isso é apenas a ponta de um iceberg muito grande.

E provavelmente ainda não entenderei completamente o que significa acasalar com ele até que eu tenha visto e saboreado todas as suas perversões e testemunhado todos os seus horrores. Só então serei capaz de compreender completamente essa força da natureza com à qual estou ligada.

Ficamos quietos por um tempo.

— Não é o bastante — Des finalmente diz, sua mão esfregando para cima e para baixo no meu braço. — Ter você. Eu sempre assumi que uma vez que você aquecesse minha cama, seria suficiente. — Ele segura minha boceta enquanto fala, e juro por Deus, estou tão perto de pular nele novamente.

— Mas sou um bastardo ganancioso e quero mais. Sempre mais.

Meus dedos deslizam sobre o braço dele; suas tatuagens parecem saltar e dançar à luz do fogo. Eu levanto minha cabeça e a descanso em seu peito.

— Conte-me um segredo — eu sussurro.

Ele traça a curva da minha bochecha. — Segredos são destinados para uma alma manter.

Fico tensa com as palavras dele.

— Minha mãe costumava dizer isso o tempo todo — explica ele. — É uma das lições de vida dela que eu carrego comigo desde a infância.

Minhas sobrancelhas se franzem. Parte da minha névoa induzida pelo sexo está desaparecendo. — E agora os soldados adormecidos dizem isso.

— Até agora, eu não tinha sido capaz de descobrir exatamente como sabiam disso. — O dedo de Des traça meus lábios. — E então eu lutei com meu pai, que está ligado ao Ladrão de Almas.

Seu dedo sai da minha boca. — Você queria saber um segredo, aqui está um, Callie: Há algum tempo, minha mãe sussurrou essas mesmas palavras para Galleghar Nyx. Ela, uma espiã que pretendia fugir dele, disse isso como uma provocação. E agora ele está provocando nós dois com essas mesmas palavras.

— Eu preciso entender a natureza de seus mortos-vivos para entender o resto deste mistério.

Mortos-vivos. Simplesmente deveria haver vida e depois morte, mas quando se trata de seres sobrenaturais, tanto terrestres quanto do Outromundo, há toda uma gama de indivíduos que de alguma forma ficam fora dessa dicotomia.

— Talvez assim eu possa entender como ele aprendeu essa frase. Ou assim esperamos.

Des me puxa para ele e me beija profundamente, sinto gosto de sal e sexo e noite em toda a sua bondade secreta - e então nossas roupas se descolam do chão e deslizam de volta para nós.

Nós nos separamos, e qualquer momento que estivéssemos tendo, acabou.

Sento-me e puxo minhas pernas em direção ao peito, passando os braços em volta delas.

— Conte-me sobre ele — peço baixinho.

Des já me contou a versão resumida da vida do Querido Papai, mas ainda há muita coisa que ainda não sei.

Aqueles olhos prateados estão em mim em um instante.

— Ele não vale o desperdício de fôlego.

— Nós já estamos perdendo o fôlego procurando por ele — eu digo — Diga-me algo sobre ele, algo que eu ainda não sei.

O Negociador acena com os dedos para o frasco descartado, chamando-o de volta como se fosse um soldado desgarrado. Ele pega a coisa e toma um gole antes de falar novamente.

— Ele tinha centenas de concubinas — diz Des finalmente. — Centenas. Vamos fazer uma pequena pausa para imaginar isso.

Centenas? É como ter uma esposa para todos os dias do ano.

— Não sei com quantas delas ele teve filhos, mas o número é grande - grande o suficiente para que o assassinato ficasse marcado em nossas histórias. Tornou-se conhecido como o Expurgo Real - ou O Expurgo, para abreviar.

— E quando Galleghar morreu e eu andei pelos corredores de seu antigo castelo, vi em primeira mão as mulheres que ele havia acolhido.

— Elas tinham esse olhar. — Des aponta para seus olhos. — Os soldados ficam com esse olhar quando passam por muita coisa. Muitas delas o tinham. E, ainda assim… ainda assim dezenas dessas mulheres choraram por ele quando ele morreu. — Des zomba para si mesmo. — Ele matou bebês - os bebês *delas* - e ainda assim, elas choravam por ele.

Eu não digo nada. Não há palavras para esse tipo de atrocidade.

— Isso não quer dizer que todas no harém o amavam. Nos anos após sua morte, comecei a descobrir os detalhes das suas vidas. Nos registros, encontramos evidências de que algumas de suas esposas morreram prematuramente - geralmente depois de lamentar abertamente sobre seus filhos mortos ou de se opor ao Expurgo.

— Alguém também registrou diligentemente dezenas de notas de suicídio das várias concubinas de Galleghar. Mais tarde, descobri que

aquelas que sobreviveram às tentativas de suicídio foram brutalizadas pelo rei. Ele encarou como desprezo pessoal que elas se atrevessem a deixá-lo.

— E, claro, houveram tentativas de fuga de outras esposas, e essas também foram violentamente punidas. O inferno era um lugar mais gentil do que a corte de meu pai. Pensar que minha mãe se atreveu a escapar nessas circunstâncias…

Mulher corajosa, muito corajosa.

O fogo estala e crepita entre nós. Des ainda está perdido no passado.

— Você sabia que quando eu executei o meu pai, eu deveria ter herdado o harém que ele deixou para trás? — Ele dá uma risada sem humor. — Isso não te dá calafrios? Herdar uma amante como se fosse uma espécie de herança?

Isso é doentio. Mas também, essa história toda revirou meu estômago.

— Eu quebrei a tradição, mandei todas embora. — Seus olhos se movem para mim. — Eu já sabia que era você, mesmo naquela época — ele admite, um sorriso suave se espalhando por seu rosto. Mas então ele desaparece. — Assim como meu pai — acrescenta.

Um calafrio desliza sobre a minha pele. À minha frente, o fogo iridescente diminui quando as sombras do Negociador se aproximam.

— Para responder à sua pergunta, querubim, eu nunca soube muito sobre Galleghar Nyx. Só sei que ele era um filho da puta perverso, que governou como um tirano o Reino da Noite e matou minha mãe a sangue frio. E agora, de alguma forma, ele está vivo.

Capítulo 10

— AINDA NÃO ESTÃO nem perto de me encontrar - ou a Galleghar - pelo que parece.

O Ladrão está do outro lado do fogo, olhando para mim com seus olhos de ônix.

Sento tão rápido que uma onda de vertigem passa por mim.

— Foi um truque legal o que você fez lá, em Somnia — diz ele, circulando a fogueira enquanto se aproxima de mim.

Eu recuo, mas não há para onde fugir aqui nas Terras Banidas. Eu procuro Desmond, mas além do Ladrão, estou totalmente sozinha.

Ele se agacha ao meu lado e inclina a cabeça, me estudando. Há algo impessoal e reptiliano nele.

— Então você pode glamourizar fadas, apesar de tudo — diz ele.

Eu posso glamourizar fadas - eu posso glamourizar ele.

Minha pele se ilumina. — Saia de perto de mim.

Ele continua olhando para mim, seus olhos escuros como tinta. Lentamente, ele começa a sorrir. — Tentador, mas não. Acho que vou ficar bem aqui.

Isso não funciona nele.

Querido Deus.

— Uma pena que suas artimanhas não me afetem. — Ele lê meu rosto. — Não se aflija, encantadora. Eu estou tentado.

— Por que você os acordou? — Pergunto quando minha pele escurece.

— Por que eu os acordei? Essa é a sua pergunta mais urgente? Você não quer saber por que eu os sequestrei, em primeiro lugar? Ou por que coloco as mulheres em caixões e os homens em árvores?

Claro que eu quero.

Ele se senta ao meu lado, e é necessária uma grande quantidade de força de vontade para não recuar diante de sua proximidade.

O Ladrão suspira. — Porque eu quis.

Ele se inclina. — Coloquei os homens nas árvores porque, como o Homem Verde, eu podia. Eu tomei as mulheres selvagemente e as prendi como uma vez eu fui preso. — Sinto o calor doentio de sua raiva e sua excitação enquanto ele fala. — Eu escondi os homens e exibi as mulheres — continua ele — e ah, como eu gostava de ver todas aquelas fadas

temerem o desconhecido. Faz tanto tempo que nenhum deles sentiu o verdadeiro medo, mas agora sentem.

— Então — diz ele, me encarando por completo — É isso que você queria ouvir?

Sim. Não.

Todos esses anos que passei caçando criminosos, e os piores dão esse tipo de resposta. Eles cometeram atrocidades porque queriam. Porque eles podiam.

Mas, mesmo quando o Ladrão de Almas me dá esse vislumbre de sua mente, ele consegue fugir da resposta que eu realmente queria ouvir. Quero saber quais são seus planos, e não como sua mente doentia funciona.

— Chega de falar de mim — ele diz suavemente. — Eu sei, encantadora, que quando você está assustada ou excitada o suficiente sua natureza mais básica vem à tona. — Ele estende a mão e acaricia minha bochecha com a parte de trás de seus dedos.

Eu estremeço com seu toque, minhas narinas se abrem. Eu deveria estar correndo para bem longe do Ladrão, mas meus músculos estão presos. Eu não poderia me mexer nem se eu tentasse.

— A questão é — sua mão desliza para minha mandíbula e ele puxa meu rosto para encontrar o dele — que caminho devo seguir - sua paixão ou seu medo?

Seus olhos mergulham para os meus lábios. Deus me salve, eu poderia muito bem estar de volta à prisão do Reino da Fauna, porque agora estou olhando para Karnon. É um corpo diferente, mas os mesmos olhos.

Minha respiração trava com a lembrança e, alguns segundos depois, minha pele ilumina quando a sirene se desenrola, estendendo-se sob a minha carne como um músculo rígido.

Uma fúria feroz surge em mim, eclipsando meu medo.

Esse bárbaro pensa em nos intimidar? Nos assustar?

Agarro seu pulso e o afasto, inclinando-me em seu espaço pessoal. — Seja o que for que você planeja fazer comigo, eu te desafio a tentar. — Pego minha outra mão e a pressiono contra seu peito, batendo uma garra contra ele. — Mas você deve saber que, se tiver a chance, vou estripá-lo e fazer um colar com suas vísceras.

Não vou mentir, minha sirene é uma verdadeira pérola. Mas é em momentos como este que eu aprecio seu tipo particular de loucura.

O Ladrão sorri para mim, e parece que seu interesse foi despertado. — Espero que você cumpra sua ameaça. Eu odiaria ver toda essa veemência ser desperdiçada. — Ele se aproxima, nossos rostos a centímetros de distância.

Sua respiração sopra contra minha bochecha. — Encontre-me, Callypso. Estou aguardando ansiosamente nosso encontro.

— QUERUBIM...

Meu corpo se assusta, despertado do sono pela voz de Des. Meus olhos percorrem nosso acampamento.

Juro que o Ladrão esteve aqui apenas um segundo atrás.

Sua presença era tão vívida que minha mente não está convencida de que eu o sonhei.

Mas então eu sou distraída pelo corpo quente de Des e seu olhar penetrante.

— Está tudo bem, Callie?

Eu engulo - uma ação para qual seus olhos se voltam - e aceno. — Estou bem.

Em resposta, ganho uma careta. Mas, em vez de insistir na questão, Des aperta meu quadril.

— Alguém está vindo — ele sussurra.

Começo a me levantar, olhando loucamente para a escuridão, mas ele gentilmente me pressiona de volta.

— Se você puder ser boazinha e fingir estar dormindo, seria maravilhoso. Quero que os fae se aproximem.

Fingir estar dormindo depois do sonho que acabei de ter? Eu acho que não.

Mas eu me forço a relaxar pelo bem de Des, mesmo que eu não feche meus olhos. Em vez disso, forço meus ouvidos e olhos para ouvir e ver qualquer coisa além do fogo. Um longo minuto passa, e mais outro.

De repente, o poder do Negociador escorre para fora dele, espessando o ar como se a escuridão fosse uma coisa física. Eu o sinto perto de sua presa como uma armadilha, prendendo-a no lugar.

A fada apanhada grita como um animal selvagem, os sons guturais pontuados por uma série de maldições.

Em um instante, Des se foi, dissolvendo-se em vapor como se ele nunca estivesse estado lá. Viro bem a tempo de ver meu parceiro pairando sobre uma fada ao longe. O fae está lutando inutilmente contra a magia que o prende no lugar, sua arma semelhante a uma foice atingindo a barreira mágica de novo e de novo.

Des cruza os braços, avaliando o homem e parecendo decepcionado.

Depois de um momento, o Rei da Noite tira a foice do homem. — Você vai responder algumas perguntas para nós — diz Des — ou você vai morrer.

EU PUXO O marshmallow carbonizado do fogo, avaliando o torrão enegrecido.

Droga. Esse é o quinto que eu queimei. É oficial: sou uma droga nessa coisa. Para ser justa, tenho certeza de que o fogo iridescente de Des queima muito mais do que o fogo com o qual estou acostumada.

Espero esfriar antes de removê-lo do meu espeto e pego outro do saquinho de doces que Des me presenteou quando voltou com seu refém.

Tenho certeza de que essa é sua tentativa de me manter ocupada

enquanto ele interroga seu prisioneiro.

Estou envergonhada em admitir que está funcionando totalmente.

Enquanto isso, a vários metros de distância, Des está bem no meio de seu interrogatório.

Até agora, ele dobrou a arma da fada num origami em forma de cavalo, tirou sua voz brevemente e removeu o último dos itens que a fada carregava consigo (algumas pedras, uma faca, um pouco de carne misteriosa seca e um colar feito de cabelo fae - porque deus nos livre encontrar alguém normal por aqui).

— Quem abriu o túmulo? — Des pergunta a fada calmamente.

O homem cospe em Des. A saliva nunca chega a bater no meu parceiro. Em vez disso, ela para no ar e inverte sua trajetória, atingindo o rosto da fada.

— Quem abriu o túmulo? — Des repete.

— Chupa o meu pau!

— Humm, tentador — diz Des, inclinando a cabeça. — Isso é uma oferta genuína? — Sua magia desamarra as toscas calças do homem, depois começa a puxar o pano para baixo.

Os olhos da fada se arregalam e ele começa a puxar o material de volta, tentando em vão as manter no lugar. — Mas o que, em nome dos malditos deuses sangrentos!

— Querubim, — Des diz, olhando para mim — eu acho que o homem é tímido. Num momento ele quer minha atenção, no outro ele está sendo um malandro recatado.

Pego meu sexto marshmallow do fogo; está perfeitamente dourado.

Sucesso!

— Os homens emitem sinais *tão* confusos — eu digo.

Eu admito - gosto de brincar com meus alvos tanto quanto Des. Essa sempre foi uma das minhas partes favoritas do negócio de detetive particular.

Agarrando uma barra de chocolate Hershey e uma bolacha, eu puxo meu marshmallow do palito.

E vai direto para minha barriga.

— Eles dão, não é mesmo? — Os olhos do Negociador brilham o suficiente para me deixar saber que ele gosta do meu tipo de perversão. Voltando para a fada, ele bate nos lábios. — Não precisa ser tímido. Tenho certeza de que seu pau será tudo o que eu sempre sonhei que um pau poderia ser.

Agora a fada está enérgica, tentando descontroladamente subir as calças pelas pernas. Ele está falhando miseravelmente nisso. — Seu merda doente! — Ele grita.

Começo a mastigar meu chocolate derretido e, ai meu Deus, é uma das grandes tragédias do mundo que esse tipo de doce é reservado apenas para acampar. Esses pequenos bastardos são deliciosos.

O bom humor de Des entra em colapso em um instante. Sua magia para

de puxar as calças da fada. Agora que não há mais resistência mágica, o prisioneiro quase se dá um cuecão tentando puxar as calças para cima.

A noite escurece. — Eu já me cansei de ser recatado também — diz Des, sua voz como aço polido — Diga-me o que aconteceu com o corpo que estava na caverna debaixo daquela pedra — Ele aponta para a modesta lápide à distância — ou eu começarei a matá-lo aos poucos.

— Eu não *sei*! — A fada uiva.

— Você já viu alguém morrer aos poucos? — Des pergunta. — É lento e - bem, não preciso lhe dizer que é doloroso.

— Eu nunca vi nada! Eu juro...

Sinto o toque da magia, e então a mão do prisioneiro é empurrada na frente dele, com os dedos abertos.

— Eu gosto de começar com o mindinho - começar pequeno, sabe — diz Des. No momento, ele é cem por cento Negociador. — Eu vou removê-lo, junta por junta...

— Droga! Não sei onde está o corpo!

A foice arruinada do fae agora se desdobra, remendando-se novamente até parecer inteira e intocada. Ela flutua no ar, parando perigosamente perto da mão da fada.

A fada solta um gemido quando a lâmina acaricia seu dedo mindinho.

— Depois do dedo mindinho… — Des continua — Bem, existem outros nove dedos para brincar.

— Se isso não quebrar você, há dentes e os dedos dos pés. Até mesmo esses são apenas uma pequena prévia. E a dor - é suficiente para levar uma fada a fazer quase qualquer coisa. Você sentirá os séculos de sua vida se esvaindo a cada amputação e - se você aguentar o suficiente - me implorará pela morte.

— Quando você achar que é o fim, vai perceber que ainda está vivo e consciente, e vai aguentar por horas - dias, se necessário - mas parecerão décadas.

Um brilho de suor apareceu no lábio superior da fada. — Você nunca vai se safar com isso — ele jura, sua voz alta. — Os homens do rei virão atrás de vocês antes… — seus olhos disparam entre nós.

— *O rei* — diz Des, parecendo um professor cujo aluno finalmente respondeu a uma pergunta corretamente. — Agora estamos chegando a algum lugar. — Des se senta, apoiando os cotovelos nas pernas. — O rei saberia para onde foi o corpo?

— O rei sabe de tudo.

— Ele sabe? — O Negociador levanta as sobrancelhas.

A fada deveria estar preocupada. Des só usa essa voz antes de chutar o ninho de vespas.

A foice levanta do dedo da fada e circula o homem.

Des fica de pé. — Deixe-me alterar meus termos: encontre alguém que possa me dizer quem fez isso, e eu deixarei você viver.

Capítulo 11

Eu encaro a fenda no chão. — É aqui que seu rei mora? — Digo com ceticismo.

Apenas outro buraco na terra.

— Você verá… — o prisioneiro de Des diz ameaçadoramente.

Desde que nos trouxe aqui, num voo que percorreu quilômetros de território árido e sem vida, essa fada ganhou muito mais confiança.

Provavelmente estamos prestes a ser agredidos.

Eu mudo meu peso de pé para pé. — E então, o que, devemos só ficar esperando… — Minhas palavras morrem quando alguém toca uma buzina.

Assim que meus olhos vasculham a paisagem em busca de fadas, o som de dezenas de passos ecoa pelo buraco. Nem um minuto depois, fadas armadas saem da abertura, apontando suas armas para nós e gritando ordens.

— Mãos nas costas! Mãos nas costas!

Des faz conforme as instruções, parecendo sempre um prisioneiro submisso. Seguindo sua deixa, movo minhas próprias mãos para as costas.

As fadas gritam perto de nós, enquanto ignoram nosso ex–prisioneiro. Não que eu esteja tão surpresa. Suas roupas estão esfarrapadas e foram feitas de modo caseiro, e ele parece ter estado do lado errado de muitos socos, que é a mesma aparência de todos esses soldados. Des e eu, no entanto, estamos vestidos com sedas finas e (relativamente) limpos.

— Encontrei esses dois vagando pelas planícies — diz o ex–prisioneiro de Des. — O Rei Henbane vai querer vê-los. Eles têm magia aos montes.

Os soldados grunhem, nos olhando apreciativamente. — Você receberá sua recompensa.

— Estou ansioso por isso.

Eu estreito meus olhos para o nosso ex-prisioneiro.

Ele me dá um sorriso cheio de dentes e uma saudação de dois dedos. — Aproveite a sua estadia — diz ele, afastando-se. A fada nos deixa lá, descendo fenda adentro até que a terra o engula completamente.

Os soldados se movem para nos algemar, suas contenções de metal tilintando uma contra a outra. O som me dá uma quantidade de pavor

considerável. Por uma fração de segundo, estou vividamente de volta à prisão de Karnon.

— Algeme-a com ferro e você perde suas bolas — diz Des, me puxando de volta ao presente.

Um dos soldados hesita, depois aperta os olhos para Des, um brilho cruel neles. — Isso é uma ameaça?

— Não, ele está apenas recitando poesia para você — eu digo.

O olhar da fada se move do Negociador para mim, seus lábios pressionados como se ele tivesse provado algo ruim. De repente, ele balança a palma da mão em minha direção.

Ele nunca chega a dar o golpe. Sua mão congela a centímetros do meu rosto.

— Ah, ah, ah. Ninguém lhe disse que é falta de educação bater em uma garota? — A voz do Negociador é sedutora, mas em suas costas, as asas apareceram. Elas se abrem ameaçadoramente.

A exibição é obviamente um aviso, mas os soldados se aproximam dele de qualquer maneira.

Em um instante, a magia de Des explode, derrubando as fadas no chão. Com outro impulso de poder, as armas dos soldados são arrancadas deles, as espadas e peças de ferro se voltam contra seus donos. Eles ficam presos no lugar, mantidos reféns por suas próprias armas.

O único que não está preso contra sua arma é o soldado que tentou me bater. Esse está deitado no chão, os olhos arregalados enquanto o braço se ergue diante dele. Enquanto ele assiste, seus dedos começam a se fechar em punho.

Ele gagueja: — O-O que em todas as...

Seu punho desce, batendo no próprio rosto com um barulho de carne contra carne. E levanta de novo apenas para dar um segundo golpe - depois um terceiro, quarto, quinto. O soldado grita quando sangue começa a pingar de seu nariz.

— Ah, seus tolos — diz um dos soldados caídos. Ele está olhando para as asas de Des — esse é o Rei da Noite!

Os olhos do Negociador fazem uma varredura sobre eles. — Eu cansei de joguinhos. — Sua voz pinga de ameaça. — Leve-nos ao seu rei.

As TERRAS BANIDAS na verdade têm uma sociedade. Você quase pode chama-la de civilização, exceto que de civil ela não tem nada.

Desde que desci no cu do Outro Mundo - mais conhecido como a fenda aberta no chão - tive uma introdução rápida e completa à Maltira, a Cidade dos Banidos.

Até agora, eu vi seis lutas começarem, quatro fadas desmaiadas, três casais fazendo aquilo (sete se você contar a dança muito questionável pela qual passamos) e dezenas de pessoas usando joias feitas de ossos de fadas.

Aparentemente, colares de ossos são uma *tendência*.

No início, algumas fadas me assediaram e outra agarrou sua virilha. Tudo isso terminou em um pequeno e divertido momento em que os assediadores misteriosamente começaram a confessar ter fetiches com avós e doenças venéreas, e o pegador de virilhas começou a apertar suas bolas até implorar por misericórdia.

O tempo todo o rosto de Des permaneceu agradavelmente passivo, mas através do nosso vínculo eu pude sentir o hálito frio de sua magia, inquieta pela agitação.

Não irrite meu namorado, mano.

Quando ele me pega olhando, deixa a máscara cair para me dar um pequeno sorriso diabólico. Então a máscara volta e ele vira o Negociador indiferente, porém implacável mais uma vez.

Ao nosso redor, os guardas andam rigidamente, suas lanças e facas a postos e suas expressões ameaçadoras. No entanto, nenhum deles fica muito perto de mim ou de Des, para que não despertem a ira do Rei da Noite novamente.

Olho para o teto da caverna acima de mim. Todas aquelas histórias sobre fadas que vivem Sob a Montanha eram verdadeiras, afinal.

Nossas escoltas armadas nos levam a prédios que se elevam da terra para o ar, como se tivessem sido formados a partir de um único pedaço de barro. Passamos por filas e filas desses prédios, cada um ocupado por fadas desconfiadas que esculpiram novas vidas para si mesmas.

Assim como a terra acima, o ar aqui está seco, sem magia. Mas não é apenas a magia que falta neste lugar. Eu esperava uma certa elegância fae característica do Outro Mundo, mas a maioria dos edifícios são desprovidos de decoração; ninguém tentou esculpir desenhos em lintéis ou pintar adornos. Tão perceptível quanto a falta de elementos estéticos é o aspecto descuidado e o estado de ruína do lugar. Há pedaços de lixo aqui e grafites ali. O edifício do outro lado da rua está manchado e parcialmente desmoronado. O próximo a ele foi grosseiramente remendado com lama e couro. É tudo muito atípico dos fae.

Saímos desse centro da cidade por um corredor cortado na rocha. Já descemos centenas de metros, mas, a julgar pela inclinação da passagem, estamos prestes a ir ainda mais fundo no chão.

Olho para as arandelas da parede onde chamas tremeluzem; o odor delas fecha minhas traqueias. Cheira a cabelo queimado e carne podre, e estou seriamente preocupada com do que as velas são feitas.

Após um número vertiginoso de ziguezagues e alguns lances de escada, nosso grupo encontra duas fadas armadas que bloqueiam a passagem. Uma delas é um fae da Fauna, as orelhas macias da raposa surgindo entre os cabelos ruivos. O outro poderia ser de qualquer outro reino, com seu cabelo loiro claro e os olhos cor de musgo. Ambos usam os mesmos uniformes irregulares e caseiros.

— O Rei da Noite e sua parceira solicitam uma audiência com o rei — um de nossos acompanhantes diz aos fae que estão de guarda.

Aquele com as orelhas de raposa grunhe, dando uma boa olhada em mim, seu olhar se demorando nos meus seios, quadris e pernas, porque aparentemente todo criminoso aqui tem que agir feito a porra de um clichê.

Sua atenção se move para Des e seus lábios se curvam. — Se o rei não pode drená-los, ele não quer vê-los.

Por um momento, nada acontece.

Mas então a magia de Des rasga através da sala, jogando as fadas banidas contra as paredes úmidas de barro.

Não vou mentir, têm sido um dia muito difícil para esse grupo.

O poder do Rei da Noite os prende ali, e é tão óbvio que, se quiséssemos, poderíamos entrar para ver esse rei e nenhum de seus lacaios poderiam nos impedir.

— Você tem que perdoar seu colega soldado — diz Des, aproximando-se do Orelhas de Raposa. — Ele não formulou nossas demandas corretamente. Este não é um *pedido*. É uma ordem. Mas vá em frente, desobedeça. Eu amo ouvir fadas gritarem. — Ele toca a bochecha do Orelhas de Raposa.

A fada balança a cabeça para frente e para trás, choramingando como se pudesse sentir os primeiros tentáculos de dor.

Des o avalia por um momento, depois com um movimento do pulso, libera todos os homens.

Eles caem no chão, esfregando os membros anteriormente presos.

A postura durona das fadas parece ter acabado, mas antes que qualquer uma delas possa se recuperar, Des paira sobre Orelhas de Raposa. — Ah, e uma palavra de advertência: olhe novamente para minha parceira com algo que não seja respeito e benevolência, e você perderá os olhos.

Caralho.

Orelhas de Raposa inclina a cabeça, as orelhas caídas e a postura submissa. Ele assente, e com isso, ele e o outro guarda se afastam e deixam nossa comitiva passar.

— Tenho que ameaçar cada maldito grão de areia neste lugar… — Des murmura baixinho.

Não posso deixar de concordar com ele. A única coisa que alguém parece respeitar por aqui é poder.

Passamos por mais três grupos de guardas (dois dos quais também precisaram ser ameaçados) e descemos mais fundo na montanha antes de finalmente chegarmos a uma enorme porta de pedra.

Tão abaixo da terra, onde o céu é apenas uma lembrança distante, eu posso sentir o mais leve suspiro de magia.

Portanto, as Terras Banidas não foram ceifadas de todo o poder. Apenas da vasta, vasta maioria dele. E agora entendo por que os cidadãos das Terras Banidas construíram no subterrâneo. Porque quanto mais baixo você vai, mais perto fica da magia. E em um mundo em que todos

os indivíduos estão sufocando com sua ausência, até a menor sugestão dela é preciosa.

A porta de pedra é aberta e dou uma primeira olhada no santuário interno do rei.

A sala abobadada está repleta de fadas com tangas e bandanas, calças de couro e pintura corporal. É tudo tão primitivo e estranhamente - brutalmente - sensual.

As fadas nos cercam de todos os lados, fazendo nossa viagem pelo corredor ser lenta e claustrofóbica.

Assimilo as hordas, seus rostos exóticos variando de curiosos a sanguinários. Além deles, vejo o topo do trono improvisado, esculpido em pedra e equipado com osso e aço. Mas é só quando estamos quase no final do corredor que a multidão se separa, e eu finalmente o vejo.

O rei.

Ele descansa no trono de pedra, as pernas abertas. No lugar de uma camisa, ele usa dezenas de colares de ossos esbranquiçados, cada um com um número estonteante de dentes e ossos. Suas calças de couro marrom estão penduradas nos quadris bronzeados e, presas a elas, várias lâminas, algumas feitas de pedra, outras de aço.

Seu cabelo castanho está amarrado para trás numa trança, que caí pendurada sobre os ombros. Uma coroa feita de metal e osso pousa no alto de sua cabeça. A coisa é feita de forma grosseira, e estou surpresa que um fae usaria uma coisa dessas. Parece algo que eu fiz na aula de artes quando eu tinha cinco anos.

Seus brilhantes olhos verdes caem primeiro em Des antes de pousar mim. Aqui, eles demoram um tempo, passando do meu rosto para os peitos, quadris e pernas. Então eles fazem uma lenta subida de volta. Enquanto ele me avalia, seus dedos batem contra um dos apoios de braço.

Eu diria que ele está entediado, exceto que há muito interesse em seus olhos.

As fadas à nossa frente param e se ajoelham. — Vossa Majestade — murmuram.

— Vejo que temos visitantes. — O rei diz isso como se Des e eu estivéssemos ofendendo seus sentimentos. *Seus* sentimentos. Diz o homem sentado na cadeira capenga que parece ter sido feita quando ele estava bêbado.

As fadas ajoelhadas agora estão de pé, virando-se para nós.

— Curvem-se diante de Sua Eminência, Senhor dos Banidos, Mestre dos Esquecidos, Protetor dos Malignos. Rei Typhus Henbane — ordena um de nossos acompanhantes, embora pareça um pouco doente enquanto diz isso.

O Negociador dá alguns passos à frente. — Você tem títulos? Que encantador.

O Rei Henbane fica de pé, com os cabelos castanhos brilhando sob a luz

das tochas e seus colares farfalhando. — Forçou o seu caminho para a minha presença, e nem sequer fez uma reverência. Não posso dizer que estou surpreso com sua impetuosidade, Desmond Flynn.

Então ele sabe quem é Des. Percebo também que ele descartou o título do meu parceiro. Definitivamente há uma afronta aí. E hoje realmente não é um bom dia. O Negociador parece particularmente irritadiço.

O olhar de Typhus desliza para mim e, novamente, ele me avalia. Desta vez, no entanto, há mais do que um toque de desprezo neles. — Mas já a sua amante escrava não demonstrar respeito… — Ele estala a língua. — A última vez que sofri um insulto tão grave, empalei a fada por isso.

Sob nosso vínculo, sinto um lampejo de raiva branca e quente. Mas olhando para Des, você nunca desconfiaria.

O Rei da Noite dá um sorriso zombador à Typhus. — A última vez que vi um palhaço fingindo ser rei, eu realmente ri.

Oooooh, toma essa.

A sala fica mortalmente silenciosa.

Bem, isso chamou a atenção deles.

As asas do suposto rei oscilam às suas costas e seu rosto treme. — Se você veio aqui para pedir um favor meu, *ó grande rei*, talvez você possa querer começar de novo.

— Você é um criminoso exilado ainda cumprindo sua sentença. Em que mundo eu pediria um favor à você?

Typhus ri diante disso, a multidão ecoando o sentimento.

Quando o salão se acalma, ele diz: — Você sabe como eu virei rei? — O rei se senta novamente em seu trono. — Eu já era forte antes de ser enviado para cá, cento e cinquenta anos atrás. E desde então eu absorvi a magia de incontáveis homens.

Só um dia aqui e já me deixou com o que parece ser uma ressaca leve. Não consigo imaginar anos, décadas, séculos disso. Typhus deve ser poderoso, para viver aqui por tanto tempo e ainda ter muita magia.

— Milhares me deram seus poderes — continua ele — tudo em troca da minha proteção... proteção que você está ameaçando agora.

Des levanta as sobrancelhas. — Então é isso?

— Nós não estamos mais no seu reino. Estamos no meu.

Ele não diz isso explicitamente, mas está sugerindo que Des e estamos vinculados à loi du royaume - que devemos nos submeter ao governo de Typhus e às leis de sua terra.

Os olhos dos Negociador varrem a sala. — Então este é o seu reino agora? — Ele deixa escapar uma risadinha surpresa.

O Rei Henbane aperta com mais força os braços do trono.

— Perdoe-me — diz Des — mas esta é a primeira vez que ouvi falar de alguém *querendo* esse buraco de merda.

Henbane se levanta de novo, seu rosto corado de raiva. Nas suas costas, asas angulares e iridescentes começam a se formar.

Awwwn, meu namorado irritou alguém?

O rei faz um gesto para alguém na multidão e, em resposta, uma fada se afasta das massas reunidas, um par de grilhões de ferro nas mãos enluvadas. Vários soldados de nossa comitiva agora agarram Des, hesitantemente. Eles podem não querer entrar em outra briga com o Rei da Noite, mas também não querem trair sua lealdade.

Eles colocam as mãos do meu parceiro na frente dele, e Des apenas deixa. Faço um movimento para interceder, mas dois de nossos acompanhantes me param, me segurando no lugar.

O Rei da Noite me lança um olhar e, ao contrário de todas as suas palavras brincalhonas, a expressão é séria, embora eu não tenha certeza de qual mensagem silenciosa ele está tentando transmitir para mim.

A fada com algemas de ferro se aproxima do Negociador. Não ligo que Des seja poderoso e inabalável quando a fada as leva ao pulso dele; eu luto ao vê-las. Durante meu tempo como prisioneira de Karnon, vi exatamente o que o ferro fazia com os faes.

Com um barulho sinistro, o soldado algema Des. Elas ficam nos pulsos dele por apenas um instante antes que os grilhões de ferro deslizem inutilmente, aterrissando no chão de terra em frente à Des.

O Negociador levanta as sobrancelhas. — Isso não deveria acontecer, acredito eu? — Ele pergunta.

No trono, o rei aperta um de seus punhos, mas, do contrário, continua a assistir impassível.

Franzindo a testa, a fada pega as algemas de ferro com a mão enluvada e novamente tenta algemar Des.

E novamente as algemas escorregam dele, caindo mais uma vez no chão. Desta vez, quando o guarda se agacha para pegá-las, o Negociador as chuta para longe.

— Oops.

Typhus se recosta em seu assento, seus olhos verdes afiados passando para mim. — Como nosso caro rei não cooperará, coloque um par de algemas na vadia que está com ele.

Em resposta, a sala fica um pouco mais escura.

Mais uma vez, a fada se abaixa e pega os grilhões. Só que, assim que os toca, as algemas se prendem ao pulso dela. Suas luvas escorregam, expondo sua pele nua ao ferro. Leva apenas alguns segundos para que seus gritos comecem.

E aqui está a prova de que todo esse reino não passa de ouro de tolo. Já fiquei presa perto de soldados reais o suficiente para saber que, por mais que o ferro os tivesse queimado, eles não dariam aos captores o benefício de seus gritos. Ser fodão sempre ao máximo.

E isso é o quão durões os verdadeiros soldados são. Essas fadas nada mais são do que garotos e garotas interpretando soldados.

Des dá vários passos à frente, sua magia se espessando no ar. — Você realmente não deveria ter dito isso.

Esse é todo o aviso que ele dá. No instante seguinte, o poder explode,

rasgando a sala. Ele detona a multidão de fadas, derrubando-as como pinos de boliche. Até Typhus é jogado de volta contra seu assento, a pedra tremendo sob a força da magia de Des.

O rei parece completamente chocado por um momento, e não consigo decidir se ele está impressionado com o poder de Des ou com sua audácia.

Quando se recupera, magia começa a se formar em seu punho, dobrando a luz, que assume a forma de um raio. Ele atira-o como uma lança, apontando direto para Des.

O Negociador não se mexe, embora tenha tempo para evitar o impacto. Em vez disso, ele leva todo o choque quando o dardo de luz bate em seu peito.

Ele resmunga com o impacto, depois toca seu peito com apenas um leve interesse. — Eu estou impressionado. Quantos dos seus súditos você drenou para acumular esse tipo de poder? Centenas? Milhares? Você deve ter tido que se associar a todo mundo aqui para exercer esse nível de magia.

Outra lança começa a se formar na mão de Typhus. — Eles abriram mão do poder de bom grado — Aham. E bolo não tem calorias — para que eu pudesse defende-los de homens como você.

Des acena com a mão e o Rei Henbane é jogado de volta em seu assento, sua magia se desintegrando em um instante.

— *Chega*. — O Rei da Noite diz com tanta finalidade que a sala cheia de criminosos durões agora fica quieta.

Des dá um passo à frente. — Disseram-me que você poderia me dar respostas e as terei, de um jeito ou de outro.

Typhus faz uma careta em seu assento, seu corpo ligeiramente contorcido. Leva um momento para eu perceber que é porque a magia do Negociador o prende no lugar. Ao nosso redor, as fadas que lotam a sala parecem ser retidas por mãos invisíveis.

Pela primeira vez desde que saímos da tumba de Galleghar Nyx, o ar está cheio de poder. Desliza sobre meus braços e enrola em torno dos meus tornozelos, acariciando minha pele. Mas, diferentemente da magia na tumba de Galleghar, o poder de Des é familiar e convidativo; ela se enrola sobre mim como uma manta.

Des se aproxima do estrado, cada passo cuidadoso ecoando pela sala silenciosa. Ele deixou todos em choque.

— Há uma cova no território sudoeste das Terras Banidas — diz ele, com o olhar voltado para Typhus. — É marcada por várias pedras grandes. O corpo dentro dela era imune a danos. E agora está desaparecido. Eu quero saber como isso aconteceu.

Typhus estreita os olhos, um brilho calculista neles. — Eu não tenho idéia do que você está falando — diz, suas palavras soando falsas.

Eu já menti melhor quando usava fraldas.

— Mas mesmo se eu tivesse — ele continua — por que deveria lhe

dizer? Você não reconhece meu domínio.

Des estuda a fada, sua cabeça inclinada para o lado.

Meu corpo fica tenso, esperando alguma reação com uma boa dose de petulância.

Mas não é isso que acontece.

A expressão de Des se torna quase contemplativa. Ele assente, como se Typhus não acabasse de ser totalmente inútil e tivesse falado um monte de merda.

Ao redor da sala, a magia do Negociador é suspensa, e o ar parece ressecado novamente. Cautelosamente, as fadas começam a se levantar.

Typhus não se mexe, fingindo que deliberadamente escolheu sentar-se como um pretzel dobrado.

— Há um outro assunto de que devo tratar antes de voltarmos ao meu reino — diz o Negociador, esperando até ter certeza de que tem toda a atenção da sala. — Você sabe tão bem quanto eu que não posso sair daqui com você do jeito que está — diz Des. — Então, ou você dá a eles — ele sacode a cabeça para as hordas desesperadas que nos cercam — a magia deles de volta, ou farei isso por você.

Acredito que *farei isso por você* envolve armas afiadas e um corpo morto.

Typhus levanta do trono, o rosto escurecendo e as mãos tremendo com a raiva crescente.

O cheiro da magia emprestada do rei banido satura o ar; cheira exatamente como você imaginaria - como naquela vez que, feito um idiota, você experimentou muitos perfumes em si mesmo e agora todos esses cheiros fortes e potentes estão colidindo e dando a você uma dor de cabeça monstra.

— Mate-o ali mesmo onde ele está! — É uma ordem aberta, e tenho certeza que esse idiota espera que todas as fadas nesta sala respondam a isso.

— *Não*.

Sinto o poder dessa única palavra ondular através do espaço fechado. Mas não é Des quem diz isso.

Me afasto do Negociador, minha pele iluminada.

Já tive o bastante deste lugar, onde o próprio ar parece tentar espremer sua magia para fora de você, e já tive o suficiente desse homem, que por todos os seus anos de vida, não aprendeu nada, exceto como ser um cuzão brutal.

Em resposta à minha magia, a multidão ao nosso redor começa a nos pressionar, ninguém tão próximo quanto nossos guardas. Assim que seus olhos caem em mim, eles esquecem que são fadas que se prezam e têm deveres. Eles se movem em minha direção, prontos para tocar minha pele, acariciar meus cabelos, me beber e me consumir inteira. É como sempre foi, só que aqui, neste lugar sem magia, meu glamour é ainda mais atraente.

— Saiam do meu caminho — ordeno, meu poder enchendo minha voz.

As fadas fazem o que digo - ainda que com um pouco de relutância.

— O que vocês estão fazendo, tolos? — Esse rei grita com eles, apesar do fato de ele não poder desviar o olhar de mim.

— Cale a boca — eu ordeno.

Sua boca se fecha com um estalo.

A pura indignação em seu rosto! Eu saboreio cada gota.

— Ninguém se move, exceto para respirar — ordeno, minha voz ecoando na caverna. — Ah, e Des, ignore meus comandos. Você pode fazer o que quiser.

Ao nosso redor, a sala parece congelar no lugar. Se eu não soubesse, diria que estava em um salão de estátuas.

O Negociador cruza os braços e se inclina contra a fada congelada mais próxima, usando-a como se fosse uma parede. Des tem uma boa dose de alegria nos olhos, e é claro que ele está ansioso para me deixar roubar o show.

Começo a andar pelo corredor, em direção à Typhus, meus quadris balançando.

Vou até o trono, o olhar de Typhus preso no lugar. — Você pode mover seus olhos — eu permito.

Imediatamente eles se movem em minha direção. É difícil ler suas emoções, já que o resto dele ainda está congelado, mas eu definitivamente diria que estou recebendo algumas fortes vibrações de raiva vindas dele.

— Eu realmente não deveria deixar você fazer isso — diz Des atrás de mim. Ele parece alegre.

Eu alcanço o trono de Typhus, e Deus, sua cadeira é ainda mais feia de perto. Sua coroa malfeita repousa ali, ao alcance, e eu simplesmente não consigo me conter. Estendo a mão e levanto a coisa da cabeça dele, depois a coloco na minha. — Olhe só isso — eu respiro. — A escrava que você queria algemar agora é sua rainha.

Agora eu posso *ver* a raiva de Typhus borbulhando em seus olhos. Ainda assim, ele continua impotente.

Por um capricho, ordeno-lhe: — Levante-se, Typhus.

Roboticamente, ele se levanta da cadeira.

— Agora, *ó grande rei*, curve-se diante de mim. — Typhus mergulha para baixo, o nariz quase tocando os joelhos enquanto é forçado a seguir o meu comando.

Como detetive particular, recebi meu quinhão de olhares irritados quando alguém é pego na teia do meu glamour. O Rei Henbane não é exceção. Ele olha para mim como se estivesse amaldiçoando minha própria existência com os olhos.

Eu aprecio sua reação como um gato aprecia leite. — Senta.

Ele senta.

Ele não vai se recuperar disso. Não agora que seus súditos viram como

facilmente peguei sua coroa e subjuguei sua vontade.

Inclino minha cabeça ao vê-lo, sombrio e impotente. Há algo sobre um homem abatido que me atinge da maneira bem distorcida.

Cedendo à minha natureza mais básica, eu avanço, subindo no colo do rei, montando em suas coxas.

Sinto o fio mais fino de ciúme através da minha conexão. Aprecio essa reação também.

Eu sou algo a invejar.

Levantando uma mão, pego um dos colares dele, apreciando a maneira doentia com que os ossos e os dentes tremem quando se roçam.

Meu olhar passa para ele, e os olhos verdes de Typhus parecem escurecer. Ainda há muita raiva neles, mas agora também há luxúria.

Eu sorrio. Alguém provavelmente quer me foder com raiva.

Não seria a primeira vez.

Eu me ajusto no colo dele, sacudindo meu cabelo.

Por que mesmo eu achei que glamourizá-lo era importante...?

Ah, certo.

— Você responderá todas as minhas perguntas completa e honestamente — eu ordeno. — Agora, há quanto tempo a tumba foi aberta? — Pergunto.

Seu lábio superior se contrai de desgosto. — Algumas semanas atrás.

Recente. Parte de mim tinha assumido que a tumba foi aberta anos atrás.

Olho por cima do ombro para Des, um sorriso satisfeito no meu rosto. Ele olha para mim e sua expressão é divertida, mas seus olhos estão tempestuosos.

Girando para frente novamente, eu me inclino em direção a este rei idiota, acariciando sua bochecha. Em resposta, a sala escurece um pouco. Aparentemente, meu parceiro tem algumas objeções em relação a eu acariciar outros homens.

— E quem abriu a tumba? — Eu respiro.

— Eu não sei — ele rosna.

— Como assim você não sabe?

— Quero dizer que não era um quem.

Estou perdendo a paciência.

— Explique — eu ordeno.

Mais uma vez, ele hesita. Que fofo. Como se ele pudesse lutar contra o domínio que eu tenho sobre ele.

Depois de dois segundos, ele desiste. — Na noite em que o morto ressuscitou - na noite em que Galleghar ressuscitou — ele esclarece, deixando claro que ele sabe exatamente quem estava enterrado naquele túmulo — foi uma sombra que o roubou.

Capítulo 12

ACHO QUE NÃO estou respirando. Ao meu redor, a sala escurece.

— Uma sombra — repito.

De volta à essa sombra traiçoeira. Eu quase tinha esquecido desse aspecto do Ladrão de Almas. As amas-de-leite do Reino da Noite tinham visto uma sombra vigiando as crianças do caixão, e no Reino da Flora eu ouvi falar de uma sombra visitando as mulheres adormecidas.

Olho por cima do ombro para Des, nós dois compartilhando um olhar. — Como era a sombra? — Pergunto, encarando Typhus mais uma vez. Minha voz diminui quando o glamour escorre pela minha língua.

Typhus olha para mim, sua fúria ainda aparente. — Parecia uma *sombra*. Eu não sei, eu não estava lá. Isso é exatamente o que foi relatado para mim. Maldita escrava idiota. — Esta última parte ele diz baixinho, apenas alto o suficiente para eu ouvir.

O quarto escurece de qualquer maneira. Não preciso olhar para trás para saber que Des está quase pronto para um ataque. Eu não deixo ele ter a chance.

Eu estalo minha língua e agarro o queixo de Typhus, apertando sua mandíbula da mesma maneira que parentes irritantes adoram apertar o rosto das crianças. Abaixo minha voz para combinar com a dele. — Essa escrava idiota tem seu livre-arbítrio nas mãos. Agora, peça desculpas a mim.

— Eu sinto muito.

É o pedido de desculpas menos sincero que já ouvi.

Eu mudo meu peso de lugar, a reação ganhando um gemido dele.

Definitivamente seria uma foda raivosa se tratando deste aqui.

— Do que você está arrependido?

Ele olha para mim. — De absolutamente nada, sua puta chupadora de pau.

Minhas garras afiam, e sinto as picadas nas costas; são minhas asas que querem se manifestar.

Por que homens como esse sempre cedem aos insultos? É embaraçosamente previsível.

— Você vai pagar por isso — digo baixinho. — Depois que você me der o que eu quero, você pagará por isso. — Eu me inclino em seu ouvido.

— Talvez eu faça você chupar o pau de alguém.

Nem sobre o meu cadáver eu faria alguém fazer isso. Mas um pouco de ameaça vazia faz maravilhas pela cooperação.

Eu recuo. — Eu poderia, sabe, — digo, minha voz baixa como a de um amante — Eu poderia fazer você se ajoelhar para cada homem nesta sala, e você não teria poder para me impedir.

A magia emprestada de Typhus penetra no ar ao nosso redor, o indicador mais óbvio de que por trás de seu exterior congelado há uma tempestade de raiva.

Alguém aqui realmente não está acostumado a estar na parte inferior de uma dinâmica de poder.

Eu dou um tapinha na bochecha dele de forma condescendente. — Agora, seja um bom menino e vamos cooperar para que isso mude. — Minha mão cai em um dos colares e eu toco um pequeno osso. — Você disse que a sombra roubou Galleghar. O que Galleghar estava fazendo enquanto isso acontecia?

— Andando. — Ele diz isso de forma irônica, como se não houvesse outra maneira de um outrora cadáver deixar uma tumba. Após uma breve pausa, ele acrescenta: — Meus relatórios disseram que ele saiu da tumba ao lado de uma sombra.

Então Galleghar permaneceu sem vida em sua tumba até que uma noite uma sombra veio e provavelmente o acordou. Então os dois fugiram noite adentro, e o resto de nós sem saber de nada.

— Bom, — eu digo distraidamente, dando um tapinha em sua bochecha mais uma vez. — Bom.

Começo a sair do colo de Typhus, meus pensamentos em corpos e sombras adormecidas, quando paro. — Ah, eu quase esqueci. Há mais uma coisa. —Sento-me no colo do rei, inclinando a cabeça para o lado. Ele ainda não sabe, mas é assim que um pássaro encara um verme particularmente suculento.

— Como você está tão forte? — Eu pergunto, minha pele ainda brilhando, minha voz ainda harmônica. Estou queimando magia como se eu fosse uma garota de irmandade vomitando tequila em Cabo.

— Eu já disse a você, — diz ele entre os dentes cerrados — estou associado aos meus súditos.

— Como um... se *associa* com o outro? — Olho para Des, que está começando a posar fadas congeladas como se fossem renas de Natal, cada posição um pouco mais comprometedora que a anterior.

Fico de frente novamente, assim que Typhus responde: — Faça um pequeno juramento, troque um pouco de fluido corporal e um abraço breve - isso é tudo o que é preciso.

— Tudo o que é preciso para as fadas darem a você o poder delas?

— Se esse for o juramento que eles fizeram.

— E todas essas fadas alegremente deram a você sua magia? — É difícil até mesmo fazer uma pergunta tão ridícula.

— Elas não só me *dão* isso.

Parece que eu cheguei perto de agitar as penas deste rei. Pobre Typhus, ser acusado é realmente *péssimo*.

— É isso mesmo — digo devagar — você oferece proteção a eles em troca - e acho que também um lugar para ficar em sua cidade subterrânea. Que magnânimo de sua parte.

O ar engrossa com a magia de Typhus.

Definitivamente atingido em um ponto dolorido. Seus olhos não parecem mais apenas zangados; eles parecem selvagens com pânico.

No momento, ele só pode responder minhas perguntas, e estou curiosa para ver o que está acontecendo por trás desses olhos.

— O que foi, Typhus?

— Fadas morrem aqui o tempo todo.

— E aposto que você não tem *nada* a ver com isso.

Mais uma vez, ele parece desesperado para se explicar. Pena que não estamos jogando este jogo pelas regras dele.

Estamos jogando pelas minhas.

— Você ou os fae que trabalham para você têm alguma coisa a ver com as mortes das fadas que 'morrem aqui o tempo todo'? — Eu pergunto, jogando as palavras de volta para ele.

Mais uma vez, esse pânico está em seus olhos.

Você fez sua própria cama de merda, amigo. Agora você tem que deitar nela.

Typhus fica sem responder por três segundos.

— *Às vezes* — ele finalmente assobia.

Não estamos falando alto, mas as palavras dele ainda ecoam pela sala.

Juro que o silêncio, de alguma forma, acabou de ganhar garras e dentes.

Eu me inclino um pouco mais perto e baixo minha voz. — Lembra quando eu disse que você pagaria por suas palavras?

Ele olha para mim. O filho da puta lembra.

Eu giro. — Todos os fae nesta sala agora podem mover seus pescoços.

Assim que as palavras são pronunciadas, a multidão de fadas concentra sua atenção em nós.

Giro para Typhus mais uma vez. Ele ainda não consegue se mover, mas está começando a suar, pequenas gotas de suor dando à sua pele um certo brilho.

Ele sabe o que está por vir. Que delicioso! Eu gosto de como eles se contorcem no final.

Eu saio de cima dele e encaro a sala, erguendo minha voz para que todos possam ouvir. — Você, Typhus Henbane, vai confessar para toda essa sala tudo o que você não quer que eles ouçam, começando com suas verdadeiras intenções ao tomar o poder deles — ordeno.

Seu rosto está ficando vermelho e ele está rangendo os dentes, numa tentativa desesperada de parar o inevitável.

— Eu... eu... — Typhus tenta parar, até que a confissão é arrancada de seus lábios. — Passei o último século e meio inventando maneiras de manipular fadas para tirar seus poderes, usando qualquer meio que eu pudesse pensar. Eu-eu fiz isso para poder permanecer saudável e forte neste lugar. Troco magia por minha proteção, mesmo que eu seja a pior coisa que as fadas têm a temer por aqui.

Ele respira fundo. — Eu matei centenas, talvez milhares de fadas - algumas diretamente, e outras indiretamente depois que eu drenei muita magia delas. Eu tenho uma sala escondida cheia de inúmeras fadas que estão mortas.

Um arrepio espontâneo passa por mim.

Parece o Ladrão de Almas.

Ele continua: — Eu tento mantê-los vivos o maior tempo possível...

— Por quê? — Eu interrompo.

— Quando uma fada morre, o vínculo é quebrado e Typhus perde o poder — diz Des de onde ele está. — Homens mortos não podem prestar juramentos.

Typhus começa a explicar a mesma coisa, forçado pelo meu glamour a responder minha pergunta. Quando ele termina, faz uma pausa, sempre esperançoso de que ele pode contornar minha outra ordem - aquela em que ele confessa seus crimes.

Eu levanto minhas sobrancelhas, confusa.

Ao meu redor, fadas lançam lhe olhares venenosos. Pobre Typhus.

Com um calafrio, ele continua. — Eu chantageei homens e mulheres para fazer sexo comigo. Eu menti sobre o quão forte eu realmente sou - eu não consigo parar sozinho uma revolta, se alguma acontecer...

E assim por diante.

Demora vinte minutos - vinte minutos incriminadores - para Typhus terminar a impressionante lista de merdas que ele já fez. Ao final desses vinte minutos, você pode sentir a sala clamando por seu sangue.

Inferno, depois de ouvir seu longo relato minucioso de atos sujos, *eu* quero rasgar a garganta dele.

Este rei também sabe disso. Ele agora está suando abertamente; suor escorre em seus olhos e desce pelo queixo. Foi-se sua arrogância. Eu me pergunto quanto tempo faz desde a última vez que ele sentiu esse tipo de medo.

— Peça desculpas à todas essas fadas — ordeno Typhus. — Peça desculpas e seja *sincero*.

Seus olhos se movem para a multidão. — Sinto muito por tudo que fiz. — Sua voz é baixa e oca com algo como culpa. Definitivamente não é arrependimento, mas tanto faz. Algumas pessoas nunca se arrependem de suas escolhas, apenas de onde suas escolhas às levam.

Eu ando ao redor do trono, minha pele ainda brilhando, forte como a porra do meu poder. Eu ainda uso a coroa na minha cabeça e admito que o peso dela me dá um pouco de adrenalina.

Quando meu olhar encontra o de Typhus, seus olhos queimam.

— Tudo bem, — eu digo — basta disso. — Eu uso minha voz doce e sedutora, e o rei parece relaxar ao ouvir.

Eu praticamente posso ouvir seus pensamentos - *quase acabando*.

— Ah — digo surpresa — você achou que eu tinha terminado com você? Oh, Typhus, não, não, não. — Estou balançando a cabeça, minha voz cheia de pena.

Através da minha conexão, posso sentir um sussurro de Des. A sensação é tão fraca que é difícil saber qual emoção dele deslizou através do nosso vínculo, mas se eu tivesse que adivinhar, diria que é admiração. E percebo que é a primeira vez que ele realmente me vê usando minha magia. Parar os soldados adormecidos era uma coisa, mas brincar com o livre arbítrio de um homem? Humilhando e expondo-o enquanto saboreio a matança?

Este é um novo território para ele. E a julgar pela reação, meu rei perverso aprova.

— Ninguém nesta sala vai sair daqui sem seus poderes — eu digo.

Em resposta, o rosto de Typhus fica vermelho e outra onda de poder enche o ar. Ele ainda está vinculado ao meu glamour, no entanto, apenas para responder minhas perguntas.

Eu o olho por alguns segundos, deixando sua poderosa magia lutar contra a minha. É inútil. Eu tenho controle absoluto sobre ele agora.

Mas vou satisfazê-lo.

— Vá em frente — eu digo — diga-me o que está pensando.

— O que você está pedindo é impossível! — Ele suspira. — Eu teria que quebrar todos os juramentos; algumas fadas nem sequer estão conscientes o suficiente para concordar com isso.

Minha voz fica gelada. — Ou eles poderiam simplesmente te matar. Afinal, homens mortos não podem prestar juramentos. — Olho para Typhus, sentindo cada pedaço da criatura sem coração que nossas lendas me fizeram parecer ser. — Tenho certeza que muitos de vocês vão dar um jeito.

Eu me afasto dele, um sorriso nefasto se espalhando pelo meu rosto. — Typhus Henbane, — eu digo, minha pele iluminada, meu glamour espessando o ar — eu ordeno que você devolva cada pedaço de magia que roubou dentro de dois dias. — Muito mais tempo do que isso, e meu glamour pode se desgastar.

Typhus me olha como se eu tivesse abaixado o machado em seu pescoço.

Eu nem terminei.

— Você nunca mais trocará poder por benefício próprio. — Meus olhos se voltam para as fadas. — Que seu povo tenha piedade de você.

Afasto-me dele em direção a Des, meus passos ecoando pela sala do trono. Toco a coroa que ainda pousa na minha cabeça e paro. Giro uma última vez para enfrentar Typhus.

— Ah, e eu vou ficar com isso.

Capítulo 13

Água - ok, quarto escuro – ok, massagem na testa - ok.

Eu fiz tudo dentro do meu (limitado) alcance para acabar com essa enxaqueca dos infernos. Nada está funcionando.

Esfrego minhas têmporas mais uma vez, minha cabeça latejando. — Por que tudo dói tanto? — Eu lamento. Minha língua está inchada e meus lábios ressecados. Até meus dentes parecem doer.

Desmond se aproxima de onde estou em seus aposentos. Ao nosso redor, a luz suave da lâmpada foi escurecida a ponto de quase apagar. Ainda não é suficiente. — É um dos efeitos colaterais indesejados de visitar as Terras Banidas.

Ele estende a mão fechada. Seus dedos se abrem, revelando o que parece um pedaço de doce, isso se doces fossem iridescentes. — Isso pode ajudar mais do que a massagem.

— O que é isso? — Eu pego o losango estranho da palma da mão.

— Acredite ou não, as fadas têm remédios, assim como os humanos.

Eu solto uma risada louca. — Isso é aspirina fae?

— Quase isso — diz ele.

— O que você quer em troca? — Eu pergunto, colocando o comprimido na minha língua. Quero dizer, essa enxaqueca é ruim ao ponto que eu ficaria feliz em vender um dos meus apêndices para o Negociador... mas ainda quero saber o que isso vai me custar.

Por um momento, a avareza em sua expressão desaparece e ele parece um pouco triste. — Callie, você não me deve nada. Não por algo assim. Me... desculpe se eu lhe dei essa impressão.

Minhas feições se suavizam. — Obrigada pela aspirina mágica. — Eu digo com um suspiro enquanto a pílula fica entre minha língua e meus dentes.

Não é amargo como a medicina humana, nem é doce como a bala dura que aparenta ser. Em vez disso, tem gosto de madressilva derretendo contra a minha língua.

Des beija minha testa, então seus olhos se erguem. Ele toca a coroa que ainda estou usando. — E cá estava eu pensando que você não queria ser uma rainha — diz ele, observando a coisa.

Eu a alcanço possessivamente. — É o meu prêmio de guerra. — ...

mesmo que pareça algo que um homem cego fez quando estava bêbado.

— Devo admitir que você é deliciosamente cruel quando quer ser.

Era *Um lindo pesadelo* antes, e agora é *Deliciosamente cruel*. Eu deveria estar mortificada com esses elogios, e talvez a parte socialmente aceitável de mim esteja, mas a parte de mim que quer se deliciar com o coração dos homens e se banhar em suas respirações agonizantes os está cobiçando, um por um.

O olhar de Des está intenso e com fome quando volta para mim. — Você coleta prêmios de guerra de todas as suas vítimas?

Eu tremo um pouco. — Eles não são minhas vítimas.

— Humm.

— Eles *não* são.

— Você vai responder à pergunta?

Tiro a coroa da minha cabeça e a estudo. É realmente feia.

— Apenas dos realmente ruins — eu digo. — Os que gostam de quebrar as pessoas. — Eles são os que mais gosto de fazer se contorcer a cada capricho meu. — Eu coleto lembranças deles.

Na minha casa, tenho uma caixa cheia dessas coisas que colecionei ao longo dos anos. Em dias particularmente ruins, dias em que nem Johnnie, Jack ou José conseguiam aliviar minha dor, eu saía furtivamente para o meu quarto de hóspedes, onde guardava a caixa, e ficava ali por horas, tirando item após item, segurando cada um em minhas mãos. E eu me lembrava de como quebrei alguns dos grandes vilões do mundo.

Se minha confissão assusta Des, ele não demonstra. De fato, sua expressão ficou ainda mais faminta. O lado fae dele está positivamente encantado ao ouvir essa minha perversão.

— Eu... descobri essa caixa em uma das vezes que visitei sua casa — Des admite.

Minha testa está enrugada. Ele sabia? Acho que estou alarmada.

— Então por que você perguntou? — Eu digo.

Des me ajuda a levantar, usando seu corpo para me dirigir à varanda de seu quarto. — Eu queria ouvir você dizer.

Atrás de mim, a brisa fresca da noite agita meu cabelo. Eu me viro e vou em direção à sacada, minha pele se arrepiando.

Ao contrário das Terras Banidas, Somnia é inundada de magia. Ele irradia de cada flor noturna que desabrocha, de cada pixie que voa por aí como se fosse uma lufada de vento. Ela amarra cada coluna decadente de nuvem e pinga como chuva dos céus. E agora sou parte disso, desde a minha magia fae até o vínculo que me conecta a esse rei de cabelos brancos.

Olho para Des enquanto me sento no chão de pedra da varanda.

Ele não tem idéia do quão apaixonada por ele eu sou. Seria impossível para ele entender.

Eu devo estar fazendo uma cara estranha, porque ele diz: — O que é, querubim?

Este é o ponto da conversa em que trocamos segredos. Ele me dá o que quero e eu confesso alguma verdade cobiçada. Você sabe, nosso típico dar e receber.

Lembro de seus olhos tristes. *Callie, você não me deve nada. Não por algo assim.*

Ele também não me deve nada por algo assim.

Balanço a cabeça. — Eu te amo muito. Você nunca saberá realmente o quanto.

Suas feições se acentuam e o olhar em seus olhos se intensifica. — O modo como as fadas amam... é o mesmo modo que vivemos. É imortal, violento, irracional e insuportável. Entendo suas palavras, querubim, porque existem aspectos do meu amor por você que são, simplesmente, *incompreensíveis*.

Meu coração começa a galopar quando nos encaramos, nossa conexão cantando em mim. Eu posso sentir Des debaixo do meu esterno, enquanto o encaro. Ele está sempre em mim, sempre uma parte de mim. É a sensação mais estranha de todas.

Nunca quebrando o contato visual, Des levanta a mão. Do fundo de seus aposentos, uma garrafa de algo rosa e borbulhante flutua para a palma de sua mão aberta. Alguns segundos depois, duas elaboradas taças deslizam para a outra mão.

O Negociante se senta ao meu lado, as costas encostadas na parede. Ele pousa os itens no chão e, um momento depois, a garrafa se abre e começa a derramar.

— Qual é a ocasião? — Eu pergunto, observando a espuma líquida rosada enquanto as taças enchem.

— Minha alma gêmea sobreviveu à um dia nas Terras Banidas - e conseguiu sair com a coroa do rei. Eu diria que é uma ocasião pela qual vale a pena comemorar.

Algo quente floresce no meu estômago. Algo que parece muito com amor feliz e estúpido - e talvez um pouco de orgulho também. Ajudei a desvendar o mistério do despertar de Galleghar.

Quando as taças de champanhe estão cheias, uma delas flutua em minha direção.

Eu pego e olho para a bebida. — Isso é seguro para beber, certo? — Eu pergunto. — Não é tipo uma versão rosé do vinho lilás?

— Você me pegou, amor. Espero que cresça um par de orelhas pontudas em você — diz Des, pegando seu próprio copo.

Olho para a minha bebida, agito-a, e me pergunto se devo beber depois de uma enxaqueca seguida de uma pílula mágica com quem sabe quais efeitos colaterais.

Des não olha para mim quando diz: — Eu não deixaria você beber se pensasse que estaria colocando você em risco.

Eu olho bruscamente para ele. — Co...

— Por favor, me diga que você não está perguntando como eu sabia

disso. Não tenho certeza absoluta de que meu ego se recuperaria desse tipo de desprezo.

Que os céus proíbam que eu me pergunte como Des sabe de uma coisa desconhecida.

— Provavelmente seria útil para o seu ego ser desprezado uma vez ou duas para ver se você fica mais humilde — eu digo.

Ele pressiona um dedo na minha boca. — Ssshhh, querubim. Você não sabe do que está falando.

Eu mordo seu dedo. Em resposta, os olhos de Des se escurecem com um desejo sensual.

— Vinho fae não age exatamente da mesma maneira que o vinho humano — diz ele, distraído. — Agora faça isso de novo.

Se eu fizer *isso* de novo, há uma grande chance disso se transformar num festival de foda (que são sempre divertidos). Agora, porém, eu meio que só quero saborear essa coisa entre nós. É nossa amizade de oito anos - com um pouco de sexo.

Afasto o dedo dele e trago o vinho para a minha boca. — Então.

— Então — ele repete, seu olhar direcionado para os meus lábios.

Ele é torturante de se olhar, com seus olhos claros e cabelos ainda mais claros. Se eu continuar bebendo dele assim, vou ceder e deixá-lo me levar para dentro para que eu possa ficar com ele.

Levanto minhas pernas puxando-as para mim, e olho para o reino dele, desesperada para me agarrar a esse momento.

— Eu nunca pensei que estaria aqui — digo, respirando fundo enquanto meu olhar varre Somnia. — Todos esses anos atrás. Quero dizer, sempre esperei que você me trouxesse, mas nunca realmente achei que estaria aqui um dia.

O olhar de Des cai pesado em mim. *Eu sim*, parece dizer.

Depois de alguns momentos, ele volta sua atenção para a noite. — Eu nunca imaginei que seria nessas circunstâncias.

Minha asa eriça com suas palavras, desviando minha atenção da nota sinistra em sua voz para o fato de que sou parte deste mundo, com todo o seu horror e injustiça, e me encaixo aqui como nunca fiz na Terra. Tenho escamas, asas, garras e poder fae correndo em minhas veias. Eu me sinto... adequadamente mágica para este lugar.

— Acha que Typhus ainda está vivo? — Eu pergunto, mudando de assunto.

O Negociador solta uma risada. — Improvável.

É uma pontada de culpa que sinto?

— Callie, não se sinta mal pelo homem.

Eu faço uma careta para o meu vinho (essa merda é ótima). — Ugh, você está no modo leitor de mentes hoje à noite.

— Estou falando sério.

— É fácil para você dizer. Você faz as pessoas desaparecerem há décadas. Já vi isso em primeira mão.

Des olha para mim como se eu fosse fofa, estranha e irritante ao mesmo tempo. — Você já se esqueceu de todas as coisas terríveis que aquela fada admitiu?

Coisas como estupro, coerção e assassinato e mais vinte minutos de outras ações terríveis.

Eu tomo uma bebida e assinto com a cabeça.

— E você ainda se sente mal?

Aceno com a cabeça. A borda da taça de champanhe dança entre meus dentes enquanto brinco com ela. — Não… sim. Talvez?

Eu matei fadas apenas algumas noites atrás; condenar um homem à morte definitivamente não supera isso. Portanto, é ridículo me sentir mal quando não derramei uma lágrima pelas pobres almas que matei há não muito tempo...

Não sei por que me sinto assim. Nada mais faz sentido.

Des encosta a cabeça na parede, encarando as estrelas. — O diabo está nos detalhes, sabe. Aqueles dentes e ossos que Typhus usava, ele tirou cada um de suas vítimas - alguns enquanto ainda estavam vivos, outros logo após a morte.

Se isso deveria me fazer sentir melhor, isso não acontece. Minha alma gêmea já arrancou muitos dentes. Ele é um homem mau também. Não o faz merecer a morte - pelo menos, não no meu livro.

— E toda essa mágica emprestada? — Des continua. — O processo é chamado de encadeamento, e embora Typhus tenha soado arrogante e impessoal, não é assim — diz Des.

Eu olho para o meu vinho fae. — Então como é?

— Lembra daquelas horcruxes em Harry Potter?

Começo a sorrir contra a minha vontade. — Você está seriamente soltando uma referência de HP aqui e agora? — Pergunto, olhando para Des.

— Eu tenho sua atenção total, não tenho?

— E todo o meu amor.

Quero dizer, eu sabia que ele era minha alma gêmea antes, mas isso praticamente selou o acordo.

O rosto de Des fica sério. — Essencialmente, quando você faz troca de magia, está transferindo mais do que energia bruta. Você está movendo um pedaço de si mesmo também.

Isso é assustador.

— Não deve ser feito levianamente. A maioria das fadas, quando decidem fazer isso, passam séculos escolhendo o indivíduo certo - mesmo assim, é um negócio complicado. Os amantes brigam, as famílias se dividem, os amigos enganam. Acontece. Você nunca pode garantir totalmente que a pessoa com quem você compartilha magia sempre será sua aliada.

— Para uma fada ceder seu poder à um estranho - e nas Terras Banidas, onde a própria terra drena a magia de uma fada chocantemente

rápido - essa troca é semelhante ao suicídio.

— Typhus fez isso com todos lá. Ao forçá-lo a devolver a magia que ele coagiu essas fadas a entregarem, você ajudou a corrigir um erro.

Tomo um grande gole do meu vinho. — Você já fez isso? — Pergunto. — Você já... se associou a alguém?

O Negociador me lança um olhar que derrete a minha calcinha. — Eu me associei à minha alma gêmea. Você diria que isso conta?

Eu sorrio para a minha bebida. — Você está admitindo que eu tenho um pedaço da sua alma?

Seus olhos mergulham em direção aos meus lábios curvados. — Mais do que um pedaço, querubim.

— Ei, puta, fez uma boa viagem? — Temper pergunta no dia seguinte, quando entra na biblioteca onde Des e eu passamos a manhã.

Assim que ela entra, uma dúzia de pincéis diferentes se afastam da enorme tela em que Des está trabalhando. Ele ainda não terminou, mas eu já sei que imagem ele está trazendo à vida. Há o salão de baile do Reino da Flora, decorado com mil plantas florescendo e, entre tudo isso, lá estou eu, minhas asas negras dobradas atrás de mim, meu cabelo brilhando com o céu noturno. Estou olhando diretamente para o espectador, meus olhos escuros parecendo perturbados e travessos ao mesmo tempo.

Ele está capturando a noite em que colocou as estrelas em meu cabelo.

Não digo ao Negociador que fico um pouco emocionada ao ver a pintura, que pela primeira vez pareço pertencer à algum lugar.

— Foi interessante — eu digo, tomando um gole da minha caneca de café. — Se divertiu na minha ausência?

— Um pouco — diz Temper, correndo os dedos sobre uma prateleira próxima de livros. — Voltei à alfaiate para conseguir mais roupas de fae. — Ela passa a mão pela roupa e, caramba, por que só agora estou percebendo o que ela está vestindo?

O vestido de festa - sim, minha melhor amiga escolheu usar um vestido de festa antes do meio dia - parece água da chuva em forma de tecido, cada gota individual brilhando quando ela se move. Cascateando pela parte de baixo da saia há o que parecem ser flores de lótus, os adornos colocados artisticamente para esconder todos os seus pedaços incriminadores. O decote do vestido é tão baixo que mergulha no umbigo.

É exagerado pra caralho.

— Você ameaçou o alfaiate de novo? — Pergunto. A última vez que nos vestimos, ela estava um pouco irritada.

Temper limpa a garganta. — Eu chamo de *incentivo*.

Ah, caramba.

Os olhos de Temper se movem para a pintura, e ela assobia. — Droga, Desmond, eu não sabia que você pintava.

Ele levanta um ombro. — Quando estou inquieto.

Malaki entra logo em seguida, sua estrutura imponente preenchendo a porta. Imediatamente, meus olhos se voltam para os chupões espalhados por seu pescoço. Ele poderia tê-los removido - seria necessário apenas uma pitada de magia - e, no entanto, lá estão eles. Na verdade, Malaki não apenas deixou de remover os chupões, como também puxou o cabelo para um daqueles pequenos coques, exibindo-os ainda mais.

Alguém deveria dizer a ele que chupões só eram legais no ensino médio.

Quando Temper me pega olhando, ela balança as sobrancelhas.

Mordo meu lábio inferior para manter minha risada sob controle. A piada é ela, porque a cada dia que ela sai com essa fada, é menos provável que ele a deixe deslizar entre suas garras. E Temper *não* tem relacionamentos sérios.

— Então? — Malaki diz, sentando-se ao lado de Des, seu tapa-olho de bronze refletindo a luz. — Como foi sua visita às Terras Banidas?

Temper se senta ao meu lado. A manga do vestido dela escova no meu braço, umedecendo um pedaço das minhas roupas.

— Todos os encantamentos do túmulo ainda estão no lugar, não há sinal de entrada forçada e, no entanto, o corpo se foi — diz Des.

Eu reprimo um arrepio com a memória daquela tumba vazia. Durante o último mês, Galleghar Nyx esteve vadiando por aí.

— Como isso é possível? — Pergunta Malaki.

Des gira um pincel entre os dedos. — A melhor informação que obtivemos foi de que uma sombra roubou o corpo.

As sobrancelhas de Malaki franzem. — Uma *sombra*? É esse aquele Ladrão com quem estamos lidando?

— Provavelmente — eu digo.

Ele amaldiçoa. — É claro que as duas piores fadas do mundo decidiram se juntar. — Ele balança a cabeça e esfrega a mão sobre os olhos. — Como diabos isso aconteceu?

— Porra, se eu soubesse — diz Des, jogando o pincel de lado. — Você está com disposição para um pouco de investigação?

O rosto de Malaki é sombrio. — Isso tem a ver com o seu pai imbecil?

Des inclina a cabeça.

Os olhos do general brilham. — Eu adoraria. — O rosto com cicatrizes e o tapa-olho de seu amigo parecem um pouco sinistros à luz.

O Negociador começa a sorrir. — Bom. Gostaria que você se encontrasse com algumas de nossas antigas conexões em Barbos. Diga-lhes que o rei morto ressuscitou e quem souber do seu paradeiro será generosamente recompensado.

— E se alguém puder me levar até ele? — Pergunta Malaki.

— Me informe primeiro. Não quero arriscar perder a chance. Ah, a propósito... — Os olhos de Des pousam inadvertidamente em Temper — sejam discretos.

— Por que você está olhando para mim? — A voz de Temper é várias oitavas mais alta que a de todos os outros.

O Negociador arqueia uma sobrancelha.

— Sou tão malditamente discreta quanto possível — diz ela.

Estou tentando muito, muito mesmo não rir, mas é difícil.

Malaki consegue dar um aceno forte. — Seremos discretos. — Assegura à Des.

A feiticeira bufa. — Vocês precisam verificar suas cabeças. *Eu* não sou o problema. — Ela se vira para Malaki. — E *você* não precisa sair fazendo promessas em meu nome. Eu nunca disse que estava indo também.

— E você não precisa. — O Negociador se levanta. — Mas se você imaginou ficar para trás e se divertir com Callie, ficará muito decepcionada. A futura Rainha da Noite tem assuntos oficiais que a afastarão do palácio.

Leva um segundo para eu perceber que Des está se referindo a mim.

— Espera — eu digo — eu não concordei em ser rainha.

— Sim, — Temper concorda — minha garota não concordou... *O quê*? — Ela se vira para mim. — Cadela, você perdeu a cabeça? Pegue essa coroa e use essa merda como se fosse seu direito de nascença.

Ignorando Temper, o olhar de Des cai sobre mim, suas feições afiadas. — Peço desculpas, a *consorte* do Rei da Noite tem assuntos oficiais que a levarão para longe do palácio.

Eu estreito meus olhos para o meu parceiro. Eu posso não ter pulado de cabeça em todo esse negócio de rainha, mas com certeza não quero ser conhecida simplesmente como a *consorte* de outra pessoa.

— Hoooo! — Temper grita, caindo de volta em seu assento. — É melhor você dormir com um olho aberto, Desmond. Vi minha garota fazer homens pagarem por muito menos.

Ele ainda está olhando intensamente para mim. — Isso é estranho. Desde que conheço Callie, ela foi a única a pagar pelos meus serviços. Eu admito, vai ser legal não ser a prostituta do nosso relacionamento pela primeira vez.

Temper dá uma risadinha debochada, avaliando Des novamente. — Foda-se um olho. Durma com os dois olhos abertos.

Eu balanço minha cabeça para Des enquanto fico de pé, meus olhos em fendas. — É hora de ir.

Damos despedidas curtas à Temper e Malaki, depois saímos da biblioteca.

— Você percebe o quão perto você estava de ser enfeitiçado, não é? — Eu digo enquanto caminhamos pelo corredor.

Os olhos de Des parecem estar rindo de mim. — Você diz isso como se eu me importasse.

A maioria dos homens se importam. Então, novamente, Des não é a maioria dos homens.

— Então, o que é esse negócio oficial? — Eu digo, mudando de

assunto.

O rosto do Negociador fica sombrio. — Agora que os reinos da Flora e Fauna caíram, o Reino do Dia é nosso único aliado restante. Você e eu vamos visitá-lo.

Capítulo 14

SINTO O CHEIRO dos corpos antes de vê-los.

Des e eu mal saímos da linha ley e entramos no Reino do Dia quando o cheiro de carne queimada me atinge.

Não sei o que esperava do Reino do Dia quando Des me disse que íamos visitar, mas não era isso.

Eu protejo meus olhos contra o sol brilhante e ofuscante até eles se ajustarem à visão diante de mim.

Ao nosso redor, o mundo está pegando fogo. Piras do tamanho de casas se estendem até onde os olhos podem ver e rugem à medida que queimam. Uma fumaça espessa e oleosa se eleva sobre elas, girando no ar e transformando o céu em uma névoa avermelhada.

Nós contornamos elas, uma por uma, a fumaça oleosa cobrindo minha pele. Começo a suar com o calor que sai delas. É asfixiante, sufocante.

Ao nosso redor, as chamas alcançam o céu, como se tentassem tocar o próprio sol. Embora cada uma delas seja ardente como o inferno, ainda consigo distinguir os corpos. Existem dezenas deles empilhados um sobre o outro, suas formas enegrecidas. Seus uniformes queimaram há muito tempo, mas não preciso vê-los para saber que estes são os soldados adormecidos que invadiram o Reino do Dia.

Então foi assim que o último aliado de Des derrotou o inimigo. Eles simplesmente mataram todos eles.

Meus olhos varrem a paisagem novamente. Des e eu chegamos à beira de uma grande ilha flutuante. Aqui, onde a terra dá lugar ao céu, as piras parecem sentinelas sombrias. Além delas, só consigo distinguir o contorno nebuloso de um emaranhado de vegetação que parece ser uma cordilheira iminente.

O sol brilha para nós através da névoa e, em qualquer outro dia, tenho certeza de que este reino seria uma visão gloriosa, mas agora, o lugar é como vinho estragado.

Ao meu lado, o Negociador aperta os olhos para o sol, que agora queima vermelho sangue através da névoa de fumaça.

— Eu sempre odiei esse lugar — diz ele — Brilhante demais para o meu gosto. Mas isso… — Ele balança a cabeça. — Isso me faz desejar aqueles dias insuportavelmente brilhantes. — Ele pega minha mão e,

com isso, nós dois seguimos em direção às montanhas eminentes.

— NÓS NÃO VAMOS andar todo o caminho até lá, vamos? — Olho para cima quando passamos sob uma árvore verde brilhante, flores violetas crescendo de seus galhos. Ao nosso redor, a vegetação nos cerca por todos os lados. Só consigo ver cerca de quinze metros à frente, e é *tudo* selva.

— Anime-se, querubim, você me tem como companhia e eu sou um *excelente* conversador.

Droga, com certeza vamos ter que ir andando por todo o caminho. A merda fica ainda pior quando o ar cheira como um cemitério.

Eu estremeço. — O cheiro pode legitimamente me matar primeiro.

Des pega uma flor de um azul profundo em uma videira próxima, deslizando-a para trás da minha orelha. — Não podemos deixar que isso aconteça — diz ele.

Ele nos leva à uma escada que quase passa despercebida por combinar muito bem com o ambiente. É tecida com trepadeiras e folhas, enrola-se num tronco de árvore e sobe alto no ar. Uma vez nivelados com os dosséis das árvores, a escada se eleva, transformando-se em uma ponte que balança enquanto caminhamos por ela.

— Qual é a dessa ponte? — Pergunto.

— O que tem ela? — Des pergunta, desaparecendo apenas para reaparecer à alguns metros no final da ponte, com os braços cruzados.

— Ugh, você nunca 'caminha' até o palácio, não é? Você simplesmente surge lá.

Os olhos de Des brilham. — Às vezes… tudo bem, na *maioria* das vezes, mas só porque Janus odeia.

Assim que o alcanço, ele desaparece, e no intervalo de um piscar de olhos ele reaparece mais ao longe na ponte, onde a mesma se contorce entre as árvores.

— Você vai fazer isso o tempo todo? — Eu reclamo.

— Talvez.

— Bem, você pode me fazer desaparecer com você, pelo menos? — Eu pergunto, afastando um pouco da fumaça nebulosa que paira no ar.

— Não funciona assim - não a menos que associemos nosso poder.

— Mas eu pensei que estarmos vinculados significava que compartilhamos magia. — Enquanto falo, abro nosso vínculo e puxo o poder de Des.

— Sim, querubim, mas não funciona da mesma maneira e… — Eu vejo seus dentes cerrarem, mas mesmo assim ele solta uma risadinha. — Você está tentando usar a minha magia.

Você pode me culpar? Quero dizer, o cara pode se teletransportar. Eu quero fazer isso. A ponte de corda é legal e tudo, mas não quero *andar*.

Eu puxo nosso laço uma última vez, sentindo a magia de Des deslizar

pelas minhas veias e viajar até as pontas dos meus dedos. Por um breve momento, o ar escurece sutilmente. Então se dissipa, junto com os poderes do meu parceiro.

— Tudo bem, — eu digo. — Vou parar, mas não estou emocionada por estar andando.

— Devidamente anotado.

— Nós poderíamos voar.

— É, poderíamos. — Des concorda, o que na língua das fadas significa *só que não*. Como eu não sei exatamente onde fica nosso destino, eu estou fadada a ter que seguir sua bunda por aí. A pé.

Bosta.

Eu sigo pela passarela tecida. — Eu ainda não entendi qual é a dessa ponte — murmuro.

Entendo pontes quando existem rios e abismos que impossibilitam a passagem, mas o chão da floresta parece perfeitamente bom para caminhar. — Quero dizer, se meus pés tocarem o chão, a terra vai se rasgar e me engolir inteira?

— Se o chão tivesse algum bom gosto no departamento de mulheres, então sim, isso *definitivamente* aconteceria.

— *Des* — eu digo, tentando não rir.

Ele desaparece, reaparecendo mais longe do que antes.

— Onde você vai? Eu pensei que você era um excelente conversador — eu reclamo enquanto corro minhas mãos sobre o parapeito de videira.

Ele sorri para mim de onde está, a oito milhões de quilômetros de distância.

— Ou talvez, — eu digo, minha pele começando a brilhar — eu simplesmente deva *fazer* você andar ao meu lado - ou me carregar por todo o caminho.

Ele levanta uma sobrancelha, sua alegria óbvia. — Isso é uma ordem?

— Depende.

Mesmo com a distância entre nós, eu o vejo reprimir um sorriso. — Minha nossa, você é muito mandona para uma mulher que não quer ser rainha.

— Ande comigo, Des — eu digo, minha voz melódica.

Imediatamente, o Negociador aparece na minha frente, com as mãos apoiadas na corda.

Começo a andar para a frente, meu corpo balançando. Minhas escamas ganham vida ao longo dos meus antebraços, minhas garras afiam.

Des começa a recuar, seu olhar nunca deixando o meu. — Então é isso que vamos fazer? Você me glamourizando até que eu me submeta a você? — Seus olhos prateados brilham, seus cabelos brancos soltos ao redor do rosto. Ele se parece com o tipo de patife que eu quero corromper e pelo qual quero ser corrompida.

Pego sua camisa antes que ele possa recuar mais, minhas garras inadvertidamente a rasgando no processo. Eu o puxo, pressionando um

beijo em seus lábios. — Sim — sussurro contra ele.

Com isso, eu o solto, minha pele gradualmente voltando à sua cor original.

Nós dois começamos a andar, atravessando a passarela suspensa.

Eu toco meus lábios, o gosto de Des ainda nítido na minha língua. — Esse sentimento entre nós vai desaparecer? — Pergunto. — Em três mil anos ou o que quer que seja...

— Querubim, — Des interrompe — de onde você está obtendo suas informações? Fadas não vivem *tanto* tempo.

— ...essa coisa que temos um dia vai desaparecer?

O Rei da Noite para e pega minha mão, colocando-a entre as suas. Então ele começa a recuar, me puxando junto com ele. — Há certas coisas na vida que desaparecem com o tempo — diz ele, seu olhar fixo no meu. — O que temos, Callie, não é uma delas. Nosso vínculo só se fortalecerá ao longo dos anos.

Ele me puxa para perto, a luz do sol refletindo em sua pele. — Eu sempre estarei aqui para você - quando você fizer trinta anos e quando fizer trezentos.

— Não esqueça dos três mil — digo.

— Se você desafiar as probabilidades e viver até lá, então eu vou também. — Ele aperta minha mão, seu rosto ficando sério. — Estarei com você no seu melhor dia e estarei com você no seu pior. Estarei lá para abraçar nossos filhos...

Eu ergo uma sobrancelha perante isso.

— Nós vamos ter *muitos* filhos — ele me informa.

— Ah, nós vamos?

— E eu estarei lá para todos eles. Estarei lá quando o último de seus amigos mortais der seu último suspiro. Eu estarei lá para tudo isso, e eu vou provocá-la e enfurecê-la e mimá-la com o que seu coração deseja, porque a única coisa que eu desejo é você.

Dou-lhe um sorriso trêmulo, tentando não mostrar o quão profundamente suas palavras me comoveram. — Oba — eu digo.

Resposta mais lamentável de todos os tempos.

Só que ao invés de se encolher, Des ri e me rouba um beijo. — E agora eu vou andar ao seu lado pelo resto do caminho, porque finalmente, *finalmente*, instiguei você a ser travessa e usar seu glamour.

Isso era ele me *instigando*?

Ele dá um beijo nos meus dedos e solta minha mão para que possa andar na minha frente. Nós dois ficamos em silêncio por alguns instantes depois disso.

Em algum momento, começo a ouvir o barulho de passos - muitos e muitos passos. Ao longe, as árvores tremem violentamente e, por um momento, estou de volta à floresta de carvalhos de Mara, observando as árvores se contorcerem e se abrirem.

A memória se dissolve quando os soldados do Dia aparecem, suas

armaduras douradas brilhando enquanto irrompem em nossa direção.

Des entra na minha frente, suas asas ganhando vida atrás dele. Elas se estendem, as garras afiadas parecendo particularmente ameaçadoras.

Os soldados do Dia se aproximam de nós, brandindo suas espadas.

Jesus. O lema deles poderia muito bem ser: Bata primeiro, pergunte depois.

Des cruza os braços. — *Estas* são as boas-vindas que vocês dão ao último aliado remanescente do seu reino? — Ele estala a língua. — Janus informou vocês de que ele estava esperando uma visita do Reino da Noite?

As armas dos soldados abaixam apenas uma fração, mas ainda estão olhando, principalmente para mim, com suspeita.

— Onde está o seu séquito? — Um deles exige.

— Recuperando-se da batalha — diz Des. — Achei sensato não trazer mais soldados à sua porta, vendo como... *calorosamente* seu reino recebeu o último lote que o visitou.

Mesmo daqui eu consigo sentir o cheiro daquelas piras ardentes.

Os soldados abaixam relutantemente suas armas até o chão, e um começa a falar. — Por decreto do Rei do Dia, Senhor das Passagens, Rei da Ordem, Verificador da Verdade e Portador da Luz, Janus Soleil das Ilhas da Luz, você está agora sob custódia deste reino até o momento em que Sua Majestade...

— Eu acho que não. — Des interrompe. — Vocês vão nos tratar como os convidados reais que somos, ou vamos embora. É simples assim. — Suas asas dobram atrás das costas. — Agora, vocês não querem ser os responsáveis por sabotar essas negociações, não é?

Quando o soldado não responde, outro dá um passo à frente.

— Por favor, Alteza, lamentamos o mal-entendido. Nosso bom rei está ansioso para se encontrar com você. Por aqui, por favor.

E com isso, retomamos nossa jornada.

Demora um tempo irritantemente longo para chegar ao palácio. Quer dizer, a caminhada é pitoresca e tudo, a floresta exuberante com vida, o chão coberto de poças cintilantes e riachos ondulantes e blá, blá, blá - um monte de merda bonita. Mas ainda é uma caminhada estupidamente longa, e agora que Des e eu temos cinco bilhões de guardas nos cercando, nossa conversa é quase inexistente.

Para ser justa, eu *fui* entretida. Des passou a maior parte da última hora amarrando o cabelo de um guarda em pelo menos cinquenta tranças (ele ainda não percebeu) e movendo galhos para o caminho de outro guarda.

— Árvores filhas da puta — a fada murmura baixinho — Eu juro que elas estão se metendo no meu caminho.

— Deixe os espíritos em paz, Sythus — diz outro.

À nossa frente, a floresta se separa e...

Meu Deus.

O palácio ergue-se como uma montanha dourada na selva. O castelo do Rei do Dia é de ouro brilhante e ofuscante. Igualmente impressionante é a cachoeira que o atravessa, mergulhando em uma bacia escondida por dezenas de outros edifícios que se aglomeram ao redor do palácio.

— Uau — suspiro.

Um dos soldados sorri para mim. — Bem-vinda à Avalon.

Capítulo 15

APESAR DE TODA a opulência do Reino do Dia, Avalon é uma cidade fantasma. As ruas da cidade estão praticamente abandonadas, embora ainda exista o cheiro persistente e profano de magia negra. Mas não há corpos nem sangue – os restos desagradáveis da batalha foram levados para os arredores da ilha.

Mesmo quando entramos no castelo propriamente dito, tudo parece abandonado, nossos passos ecoando no espaço cavernoso.

Olho em volta, procurando servos, assessores, nobres, soldados – *qualquer um* – mas aparentemente estamos sozinhos.

Nosso grupo entra em um salão de baile enorme, o ar cheio do odor persistente de sangue e magia queimada. Eu ergo o olhar quando uma sombra salta do corrimão de ouro acima de nós, mergulhando na frente de Des e eu.

A fada pousa com força, um punho no chão. As asas de suas costas estão erguidas, suas penas brancas tingidas de ouro. Ele parece tanto um anjo quanto Des parece um demônio.

Só quando ele levanta a cabeça que eu percebo que estou encarando Janus Soleil, o Rei do Dia.

Seu cabelo cintila e seus brilhantes olhos azuis reluzem como topázio. Seria fácil confundir o Rei do Dia com um anjo. Ele é exatamente como as pinturas os retratam.

Suas orelhas pontudas são a única indicação de que ele é algo completamente diferente. Bem, isso e o brilho forte e astuto em seus olhos.

Janus não está sujo de sangue, mas eu apostaria dinheiro que ele matou dezenas daqueles soldados em chamas.

A expressão do Rei do Dia ameniza. — Desmond Flynn, tenho esperado ansiosamente pela sua chegada. — Seus olhos se movem para mim. — Callypso, — diz ele, seus olhos reservados enquanto acena para mim — é bom vê-la novamente.

Sua recepção calma me lembra que, não muito tempo atrás, eu o acusei de me sequestrar.

Janus tinha um gêmeo, um gêmeo que morreu. A primeira vez que você o conheceu, você estava na verdade me conhecendo.

Foi o Ladrão que tinha me capturado no final das contas, foi o Ladrão que usou o rosto de Julios enquanto me raptava do quintal de Des.

O Homem Verde estava morto enquanto o Ladrão usava o corpo dele. Julios estava morto enquanto o Ladrão usava o corpo *dele*. E aquela soldada ruiva, que eu interroguei, mencionou ter sido atraída pelo seu irmão morto.

Puta merda.

Tropeço quando um padrão começa a se formar.

— Callie. — A voz de Des corta através dos gritos na minha cabeça.

Meus olhos se movem para ele.

— O que foi? — Ele pergunta suavemente.

Meus olhos se movem dos dele para os de Janus. — O Ladrão de Almas pode usar os rostos dos mortos.

NÓS TRÊS ARRUMAMOS um lugar isolado para conversar – correção, mais isolado. Honestamente, a coisa toda parece desnecessária. Não há mais ninguém no palácio para escutar alguma coisa.

Não falamos novamente até estarmos na segurança dos aposentos privados do Rei do Dia. A essa altura, as asas de Janus já estão guardadas, mas sua expressão feroz permanece.

Em relação ao que ele ou Des pensam da minha pequena revelação, é difícil dizer. Nenhum dos dois parece surpreso, mas também, fadas parecem ter caras estoicas realmente boas. Mas se eu assumi que falaríamos sobre isso em particular, assumi errado. Nenhum dos reis aborda o assunto novamente.

Quer dizer, eu sei que não sou Sherlock Holmes (não diga isso aos meus clientes), mas isso é alguma coisa, certo? Certo?

Janus nos leva à um grupo de cadeiras. Descansando entre os assentos, há uma pequena mesa com uma jarra e um conjunto de copos.

Bem, pelo menos há bebida. Eu poderia apreciar um pouco de bebida.

Sento-me, minha atenção indo em direção à um mural brilhante na parede à minha esquerda. Metade da imagem é pintada em ouro e a outra em preto. De um lado está um homem de ouro, raios de luz emanando de seu corpo; ele segura seu inimigo ajoelhado pela garganta. O homem capturado usa algemas nos pulsos e tornozelos, e tudo além dele é pintado no preto mais escuro.

— Você gosta? — Janus pergunta, sentando na minha frente. Ele pega a garrafa entre nós, despejando o líquido em três copos.

Eu olho para o mural. O que devo dizer? Que a pintura é apenas algo para se olhar? Que a coisa mais fascinante é a tanguinha bonita que cada homem veste?

Isso seria simplesmente ótimo.

— Uhm, sim — digo.

— É chamado de banimento de Euribios — diz Janus, entregando-me um copo cheio de um líquido esmeralda. Ele entrega outro para Des. —

Ele descreve a luta entre Brennus, o Deus da Luz e da Ordem, e Euribios, o Deus das Trevas e do Caos.

Há um momento de silêncio, e então...

— Eu pensei que Fierion e Nyxos eram os deuses da luz e da escuridão?

Janus se serve de um copo da mesma bebida. — Fierion e Nyxos vieram depois, logo após o Outromundo ser formado. Eles eram os deuses primordiais - os dos quais a criação nasceu — diz ele, voltando o olhar para a parede. — Isso captura o momento em que Brennus derrotou seu inimigo e o baniu para o canto mais distante do universo. Este é o momento em que o Outromundo surgiu.

Bato meu dedo no copo. — Mas e a Mãe e o Pai?

— Eles também vieram depois. Eles foram os filhos desses primeiros deuses.

— Isso tudo é muito fascinante, — Des interrompe — mas talvez possamos ir ao ponto da visita? — Ele descansa na cadeira, com o copo na mão, as pernas abertas.

Janus desvia sua atenção do mural. — Minhas histórias o aborrecem, Rei da Noite?

— Sim. — Des diz categoricamente.

O canto da boca de Janus se levanta. — Bem. Para a sangrenta batalha, então.

— Vi que você lidou com seus inimigos à moda antiga. — Diz o Rei da Noite, trazendo o licor verde escuro aos lábios.

O Rei do Dia levanta uma sobrancelha. — Ouvi dizer que os seus ainda estão vivos. — Ele se inclina para frente. — Diga-me, Flynn, como conseguiu isso?

Os olhos de Des se movem para mim, uma centelha de um sorriso diabólico em seu rosto. — *Eu* não fiz nada.

Janus segue seu olhar. — Sua humana parou um exército? — Só agora o Rei do Dia realmente me estuda. — Por favor, conte, como *isso* aconteceu?

Eu estreito meus olhos. As fadas como um todo pensam que os seres humanos estão abaixo delas. Embora eu seja uma sirene e agora uma fae, aos olhos de muitas fadas, sempre serei uma mortal vulgar.

— Querubim, talvez você possa dar uma demonstração à Janus?

Eu hesito. Não sei qual é a penalidade por encantar um rei, mas na terra, essa merda seria um não ao quadrado.

Janus toma um gole de sua bebida, me olhando por cima da borda. — Parece que sua parceira não está à altura da tarefa. — Ele incita.

Quer saber, *tudo bem*.

Coloco minha bebida de lado e descruzo as pernas, endireitando os ombros e deixando a sirene acordar.

Ela se estica como um gato se aquecendo ao sol. Sinto minhas escamas ondularem ao longo dos meus antebraços e minhas asas coçam para se

manifestar.

Assim que minha pele clareia, Janus fica um pouco mais ereto, seu olhar atraído para mim.

Eu me levanto, força reverberando em minhas veias.

— O grande Rei do Dia. — eu digo, minha voz se harmonizando. — Tão arrogante. Fique de pé por mim.

As sobrancelhas de Janus franzem quando ele se levanta. — O que você está fazendo?

Eu ando até ele, pego a bebida de suas mãos e arremesso o copo para o lado. O vidro quebra contra o mural, pulverizando líquido esmeralda por toda parte. — Dando-lhe minha demonstração — eu digo. — Isso é o que você queria de mim, não é?

— Sim. — Ele diz suave e interrogativamente. Seu olhar está preso ao meu.

Eu posso sentir sua magia crescendo. Espessa o ar, cheirando a sândalo e ardendo como o sol.

Há uma coisa em que as fadas exercem controle e contenção particulares. Uma coisa que realmente provará meu poder.

— Mostre-me suas asas, Janus.

Por um momento, nada acontece. O Rei do Dia continua me olhando com olhos encantados. Então ele franze a testa e cambaleia meio passo.

Ao meu lado, Des toma sua bebida, uma expressão encantada em seu rosto.

— Como você está... — Janus interrompe a frase com um gemido. Curvando-se para a frente, suas asas estouraram nas costas, as penas douradas brilhando.

Quando ele olha para mim em seguida, ele não parece mais deslumbrado. Não, o Rei do Dia está p-u-t-o.

Ele tropeça em minha direção, sua expressão assassina. — Como você ousa...

— Pare — ordeno.

Ele congela no lugar. — Isto é...

— ...o que eu faço — digo. Me aproximo quando ele me lança um olhar de ódio. Eu sou uma sirene. Gosto de glamour - e agora, graças ao vinho lilás que Des me deu, também posso glamourizar fadas.

— Eu posso glamourizar você. — Meus olhos caem para os lábios dele. — Não importa que você seja um rei ou uma fada poderosa. Até você pode cair sob meu feitiço.

Ele franze a testa para mim.

— Foi assim que parei um exército sem matar todos eles.

— Agora, — digo — diga-me sinceramente: se eu te libertar do meu glamour, você me atacará?

Por vários segundos, Janus trabalha contra sua mandíbula, um músculo em sua bochecha tremendo. Finalmente, ele diz: — Não.

Eu recuo. — Que pena, — faço beicinho. — É muito divertido quando

minhas vítimas lutam.

Janus volta a olhar para mim com curiosidade e bem mais do que apenas um punhado de desejo.

Sento-me e pego meu copo. — Isso é seguro para beber? — Eu pergunto, apontando para o meu copo.

— Sim.

— Ah, bom. — Tomo um gole. — Eu liberto você do meu glamour.

Janus recua um passo. — Deuses acima. — Apressadamente, suas asas desaparecem. — Isso foi…

— Horrivelmente invasivo — diz Des. — Eu sei. Minha parceira não é deliciosa?

Janus se senta, acenando com a mão. Seu copo quebrado se junta novamente, o líquido retornando ao copo. A taça flutua de volta para sua mão e ele toma um longo gole.

— Eu poderia te jogar na forca pelo que você acabou de fazer. — Diz ele, contemplativo.

A sala escurece apenas um pouco.

— Isso é uma ameaça? — Des diz, sua voz calma. — Parece terrivelmente como uma.

— Como você mora com uma criatura assim? — Janus pergunta, seu olhar deslizando de volta para mim. Apesar do quão abalado está, ele parece meio interessado.

Eu sorrio, mostrando os dentes para ele.

— Eu tento não irritá-la.

Eu gargalho com isso, minha pele se apagando.

— Tudo bem, — o Negociador admite — Eu *tento* irritá-la, mas só porque ela tem ideias especialmente perversas de vingança.

Janus balança a cabeça. — Vocês dois são um par muito fodido.

Capítulo 16

PASSAMOS UM NÚMERO doloroso de horas sentados naquela sala, repassando as batalhas que ocorreram em cada respectivo reino. E quando penso que estamos prontos para encerrar, recapitulamos as coisas de novo. E então de novo mais uma vez.

Nas inúmeras horas que se passam (não há noção de tempo aqui, apenas o sol interminável do meio-dia brilhando no palácio), eu consigo virar uma quantidade alarmante de doses desse álcool esmeralda.

— Bem, acho que é isso por agora. — Diz Janus, levantando-se. Ele olha para mim com olhos risonhos.

Dou-lhe um olhar interrogativo, depois me viro para Des, que está se segurando para não sorrir enquanto se levanta.

Por que sinto que perdi totalmente a piada?

Eu levanto da minha cadeira, cambaleando, e depois quase caindo.

Opa. Álcool demais. Aja normalmente.

— Querubim? — Des pergunta, agarrando meu antebraço.

— Hmm?

Pelo menos essa maldita reunião esquecida por deus finalmente acabou.

— Se diz esquecida pelos deuses aqui — diz Janus. — Temos mais de um deus.

Opa - eu disse isso em voz alta?

— Você disse. — Diz Janus.

Droga. Cale a boca, boca.

Agora os lábios do Rei do Dia se contraem.

— Eu ainda estou pensando em voz alta, não estou? — Digo.

— Vamos, sirene bebê — diz Des, me escoltando para fora da sala. — Você se divertiu com esse licor, não foi?

Janus chama atrás de nós: — Por que não nos encontramos novamente amanhã?

Eca, sem mais reuniões esquecidas pelos deuses. Obrigadadenada.

— Callypso Lillis, sua participação é opcional. — Diz ele.

Puta que pariu, ainda estou pensando em voz alta.

— Desmond. — Janus continua — vocês dois vão ficar no seu quarto

habitual. Posso confiar que conseguem encontrar o caminho?

— Conseguimos. — Diz Des.

— Bom. Então, que vocês dois tenham uma noite agradável – e por favor, sintam-se à vontade para usar qualquer uma das comodidades reais enquanto estiverem aqui. Vejo vocês amanhã.

— Tchau, tchau — digo por cima do ombro, acenando para Janus. — Ah, e desculpe por insultá-lo... e por glamourizá-lo. — Apesar de dizer isso, minha pele pisca, brilhando e escurecendo ao acaso.

Uh, oh. Quão bêbada estou?

— Muito. — Diz Des, levando-me pelo corredor.

Eu gemo. — Por que você não me impediu de beber?

Ele solta uma risada. — Fiz isso uma vez, em Malibu. Lembra como tudo terminou?

Solto uma risadinha que termina em um soluço. — Eu estava tão brava. — Louca o suficiente para jogar todo o meu suprimento de bebidas nele.

Eu me inclino para Des. — Eu cheiro como a morte. Por que tenho cheiro de morte?

— Janus está queimando corpos, lembra? — Enquanto o Negociador fala, um pequeno sorriso puxa os cantos de seus lábios.

Ah sim.

Eu sutilmente me dou outra fungada. Eca, eu não só cheiro à morte - cheiro feito um cadáver que fodeu uma lata de lixo e não acabou bem.

Os lábios de Des se curvam.

— Acabei de dizer isso em voz alta?

Ele olha para mim, sua expressão alegre. — Você disse.

— Ugh — lamento. — Por que continuo dizendo tudo o que penso?

Quer dizer, meu filtro não é lá essas coisas normalmente, mas isso é ridículo.

— Callie, aquela bebida alcoólica verde escura era licor de aelerium – obriga a pessoa que a tomou a dizer a verdade. Ou no seu caso... contar ao mundo todo e cada pequeno pensamento que passa pela sua cabeça.

Espera – o que?

— Por que você não disse nada?

— Me desculpe, quando na vida eu lhe dei a impressão de ser acessível quando se trata de dividir informações?

Inclino minha testa no braço de Des e solto outro gemido.

— Há quanto tempo estou falando o que penso?

— Apenas durante o final da reunião.

Eu não sei o que ele considera como o final daquela discussão longa pra cassete, mas quanto mais ela se arrastava, mais inapropriados meus pensamentos se tornavam.

— Então Janus sabe que eu estava suando tanto que fiquei preocupada em deixar uma marca de bunda na cadeira dele?

— Sim.

— E que eu precisava fazer xixi muito, muito mesmo?

— Sim.

— E que eu queria bater em você?

— Agora, querubim, esse é apenas um fato.

Eu uivo.

— Por que você não disse nada? — Eu lamento enquanto Des me leva através do castelo.

— Já falamos sobre isso.

— Você bebeu também — eu o acuso. — Por que você não está cuspindo seus segredos?

— Porque eu parei depois de uma dose.

Diferente de mim.

— É um sinal de boa fé beber licor de aelerium durante tempos difíceis. — Continua Des.

Também é um sinal de boa fé deixar que sua alma gêmea saiba quando ela está fazendo papel de idiota.

— E também, — digo antes que Des tenha a chance de abordar esse meu pensamento — não relacionado, mas igualmente importante, por que caralhos é tão miseravelmente quente aqui? — Eu pego meu cabelo e o uso para abanar a parte de trás do meu pescoço. — O próximo lugar com água que eu ver, estou entrando. De verdade.

Des aponta para um arco próximo. — Esse caminho leva à uma das casas de banho reais.

— Ah meu Deus, me leve lá.

Uma vantagem de estar embriagada - caminhar não é mais tão infernal. Quer dizer, isso pode ser porque no meio do caminho para a piscina Des se cansa de eu tropeçando em meus próprios pés e decide me carregar, mas o que são detalhes, não é mesmo?

Eu me inclino para trás nos braços de Des e olho para ele.

— Oi.

Ele olha para mim, seus cabelos brancos emoldurando seu rosto. — Oi, querubim.

— Você é meio fofo. — Eu digo.

Ele arqueia uma sobrancelha.

Eu me estico e traço seus lábios. — Eu não me importaria de ter vários minis Des correndo por aí. Algum dia, digo. Hoje não, mas você sabe, no futuro - ei, se eu sou querubim, como você chamaria nossos filhos? Existe um nome para bebês de um anjo bebê?

— Hmm — ele diz, avaliando-me com os olhos sedutores, — tenho certeza que os chamaria de algo diferente, amor. Agora, mesmo estando ansioso para ter essa conversa, não vou fazer planos com você até ter certeza que será capaz de se lembrar deles.

Minha cabeça balança um pouco. — Você quer ter bebêêêês comigo... — eu canto. — Muitos, e muitos, e muitos… bebêêêês comigo. — Eu balanço minhas pernas um pouco enquanto digo as palavras, minha pele brilhando e escurecendo.

Esse álcool está realmente me atingindo com força agora que estou livre daquela reunião chata.

Eu lanço ao Negociador um sorriso brega, estendendo a mão para brincar com seus cabelos.

Ele dá uma olhada sofrida para o teto da casa de banho. Você quase poderia pensar que o tempo havia retrocedido para oito anos atrás, quando eu estava fazendo acordos...

Sento-me um pouco mais ereta em seus braços. — Hey! — Eu soluço. — Vamos fazer um acor...

— Não.

— Mas...

Ele me silencia com um beijo. Um beijo longo e prolongado que faz meus dedos dos pés enrolarem e o brilho da minha pele voltar à vida como uma erupção. Minha sirene rasga através de mim e, de repente, o beijo tem 110% do meu foco. Envolvo uma mão na nuca de Des e mergulho no gosto dele.

Tão quente. Ele, esse aposento, o beijo, esse reino em geral. Tudo.

Antes que eu tenha a chance de transformar o beijo em algo mais profundo, ele termina.

Eu olho para ele. — Eu ainda tenho que fazer xixi, tipo muito, muito mesmo.

Ele solta uma risada. — Callie, a Assassina de Momentos.

— Ei! Você é o Assassino de Momentos.

— Ah, agora eu sou? — Diz.

Ele parece divertido.

— Isso é porque *estou* me divertindo. — Ele responde.

— Ugh, *quando* o efeito desse álcool vai acabar?

— Provavelmente não por um longo tempo - você bebeu muito.

Impressionante.

Des nos leva à uma porta, abrindo-a com seu corpo, e então entramos em um banheiro chique.

O Negociador me coloca no chão. — Eu vou estar lá fora.

— Espere. — Eu pego o braço dele. — Você pode ficar aqui comigo?

Des balança a cabeça. — Não existe distância saudável num relacionamento com você, existe? — Diz ele. Seus olhos estão totalmente rindo de mim.

— Isso é um sim, não é?

Ele suspira. — Não posso negar nada a você.

Yay!

— Ok, fique de frente para a porta — eu digo, enquanto vou para o banheiro. — Eu não quero que você veja *nada*.

— Que os céus proíbam que eu tenha sequer um vislumbre da buceta da minha parc...

— Des!

Ele levanta as mãos. — Estou de frente para a porta. Quer que eu tape

os ouvidos também?

Sim? Não? Talvez? — Tape um deles.

Agora eu definitivamente o ouço rir.

Depois de ter certeza de que ele não está olhando e apenas ouvindo com uma orelha, levanto minha saia transparente e começo a me sentar.

Solto um grito muito deselegante quando minha bunda erra o vaso sanitário e caio toda espalhada no chão ao lado dele. Minhas saias estão em volta da minha cabeça, minha roupa íntima exposta.

Des vira. Tenho que dar crédito a ele - ele não ri, embora eu tenha certeza de que é muito difícil não fazê-lo.

— *Querubim*. — Ele se aproxima e me ajuda a levantar, e depois me coloca adequadamente no vaso sanitário. Ele escova meu cabelo para trás. — O que aconteceu?

Álcool aconteceu. É isso.

Eu cubro meu rosto. — Eu estou tão envergonhada.

O Negociador afasta minhas mãos, beijando meus dedos. — Pelo menos você não começou a fazer xixi.

Talvez eu tenha.

— Ah. Retiro o que disse, então.

Porra, eu *odeio* licor de aelerium.

No momento em que o Incidente Do Banheiro Sobre o Qual Nunca Mais Falaremos Novamente fica para trás, o efeito do licor passa.

Des faz um barulho incrédulo no fundo da garganta.

Tudo bem, passa só um pouco.

— Tão pouco que a ciência ainda não tem as ferramentas para quantificar uma medida tão minúscula. — Diz Des.

— Pssh. Por que você tem que ser tão espirituoso o tempo todo?

Ele começa a responder quando cubro sua boca com as mãos.

Seus olhos ainda estão rindo de mim. Quando tenho certeza de que ele não vai dizer mais nada, eu o solto.

Nós viramos a esquina e a piscina da casa de banhos aparece. Eu grito ao vê-la e corro aos pulos, tropeçando apenas algumas vezes ao longo do caminho.

Eu mergulho na piscina, suspirando quando a água fria desliza contra a minha pele. Eu estava meio preocupada que a água estivesse opressivamente quente, mas está fria na medida certa.

Eu permaneço debaixo d'água, minha sirene perfeitamente satisfeita em ficar aqui para sempre. Pode não ser o oceano, mas é água, e isso é bom o suficiente.

Quando volto à superfície, Des senta-se na beira da piscina, um joelho erguido. — Só estou deixando você nadar embriagada porque você é uma sirene, e tenho noventa e nove por cento de certeza de que você é incapaz de se afogar. Por favor, não prove que estou errado.

— Pfft. — Eu nado até ele. — Você deveria entrar. A água é boa. Eu sou

melhor ainda. — Digo, agarrando sua mão e puxando.

— Sabe, você é insuportavelmente adorável, querubim.

Awwwwn.

Ele sorri para mim.

Eu acho que ele ainda pode ouvir meus pensamentos.

— Eu posso.

Quando o Negociador não desliza para a água, eu solto sua mão e afundo de volta sob a superfície da piscina. Se ele está contente em só me assistir nadar, tudo bem por mim.

Ah, e um truque legal - se estou debaixo d'água, não posso tagarelar cada pensamento que passa pela minha cabeça. Na verdade, estou bastante contente em ficar aqui, no fundo da piscina, até o fim dos tempos. É uma alternativa melhor do que o calor escaldante do meio-dia do qual não consigo escapar.

Depois de mais ou menos um minuto, subo à superfície mais uma vez.

— Quanto tempo devemos ficar aqui? — Eu pergunto.

Já é noite, mas assim como a noite nunca deixa o reino de Des, o sol nunca se põe no Reino do Dia.

— Pronta para partir tão cedo?

Ele parece satisfeito com isso?

Eu concordo com a cabeça.

— Vamos amanhã de manhã, logo após eu me encontrar com Janus.

Então, basicamente, sairemos daqui a três dias, quando a reunião terminar.

Ele se inclina para mais perto. — Eu já mencionei como gosto da sua boca atrevida?

Nado até ele, cruzando os braços sobre a beira da piscina. Inclino minha bochecha contra eles. A água fria limpou um pouco meus pensamentos.

— Você conhece muitos segredos — eu digo, olhando para ele.

O canto da boca do Negociador se ergue. — Conheço.

— Mas você não sabe nada sobre o Ladrão de Almas.

— Eu sei *algumas* coisas. — Diz Des, um pouco na defensiva.

— Não *tantas* assim.

Ele pressiona os lábios, como se estivesse se impedindo de discutir mais. Em vez disso, ele arregaça as mangas da camisa, me dando um vislumbre tentador de suas tatuagens.

Sério, como esse cara não está tomando banho em o seu próprio suor?

— Eu não entendo - como você pode saber tanto sobre tudo, exceto sobre o mistério que cerca o Ladrão de Almas? — Pergunto.

Des olha para os meus braços cruzados. Estendendo a mão, ele passa os dedos sobre a pele exposta. — Para responder à essa pergunta, eu teria que lhe contar como conheço tantos segredos em primeiro lugar.

Minhas sobrancelhas franzem. — Você barganha por eles.

— Não... exatamente. — Des diz evasivamente.

Mas pensei que era assim que ele tinha construído um nome para si mesmo.

— Eu construí um nome para mim através dos meus acordos e da minha brutalidade.

Certo. Isso também.

Ele continua a acariciar a pele do meu braço.

Ele não vai me contar.

Os dedos de Des param. Ele respira fundo. — Eu vou te contar - eu *quero* te contar. É só que…

Seus olhos se voltam para os meus. — As sombras falam comigo.

Eu dou a ele um olhar incrédulo.

As sombras... podem *falar?*

E Des pode ouvi-las?

— *Sério?*

Ele toca minha pele. — Hunrum.

Minha mente oficialmente explodiu.

Quer dizer, eu sabia que as fadas podiam tecer luz da lua e usar estrelas nos cabelos, então isso não é tecnicamente nada mais louco do que as coisas que eu já vi por aí, mas ainda assim.

— Isso é tão malditamente *legal*.

Uma risada sai de Des e seus ombros relaxam. Aparentemente, ele estava nervoso em me contar.

— Querubim, nunca fico nervoso.

Ok, esse maldito licor está realmente começando a me irritar.

Odeio ser tão transparente.

— Me conta mais. — Eu digo.

— O que você quer saber?

— Tudo! Acabei de descobrir que sombras *falam!* Isso é tão assustador e incrível. Como elas soam? Minha sombra fala? E a sua? O que elas dizem? Elas têm personalidades? Eu tenho muitas perguntas.

Des tira uma mecha de cabelo molhada dos meus olhos. — Elas soam do jeito que você imaginaria que sombras soariam - como sussurros - embora suas vozes variem, exatamente como as vozes humanas e faes. Sua sombra fala. A minha, nem tanto. Elas na verdade não têm personalidades distintas, mas têm humor. E elas dizem todo tipo de coisa, desde que queiram conversar com você.

— *Uau.* — Eu digo.

Ainda não superei o fato de que minha sombra falou com Des.

— Ela me contou bastante coisa ao longo dos anos.

Ah, cara. Não tenho certeza se isso é uma coisa boa.

— Então, as sombras têm gênero?

Des parece dolorosamente relutante em falar sobre isso. — Depende. Tecnicamente, elas não têm; são apenas sombras, mas algumas têm vozes mais femininas ou masculinas.

Hum.

— Alguém mais pode ouvi-las? — Pergunto.

Ele se mexe um pouco. — Não que eu saiba.

O Negociador parece nervoso de novo.

— Eu não estou nervoso.

Ah espere. Entendi. Duh. — Você sabe que eu não te acho louco, certo?

Quer dizer, acho que normalmente quando alguém te diz que ouve vozes, essa é sua deixa para começar a se afastar. Mas eu estou em torno de Des e do mundo impossível dos fae por tanto tempo que aprender isso não é nenhuma revelação bizarra.

Na verdade, explica bastante.

— Obrigado, querubim. — Diz ele calmamente, pegando minha mão e passando os dedos entre os meus.

— O que acontece se as sombras não quiserem falar com você?

— Então elas não falam. Mas existem maneiras de persuadi-las. Às vezes, se eu quero saber alguma coisa, eu dou a elas um pouco de magia - apenas o suficiente para se afastarem de seus donos por uma ou duas horas. Elas odeiam ser arrastadas. — Ele balança a cabeça. — Não acredito que estou falando sobre isso. — Diz.

Não acredito que o fiz divulgar seu grande segredo obscuro.

— E o que acontece se você quiser que elas calem a boca?

— A mesma idéia - um pouco de magia pelo seu silêncio.

Olho ao meu redor. Não há muitas sombras no Reino do Dia, mas elas existem mesmo aqui.

— Você pode fazê-las falar agora?

Os olhos de Des parecem brilhar com interesse. Seu foco se volta para a piscina.

Após um momento, ele diz: — O pai de Janus, Ignis, aparentemente costumava realizar orgias nesta piscina.

— Eeeeca.

Des joga a cabeça para trás e ri. — Querubim, já faz mais de um século desde que a última aconteceu.

O som de sua risada me aquece de dentro para fora.

Eu puxo sua mão novamente. — Vem, vamos fazer essas sombras cochicharem sobre outra coisa.

Ele olha para mim por um instante. Bem quando acho que ele vai me rejeitar, seus sapatos escorregam para fora de seus pés, seguidos por suas meias. Ele gira onde está sentado, com as pernas penduradas para poder mergulhar os pés na água.

Subo, entre suas pernas, e mordo seu queixo, minhas mãos deslizando sobre suas coxas.

Mais, mais, mais…

Des inclina a cabeça para baixo. — Você quer saber um segredo?

— Hmm?

Ele prende meus lábios em um beijo. — Às vezes eu resisto a você simplesmente porque gosto de deixá-la louca de necessidade. Isso faz eu

me sentir menos descontroladamente apaixonado por você.

— Isso não é legal.

Ele ri baixo. — Quem disse que eu era legal?

Com isso, ele desliza para a água, mergulhando sob a superfície. Quando sobe novamente, sua camisa está colada em sua pele, cada dobra se moldando adoravelmente ao seu peito.

Não tenho palavras. Ele me deixou sem fôlego na primeira vez que o vi, e agora não é diferente. E ele ainda tem aquele olhar diabólico - suas feições um pouco afiadas demais. Tudo nele grita por problemas. O que, é claro, é como um grito de guerra para as minhas partes femininas.

Seus olhos prateados dançam.

Ainda ouvindo cada maldito pensamento que me passa pela cabeça.

— O que as sombras estão dizendo agora? — Eu sussurro.

Des se aproxima de mim. — Elas ficaram quietas.

— Até a minha?

Ele para na minha frente, um braço deslizando em volta da minha cintura. — Até a sua.

— O Ladrão de Almas? — Eu pergunto, quando um pensamento me ocorre. — O que as sombras dizem sobre ele?

Callie, a Assassina de Momentos, é realmente um título adequado agora.

O bom humor do Negociador murcha. — As sombras não falam dele.

— Nada?

Des franze a testa. — Absolutamente nada. Quem quer que seja o Ladrão, ele tem ou a lealdade delas... ou o medo.

Capítulo 17

ACORDO NO CHÃO, meus olhos tremulando antes de abrirem.

— Ah, você está acordada. Eu pensei que você ficaria aí deitada a noite toda.

Minhas garras se alongam em reflexo ao som da voz do Ladrão, minhas unhas raspando contra a pedra abaixo de mim.

Fui dormir no Reino do Dia e acordei…

Aqui. Onde quer que aqui seja.

Sento-me devagar e olho em volta.

O quarto é feito de pedra clara. Videiras vermelhas como sangue serpenteiam pelas paredes, flores estranhas brotando delas.

À minha frente, há algum tipo de piscina, a água luminosa. E à esquerda, o Ladrão se encosta contra um pilar.

Um arrepio percorre meu corpo.

— *Nossa*, que reação. — Seus olhos de ônix parecem brilhar neste lugar estranho. — Acho que você sentiu minha falta.

— Onde estou? — Eu pergunto, me levantando. Não sei dizer se estou do lado de dentro ou de fora. Atrás de mim, as paredes parecem dar lugar ao ar livre, e o céu noturno brilha.

Mas dentro deste lugar, arandelas queimam, o som delas abafado, como tecido estalando ao vento. E, no meio de tudo isso, o Ladrão de Almas, seus lábios macios, seus olhos frios, sua atenção fixada em mim.

Isto é um sonho. Apenas um sonho. Mas se é um sonho, e eu sei que é um sonho, então...

Acorde.

Acorde.

Nada acontece.

— Diga-me, o termo *pequena morte* significa alguma coisa para você? — Pergunta o Ladrão de onde se inclina contra o pilar.

É apenas um sonho. Não é real.

— Não. — Digo, distraidamente.

É só depois que eu respondo que processo suas palavras.

Pequena morte. Isso soa familiar.

O Ladrão de Almas sorri. — Chegue mais perto, e vou lhe contar.

— Como cheguei aqui? — Seguro o tecido da camisola branca que

estou vestindo. É praticamente translúcido.

Não é a roupa com a qual fui dormir.

O ladrão se desencosta do pilar. — Eu chamei e você veio.

Minhas sobrancelhas se unem.

Seus cabelos e olhos são tão escuros que parecem absorver a luz; é um forte contraste com sua pele pálida. Ele atravessa a sala, seus passos ecoando.

Ele não é real. Isso não é real.

Essa é a única coisa que me impede de correr. Não preciso ter medo de um fantasma. Ele não pode me machucar. Aqui não.

O Ladrão se aproxima de mim. — Você não correu.

— Você não é real. — Eu digo.

Um sorriso lento e assustador se espalha pelo seu rosto. — É isso que você acha? Que eu não sou real? — Ele sonda meu rosto. Tudo o que ele vê lá o faz rir. — Você não acredita que *nada* disso seja real, acredita?

Os pelos dos meus antebraços se erguem.

Apenas um sonho, um sonho realmente ferrado.

— Se nada disso é real, acho que você e eu somos livres para fazer o que quisermos.

Ele estende a mão e passa um dedo na curvatura do meu nariz. — Eu poderia tocar em você. Você poderia me tocar - o Rei da Noite nunca precisaria saber. Afinal, não há repercussões para devaneios, apesar de tudo.

Eu recuo. — Se eu tocasse em você — digo, minhas garras ainda expostas — duvido que você fosse gostar.

O Ladrão mais uma vez invade meu espaço pessoal, me forçando a recuar. — É aí que você erra, encantadora. Eu tenho... gostos peculiares. — Seus olhos correm para minha garganta e peito. — Eu nunca estive com uma humana. Ou uma sirene. Ou uma mortal que foi feita fae. Mas já estive com mulheres que revidam - pelas quais tenho um apetite saudável.

Saudável é a última palavra que eu usaria para descrever os fetiches do Ladrão.

Fico cara-a-cara com ele. — Não era esse o caso quando você era Karnon — digo suavemente. — Pelo que me lembro, você não tocava em uma mulher a menos que ela estivesse incapacitada.

O Ladrão de Almas olha para mim; há algo estranho e impiedoso nas profundezas escuras de seus olhos. — Você me entende completamente, não é? — Ele diz. — O Ladrão, assustado demais para foder uma mulher, a menos que ela esteja imobilizada.

Antes que eu tenha a chance de recuar, ele me agarra pela garganta. — Talvez eu possa contestar essa opinião? Afinal, isso é apenas um devaneio, só um sonho distorcido em que um homem mau a toma contra sua vontade.

Minha pele se ilumina.

— Você pode até gostar — seus olhos observam minha pele. — Eu sei que eu vou.

Meu coração treme com o crescente interesse dele, mesmo quando outra parte pérfida de mim está ganhando vida.

Ele me puxa para perto.

O Ladrão vai me beijar, assim como ele fez quando era Karnon. E talvez ele empurre através do beijo a mesma magia vil em mim como fez daquela vez. Só que agora não serei imune a ela.

Um humano lutaria contra isso. Uma sirene, no entanto...

Deixe-o se aproximar. Deixe-o pensar que nos subjugou.

Meus olhos caem para os lábios dele. — Eu sei que você pode usar os rostos dos mortos.

Ele se inclina, seus lábios roçando minha mandíbula. — E pensar que eu acreditava que você nunca descobriria nada disso.

Ele solta minha garganta e eu cambaleio para trás, massageando minha pele ferida.

— Quer saber uma coisa? — Ele pergunta.

Olho para ele, mal disfarçando minha repulsa.

— Mara já me encontrou mais de uma vez. Na primeira, cortejei a irmã dela.

Assim como Janus, Mara já teve uma irmã. Eu quase tinha me esquecido. Eu vasculho meu cérebro, tentando lembrar o nome dela.

Thalia. Então foi isso. Ela era a herdeira do Reino Flora, só que morreu antes do tempo, caindo sobre uma espada ou algo assim, depois, depois...

Meus olhos se voltam para o ladrão. — O Menestrel Viajante. Era você.

Um homem havia chegado ao seu reino, e Thalia se apaixonara desesperadamente por ele. Pelo que ouvi, a coisa toda terminou mal.

Deus, mas há quanto tempo foi isso? Séculos? Por todo esse tempo o Ladrão tem preparado o tabuleiro, armando sua jogada.

Os olhos dele parecem sorrir. — Eu era um encantador - o problema era que eu tinha uma propensão a fazer serenatas para jovens da realeza. Você quer saber algo que essas histórias nunca mencionaram?

Ele faz uma pausa e o silêncio desse lugar estranho parece se fechar em torno de mim. Eu nunca soube que algo tão insubstancial quanto o silêncio pudesse ser tão pesado.

— Eu fodi a Mara também. Até hoje ela não tem ideia de que eu estive dentro dela como dois homens diferentes.

Náusea se agita no meu estômago.

Apenas um sonho.

— Ela sempre foi invejosa, mas em especial naquela época, quando sua irmã tinha tudo e ela não tinha nada. A primeira vez que trocamos algo mais do que gracejos foi depois que anunciaram que Thalia e eu estávamos juntos. Ela me puxou para longe de uma daquelas festas frívolas, caiu de joelhos e bem... o que lhe faltava em poder ou posição ela compensava com entusiasmo. Eu nem precisei encantá-la - verdade seja

dita, na época, eu não queria fazer muita coisa com ela, mas simplesmente não resisti à tentação.

Eu faço uma careta.

— Lembro como a história termina — digo. — Você foi morto. — Eu digo.

— Os mortos realmente morrem? — Ele pergunta.

A mesma maldita pergunta que ele me fez no Reino da Flora.

Eu posso sentir a resposta ali, na ponta da minha língua. Olho do Ladrão para as estranhas trepadeiras, para a coluna em que ele descansou há alguns minutos, para a piscina ao lado.

Meus ouvidos começam a captar pequenos sons quando olho para a água. Quanto mais eu olho, mais parece que está se deslocando, sussurrando.

Nos salve…

Nos… salve…

Inconscientemente, dou um passo para mais perto, meu ombro roçando o do Ladrão.

— Eu não faria isso se fosse você.

— O que... está nessa água? — Não consigo desviar o olhar.

— O que importa? Nada disso é real.

NA MANHÃ SEGUINTE, eu de fato pulo a reunião, optando por cuidar da minha ressaca. (Louvado seja Jesus pelos remédios fae - essas coisas realmente funcionam.)

Quando Des e Janus saem da reunião, estou me sentindo muito melhor.

O Rei do Dia acena com a cabeça quando me vê, seus cabelos dourados brilhando. — Callypso. — Diz formalmente.

— Janus, posso falar com você? — Há algo que preciso dizer ao Rei do Dia diante de tudo o que descobri.

Ele me dá um olhar um tanto peculiar. — Claro. — Diz.

Atrás dele, Des enfia as mãos nos bolsos e se aproxima de um guarda próximo, iniciando uma conversa.

Eu puxo o Rei do Dia para o lado. — Eu lhe devo um pedido de desculpas. — Digo a Janus.

Janus me olha, seus olhos um pouco cautelosos.

Ele tem medo de nós, minha sirene sussurra, *como deveria ter.*

— Na verdade, — eu emendo — devo a você vários. — Respiro fundo. — Sinto muito por ter agido como uma idiota ontem. Você e Desmond estavam apenas tentando fazer o que era melhor para seus reinos; tenho certeza de que meus pensamentos sobre literalmente tudo o que passava pela minha cabeça eram irritantes de se ouvir.

— Sinto muito por te glamourizar. Não sei o quanto Des te falou sobre sirenes — provavelmente nada desde que o hobby menos favorito de Des é compartilhar — mas… as sirenes gostam de violência e sexo; não posso glamourizar alguém sem que esse aspecto da minha natureza

apareça até certo ponto. Não sou legal quando uso meu poder; sinto muito que você tenha experimentado por si mesmo.

E agora o grand finale das desculpas.

— Por fim, desculpe-me por culpar você por me sequestrar. Eu estava errada. Eu não entendia isso na época, mas entendo agora.

Janus me dá o que pode ser seu primeiro sorriso genuíno. É injusto que alguém seja tão bonito quanto ele, com seus cabelos dourados e olhos azuis brilhantes. Ele é o sol encarnado - cegando todos com sua beleza.

— Agradeço as desculpas, Callypso. Apesar do que você possa pensar, seus comentários ontem iluminaram uma conversa muito séria, e sou grato por isso. Quanto ao glamour, se bem me lembro, fui eu que insisti para que você me mostrasse suas habilidades.

— Eu admito, encantadores me dão receio; um poder como esse é perigoso em mãos erradas. No entanto, tenho motivos para acreditar que você é o tipo certo de pessoa para exercer essa magia, independentemente de sua natureza básica.

— Quanto ao sequestro, não consigo imaginar suportar tal experiência. Claro que você tem o direito de ficar confusa e desconfiada. Não sei quem ou o que você viu, mas acredito em você.

Ele coloca a mão no meu ombro, seus olhos intensos. A sala escurece um pouco, mas Janus finge não perceber.

— Seu cônjuge e eu já temos uma forte aliança entre nossos reinos — diz ele, seus olhos azuis brilhando intensamente — mas nunca tivemos uma amizade para fortalecer essa união. Talvez, a partir de hoje, isso possa mudar.

Seus dedos pressionam meu ombro. — Pessoalmente, juro que se surgir a necessidade, lhe emprestarei minha espada e minha assistência.

NÃO É ATÉ Des e eu estarmos de volta ao Reino da Noite que eu sou realmente capaz de respirar novamente.

No momento em que saímos da linha ley e a noite fria nos cumprimenta, me sinto relaxar.

— Deus, senti falta desse lugar.

— Alguém aqui está ficando sentimental, não é? — Des diz, amarrando o cabelo em um coque pequenininho. Tento não encarar a ação, mas as mangas pretas dele enrolam em torno do bíceps, e a coisa toda parece muito, muito boa.

Eu dou de ombros. — Este lugar está subindo no meu conceito. — Eu digo com toda a honestidade.

Não começou assim. Originalmente, eu não queria nada com o Outromundo. Mas então eu fui sequestrada e criei asas, e voltar à Terra simplesmente não era uma opção.

E agora... bem, digamos que o Outromundo tem suas vantagens.

Os olhos do Negociador brilham da maneira como está brilhando agora quando digo algo que o comove.

— Sabe, você é realmente fofo quando fica todo mole comigo. — Eu digo.

— Eu não sei do que você está falando — diz ele, pegando minha mão e me arrastando até ele. Seus olhos caem nos meus lábios. — Mas você sabe sobre o que devemos falar? O fato de você ter um rei que lhe jurou fidelidade.

Eu solto uma gargalhada. — Pedi desculpas a ele, só isso.

— E, em troca, ele prometeu sua lealdade... — Des para de falar quando vê um guarda correndo. Ele observa o homem, o rosto impassível.

— Vossa Majestade — o soldado diz quando chega até nós, acenando primeiro para Des e depois para mim. — Os soldados adormecidos, eles estão falando sem parar desde esta manhã.

As feições de Des endurecem. — Sobre o que?

Os olhos do guarda deslizam para mim. — Sua parceira.

QUANDO DES E eu entramos na masmorra real, o barulho é quase ensurdecedor. Dezenas e dezenas de vozes estão falando ao mesmo tempo.

— Eu quero falar com Callypso Lillis... eu quero falar com Callypso Lillis...

— ... falar com Callypso Lillis… eu quero falar...

— Callypso Lillis.

A porta bate atrás de nós e, como um feitiço sendo quebrado, as vozes se calam. No silêncio que se segue, minha pele pinica.

Começo a andar, Des nos meus calcanhares. Você poderia ouvir um alfinete cair neste lugar, de tão silencioso.

Assim que chegamos às primeiras celas, vejo os soldados adormecidos. Todos eles ficam em alerta, seus corpos rígidos. Apenas seus olhos se movem, me seguindo quando passo.

A magia maligna tinge o ar. Eu posso sentir o cheiro diabólico que se instalou nesses soldados. Ela ainda está morando neles como um parasita.

— Quem quer falar comigo? — Eu chamo.

Vinda de várias celas abaixo, uma voz baixa diz: — Você sabe quem.

Um calafrio desliza pela minha espinha. Há apenas uma pessoa que envenenou esse lote de pessoas.

As masmorras já escuras escurecem ainda mais com o descontentamento do Negociador.

— Esse cara tem culhões de ferro. — Ele murmura sob a respiração.

Eu ando até a cela de onde a voz veio. Dentro há uma dúzia de soldados, todos do sexo masculino. Seus corpos ainda estão cobertos do sangue em que acordaram... bem, isso e o sangue que respingou sobre eles durante a batalha.

Um dos soldados adormecidos dá um passo à frente. Sua pele é

marrom, seus olhos são castanhos e seu cabelo trançado é castanho escuro.

Ele sorri para mim. — Olá, encantadora.

Capítulo 18

MINHA SIRENE ARRANHA, sentindo como estou assustada.

Eu ando até as barras, tomando cuidado para não tocar no ferro. — O que você quer?

O homem começa a andar pela extensão da cela, seu olhar nunca deixando o meu. Ele não responde, apenas continua andando de um lado para o outro.

Eu solto um suspiro. — Venha, Des, vamos embora. O Ladrão é obviamente muito covarde para...

A masmorra inteira começa a falar como uma só voz:

A vida é apenas acordar?
E a morte senão repousar?
Eu diria a você, mas então,
Este segredo eu vou guardar.
Eu não sou real agora,
Nem fui ontem no escuro,
Ou talvez eu esteja errado,
Quem pode dizer o que é absoluto?

Meu sangue corre frio.

À minha frente, o soldado que primeiro falou comigo agora sorri. Ele inclina a cabeça.

Você ainda está se divertindo?
Este é o nosso joguinho,
Você logo perderá,
E então será minha para domesticar.

Minha conversa com o Ladrão pode ter sido um sonho, mas aparentemente era real o suficiente. É disso que se trata, um lembrete que um sonho nunca é apenas um sonho.

Minha pele começa a brilhar muito suavemente; em desacordo com meu coração, que está acelerando, acelerando...

Eu travo minha mandíbula.

Ninguém nos assusta.

Vou até a cela e seguro as barras de ferro, ignorando a dor quando

minha pele começa a chiar.

— Eu tenho uma rima para você, filho da puta — digo, minha voz cheia de glamour. — Pare de se esconder atrás de seus bonecos, seu pedaço de lixo estúpido. Ah, e pegue seus enigmas esfarrapados e enfie-os no seu...

— Callie. — Diz Des, tirando minhas mãos das barras. O lugar está quase completamente escuro. Essa é a primeira pista do humor sombrio do Negociador.

— Não sou uma poetisa? — Eu provoco o soldado enquanto Des me arrasta. Minhas mãos estão fumegando, mas mal posso senti-las por causa da minha fúria crescente.

Des me afasta, e é aí que percebo que minhas asas se abriram, as pontas delas agora se arrastando pelo chão frio enquanto o Negociador me carrega de volta pelo caminho em que viemos.

— Não uma poetisa, — diz um dos soldados por quem passamos — mas sim uma mulher marcada.

Ele mal consegue terminar de pronunciar as palavras quando, de repente, a escuridão se aproxima dele. No momento seguinte, Des desaparece ao meu lado. Ouço o som de aço cortando carne e um grito sufocado, depois nada mais.

Quando as sombras se dissipam, Des está de volta, com a mão nas minhas costas.

Eu olho para o local onde a fada estava um momento atrás. Agora ela deita em uma poça de seu próprio sangue, seus olhos vidrados.

Ah *merda.*

O Negociador levanta o queixo, as próprias asas arqueando-se sobre seus ombros. — Não na minha casa, Ladrão. Não na minha casa.

DES ENVOLVE BANDAGENS de linho em volta das minhas mãos, as suas próprias tremendo ao fazer isso. Em suas costas, suas asas ainda estão abertas, e o quarto em que estamos sentados está em sua maioria coberto de sombras. Seu rosto está calmo, mas de vez em quando seu lábio superior treme.

Sob nosso vínculo, posso sentir sua imensa raiva. Este é o momento em que o Negociador começa a quebrar ossos e fazer suas vítimas implorarem por misericórdia.

Só que o Ladrão está escondido em algum lugar que nem Des, Senhor dos Segredos, sabe.

Minha raiva, por outro lado, foi embora há algum tempo.

Olho para as pontas dos dedos empolados. — Não posso simplesmente curá-los com minha magia? — Cura acelerada supostamente deveria ser uma das regalias do poder fae.

Des termina de enfaixar uma das minhas mãos e a coloca no meu colo. — Ferro não… — Ele respira fundo e começa novamente. — Feridas de ferro requerem uma quantidade extra de magia para curá-las. Mas você poderia.

— Você vai me mostrar? — Eu pergunto.

O Negociador coloca minha mão ferida entre as dele. Ainda posso senti-lo tremendo de raiva.

— Feche os olhos. — Diz ele.

— Isso é… você está me mostrando como...

— Feche os olhos.

Relutantemente, eles tremulam e se fecham.

— Agora, inspire e expire. Dentro e fora.

Minha respiração sopra pelos meus pulmões, meu peito se expande enquanto eu seguro o fôlego. Então exalo, e o ar sai de mim.

— Sim, assim mesmo. — Diz Des.

Sinto ele seguindo seu próprio conselho, suas mãos firmes enquanto seguram as minhas.

— Agora, — diz ele — acalme seus pensamentos e concentre-os em seu interior.

Sou tão introspectiva quanto qualquer um, mas nunca fiz isso, nunca procurei a fonte da minha magia. Sempre esteve lá, e passei quase uma década tentando contê-la, e não procurando por ela.

— Onde está o seu poder?

É preciso olhar para a minha magia para realmente perceber onde ela está dentro de mim.

— Está na boca do meu estômago. — Meu núcleo real. Ele fervilha lá, bem no meu centro. É aqui que a sirene dorme quando não está ocupada aterrorizando o mundo. — E está no meu coração. — Bem onde minha conexão com Des está ancorada.

— Concentre-se nessa mágica — diz Des. — E agora, puxe-a. Finja que é um novelo de lã e você está puxando um fio solto.

Isto é tão estranho.

— Ok. — Eu digo.

— Agora, puxe esse fio pelo seu peito. Imagine-o passando pela sua caixa torácica e pelos ombros. Dirija-o para os seus braços e para as mãos.

Faço o que ele diz, visualizando esse meu poder como se fosse uma coisa física. Eu imagino ele se movendo através de mim. Quando chega às minhas mãos, elas esquentam como se eu as estivesse segurando perto do fogo.

Meus olhos se abrem, enquanto eu continuo direcionando minha magia para as palmas. Des solta minha mão e, desenrolando as ataduras, mostra para mim. Eu olho para as pontas dos meus dedos. Diante dos meus olhos, o pior do inchaço diminui.

— Puta merda. — Está funcionando. Eu estou me curando.

À medida que a dor pulsante das minhas feridas vai diminuindo, minha energia se esvai. Minha sirene ainda está lá, mas tentar despertá-la seria difícil.

Solto minha magia, deixando-a recuar de volta ao meu âmago. O pior

dos meus ferimentos sarou, mas minha palma ainda está vermelha e irritadiça.

Meu olhar se move da minha mão para o Negociador. Suas asas agora estão escondidas e as sombras que encobriam a sala se esvaíram. Olho ao redor, surpresa ao ver que estamos sentados em uma espécie de varanda, um lugar que não está exatamente dentro e nem fora. Uma fileira de arcadas enormes tem vista para a cidade de Somnia.

Des pega minha mão mais uma vez. — Você fez um bom trabalho, querubim — diz ele, começando a re-enfaixá-la. — Como está se sentindo?

— Cansada.

O Negociador assente, embrulhando o tecido antes de amarrá-lo. Ele leva meus dedos aos lábios, beijando a ponta de cada um. — Então é melhor levá-la para a cama.

A julgar pelo olhar em seu rosto, não vou dormir muito.

Antes que eu tenha a chance de arrastá-lo para fora de lá para que ele possa *me levar para a cama* adequadamente, sons estridentes vêm de além dos arcos.

O agradável ar noturno sopra através deles, e cavalgando na corrente de vento há várias pixies, todas elas tagarelando. Elas atravessam a varanda com rajada de ar, parando apenas quando chegam a mim e Des. Uma delas paira bem na frente de Des. As outras acabam sentados nos ombros dele... e nos meus, como se tivessem assentos na primeira fila para um show.

— Boa noite, Aura — diz para a pequena fae.

Ela diz algo de volta para ele, sua voz alta e doce.

— Tem certeza? — Des diz, estreitando os olhos. — Onde ele está?

Aura vibra, gesticulando loucamente.

O Negociador olha para mim. — Temper e Malaki descobriram onde Galleghar está escondido.

Capítulo 19

Me inclino para frente, mesmo quando as pixies nos meus ombros começam a brincar com o meu cabelo. (Sério, o que há com essas criaturas e o meu cabelo?)

— Onde ele está?

O rosto do Rei da Noite é ameaçador. — Memnos. — Ele diz a palavra como se tivesse um gosto ruim.

Memnos, a única ilha que Des nunca me levou. A Terra dos Pesadelos.

— Espere, — eu digo, olhando para a pixie. — Como Aura... — Ela faz uma reverência à menção de seu nome, e eu aceno para ela. — Como Aura sabe disso?

Todas as pixies começam a tagarelar ao mesmo tempo.

— Pixies são minhas mensageiras reais. — Diz Des.

Uma das pixies brincando no meu cabelo para e diz outra coisa, sua vozinha exigente.

O Negociador levanta as sobrancelhas. — Perdoe-me – pixies são mensageiras reais e espiãs.

Eu ergo minhas sobrancelhas. — Soa como um trabalho importante.

Minhas palavras devem ter sido corretas, porque as pixies começam a rir animadamente. Uma delas voa à minha frente e estuda minhas feições antes de dar um tapinha carinhoso na minha bochecha.

Outra começa a falar animadamente com Des.

— Eu não vou para Memnos ou Barbos agora. Você pode dizer a Malaki que ele terá que esperar.

Barulhinhos zangados.

— Minha parceira está cansada.

Outra pixie aparece e começa a inspecionar meus olhos, como se procurasse sinais de sonolência.

A outra pixie, enquanto isso, ainda está discutindo com Des. Eventualmente, ela simplesmente agarra o dedo indicador de Des e puxa, tentando convencê-lo a entrar em ação. É uma visão adoravelmente patética. Tenho certeza de que meu parceiro compartilha o sentimento porque o canto de sua boca se ergue.

— Para onde ela quer que a gente vá?

— Para Memnos massacrar o odioso tirano Galleghar Nyx, mas, além

disso, Malaki solicitou nossa presença em Barbos.

Estou realmente cansada, tanto de curar minhas feridas quanto dos longos dias sofridos, e tenho sonhado com a cama de Des por séculos e séculos. Mas existem dois faes psicóticos à solta, e quanto mais cedo lidarmos com eles, mais cedo Des e eu poderemos continuar com nossas vidas.

Eu levanto, fazendo as pixies penduradas em mim guincharem. — Então vamos.

Des olha para mim, sem se importar que uma pixie ainda esteja puxando seu dedo. — Querubim, você precisa descansar.

— Eu vou descansar eventualmente.

Os olhos do Negociador se estreitam. Ele se levanta, sua cadeira raspando contra o chão. Se aproxima, sua grande estrutura preenchendo minha visão. — Você não quer ir a Barbos — diz ele. — Você quer uma folga dessa loucura, e eu quero lhe dar isso. — Seus olhos ficaram suaves. Eles procuram meu rosto, como se meus pensamentos não ditos estivessem escritos lá.

— Des, se esperarmos, seu pai pode escapar. Eu *estou* cansada, mas vou descansar em breve. — Tomo a mão de Des nas minhas enfaixadas. — Se pegarmos seu pai, ele poderá nos dizer onde está o Ladrão de Almas.

Um músculo da mandíbula do Rei da Noite treme. *Tão tentador*, sua expressão parece dizer. Ele olha para longe de mim.

Aperto sua mão. — Vamos terminar isso.

Sua mão começa a tremer novamente. Toda essa raiva reprimida está lutando por libertação, e Des é uma criatura sombria o suficiente para que ele não possa negar isso para sempre. Melhor usá-la em seu pai.

Finalmente, ele fecha os olhos e assente. — Nós iremos para Barbos. E vamos lidar com Galleghar Nyx.

DES E EU voamos através das nuvens, as estrelas brilhando sobre nós.

Deus, senti falta disso. Não há nada como voar.

As pixies giram ao nosso redor, rindo enquanto passeiam com o vento. Des e eu somos um pouco mais soturnos, nós dois equipados para a batalha.

Afinal, são tempos violentos.

Eu ignoro a exaustão rastejando pelos meus ossos; tenho certeza de que, como uma principiante, gastei muita energia tentando curar minhas queimaduras, e agora estou pagando o preço por isso.

Não posso acreditar em quanta energia isso custou. Na verdade, nunca realmente experimentei um déficit de mágica. Nunca. No entanto, curar duas pequenas queimaduras quase me levou a isso.

Não é de se admirar que ferro seja tão odiado e temido entre os faes. É doloroso e magicamente desgastante.

Meu coração sangra mais uma vez pelas soldadas que Karnon mantinha prisioneiras; elas estavam algemadas nele.

Sério, foda-se o Ladrão e todos os seus atos doentios.

Quase consigo ouvir o riso dele na minha cabeça.

Este é o nosso joguinho…

Só ele pensaria em todas essas depravações como algum tipo de jogo.

Quanto mais eu penso nisso, mais minha mente gira e gira, me levando de volta a esse último sonho estranho.

O termo pequena morte significa alguma coisa para você? ele me perguntou. Era a única pergunta que parecia ser mais do que apenas exibicionismo e táticas para me assustar.

E, claro, agora que estou com o sangue frio, percebo que o termo significa algo para mim. Eu ouvi isso em todo lugar. Somnia é a Terra do Sono e das Pequenas Mortes, Des costumava ser um membro dos Anjos da Pequena Morte. E em outro sonho no Reino da Flora, Galleghar Nyx havia mencionado uma pequena morte.

Agora que estou procurando, está em todo lugar.

Eu me aproximo de Des.

— O que é a pequena morte? — Eu pergunto, gritando para ser ouvida no ar tempestuoso.

Na verdade, nunca parei para perguntar o que o termo significa.

— Dormir. — Diz Des, sua voz amplificada por sua magia.

Acho que ele me ouviu mal, mas depois acrescenta: — Os faes consideram a perda de consciência - desmaios, sono, e tudo mais - um breve gosto da morte. O indivíduo fica preso entre mundos, então chamamos isso de pequena morte.

Hum. Eu acho que é bem legal. Inútil, mas legal.

— Por que você pergunta?

Olho para Des. Seus olhos estão muito aguçados.

Embora ele saiba que tive pesadelos com o Ladrão, não contei a ele os detalhes dos meus sonhos mais recentes.

Abro a boca para explicar quando um objeto escuro se manifesta à nossa frente. Eu pego um borrão de cabelos brancos, ouço os gritos estridentes das pixies quando elas se espalham e, em seguida, a próxima coisa que sei é que o fae me pega pela garganta.

Seguro o pulso da fada, tentando tirar a mão do meu pescoço quando dou uma olhada no belo fae.

Aqueles olhos... exatamente como os do filho.

Galleghar Nyx faz uma careta para mim, seu aperto ainda mais forte, o lábio superior se curvando de nojo. — Eu poderia quebrar seu pescoço agora e acabar com isso, escrava.

Solto uma mão enfaixada do pulso dele, tateando minha cintura em busca de um dos meus punhais.

— Pensar que você andou pelos corredores do *meu* palácio….

Minha mão envolve o punho da minha lâmina.

Peguei você.

— ...comendo da *minha* mesa….

Eu a desembainho.

— ...dormindo em...

Eu atiro a adaga na lateral dele, a lâmina afundando até o punho.

Galleghar uiva, seu aperto afrouxando tempo suficiente para eu respirar agradecida. Puxo minha arma de volta.

— Puta! — Ele fecha o punho assim que uma forma ameaçadora aparece sobre seus ombros.

O Negociador se inclina perto da orelha do pai, as mãos segurando as asas de Galleghar. — Eu estava ansioso para encontrar você. — Com isso, ele torce as asas do pai, os ossos fazendo um estalo doentio quando se quebram.

Agora Galleghar começa a gritar seriamente. Ele solta minha garganta quando Des leva o punho para trás e acerta a cabeça de seu pai de novo, de novo e de novo. Eu posso sentir meu parceiro desencadeando sua ira quando os dois homens começam a despencar do céu.

Galleghar some num piscar de olhos, apenas para aparecer na minha frente novamente. O Negociador segue o exemplo, suas asas parecendo ameaçadoras nas costas. Mas assim que Des se aproxima dele, Galleghar desaparece mais uma vez.

É aquela noite na floresta de carvalhos da Mara mais uma vez, Des e seu pai sangrando escuridão adentro apenas para reaparecerem em outro local. O rei tirano está tendo problemas, no entanto, suas asas mutiladas dobradas grotescamente atrás dele.

A forma de Galleghar desaparece mais uma vez, só que desta vez não o vejo reaparecer - eu *sinto*. Suas mãos seguram ambos os lados da minha cabeça.

Ele vai quebrar meu pescoço. Eu posso sentir sua intenção em seu aperto firme, mesmo quando a gravidade começa a derrubar nós dois em direção à terra.

Freneticamente, eu chamo minha sirene. Se alguma vez já precisei do meu glamour, é agora.

Ela se levanta lentamente, como se estivesse se movendo através do melaço. Minha pele começa a brilhar... apenas para escurecer em seguida. Minha sirene recua, e minha magia está exausta demais para convocá-la.

Dou um puxão nas mãos de Galleghar, tentando usar minhas asas para sacudi-lo. Mas então Des está lá, e Galleghar não, e a coisa toda acontece tão terrivelmente rápido que eu sinto uma chicotada.

Eu despenco através do céu, tentando me endireitar. O universo e todas as estrelas nele giram ao meu redor enquanto eu caio.

E depois há novamente Galleghar, mão na minha garganta. Eu o golpeio com a adaga, a lâmina o pegando no braço. Antes que ele possa retaliar, o Negociador se manifesta entre nós dois, sua posição forçando seu pai a soltar meu pescoço. Em suas mãos, Des segura a espada que sempre

carrega.

Com um impulso rápido, Des enfia a arma no intestino do pai. Os olhos de Galleghar se arregalam quando seu filho a tira do abdômen. É a última coisa que vejo do rei tirano enquanto continuo caindo, uma nuvem me engolindo.

Tento desesperadamente abrir minhas asas, lutando contra o vento e a gravidade. Antes que eu possa me endireitar, Des se manifesta ao meu lado, pegando meu corpo no ar.

— Precisamos voltar para Somnia. Agora.

O VOO DE volta não é nada como o anterior. Des não me solta, apesar de eu estar bem - mesmo que minha garganta esteja um pouco dolorida. Ele voa em um ritmo castigante, o vento uivando em nossos ouvidos à medida que avançamos pelo céu.

— Onde está Galleghar? — Pergunto.

— Escondido novamente em qualquer buraco de merda para o qual que ele rastejou.

Eu estava errada sobre Des precisar liberar sua raiva. Não acho que agredir o pai tenha ajudado. Se bobear, ele parece mais nervoso ainda.

— Então ele ainda está vivo.

O aceno do Rei da Noite é quase imperceptível.

Droga. Galleghar deve estar ferido - duas asas quebradas e duas perfurações no intestino. Sem mencionar os socos na cabeça que ele levou.

O Negociador nos leva diretamente para seus aposentos, aterrissando silenciosamente em sua varanda. Ele me põe de pé, suas asas se abrem ao meu redor, como se quisesse me proteger do mundo. Des entra no meu espaço pessoal, seu rosto impassível. Mas, mais do que nunca, posso sentir suas emoções tumultuadas, da envergadura agitada de suas asas à linha rígida de seus ombros.

Seus olhos caem para os meus lábios, e esse é o único aviso que recebo. Me puxando para perto, ele toma minha boca selvagemente.

Seus lábios são fogo, queimando contra os meus.

Tome. Reivindique. Mantenha.

Talvez ele murmure, talvez eu sinta isso através da nossa conexão, mas essas três palavras parecem ser a força motriz por trás de sua energia maníaca.

Eu posso sentir sua ira e seu pânico, sua frustração e medo amarrados no deslizar de sua boca contra a minha.

Devolvo na mesma intensidade. Eu posso ser capaz de viver por séculos, mas ainda posso morrer assim como uma humana pode. Eu senti isso por um momento, quando Galleghar estava espremendo a vida para fora de mim e depois novamente quando eu estava caindo. Só porque os faes chamam a si mesmos de imortais não significa que são.

Eu separo os lábios de Des com os meus próprios, provando sua

essência enquanto meus dedos mergulham em seus cabelos macios.

Atrás de mim, ouço as portas da varanda se abrirem. Ele me levanta novamente, envolvendo minhas pernas em volta de sua cintura.

— Eu preciso estar dentro de você. — Diz ele com voz rouca.

Aceno, minha boca indo para a dele novamente. Nada como um encontro com a morte para fazer você se sentir apaixonada. Eu preciso me sentir viva, e acho que Des também.

O Negociador entra, as portas se fechando atrás dele. Nem um segundo depois, minhas roupas derretem, removendo-se magicamente. As roupas de Des fazem o mesmo quando ele nos leva para a cama.

Ele mal me deita na cama e separa minhas coxas, antes de me puxar em sua direção, empurrando profundamente dentro de mim.

Eu suspiro quando seu pau grosso me estica, a sensação é uma pitada de dor, e depois prazer, prazer, prazer. Eu me deleito com a sensação de seu corpo musculoso pressionando o meu.

— Deuses acima, querubim. — Des beija a junção entre meu pescoço e ombro enquanto desliza para fora. E mete novamente.

Inclino a cabeça para trás e gemo quando ele me enche, me estica. Ele é necessidade, necessidade, necessidade. Eu praticamente posso ouvi-lo.

Tome... Reivindique... Mantenha.

A frase ecoa como uma lembrança na minha cabeça.

— Isso… isso não vai ser gentil. — Ele avisa, seu corpo inteiro tremendo enquanto ele reprime sua necessidade perversa.

Eu agarro seu cabelo, apertando ainda mais enquanto inclino sua cabeça em direção à minha.

— Seus avisos são inúteis pra mim. — Meus dedos flexionam contra ele. — Você não está fodendo uma flor delicada. Você está me fodendo.

Uma sirene.

O Rei da Noite, que governa o sono e o sexo, *se liberta.*

Ele mete em mim de novo e de novo, me segurando em seus braços, seu olhar me tomando. É a combinação mais estranha de agressão masculina e adoração dedicada.

Seu ritmo é punitivo e seus golpes são profundos, e eu não consigo manter o contato visual porque, Jesus, meu corpo é pura sensação, e eu preciso parar de olhá-lo ou vou receber um prêmio pelo orgasmo mais rápido do mundo.

Des passa uma das minhas pernas por cima do ombro, aprofundando o ângulo da penetração. Agarro inutilmente os cobertores nos quais me deitei, meus seios balançando com a força de cada impulso.

Ele toca minha pele apagada. — Esta é uma primeira vez.

Estamos enterrados profundamente um no outro, e minha sirene não se mexeu, minha magia ainda reabastecendo. É uma sensação estranha, não ter a sirene compartilhando essa experiência comigo. Eu me sinto nua de uma maneira totalmente nova.

O Negociador pega uma das minhas mãos enfaixadas, passando os

dedos pelos meus. Seus lábios deslizam sobre minha testa, depois meu nariz, depois meus lábios, queixo, garganta. Lá eles fazem uma pausa - ele faz uma pausa, seu corpo inteiro tencionando.

Ele faz uma trilha de beijos no meu pescoço, exatamente onde tenho certeza que hematomas na forma da mão de seu pai apareceram.

— Meu lindo pesadelo. — Des sussurra contra a minha pele. — Meu lindo, lindo pesadelo.

Com isso, o Negociador entra em mim novamente. Eu sibilo quando o ritmo aumenta, seu peito suado deslizando sobre o meu de novo e de novo. Estou sendo iluminada de dentro para fora. Parece que não há nenhum lugar que ele não tenha tocado. Estamos envolvidos um no outro, nossos corpos entrelaçados, nossos corações magicamente ligados.

Des agarra minha mão com força, como se ele estivesse com medo de me deixar ir. — Olhe para mim, Callie. — Ele ordena.

— Vou gozar se fizer isso.

Ele se aproxima para beijar minha bochecha, o tempo todo entrando e saindo de mim. — Pelo que sei, esse meio que era o ponto. Agora, olhe para mim.

Eu viro meu olhar para ele. Ele nunca pareceu tão deslumbrante, nunca pareceu tão fae – como a lua ganhando vida. Seus olhos prateados brilham, seus cabelos brancos pendendo soltos entre nós.

E é isso, não cada golpe agressivo, que acaba comigo. Estou bem no limite em um instante... e no outro, quebro.

Des vê o momento em que eu chego ao clímax, me dando um sorriso lupino. Meu olhar começa a flutuar quando meu orgasmo me rasga. Estou quebrando em pedaços.

— Não desvie o olhar. — Ordena Des.

Eu arrasto meus olhos de volta para ele. Como dizer a ele que tudo isso é demais?

Des se inclina, roubando um beijo dos meus lábios enquanto seus golpes se tornam mais frenéticos. Eu sinto seu gemido na minha língua quando ele cede à sua própria necessidade, seus quadris bombeando furiosamente quando ele goza.

Tome–Reivindique–Mantenha.

Eu ouço as palavras fantasmas uma última vez e depois acaba.

— Foi uma emboscada.

Des acaricia minha pele suada, me segurando perto. Estou dolorida em todos os lugares certos - e em alguns errados também. Minha garganta, por exemplo, está começando a doer feito uma cadela.

— De alguma forma, Galleghar sabia onde estávamos, e ele nos interceptou antes que tivéssemos a chance de localizá-lo.

Ao nosso redor, a miríade de lâmpadas queima, lançando nos

aposentos do Rei da Noite uma luz baixa e trêmula. Uma brisa agradável penetra pelas janelas sem vidraças. No que diz respeito às noites, essa é absolutamente perfeita - apesar da luta recente.

Des tira uma mecha de cabelo do meu rosto. — Meu pai estava indo atrás de você porque somos parceiros.

Me levanto, meu olhar pousando na boca pecaminosa de Des. Meus pensamentos se desviam por um momento para todas as coisas que eu quero que esses lábios façam comigo. Coisas além de conversar.

O ataque já parece um sonho. Aconteceu tão rápido e então acabou. E agora... bem, aqui estou envolta em lençóis de seda e uma fada musculosa.

Os olhos do Negociador caem para o meu pescoço. Ele o alcança com seu braço tatuado, os dedos arrastando-se pelos machucados que certamente estão lá.

Ainda não acabou para ele.

Sua mão se move, deslizando sobre a curva do meu quadril. — Para a maioria dos parceiros acasalados, a morte de uma das fadas significa a morte de ambas. Em alguns casos, como o de Mara, uma fada pode sobreviver sem a outra, mas isso é surpreendentemente raro. Na maioria das vezes, se você mata um, mata os dois. — Os olhos do Negociador se erguem para os meus. — Galleghar atacou você porque ele está certo em acreditar que, ao acabar com você, vai acabar comigo.

Meu coração começa a bater um pouco mais rápido. — *Ele está certo?*

Os dedos de Des apertam meu quadril, seus olhos parecendo febris por um momento. — Nenhuma parte de mim tem a intenção de sobreviver sem você.

Isso é um balde de água fria bem na minha cara.

Eu não quero falar sobre isso. Sobre a minha morte - ou a dele. Estamos muito vivos no momento, e eu realmente não quero ficar remoendo a outra alternativa.

— Ele virá atrás de você de novo — continua o Negociador. — O idiota realmente acredita que você é um alvo mais fácil. — O pensamento traz uma sombra de um sorriso aos lábios de Des por um momento.

Galleghar virá atrás de você de novo.

De repente, todos os cantos escuros da sala parecem esconder monstros. O que impede o pai de Des de nos invadir aqui e agora?

O Rei da Noite deve saber onde estão meus pensamentos, porque diz: — Você está protegida dentro da área real - há encantamentos para impedir a entrada de fadas como ele — diz Des. — É provavelmente por isso que ele nos emboscou a caminho de Barbos.

Porque não havia encantamentos ao longo de nossa trajetória de voo.

— Então, eu estou presa aqui. — Meu estômago azeda com o pensamento.

Des coloca seu braço em volta das minhas costas, me puxando para perto. — Você não está presa em lugar nenhum, querubim — diz ele,

muito sério. — Diga-me onde você quer ir, e eu vou te levar lá agora.

Minhas sobrancelhas se franzem. — Você não vai tentar me manter aqui?

Eu não menciono o fato de que agora eu realmente não quero me afastar nem um centímetro desta cama, contente em passar o resto da minha longa vida embrulhada nos braços do Rei da Noite.

— Eu *nunca* vou mantê-la em cativeiro — promete Des. — Melhor você feliz e livre, do que enjaulada e segura. Além do mais... — ele encosta a testa na minha — Galleghar claramente não deve ter ouvido as histórias sobre você, se ele pensa em fazer de você um alvo.

— Há histórias sobre mim? — Isso é novidade.

O olhar de Des franze, seus lábios pressionados juntos. — Muitas. Que fae pode resistir a histórias sobre uma linda humana capaz de seduzir fadas e escapar do Ladrão? Eles não conseguem ter o suficiente de você. Infelizmente, meu pai e o Ladrão parecem compartilhar esse sentimento.

Eu levanto uma mão enfaixada e olho para o trabalho de Des. — Eu deveria ter ouvido você — digo pensativamente. Abaixo minha mão. — Quando você me disse para descansar.

— Acontece que tenho ótimas ideias — ele concorda, sua boca se curvando diabolicamente. Sua expressão fica séria. — Mas você tomou a decisão que uma rainha tomaria, colocando as necessidades do reino antes das suas.

— Pare de usar essa palavra. — Rainha.

— Vai acontecer mais cedo ou mais tarde, Rainha Callypso.

Ok, eu admito, isso soa bem.

— O que você tem contra rainhas, afinal? — Des pergunta.

Eu suspiro. — Eu só quero ser uma garota normal, com um emprego normal, que vive uma vida normal. — Não quero ter que me preocupar com um reino inteiro.

O Negociador nos gira para que ele possa me encarar. — Callie, você nunca foi uma garota normal e nunca teve uma vida normal, então eu posso ver o apelo de querer isso. Mas o normal é superestimado. Confie em mim, é superestimado. Fiz acordos com milhares de pessoas *normais* e miseráveis.

Eu franzo o cenho para ele.

— E me desculpe — continua ele — mas se você acha que eu vou deixar você se contentar com o normal, você acabou de arrumar uma briga.

Droga. Agora que ele definiu os limites, nunca vou fazê-lo ceder. Se há uma coisa em que Des é bom, é lutar. Ah, e barganhas. E segredos. E sexo.

Dane-se, ele é bom em tudo. É irritante.

— É como o ensino médio — digo, lembrando daqueles dias em que ele instigou ou manipulou ou barganhou comigo para me fazer partir para a ação. Malvado, mas eficaz. — Você está tentando me convencer a fazer algo que você acredita ser o melhor pra mim.

— Diga-me que estou errado, querubim. Diga-me que sou insistente e mandão e que não sei nada sobre seus sonhos mais profundos.

Veja, esse é o problema de tudo; agora que sei que ele pode ouvir sombras, ele provavelmente já ouviu todo tipo de coisa sobre meus sonhos que não vou admitir de bom grado. Coisas que provam que ele está certo.

— Você é insistente e mandão. — Digo.

Ele se inclina e dá um beijo no meu esterno. — E eu não sei nada sobre seus sonhos - diga.

Eu sinto o sopro de sua magia envolvendo minha traqueia. Só que dessa vez, ele está tentando extrair a verdade de mim, e a verdade é que o Negociador sabe muito sobre meus desejos mais profundos.

Ele se move pelo meu corpo, colocando um beijo entre os meus seios. — Ainda estou esperando, amor.

Des continua se movendo pelo meu corpo, pressionando beijos contra a minha pele.

Mas eu permaneço em silêncio e, eventualmente, sua magia se dissolve.

O Negociador faz uma pausa, olhando para mim. — Eu amo você, Callie, do começo da primeira pena até a última escama. Amo sua escuridão, amo sua mente, amo seu humor e seus sonhos mais desejados. E amo como você me ama - totalmente, profundamente, apaixonadamente.

— Você não é normal; você nunca será normal. Sinto muito por ter que te dizer isso. Você é tão ofuscantemente extraordinária que às vezes me machuca fisicamente, e nunca vou parar de forçar você a acreditar nisso.

Des não pode simplesmente dizer coisas assim. Meu coração fraco não está apto o suficiente para aguentar.

Fecho os olhos e respiro fundo. — Devolva.

— O que foi que eu peguei, querubim?

Minha paz de espírito, minha solidão, meu tormento. Minha dor, minha sanidade, minha pequena vida monótona.

Tantas coisas que uma vez já me fizeram ser eu e que agora estão faltando, e...

— Des, eu não sei quem eu sou.

— Você não sabe quem é? — A voz do Negociador fica mais baixa. — Você é Callypso Lillis, pura e simplesmente. Você era ela ontem, você será ela amanhã. Cabe a você decidir o que realmente significa ser você. Ninguém mais pode fazer isso no seu lugar. Não o homem que te deu essas asas, não o homem que está te caçando. Não seu padrasto. Nem mesmo eu.

— Mas quem quer que você escolha ser, querubim, faça valer a pena.

Capítulo 20

É TARDE NA manhã seguinte quando rolo para fora da cama de Des. A fada está relutante em me deixar ir, e não estou reclamando.

Uma garota pode se acostumar com esse tipo de atenção.

Me espreguiço enquanto ando até o closet, sentindo os olhos do Negociador em mim o tempo todo.

— Tarado — digo, sem olhar para trás.

— Eu teria que estar morto para não apreciar a visão da sua bunda.

Reprimo um sorriso, então começo a vasculhar os vários lindos vestidos que alguém botou no armário. Não sou do tipo 'garota feminina' de jeito nenhum, mas faço uma exceção para as roupas fae. Pego um vestido que parece o amanhecer ganhando vida, roxos virando rosas e laranjas que se transformavam em amarelos.

Não fiz mais do que deslizar o tecido sobre os ombros quando o próprio vestido escorrega para fora do meu corpo.

Girando para encarar Des, ergo uma sobrancelha. — A menos que você queira quebrar minha vagina, sugiro que você me dê algum descanso.

Implacável é uma ótima maneira de descrever o apetite sexual do Rei da Noite. Não que eu seja preguiçosa, mas até eu tenho meus limites – especialmente quando minha sirene decide tirar a noite de folga.

Des aparece na minha frente, virando minhas mãos curadas para cima.

— Você vai ler meu futuro? — Provoco.

Ele finge estudar elas. — Você achou sua alma gêmea quando era jovem. Há amor - parece que você vai ter um punhado de filhos - e eles vão puxar o pai, infelizmente. Pestes, na maioria.

Eu rio e afasto minhas mãos.

— Ah, e você vive uma vida longa e feliz.

Não digo nada diante disso. Há muita incerteza nesses últimos dias.

Eu pego o vestido de volta.

— Você não vai usar isso hoje.

— Por que não? — No momento em que pergunto, minha respiração fica presa. Eu meio que espero que os couros de batalha caiam do céu e Des anuncie que, mais uma vez, nós dois estamos treinando.

Eu realmente odeio pra cassete treinar.

— Eu poderia lhe dizer - por um preço…

Eu resmungo. — Des...

Uma pilha de roupas *realmente* cai do céu, mas não são couros de batalha.

— ...ou você pode simplesmente vestir as roupas e deduzir meus planos como a boa detetive particular que você é.

Pego as roupas dobradas, reconhecendo uma camiseta desbotada que tenho. Há um sutiã, calcinha e jeans. Um momento depois, meias e tênis brancos se juntam à pilha. Todos meus, tudo impróprio para vestir no Outromundo.

Meu olhar se move para Des. — O que você planejou para nós?

— Pergunta errada, querubim. Não é *o que* planejei, mas *onde*.

Ah meu Deus. Eu aperto mais as roupas. — Onde, Des?

Des me dá um sorriso irônico. — Você sabe a resposta para essa pergunta.

Eu respiro fundo.

Casa. Terra.

VIAJAR NAS LINHAS Ley não é mais a experiência confusa que costumava ser. Antes, eu não conseguia entender essas rodovias mágicas; minha magia não era compatível com elas.

Mas agora meu poder reconhece essas estradas estranhas que atravessam mundos. A magia é grossa, puxando-me por todos os lados. Ela tenta me levar em sua própria direção, mas Des segura minhas mãos e me direciona para frente, interrompendo a compulsão bizarra da linha ley enquanto nos guia.

Ao meu redor, vejo paisagens passarem voando como borrões - colinas, florestas, desertos, oceanos, ruínas - tudo isso diferente e fae... até que de repente *não é mais*. Gradualmente, muda para cidades e pontos de referência reconhecíveis. Vejo Nepal, depois Cairo, Berlim e, finalmente, Los Angeles.

Com um puxão poderoso, o Negociador nos tira da linha ley.

Por um momento, sinto a magia resistir, ansiosa para nos manter presos à essa estrada bizarra, amaldiçoados a perambular para sempre. Mas o momento passa, a magia cede e, de repente, estamos na casa de Des, na sala redonda que contém o portal para as linhas ley.

Dou um passo trêmulo para a frente, meu pé afundando na grama macia. Toco a parede da sala circular, meus dedos roçando os cipós de glicínias crescendo, as plantas balançando contra uma brisa fantasma.

O Negociador me leva para fora da sala onde está localizado o portal, e só então, só quando vejo os pisos de madeira, as várias imagens de lugares distantes, as linhas e os detalhes mundanos e as cores de sua casa em Catalina é que eu verdadeiramente processo o fato.

Terra. Estou realmente de volta à Terra.

Meu Deus, nunca quis tanto beijar o chão. Se eu pudesse abraçá-lo, eu totalmente faria isso.

— Maldição, eu senti falta desse lugar. — Diz Des, olhando em volta.

Ao meu lado, minha alma gêmea parece uma lembrança que ganha vida. Ele entra no corredor usando calça de couro, botas que parecem prontas para chutar algumas bundas e uma camisa desbotada dos Rolling Stones, o braço tatuado em exibição.

Estou tão acostumada a ele vestindo trajes de fae que vê-lo em roupas humanas em sua casa humana é algo que parece ter saído de um sonho.

Solto a mão de Des e começo a percorrer sua casa. Meu coração dói ao ver a mobília, as fotos e as decorações em exibição, porque cada um grita Des - pelo menos o Des que eu conhecia, quando nunca tinha visto sua vida no Outromundo.

Atravesso sua sala de estar e saio pela porta dos fundos. É final da tarde, o sol atinge minha pele e fecho meus olhos, absorvendo os raios. Eu poderia honestamente chorar. Não é noite eterna, não é dia sem fim; é apenas uma tarde ensolarada normal no sul da Califórnia.

Abrindo os olhos, continuo andando em direção à parte de trás da propriedade do Negociador, minha atenção se desviando por um momento para o lugar onde fui capturada. Qualquer medo que a visão já possa ter evocado se foi, embora eu não saiba exatamente o porquê. Talvez seja porque Karnon morreu, ou porque o Ladrão parou de sequestrar mulheres. Ou talvez não seja a situação que tenha mudado, mas eu.

Atravesso o que resta do quintal do Negociador, subindo até onde a terra dá lugar à beira de um penhasco.

Minha pele arrepia quando ouço o som das ondas quebrando lá embaixo. Respiro fundo, bebendo o cheiro de água salgada.

Aqui é onde pertenço.

Meu olhar se move para o horizonte. Há uma curta extensão de mar que separa minha casa da dele. Em um dia claro, você pode distinguir os contornos de Malibu e, se tiver imaginação suficiente, poderá traçar minha casa entre aquelas colinas.

É a mesma visão que o Negociador deve ter encarado durante todos os nossos anos separados. A perspectiva enche meu coração com agonia antiga e algo mais doce, como se o passado, o presente e o futuro se sobrepusessem, todos de uma só vez.

O Negociador se aproxima de mim. — Está protegida, sabe.

Eu olho para ele.

— Sua casa - minha casa também. Elas sempre estiveram, mas depois... — sua voz treme — depois que você foi levada, eu redobrei todas as proteções. Não posso prometer que você estará segura aqui, — diz ele, lembrando-me de nossa conversa anterior — mas você também não ficará totalmente indefesa.

Eu olho para Des. O pôr do sol incendeia suas feições. Minha sirene se mexe dentro de mim, despertando agora que minha magia está reabastecida.

Não precisamos nos defender, ela sussurra. *Eles é que precisam se defender da gente*.

— Eu não estou preocupada.

Des me lança um sorriso malicioso.

Pessoas como nós não são vítimas, ele me disse uma vez. *Nós somos o pesadelo de alguém.*

Suas asas membranosas aparecem, desdobrando-se ameaçadoramente atrás dele. — Pronta para ir para casa?

Eu levanto minhas sobrancelhas. Eu assumi que *esse* era o nosso destino final.

— Ah, querubim, você não achou que eu te levaria tão longe para parar agora, não é?

Eu observo seu rosto, meu coração se expandindo e expandindo. Ele parece algo vindo diretamente dos meus sonhos mais desesperados.

Minhas próprias asas se manifestam atrás de mim, perfurando o material da minha camisa. Des estala a língua com a visão, então coloca a mão no tecido e num instante os pontos em que a roupa rasgou voltam a se emendar.

Des alisa minha camisa. Quando seus olhos encontram os meus, eles estão dançando. — Pronta? — Ele pergunta, andando para trás.

Eu não tenho a chance de responder. Des recua até a beira do penhasco, com os braços abertos para o mundo enquanto cai para trás. Prendo minha respiração com a visão. Já devia estar acostumada à esta altura. O Negociador tem asas, magia e a estranha capacidade de se teletransportar. Cair é algo que não rola com ele.

Ele gira no ar, suas asas de aspecto cruel se abrem para pegar a brisa.

Ele acena para mim. — Você vem, sirene bebê?

Deus, ele parece magnífico e de outro mundo, banhado pela luz poente do nosso sol.

Minhas próprias asas se abrem. Faço uma pequena corrida até a borda do penhasco e depois estou mergulhando, planando, subindo. Eu rio quando o vento me golpeia fortemente para cima, tendo um vislumbre dos meus Converse no processo.

Porra, estou voando sobre o Pacífico.

Nós dois atravessamos o céu, o oceano embaçando abaixo de nós. Este momento poderia durar para sempre, a brisa assobiando pelos meus cabelos, a água azul embaixo, o dia desaparecendo acima de mim. E Des e eu, dois pássaros estranhos, como fantasmas acima do mundo.

Meu corpo está cheio até a borda com pura alegria.

Inevitavelmente, nos aproximamos da terra. Se tivéssemos outro destino em mente, talvez isso fosse uma decepção. Mas logo à frente avisto minha casa, e um novo tipo de euforia se instala para substituir a antiga.

Casa. Doce, adorável e solitária.

Nós pousamos no meu quintal.

Estou de volta.

Nunca quero ir embora.

Eu realmente não quero. Quero beber meu vinho, olhar o oceano, me perder em pensamentos profundos, dormir debaixo dos meus lençóis.

Eu quero fazer tudo isso... mas eu quero fazer isso com Des.

O Negociador e eu vamos até minha porta de vidro deslizante. Des precisa apenas olhar para a maçaneta e, com um clique, a porta se destranca e desliza, se abrindo. Timidamente, eu entro.

Meu lar é uma casa com pisos cheios de areia, balcões lascados e, agora, minha alma gêmea. Ele entra na minha casa como se morasse lá - como se ele sempre tivesse morado lá - e pelo modo como olha em volta, tenho todos os motivos para acreditar que ele pretende fazer deste o nosso lugar.

Nosso.

Não vou superar isso.

— Onde estão todas as nossas coisas? — Ele pergunta.

Essa palavra novamente. *Nossas.*

Eu ando pela minha casa (nossa casa?), esperando que as coisas estejam diferentes. Parece que faz eras desde que eu estive aqui pela última vez.

— No sótão. — Eu não suportava me separar de todas aquelas bugigangas que Des e eu colecionamos durante meu primeiro ano do ensino médio, mas também não suportava olhar para elas. A dor de sua ausência sempre ficava pior quando eu via aqueles lembretes físicos.

Des estala a língua. — Querubim, teremos que mudar isso.

Ele levanta a mão e ouço algumas batidas distantes, depois o som de algo raspando.

Menos de um minuto depois, uma caixa desgastada flutua pela sala de estar, espalhando partículas de poeira enquanto vem em nossa direção. Ela cai com um baque no chão a alguns passos de distância.

Por alguns segundos tudo está parado; de repente, a tampa se abre, me fazendo dar um pulo.

E então a procissão começa. As bandeiras de oração, as máscaras venezianas, as cabaças pintadas e as sedas flutuam uma por uma para fora da caixa, alinhando-se no chão.

Depois que nossas antigas recordações são removidas do recipiente de papelão, minhas decorações de bom gosto são tiradas das paredes, empurradas para fora das mesas e limpas das prateleiras. Elas andam pelo ar e depois se empilham ordenadamente na caixa. Depois de todas estarem dentro, as abas de papelão se dobram sobre elas e a caixa se levanta do chão. Ela se empurra como um bêbado para frente e para trás enquanto volta pelo caminho em que veio.

Eu levanto uma sobrancelha, mas não digo nada.

Des sorri, um brilho calculista nos olhos.

De repente, os objetos que nós dois colecionamos juntos - todos os

copos e cartões postais, todos os desenhos e anotações - erguem-se no ar. Por alguns segundos, os itens ficam pairando. Então, como uma explosão, eles se espalham pela casa.

Des encontra um lugar para tudo. Nas paredes, nas prateleiras, guardadas em armários, penduradas no teto.

Eu acredito que esta é a versão fae de marcar seu território. E meu coração está doendo tanto.

Todas essas coisas são testemunhos da nossa amizade. Porque é isso que sempre foi. Muito antes de eu saber que Des era meu parceiro, eu sabia que ele era meu amigo. E mesmo que eu o quisesse de uma maneira distintamente não muito amigável, foi assim que as coisas funcionaram para nós durante a maior parte do ano.

Estou observando minhas – novas – decorações quando o Rei da Noite aparece atrás de mim.

Ele beija o lugar exato em que minha mandíbula encontra meu pescoço. — Nós iremos em mais aventuras — Des promete — compraremos mais bugigangas, conheceremos mais lugares novos juntos – tanto neste mundo quanto no outro.

Eu me viro. — Por que você me trouxe aqui? — Pergunto.

De todos os lugares em todos os mundos, ele escolheu me trazer aqui.

Des tem o universo em seus olhos. — Porque eu te amo e é aqui onde você é mais feliz.

Isso não é verdade. A felicidade não é um lugar, é uma pessoa – mais especificamente, a que está na minha frente.

O Negociador me leva até o sofá. — Agora, eu estava pensando que desde que terminamos de assistir Harry Potter, precisávamos de uma nova série para maratonar juntos…

PASSO A NOITE envolta nos braços do Negociador, nós dois esparramados ao longo do meu sofá. Minha mesa de café está uma bagunça de pizza gordurosa, pipoca e chocolate – todos vítimas da nossa noite de filmes.

Game of Thrones é exibido na TV, e é claro que esse é o tipo de programa de Des. O cara é um hardcore *empenhado*.

Passo meus dedos ao longo de seu braço tatuado. Eu deveria estar prestando atenção na série, mas não consigo superar a alegria que sinto. Des está reclinado aqui, no meu sofá, me abraçando enquanto assiste a um seriado na minha sala de estar. Mais cedo, ele passou as mãos pelas minhas bancadas lascadas e suas botas trouxeram areia para a minha sala de estar. Agora, pequenos pedaços dele estão espalhados por todo o lugar. E ele está aqui, não porque ele quer que eu pague os favores que devo, mas porque ele é meu.

Fecho os olhos e gosto disso. Mais do que o Outromundo, é este momento que parece um sonho. Tudo o que tive que encarar foi muito mais fácil de engolir em um mundo onde as cidades flutuavam e a noite reinava eterna. Mas aqui no mundo normal, um homem como Des não se

encaixa, e definitivamente não ficaria com uma garota como eu.

Eu quero gargalhar diante das manobras do destino. Porque eu malditamente o conquistei, o bad boy que era sempre tão fora de alcance.

Nós dois assistimos compulsivamente mais alguns episódios, mas em algum momento durante o processo, a atmosfera muda.

Primeiro, são alguns beijos leves que Des roça na raiz do meu cabelo e mais alguns que pressiono na base da palma da mão dele. Então é o suave movimento de seus dedos acariciando minha pele, e a maneira inquieta que meu corpo reage ao toque. Mas é só quando ele desliga a TV que eu percebo que o Negociador está tão distraído quanto eu tenho estado.

— Verdade ou desafio? — Ele sussurra no meu ouvido.

Mordo os lábios para evitar um sorriso. — Ambos.

Des me levanta do sofá, me virando em seus braços para que eu possa envolver minhas pernas em torno de seus quadris estreitos. Fecho meus braços atrás do seu pescoço, brincando com as pontas de seus cabelos.

Ele me encara. — Verdade: Diga-me, doce sirene, quantas noites você se masturbou pensando em mim quando estávamos separados?

Eu deveria saber que Des perguntaria algo sujo. Sua magia se instala sob a minha pele, exigindo que eu responda a essa pergunta embaraçosa.

— Eu não sei. — Digo.

Não é bom o suficiente. A magia do Negociador está ficando mais exigente, se enrolando em volta da minha traqueia.

— Quase toda noite. — Eu o encaro enquanto respondo.

— É o que você imaginou? — Sua magia ainda está lá, pressionando a minha garganta.

— O que você *acha* que eu imaginei? — digo sarcasticamente.

Ele apenas espera. Seu poder faz o resto, fechando o cerco à minha volta.

— Eu já te dei uma resposta. — Digo. Ele já está recebendo dois pelo preço de um neste jogo, e agora está abusando da sorte com outra pergunta.

— É da minha natureza tirar vantagem. — Diz ele, passando um dedo pelo meu decote. — Agora, você estava dizendo...?

Pressiono meus lábios, embora saiba que é inútil. As palavras saem da minha boca de qualquer maneira.

— Imaginei você transando comigo em quase todas as posições possíveis. Imaginei seu peso contra mim, seus quadris entre os meus. Imaginei seu corpo de bad boy fodendo o meu repetidamente. Imaginei sexo doce e gentil, imaginei sexo bruto e perverso. Imaginei você quando estava sozinha... e quando estava com outros homens – até gritei seu nome uma vez. Eu imaginei tudo isso, e ainda assim nada fez jus à realidade de como você é.

O Negociador observa minha boca enquanto falo. Finalmente, ele se inclina e morde meu lábio inferior. Ele o puxa entre seus dentes antes de

soltá-lo.

Ele sorri de uma maneira distintamente masculina, suas asas aparecendo atrás dele. — Você gritou meu nome quando estava com outro?

Eu me sinto corar. Por que eu compartilhei isso?

— Querubim, acho que teremos que fazer de Verdade ou Desafio uma parte regular de nossos dias.

Deus, não. Há tantas coisas – como as que acabei de divulgar – que são melhores quando não ditas.

Ele nos leva pelo corredor em direção aos fundos da casa.

— Qual é o meu desafio? — Eu pergunto.

— Eu acho que você descobrirá em breve.

Entramos no meu quarto, as luzes acesas.

— Por sete anos eu desejei entrar nessa sua casa — admite Des. — Isso me consumiu, porque eu precisava saber que tipo de vida você construiu para si mesma aqui.

Minha pele se arrepia com sua confissão.

— Naquela primeira noite que eu voltei pra você, — diz ele — você não tem ideia da sensação, ficar descansando na sua cama, sabendo que você dormia nela. Minha mente estava uma bagunça.

A mente dele estava uma bagunça?

Era a *minha* mente que estava uma bagunça. O perverso e intocável Negociador estava de volta vindo diretamente de reinos desconhecidos, vindo cobrar suas dívidas e partir meu coração mais uma vez. Eu era a colegial desajeitada e ele o cara distante e misterioso.

— Eu queria dormir com você aqui — continua ele — Seu corpo aninhado contra o meu... Deuses, o quanto eu queria me inserir nessa sua vida.

A magia do Negociador puxa minhas roupas. Num momento elas estão lá, e no próximo, elas são uma poça no chão.

Agora eu entendo. Esse é o desafio – sexo disfarçado de jogo.

Ele me coloca sobre meus lençóis, mas não se junta a mim. Em vez disso, ele fica ao pé da cama, se deliciando com minha forma nua.

Depois de alguns segundos, o Negociador me lança um de seus sorrisos assustadores. É um olhar que grita 'problema'.

Ele agarra meus tornozelos e abre minhas pernas, me exibindo de modo indecente. — Eu tive minhas próprias fantasias sobre você. Fodendo você aqui, na sua cama.

Deslizando as mãos sob minhas coxas, ele me arrasta para a beira do colchão. Sinto a mordida fria de seus braceletes de guerra feitos de bronze contra minha perna.

— Hoje à noite, estou reivindicando a posse dessa cama e de tudo mais aqui. — Ele pressiona um beijo na minha coxa, seus lábios arrastando pela minha pele. — Começando com você.

Capítulo 21

Des faz uma trilha de beijos ao longo da minha coxa, movendo-se pela parte interna até… até...

Eu aperto meus lençóis e solto um gemido, minha pele imediatamente brilhando, ganhando vida quando ele morde um dos meus lábios externos, depois o outro. Eu o sinto sorrir contra mim, e isso é quase pior. Não tenho defesa contra o Des diabólico.

Ele passa a língua na minha fenda, e Jesus Cristo e todos os santos, isso é indecente.

O Negociador morde meu clitóris, e agora eu grito.

Tão, tão indecente.

— Deuses, eu poderia comer essa buceta no café da manhã, almoço e jantar. — Diz ele, pouco antes de chupar meu clitóris.

Eu suspiro algo ininteligível. Se eu não estivesse tão excitada, ficaria envergonhada.

Atrás de mim, minhas asas começam a se formar, o que é realmente lamentável, considerando que elas serão esmagadas debaixo de mim.

Antes que eu tenha a chance de forçá-las a voltar, a mão de Des desliza pela minha espinha, sua palma quente pressionando contra a minha pele.

Com uma rajada de sua magia, minhas asas se foram, habilmente resolvendo esse problema.

Ele continua chupando meu clitóris, e eu estou começando a me contorcer, lutando para escapar.

Muitas sensações. Muitas, muitas mesmo.

— Ah, ah, ah — diz ele, sua respiração soprando contra minha pele. — Você vai precisar ficar quieta, querubim.

A magia de Desmond rola contra mim e...

— Você-você é uma pessoa-terrível. — arfo, as palavras quebradas. Estou perdendo rapidamente o resto da minha compostura.

— Eu sou. — ele concorda.

Ele lambe e chupa e arrasta meu clitóris entre os dentes, o bastardo apenas se afasta quando estou perto de gozar. Estou presa no lugar por suas mãos e por sua magia, e nenhuma quantidade de arqueamento ou torção pode me tirar de sua linha de ataque. Então, eu sou deixada à mercê de suas ministrações cruéis.

E elas são muito, muito cruéis. Estou presa em um ciclo interminável de acúmulo de prazer e frustração, meu corpo se contorcendo, cada vez mais tenso.

— Maldito seja, me deixe gozar. — Digo, glamour enchendo minha voz.

Mas a ordem que dou não é formulada corretamente e, em vez de forçar o Negociador a entregar o jogo, permiti que ele burlasse minha jogada através das entrelinhas.

Des se afasta, soltando minhas pernas enquanto se agacha. Ele passa a língua pelo lábio inferior, parecendo todos os Sete Pecados Capitais em uma única pessoa, e oh meu Deus, por que ele não está terminando isso?

— Não é assim que isso funciona, amor. — Diz ele, olhando para mim como um homem enfeitiçado.

Depois de um momento, Des se inclina novamente, mas quando penso que ele vai retomar de onde parou, ele me levanta da cama. Instintivamente, envolvo meus braços e pernas em torno dele, sentindo seu pau pressionando contra suas calças.

— Coisa doce, a noite está apenas começando. — Com isso, ele toma meus lábios em um beijo carnal.

Eu sinto meu gosto na língua dele, e isso faz meu coração doer novamente.

Travo meus tornozelos juntos atrás dele, meus dedos bagunçando seus cabelos. Meu corpo está aceso, minha carne crua por conta da maneira como Des me masturbava.

Des me leva através do quarto, até minhas costas baterem contra a parede. Ele interrompe o beijo, encostando a testa na minha enquanto respira fundo.

— Não pretendo que isso seja uma reivindicação fácil.

Reivindicação. Ele continua usando essa palavra, e não é a primeira vez que sinto seu lado fae tentando consumir tudo o que pode.

Enquanto ele me segura, suas roupas deslizam de sua pele, acumulando-se debaixo de nós. Seus quadris se afastam dos meus e, mantendo-me nivelada contra a parede, ele estoca dentro de mim. Eu suspiro com a sensação, meu núcleo apertando seu pau com força.

Sim. Eu me delicio com a pressão e a plenitude deliciosa, e seu corpo impressionante pressionando o meu.

Deslizo minhas mãos sobre seus ombros largos, sentindo os músculos duros como aço abaixo da minha palma. A presença de Des é intimidante o suficiente quando ele entra em algum lugar, mas agora, quando ele está deslizando para dentro de mim, ela abrange tudo.

Suas mãos deslizam para a parte externa das minhas coxas, inclinando minha pélvis para que cada golpe de seu pênis deslize mais fundo do que antes.

Ele encosta a testa na minha enquanto me penetra contra a parede. — Isso é cada desejo, querubim, cada sonho meu, realizado. Desistiria de todos os meus segredos - desistiria do meu próprio trono - se isso

significasse ficar com você.

Eu quero dizer algo eloquente, mas tudo o que sai da minha boca é um gemido ofegante.

Tão delicada.

— E eu gosto quando minha parceira geme em meus braços — diz Des. — Hmmm, talvez eu deva fazer você gemer de novo...

Os primeiros tentáculos da magia do Negociador lambem minha pele — *Não ouse.* — Digo, glamour enchendo minha voz.

Des sorri para mim, parecendo radiante com a minha resposta.

Nossos corpos emitem sons escorregadios enquanto ele entra e sai de mim, e logo a sensação se acumula até eu ficar tensionada. A libertação está próxima - tudo que preciso fazer é deixar vir...

Des desliza para fora de mim e eu quase grito.

Uma mulher pode ser levada à loucura por causa disso!

O Negociador cai de joelhos, colocando minhas pernas sobre os ombros. Sua boca está a centímetros do meu núcleo, mas sua cabeça está inclinada para me observar. Pensei que talvez isso fosse parte de seu jogo - reter meu orgasmo pelo maior tempo possível - mas uma olhada em seus olhos bane completamente esse pensamento.

Ele está olhando para mim como se eu fosse sua própria religião, algo para o qual ele poderia rezar, e agora eu me sinto como uma rainha das trevas, meu trono feito da carne deste homem.

— Case comigo. — Diz ele.

O tempo desacelera e minha respiração para.

Case comigo.

A segundos atrás, eu estava louca de luxúria, e agora... agora...

— Não basta só ser o seu parceiro — diz ele — Quero tudo, se você me quiser.

Minhas mãos começam a tremer onde o seguro. Mal consigo ouvir meus pensamentos sobre as batidas do meu coração.

— Case-se comigo, e eu amarei você para sempre, querubim.

Case comigo.

Já estamos ligados por forças inquebráveis. O mundo sobrenatural nos vê como almas gêmeas, assim como o Outromundo.

Casamento é para humanos.

De repente, sinto que tenho dezesseis anos novamente e Des está me pedindo para ir ao baile. Baile de formatura, casamento - tudo isso é para aquela parte de mim que sempre foi uma estranha desesperada, uma solitária. A parte dolorosa de mim que quer ser *normal.*

Isso é Des me dando o normal.

— Droga. — Des sussurra — Por favor, diga algo, Callie.

Balanço a cabeça, começando a sorrir.

Só que Des interpreta erroneamente minha ação.

Seus olhos estão morrendo, morrendo...

Eu seguro suas bochechas, como fiz anteriormente.

— Sim. — Digo, minha voz rouca de emoção. Começo a assentir e, assim que começo, não consigo parar. Eu sorrio, e parece que esse sorriso está tocando cada centímetro do meu rosto - cada centímetro desse quarto. Solto uma risada feliz.

Eu vou me casar com Des!

Vida reverbera em seu rosto, iluminando seus traços, e tenho certeza que o mundo não precisa de um sol com um sorriso brilhante como o dele. Ele se espalha por todo o seu rosto, seus olhos enrugando com a ação.

— Você vai se casar comigo?

Concordo com a cabeça novamente e estou sorrindo tanto que meu rosto está começando a doer.

— Você vai se casar comigo — diz ele novamente, processando. — Você vai ser minha esposa. — Ele solta sua própria risada incrédula.

De repente, ele se levanta e minhas pernas escorregam de seus ombros. Ele me pega a meio caminho de seu tórax e depois nos gira, me abraçando apertado.

Nesse exato momento parece que nós dois estamos em nosso próprio pequeno universo. Ele é minha lua, meu sol, minhas estrelas, meu céu e todo o espaço entre eles.

Des me deita na cama, movendo-se para cima do meu corpo languidamente. Ele captura minha boca, beijando-a como se estivesse soprando vida para dentro de mim.

Minhas mãos percorrem suas costas, roçando suas asas. Suas asas! Eu não as notei antes, mas elas devem ter surgido quando eu disse sim. As minhas ainda estão sendo mantidas longe pela sua magia.

Desta vez, quando Des entra em mim, não é tão carnal como era minutos antes. Suas asas se abrem, nos envolvendo enquanto ele me preenche. Ele tira, e a ação é uma agonia.

— Esperei anos por isso, — ele diz — antecipando este momento. Minha esposa.

Ele mete de novo em mim. De novo e de novo, ele sai e entra como a maré, cada golpe intenso e profundo como uma marca, como se ele quisesse que fosse conhecido por tudo e por todos que é real, que estamos juntos, que somos um.

Desta vez, quando Des implacavelmente me leva ao meu orgasmo, não há nada que possa detê-lo.

— Des. — Eu respiro, e então eu estou gemendo, arqueando, gozando.

Eu chego ao clímax em seus braços, encarando seus olhos claros quando me sinto desmoronar.

O Negociador golpeia contra mim, prolongando meu orgasmo até que ele faz uma pausa, sua respiração imóvel por um instante. Então eu posso senti-lo ficar mais grosso. Ele geme.

— Callie. — Ele chama. Isso é tudo o que consegue dizer antes de se entregar à sensação, penetrando dentro e fora de mim enquanto enfrenta

seu próprio orgasmo.

Eventualmente, seus golpes ficam mais gentis. Mesmo depois que seu orgasmo termina, ele permanece dentro, escovando meu cabelo para trás enquanto olha para mim. — Querubim... há algo que estou esquecendo...

Ele estala os dedos e, do éter, um anel aparece entre seu polegar e o indicador. — Eu acredito que isso é seu.

As asas do Negociador ainda estão abertas e, além delas, o quarto outrora brilhante agora está escuro com a magia do Rei da Noite.

Des sai de mim para que ele possa pegar minha mão. Pressionando um beijo no meu dedo anelar, ele começa a deslizar a joia.

A pedra colocada sobre a pequena faixa brilha levemente; não é diamante. Não costumo me interessar por anéis, mas este me deixou hipnotizada.

— O que é isso? — Eu pergunto, olhando para a pedra brilhante.

— Fiz um acordo com as estrelas...

Um acordo - é claro que ele fez. Eu sorrio um pouco.

— É luz estelar — explica ele, apertando minha mão. — Achei que a Rainha da Noite deveria levar consigo um pedaço de seu reino.

Vou chorar mais uma vez.

— Você já tinha escolhido o anel... — É uma afirmação tão ridícula. *Obviamente*, ele já tinha escolhido o anel há algum tempo; não é como se ele tivesse parado no meio do sexo para fazer um acordo com as estrelas aqui mesmo.

Des sorri, e a visão simplesmente me mata. — Querubim, você ficaria aterrorizada se soubesse há quanto tempo eu carrego esse anel.

Bem, tenho certeza que *aterrorizada* não é a palavra que eu usaria.

— Eu vou me casar com você. — Eu sinto um pouco de emoção só em dizer as palavras.

— Eu com *certeza absoluta* vou me casar com você. — Ele concorda.

Enquanto o encaro, penso naquele juramento antigo, aquele que me causou problemas. — Das chamas às cinzas, do amanhecer ao anoitecer, pelo resto de nossas vidas, seja sempre meu, Desmond Flynn.

Ele beija meus lábios. — Até a escuridão morrer.

Capítulo 22

NA MANHÃ SEGUINTE, quando acordo, abro os olhos e vejo uma explosão de cabelos platinados. A cabeça de Des descansa logo acima do meu peito, suas feições suavizadas pelo sono. Seus braços estão em volta da minha cintura, uma de suas pernas jogada pesadamente sobre a minha.

Não consigo parar o sorriso que se espalha pelo meu rosto. Des está aqui comigo, me seduzindo na minha casa. Minha mão esquerda está enterrada em seus cabelos, e agora eu a removo para olhar meu anel pela quinquagésima milionésima vez.

Milhões de pessoas passam por isso - se apaixonar, casar, blá, blá, blá - e, no entanto, não consigo imaginar mais alguém sendo tão feliz quanto eu neste momento, tão apaixonada quanto estou agora.

Minha mão cai de volta aos cabelos brancos de Des, e eu finjo por um momento que nós dois temos uma vida simples. Que eu sou apenas uma humana, e ele é apenas meu noivo. Que ele não tem um reino para governar e que eu não tenho asas e escamas e que não tenho um perseguidor fae que quer a minha cabeça. Que não estamos envolvidos em uma batalha do Outromundo que pode destruir tudo o que as fadas mais prezam.

Finjo por alguns minutos que somos apenas dois amantes separados há muito tempo que se reuniram finalmente. Que hoje mais tarde vamos ficar de mãos dadas e caminhar até a cafeteria da rua.

Eu ouço o ronco profundo de Des. Seu rosto esfrega contra mim, apertando os braços em volta da minha cintura. Ele levanta a cabeça, aqueles olhos luminosos encontrando os meus.

Um sorriso lento e fácil se estende por seu rosto. Não há nada além de amor em sua expressão, embora mesmo esse olhar em Des pareça um pouco desonesto.

Ele dá um beijo no meu esterno. — Sabe, Callie, eu nunca fui adepto às manhãs, mas definitivamente acho que poderia me acostumar com isso. — Sua mão desliza para baixo e começa a acariciar minha coxa. — Diga-me, como você se sente sobre... dormir até mais tarde?

O brilho em seus olhos é dica suficiente. Dormiremos até mais tarde só que sem a parte de *dormir*.

— Acho que parece incrível.

NÓS DOIS NÃO saímos da cama até horas mais tarde, envolvidos um no outro. Tenho certeza de que o paraíso consiste em inúmeros dias como este.

Com relutância, eu me arrasto para fora da cama - e só porque Des prometeu fazer o café da manhã.

Eu o observo agora, meu Des sem camisa andando pela minha cozinha como se fosse a casa dele e não a minha. (Tenho certeza de que ele sente que o lugar agora é dele.) Tento não sorrir enquanto ele tira os ingredientes do nada.

Os ovos dançam no ar e os pimentões se picam. O tempo todo, Des assobia, seus cabelos presos para trás.

Meus olhos se movem mais para baixo, observando seu corpo musculoso e seu braço tatuado. O Negociador é uma obra de arte. Uma obra mortal e ardilosa, mas ainda assim linda.

É quando estou aproveitando a visão dele que noto as marcas de garras percorrendo suas costas.

Eu sibilo. Aparentemente, sem o meu conhecimento, minhas garras saíram para brincar mais cedo.

Des se vira, instantaneamente alarmado. — O que foi?

Eu aceno para as costas dele. — Eu te machuquei.

Ele lança um olhar por cima do ombro. Eu sei que ele não pode ver as marcas, mas ele deve se lembrar delas porque sorri.

— Se você está se sentindo verdadeiramente mal com isso, Callie, tenho certeza de que poderíamos encontrar uma maneira de você me recompensar...

— Des! — Isso é o que eu ganho por ser atenciosa.

Ele ri e depois volta para o meu fogão, onde está cozinhando omelete. Percebo então que ele poderia simplesmente ter se curado. Mas assim como Malaki e o chupão de Temper, ele não quis.

Nunca vou entender as fadas.

O Negociador sacode a mão com uma espátula e uma caneca de café se prepara sozinha. Quando termina, ela flutua pela cozinha até onde eu me sento.

— Para você, meu amor. — Diz ele, não se incomodando em virar para mim.

Pego a caneca no ar. — Você é o melhor. — Digo, tomando um gole agradecido.

— Já houve alguma dúvida? — Ele olha por cima do ombro e pisca para mim.

Pouco tempo depois, Des termina as omeletes, meu prato flutuando até mim, com o dele logo atrás. Eles caem sobre a mesa, garfos e guardanapos correndo pelo ar em seguida.

Des senta-se à minha frente, puxando a cadeira para trás e, santo Jesus,

um Des sem camisa está sentado à minha mesa. As minhas partes femininas não estão lidando bem com a situação.

Ele levanta as sobrancelhas para mim e olha fixamente para a refeição.

O Negociador se recosta na cadeira. — Pare com isso.

— Parar com o que?

— De me dar esse seu olhar de *me fode*. Estou tentando ser um cavalheiro e não te comer bem aqui na sua mesa da cozinha.

Ponho meu café de lado. — A mesa pode aguentar uns trancos...

ISSO PODE LEGITIMAMENTE ser o paraíso.

— Podemos fazer isso sempre? — Pergunto.

Estou sentada de pernas cruzadas na mesa, minhas roupas amassadas. Espalhados pelo piso estão os restos do café da manhã, as omeletes espalhadas pelo chão, os pratos quebrados em pedaços.

Por que Des e eu não voltamos à terra antes? É óbvio que é aqui que libertamos nosso lado selvagem. Lua de mel: minha casa... depois a casa de Des... então em algum lugar nas nuvens entre as duas.

Des se aproxima de mim, suas calças de volta no lugar. Ele dá um beijo nos meus lábios e depois estende a mão. Os pedaços da minha caneca quebrada vibram do chão e depois se reúnem. O café respingado afunila no ar e depois volta para a caneca.

O Negociador a entrega para mim. — Você precisa mesmo fazer esse tipo de pergunta? Vou *insistir* que façamos isso.

Eu pego a xícara de café. — Obrigada.

Ele se senta ao meu lado na mesa da cozinha, sua própria caneca flutuando para sua mão. O café da manhã começa a se recompor, as omeletes se reformando, os pratos se juntando. Eles pousam na mesa com um ruído.

— O que devemos fazer hoje? — Des soa totalmente diabólico.

— Eu pensei que já tínhamos descoberto isso.

— Pequena sirene exigente. Não sou nada além de seu boneco sexual, não é?

Balanço a cabeça, soprando meu café. (De alguma forma, Des conseguiu esquentá-lo.) — Você me conhece.

Ele dá um sorriso travesso. — Eu estava pensando que poderíamos fazer algo entre trepadas. — Ele estala os dedos. — Ah, já sei.

Eu olho para ele. Ele parece ardiloso demais para o meu gosto.

Um minuto depois, uma caixa flutua para fora do meu quarto de hóspedes. No começo, acho que estamos Redecorando a Casa de Callie, Parte II. Mas é então que reconheço a caixa que está vindo em nossa direção.

E quase deixo minha caneca cair.

— O que você está fazendo, Des?

Essa não é uma parte do meu passado que eu quero explorar com ele agora - ou nunca.

A caixa cai no chão à nossa frente.

— É o que parece que estou fazendo, desenterrando todos os seus segredinhos sujos. Ah, olhe - esta caixa não está empoeirada como a nossa. Alguém revisita essas coisas frequentemente.

Estou apertando minha caneca agora.

As abas de papelão da caixa se abrem.

Inclino-me para frente e bato a mão nelas, fechando a caixa novamente. — Não.

— Vamos lá, amor. Quero ver o Ninho Perverso da Callie.

Eu quase luto com ele sobre isso. Mesmo que ele tenha visto o meu pior, esse não é o tipo de coleção da qual eu me orgulho.

Mas então, é nisso que nosso relacionamento se baseia: compartilhamos nossos segredinhos sujos, coisas que mais ninguém aceitaria de nós.

Então, eventualmente, levanto minha mão. — Tudo bem.

As abas se abrem mais uma vez. Meu coração está batendo um pouco mais rápido e meus dedos estão um pouco trêmulos. Ninguém mais viu o que há nesta caixa.

A primeira coisa que levita é um colar de ouro. Um colar de ouro masculino. Ele pousa na mão estendida de Des.

— Qual é a história por trás disso? — Ele pergunta.

Se eu fechar meus olhos, ainda posso ver o homem claramente. Estrutura magra e enxuta; olhos maus e vesgos. Nem todos os meus alvos parecem pessoas más, mas esse parecia.

— Keith Sampson. Sua ex queria a custódia exclusiva de seus filhos, então ela me fez desenterrar as sujeiras dele. Entre a longa lista de merdas muito fodidas que ele fez em sua vida, ele espancou sua esposa, vendeu drogas a menores e fez sua filha ficar viciada em heroína para que 'a vaca pudesse perder um pouco de peso'.

Só de lembrar de Keith, minha sirene se agita.

— O que você fez com ele? — Des pergunta, curioso.

O fiz rastejar. Chorar. Se humilhar.

— Eu fiz ele se entregar.

— Hmm. — Diz Des, olhando para o colar.

Tenho a nítida impressão de que ele está ouvindo as sombras agora. Essa teoria só se solidifica quando ele sorri, depois deixa a joia de lado.

A próxima coisa que sai é um mapa desenhado à mão.

— Arnold Mattis. — Eu digo.

A namorada dele, Christina Ruiz, me contratou para... lidar com Arnold.

— Vários anos atrás, Arnold espancou, estuprou e depois esfaqueou repetidamente sua namorada depois que ela tentou deixá-lo. — As fotos da cena do crime ainda me assombram. — Ele saiu com acusações de estupro e agressão, foi condenado de dez a trinta anos, mas foi colocado em liberdade condicional antecipadamente.

Quando eu encontrei Arnold, ele estava com o mapa, o endereço de

Christina escrito nele. Junto com o mapa, ele tinha alvejante, corda, fita adesiva e um martelo guardado no porta-malas do carro.

— O que aconteceu com ele?

— *Eu* aconteci.

Arnold e eu jogamos um jogo chamado Olho por Olho. Ele não gostou muito. Eu gostei.

O próximo a sair da caixa é um emblema bordado estampado com uma caveira flamejante. Ele cai na palma da mão de Des, um pouco de couro preto ainda agarrado a ele.

— Motoqueiro racista.

O Negociador espera por mais explicações.

Eu dou de ombros. — Eu não sei. Foi um dia ruim e ele me irritou.

Aquele cara era um *puta* cuzão. E eu tinha poder absoluto sobre ele, apesar de seu tamanho enorme e seu temperamento esquentadinho.

Des tira da caixa um dente. Ele segura o incisivo. — Querubim, isso se parece mais com o meu trabalho do que com o seu.

Agora que ele menciona, parece mesmo.

Eu tiro o dente dele, rolando-o entre os dedos. Fecho os olhos por um momento, ouvindo um eco dos gritos deste homem.

— Traficante de seres humanos. — Ainda posso ver sua camisa branca limpa e a fumaça que ondulava de seu cigarro. Ele olhou para mim como se eu fosse gado. A memória ainda me dá calafrios.

Mas também tenho orgulho desse caso em particular. Acabei salvando mais de cem homens, mulheres e crianças.

— Deixei ele sozinho em um quarto com suas vítimas e suas famílias.

— Ele morreu?

Balanço a cabeça. — Ele implorou por isso... mas não.

Eu nunca disse que era uma boa pessoa, mas cheguei bem perto do diabo com esse. O dente é prova suficiente disso.

— Eu trouxe todos esses homens para perto da morte. — Eu digo, olhando para o dente.

Por alguns segundos, o Negociador não diz nada. Finalmente: — Quão perto?

Perto o suficiente para sentir o poder antigo que se move dentro de mim, o mesmo poder que compelia minhas ancestrais a matar.

Eu limpo a garganta. — Perto o suficiente para saber que eu deveria me sentir envergonhada.

...Perto o suficiente para realmente apreciar.

Des solta uma risada. — Mas você não se sente. — Não é uma pergunta.

— Não.

De modo nenhum. A caixa está cheia de lembranças das pessoas mais cruéis e sinistras do mundo. Pessoas que machucaram crianças, que abusaram de entes queridos, que tentaram se safar de assassinatos.

Nem mesmo a prisão ou a morte podem compensar as atrocidades que

cometeram. Talvez eu tenha sido o mais próximo que eles chegaram de um verdadeiro acerto de contas na terra.

Des balança a cabeça. — Porra, somos parecidos. Eu que deixei você assim?

— Você não fez nada. — Exceto, talvez, ter me dado um padrão de como trabalhar com criminosos. — Eu já era assim antes de você me conhecer.

Com a lembrança, as bordas da sala escurecem. É realmente muito reconfortante ver Des ficar chateado por mim, mesmo depois de todo esse tempo.

Ele dá um pequeno chute na caixa. — Acha que eu deveria visitar esses caras?

Duvido que eles sobreviveriam. O Negociador não tem o mesmo problema com a morte que eu.

Ainda assim, sorrio ao pensar no Rei da Noite em suas calças de couro e camisetas vintage, aparecendo para esses homens para que então ele possa causar um pouco de estrago - e tudo porque eles irritaram sua parceira em algum momento.

Enrosco meus dedos nos dele. — Ser casada com você vai ser *divertido.*

Capítulo 23

— … ENCANTADORA…

Eu respiro fundo perante a voz. Vem de todos os lugares ao mesmo tempo.

— Aproveitando o seu tempo na terra?

Giro em círculo, meus pés cavando na areia.

Areia…?

É quando meu entorno entra em foco. Há uma praia, o oceano e um penhasco - um penhasco muito familiar.

Esta é a praia embaixo da minha casa. Eu já estive aqui milhares de vezes, geralmente sozinha. Se minha casa é meu santuário, esta faixa de terra é meu templo. E agora, está sendo corrompido.

— Bela vista. — Diz o Ladrão, sua respiração contra o meu ouvido.

Minha pele brilha ganhando vida quando o medo flui através de mim. Eu giro para encará-lo.

O Ladrão está vestido com roupas escuras - roupas humanas. Pensei que já o tinha visto em sua forma mais aterrorizante antes, mas o Ladrão disfarçado de humano pode muito bem ser a versão mais assustadora dele.

— Como você sabia onde eu estava? — Pergunto.

— Callypso, — ele passa a mão pelo cabelo preto, — eu sei de *tudo*.

Nenhum ser sobrenatural é *tão* onipotente.

O Ladrão de Almas nivela seu olhar impiedoso com o meu. Por um momento, simplesmente olhamos um para o outro, então seu olhar desce.

— Esse truque que você faz com a pele — diz ele — eu gosto bastante. — Ele se inclina para perto, sua boca roçando minha orelha: — Eu imagino que estar dentro de você é como foder uma estrela.

O Ladrão se endireita, passando a mão pela camisa e suavizando as rugas imaginárias. — Falando em estrelas... — Antes que eu perceba o que ele está fazendo, ele captura minha mão esquerda. Ele a inclina para que possa dar uma boa olhada no meu anel. — O Rei da Noite não economizou quando fez a proposta - e você disse sim.

— O que você achou que eu diria? 'Não'? Que eu estava me guardando pra você?

Ele ri com isso. — Que pensamento mortal. Eu prefiro desfrutar de nossas conversas, encantadora. Não, eu quero que você aproveite a companhia do seu parceiro pelo maior tempo possível. Você vê, a vida é apenas uma longa história; eu realmente não me importo como a sua começa... apenas como termina.

Isso envia um arrepio pela minha espinha.

Então o Ladrão senta na areia, e é tão desarmante. Você espera que a maldade seja óbvia; você nunca espera que ele aja como qualquer outra pessoa agiria. Ele dá um tapinha no chão ao lado dele. — Junte-se a mim.

Eu olho para ele. — Eu não pretendo ficar aqui.

— Você prefere voltar para sua casa? Gostaria de ver se seu parceiro está aí? — Ele diz. — Eu me pergunto como seria isso, eu encurralando vocês dois em sua própria casa. Talvez todos pudéssemos nos beijar e compensar nossos pecados.

Essa imagem chega a doer fisicamente.

— Ou eu poderia simplesmente te prender no chão e deflorar sua boceta 'virgem' enquanto o Rei da Noite é forçado a assistir.

Essa conversa acabou.

Eu me afasto dele. Não dou nem cinco passos quando a terra rola violentamente, me jogando de costas. Abaixo de mim, a areia muda e depois reassenta.

Eu pisco para o céu, duas gaivotas gritando enquanto voam acima de mim.

— Você está no meu reino, encantadora. Aqui jogamos de acordo com minhas regras. — Diz o Ladrão. Ele está sentado ao meu lado, e eu não tenho ideia se ele veio para cá ou se a terra me levou para onde ele estava.

Meus dedos se enterram na areia. Se estou no reino dele, um reino que só visito quando adormeço, então...

Me levanto, estudando seu perfil. — Então você controla a pequena morte, e tudo o que acontece aqui. — Tipo sacudir o chão e me jogar na areia.

Os olhos do Ladrão brilham. — A detetive particular finalmente ligou os pontos. Que perspicaz de sua parte.

Esse imbecil.

Eu bufo uma risada. — Você sabe qual o seu problema? — Eu digo, virando para encará-lo mais uma vez. — Você pensa que é um tipo especial de ser maligno, mas não é. Eu já conheci muitos homens como você antes. — Homens que usam e quebram e destroem.

Ele me dá um sorriso malicioso, e eu nunca vi feições tão frias. Isso me assusta - me assusta de verdade. Chamei a atenção de uma coisa abominável e sei que, no momento em que ele real e verdadeiramente colocar as mãos em mim - não em algum sonho, mas no mundo real, onde todos estão acordados - ele vai me destruir.

— Garanto-lhe, encantadora, — diz ele — você nunca conheceu um

homem como eu.

ACORDO NO BRAÇOS de Des, meu corpo coberto de suor frio. Estou ofegante, meu peito subindo e descendo.

Há um momento atrás, o Ladrão e eu estávamos sentados na praia além do meu quintal, e não posso deixar de acreditar que ele ainda está lá fora, olhando para a minha casa, debatendo se deveria ou não arrombar a porta e foder comigo e com Des.

Eu agarro o antebraço do Negociador quando ele embala minha cabeça e pescoço. Eu fecho meus olhos e minha frequência cardíaca diminui.

Quando abro os olhos, o Negociador está afastando meu cabelo do rosto. — Costumávamos fazer isso juntos — ele diz suavemente — no seu dormitório. Você costumava ter pesadelos e eu te acordava para salvá-la deles.

Porque mesmo quando não éramos *nós*, Des ainda estava me salvando, de novo e de novo.

— Você se lembra? — Ele pergunta calmamente.

Eu concordo com a cabeça.

— E agora os pesadelos estão de volta e, desta vez, não posso fazer o mesmo.

Respiro fundo e pressiono a mão na minha testa pegajosa. — Ele pode controlar os sonhos, o Ladrão. Ele chamou o lugar de seu reino.

Des franze a testa, sua fronte enrugada enquanto seu olhar procura meu rosto. Eu acho que ele está prestes a me dizer algo, mas o momento passa e suas palavras nunca chegam.

Pelas janelas do meu quarto, posso ouvir as ondas batendo na praia. É mais um lembrete visceral do meu sonho.

Estremeço com um suspiro. — Eu não sei por que ele está me perseguindo. — Estou envergonhada com o quão fraca pareço.

— Ouça-me — diz Des, me segurando com força. — O Ladrão de Almas pode ser poderoso, mas você não é vítima de ninguém. Você entendeu?

Eu engulo e aceno.

Des observa meu rosto, a luz da lua dando ao seu rosto tons de azul. — Acha que vai conseguir voltar a dormir? — Ele pergunta.

E terminar em mais um dos sonhos doentios do Ladrão?

Balanço a cabeça.

O Negociador solta um suspiro. — Então vamos tomar café da manhã.

Olho para o relógio na minha mesa de cabeceira. São 03:02 da madrugada.

— Onde vamos tomar café da manhã tão cedo?

Des apenas sorri.

— EU TE AMO pra caralho, você sabe disso, certo? — Pergunto, despedaçando um croissant de chocolate. Ao nosso redor, a luz do sol entra no Café Douglas. Pode ser madrugada em Malibu, mas é quase hora

do almoço na Ilha de Man. O lugar está cheio de pessoas conversando sobre café e doces, a vida seguindo da mesma maneira que costumava seguir quando vínhamos aqui há uma década.

— É sempre bom ser lembrado. — Des coloca os pés sobre a mesa com bota e tudo, recostando-se para saborear seu café expresso. Os anos podem passar, mas ver o grande e malvado Negociador bebendo café numa xícara pequenininha nunca perde a graça.

Tomo um gole do meu café, assistindo um grupo de adolescentes barulhentas fofocando enquanto esperam na fila para pedir.

— Você já desejou ter isso? — Des pergunta, seguindo o meu olhar.

— Ter o que?

O Negociador sorri. — Não se faça de sonsa, querubim. Você sabe do que eu estou falando.

Amigas. Um bando. Um grupo de mulheres que te protegem e você retribui o favor. As pessoas com quem você faz compras, emprestam suas coisas, contam todos os seus segredos. Houve momentos em que eu queria tudo isso tão desesperadamente que doeu.

Eu respiro fundo, colocando minha caneca na mesa. — Às vezes... quando não penso no que isso teria me custado. — Se eu não estivesse tão desesperadamente sozinha, não teria barganhado pela companhia de Des. E se eu não tivesse barganhado por ela...

— Eu teria procurado por você, amor. — Ele chuta os pés da mesa — Eu procurei cem anos por você. Eu teria te encontrado, de um jeito ou de outro.

Essa confissão me aquece até a ponta dos dedos dos pés.

Tomo um gole final do meu café e empurro-o para longe. Olho de volta para as meninas, que agora se afastaram para o lado enquanto esperam o pedido. — Eu tenho uma versão disso. — Digo suavemente.

Temper preencheu o buraco que Des deixou em mim, e eu estava lá para preencher os buracos dela.

Deus, esse pensamento soou muito mais sujo do que eu pretendia. Não que Temper se importaria com a descrição.

— Ah, Temper, a mulher por quem terei uma dívida eterna. Sabe, eu sei um pouco sobre... a situação dela.

Meus olhos se arregalam. Eu sei o suficiente sobre sua origem de merda, mas não sei tudo.

Des toma outro gole de sua bebida. — Talvez eu te diga algum dia... por um preço, é claro.

É claro.

O Negociador toma seu café expresso e fica de pé. — Nós devemos ir andando. Há uma reunião com hora marcada que não podemos perder.

EU ESCOVO AS teias de aranha para fora do meu cabelo depois de sairmos da linha ley e entrarmos em uma igreja condenada.

Os portais da linha ley estão localizados nos locais mais sinistros.

— Onde estamos? — Pergunto quando Des me leva para fora. Acima de nós, o céu está nublado e, do outro lado da rua, um edifício praticamente sobe em cima o outro.

— Londres. — Diz Des, pegando minha mão.

Por um momento, não acho isso incomum. Estou acostumada a aparecer em cidades aleatórias com Des. É o que costumávamos fazer juntos o tempo todo.

Mas agora que Galleghar e o Ladrão estão livres, e o Outromundo está no meio de uma guerra, Londres parece sem sentido.

— Porque estamos aqui?

— Você verá.

Com essa observação enigmática, descemos a rua. Nós dois andamos por vários quarteirões, o Negociador praticamente arrastando minha bunda em direção a este destino misterioso.

— Para onde vamos? — Pergunto novamente.

— Tenho um conhecido que pode nos ajudar.

Nos ajudar com *o que?*

— A menos que você esteja me levando a um spa, eu realmente não estou nem um pouco feliz com isso.

Quer dizer, vou arriscar outro encontro cara a cara com Galleghar se isso significar receber algum tratamento de spa, mas só por isso.

O Negociador olha para mim enquanto atravessamos a rua, sua expressão manhosa. — Eu pensei que o café da manhã tivesse me dado com um pequeno crédito de anistia.

Eu resmungo com isso porque ele tem razão. Você me compra com doces e café, e eu vou deixar passar muita porcaria.

Finalmente paramos em frente a um prédio elegante.

— Este é o lugar onde você queria me levar? — Eu pergunto, avaliando-o. Parece um lugar onde a diversão vai para morrer. É todo bordas suaves e acessórios modernos e, francamente, parece errado, assentado bem aqui nesta cidade antiga. — Tenho certeza de que vou odiar isso.

— Querubim, você nem sabe o que é isso.

Eu bufo. — A menos que este lugar contenha um bar temático, um ano de macarons grátis ou o maldito Papai Noel, ele vai me decepcionar.

Todas essas também são coisas pelas quais eu correria o risco de encontrar Galleghar cara a cara.

— Tão dramática. Talvez se você for boazinha, eu possa te levar para um bar temático depois daqui - eu posso até deixar você fazer body shots em cima do meu corpo.

Eu estreito meus olhos para Des. — Isso é *chantagem.* — Chantagem completamente eficaz, mas chantagem mesmo assim.

— Suas habilidades de dedução estão fora de série.

Eu dou um empurrãozinho no meu parceiro, sorrindo um pouco. — Você não precisa ficar todo insolente. E eu vou totalmente cobrar esses

body shots. — Com tequila. Eu quero lamber sal do seu abdômen totalmente sexy e fazer com que ele me dê os limões na palma da mão.

Por que *sim*, eu sou uma aberração.

Relutantemente, entro no prédio com ele. Não é até chegarmos ao décimo sexto andar e ver o letreiro de metal do outro lado do corredor que percebo qual é exatamente o encontro surpresa.

— Você está me levando para visitar um *vidente*? — Apenas dizer o nome envia uma onda de adrenalina através do meu sistema.

Não é à toa que o Negociador estava sendo todo misterioso sobre o nosso destino. Eu nunca teria concordado em vir aqui se soubesse.

— Você não acha que já era hora de alguém ver o seu futuro, considerando tudo o que está acontecendo? — Des diz.

— Não, não acho. — Não acho mesmo. Porque né, *motivos*. Dos bons. Dos quais não quero falar.

Eu ainda estou olhando para a placa.

Belleby & Filhos, LTDA
Vidente
Previsão é a melhor prevenção.

Eu tremo um pouco. Meu padrasto era vidente. Ele trabalhou em um lugar como este, traficando leituras para as pessoas mais ricas e poderosas - pessoas que estavam frequentemente do lado errado da lei.

Foi assim que encontrei o Negociador pela primeira vez. Um cliente entregou o cartão de Des para o meu padrasto, e ele o manteve por perto, pronto para chamar o Rei da Noite se ele acabasse em uma situação difícil. Quis o destino que *eu* fosse aquela situação difícil, e o Negociador foi minha salvação.

O andar está assustadoramente silencioso, não é possível ouvir nada exceto um gemido distante. Eu esfrego meus braços.

Aqueles body shots terão que ser os mais deliciosos goles de tequila do mundo.

Des coloca uma mão nas minhas costas e se inclina para beijar minha têmpora. É o mais perto que ele vai chegar de pedir desculpas pelo truque podre que fez comigo. Ele me leva pelo corredor, e o lugar parece quase abandonado.

— Os negócios estão realmente prósperos. — Eu digo.

A boca de Des torce, mas o resto do rosto fica estoico.

Paramos na frente de uma porta. Por trás dela, o gemido é mais alto.

Quem quer que esteja prevendo futuros aqui, parece estar ocupado arruinando a vida de outra pessoa.

Talvez devêssemos apenas voltar mais tarde...

Sem nenhum aviso, o Negociador abre a porta bruscamente.

— Toc toc.

Dentro da sala, uma mulher nua grita de onde está deitada na mesa, o

homem em cima dela lutando para se desvencilhar.

— Ah, merda. — Diz o homem, vendo Des. Ele rapidamente tenta enfiar suas partes de volta na calça.

Apenas - eca.

A mulher quase nua grita de novo, tentando (sem sucesso) se cobrir.

Acho que isso explica os gemidos...

— Eu pensei que você disse que tínhamos uma reunião com hora marcada? — Eu sibilo para Des.

Meu parceiro não olha para mim, balançando a cabeça para o homem. — Você sabe que não deve misturar negócios com prazer, Collin.

Acho que é o vidente. Pode-se dizer que não estou impressionada.

O Negociador balança a mão como quem não quer nada, e as roupas que a mulher está tentando vestir se encaixam em seu corpo. Ela grita, depois sai da sala aos tropeços.

— Droga — diz o homem, observando a mulher sair antes de voltar sua atenção para Des. — Você poderia ter ligado.

Ele tem razão - afinal, previsão *é* a melhor prevenção.

— Meus clientes sempre dizem isso — diz Des. — O problema é que, quando ligo, eles têm o mau hábito de desaparecer, e eu tenho o mau hábito de encontrá-los e acrescentar juros à sua conta. Acredite, isso é melhor para todas as partes envolvidas.

Collin pega sua camisa descartada e a coloca novamente.

— O que você quer? — Pergunta, descontente. Ele abotoa a camisa e se recosta na mesa.

Vai precisar de uma Bíblia e água benta para limpar os atos feitos nessa peça de mobiliário.

Sinto um sopro da magia de Des deixar o seu corpo. Um momento depois, ela desliza a manga da camisa do vidente, revelando duas marcas de registro irregulares.

Dou um passo à frente, instantaneamente curiosa. É raro ver um dos clientes de Des com mais do que uma de suas tatuagens. Provavelmente significa que Des confia em Collin.

— Me lembre novamente, há quantos meses você tem essas? — O Negociador pergunta.

O homem abaixa a manga, mexendo inquietamente no punho; tenho um vislumbre do quão jovem ele realmente é. Uns vinte e poucos anos, talvez? E agora que estou procurando, há indícios de que ele se sente desconfortável com as roupas que veste.

Depois do que acabamos de interromper, eu não esperava isso desse cara.

— Estou disposto a pagar minha dívida — diz Collin. — Apenas me diga o que você quer.

Agora ouço o sotaque áspero de Collin. Um cenário toma forma: um garoto promissor, mas sem muitas opções, se aproxima do Negociador. O Negociador vê algo de si mesmo no jovem, então ele o ajuda um pouco

mais do que costuma ajudar seus outros clientes. E assim o jovem vidente tem um conto inspirador de ascensão triunfal e apenas duas dívidas para pagar por isso.

Os olhos de Collin se movem para mim e lá eles ficam.

— Quem é essa? — Ele pergunta com um pouco mais de interesse do que o ideal para um profissional.

— Não importa quem ela é. O que importa é o que você pode fazer por ela. — Diz Des.

O rosto do vidente fica presunçoso. Ele gesticula para eu avançar.

— Lave suas malditas mãos primeiro. — Des rosna. — Você não vai tocá-la depois de ter metido os dedos numa boceta larga.

Collin levanta a sobrancelha, mas se levanta. — Vejo que nosso tempo separado não fez de você uma pessoa mais agradável.

Os olhos de Des deslizam brevemente ao redor da sala. — Vejo que o nosso tempo separado tornou você mais rico.

O vidente resmunga. Dando-me um pequeno aceno de cabeça, ele sai da sala.

Eu me viro para o Negociador. — Por que estamos fazendo isso?

Realmente não quero estar aqui.

— Querubim, eu pessoalmente prometo que, se Collin fizer qualquer coisa que você não goste...

Eu abro minha boca.

— ...além de prever seu futuro...

Droga. Eu fecho minha boca.

— ...eu vou estripá-lo pessoalmente do umbigo à garganta.

Jesus.

— Bem, primeiro eu vou cobrar meu último favor, e então eu vou estripá-lo do umbigo à garganta. — Des corrige.

— Ninguém precisa estripar ninguém. Eu só...

A porta se abre e o resto das minhas palavras desaparecem quando Collin retorna.

— Tudo bem — diz o vidente — onde estávamos? — Seus olhos caem em mim, brilhando com interesse. — Ah, certo, você quer uma leitura.

— *Eu* não quero uma leitura. — Digo, só porque acho que esse ponto precisa ser esclarecido.

Collin se vira para Des.

— Dê a ela uma leitura.

Ugh.

O vidente limpa a garganta. — Ok. Por favor, sente-se, senhorita. — Ele gesticula para um sofá próximo.

Tenho certeza de que pareço uma criança petulante quando me sento. Quero dizer, já entendi, só porque meu padrasto era o capeta (isso não é literal - ouvi dizer que o capeta é na verdade muito mais legal que Hugh Anders), não significa que todos os videntes são uma droga.

Mas isso também não significa que eu tenho que ser uma boa

perdedora em relação a isso.

Collin se senta ao meu lado, e Des se move para a parede em frente ao sofá, encostando nela e cruzando os braços, os bíceps esticando as mangas da camisa do AC/DC.

É seriamente injusto que o Negociador possa parecer tão gostoso mesmo quando estou irritada com ele.

— Eu sou Collin — o vidente diz, chamando minha atenção de volta para ele. — Acho que você deveria saber meu nome antes que eu dê uma olhada no seu futuro.

Estou prestes a dizer que eu já sei o nome dele e isso é uma droga e que tudo é uma droga, mas forço um sorriso. — Callie.

— Prazer em conhecê-la.

É, tanto faz.

O vidente pega minhas mãos, seus polegares acariciando minha pele de uma maneira que não é totalmente profissional. Mas talvez seja só eu.

Olho para nossas mãos e, enquanto olho para elas, começo a sentir o batimento cardíaco dele sob sua pele, movendo magia com sangue. Seu poder humano preenche meus sentidos.

Sua habilidade é forte, por incrível que pareça.

Meus olhos se voltam para Collin.

Acho que estava esperando incenso e encantamentos - pelo menos uma chama viva ou uma tigela rasa de água para adivinhar o meu futuro. Meu padrasto tinha uma tigela que ele costumava carregar, destinada à vidência. Ele nunca usou isso em mim - ele nunca se atreveu a enfrentar suas ações monstruosas - mas ele gostava de usá-la com os clientes.

Esse vidente não faz nada disso. Ele respira profundamente, seu olhar fixo no meu, seus olhos procurando, procurando...

Eles desfocam.

Meu próprio olhar vai para Des, que se sentou em uma cadeira próxima. Com um de seus pés, ele inclina o assento para se equilibrar nas duas pernas traseiras.

Quando ele me pega olhando, o canto de sua boca se curva. Ele começa a levitar ele mesmo e a cadeira, me entretendo como costumava fazer quando eu era adolescente.

Eu solto um risinho.

— Olhos em mim. — Diz o vidente gentilmente.

Minha atenção volta para Collin. Nós dois nos encaramos por um longo tempo. Tempo suficiente para fazer eu me contorcer no meu lugar e para fazer isso parecer estranho. Tempo suficiente para eu visualizar vividamente aqueles body shots.

Demora mais um minuto, e então Collin começa a falar. — Eu vejo outra entidade te sombreando, entrando na sua consciência assim que ela tem a chance - o que pode fazer isso? — O vidente murmura para si mesmo. — Isso não é um incubus... isso não é... nenhum ser terrestre. Continuará a assombrá-la. Ele quer... não tenho certeza. Quer você...

encantadora.

Aquele nome. Eu tenciono.

A cadeira de Des cai com tudo.

Agora Collin fecha os olhos. Segundos passam, e sua respiração parece diminuir.

Isso parece estar saindo do roteiro...

Os olhos do vidente se abrem.

Eu recuo. Eu conheço a criatura olhando por trás daqueles olhos.

Isso não é o vidente. Não mais.

Ele começa a falar. — *Depressa encantadora, você está ficando sem tempo.*

Eu tento libertar minhas mãos, mas o aperto de Collin se intensifica.

— *Devorarei você lentamente, sua vida é minha.*

O canto da boca de Collin se curva em um sorriso sinistro. — *Então fuja de mim, pois uma vez que eu acabar, vou me libertar e irei atrás de você.*

O vidente deixa cair minhas mãos, tossindo e esfregando sua garganta. Quando ele olha pra mim novamente, o Ladrão não está mais em seus olhos.

— Que *porra* foi essa? — Ele diz roucamente.

Estou tremendo, e não apenas de apreensão. A sala ficou fria e escura.

Des sai das sombras. — Era uma criatura que precisa de extermínio — diz ele, ajudando-me a sair do sofá. — O que mais você previu? — Ele pergunta, olhando para Collin.

O vidente limpa a garganta, ainda esfregando-a. — Vi escuridão e morte, e algo sobre isso estava... consciente. Seja qual for essa merda, está se aproximando dela. — ele diz, acenando para mim. — Se ninguém parar essa coisa... então ela a alcançará. E nesse caso, — Collin olha para mim se desculpando — não é com a morte que você deveria se preocupar.

Não é com a morte que você deveria se preocupar.

Esse deveria ser o slogan do Ladrão. Já vi que, quando se trata desse monstro, há outras coisas brutalmente perversas que ele pode fazer que são tão ruins quanto a morte.

E agora minha mente evoca todo tipo de coisas impossíveis que são piores que a morte.

Veja, é isso que eu quero dizer sobre querer ter uma vida normal. Pessoas normais não precisam se preocupar com coisas piores do que simplesmente morrer.

Collin sobe a manga da camisa assim que uma das duas linhas negras desaparece da pele.

— Isso era realmente tudo o que você queria? — Ele pergunta.

— Você gostaria que eu tomasse mais? — A escuridão ainda não se dissipou.

— Na-não. — O vidente diz rapidamente.

— Então eu estarei por perto — diz Des. — E uma dica profissional: tente manter o pau dentro das calças durante o expediente. É ruim para os negócios.

Desmond coloca a mão nas minhas costas. — Pronta para ir, querubim? — Diz, sua voz ficando mais gentil quando fala comigo.

Eu concordo.

Mais do que pronta.

Collin estende a mão, presumivelmente para apertar a de Des. O Negociador olha para ela com um leve desdém.

Em vez de pegar a mão do vidente, um cartão preto se manifesta entre os dedos de Des. — Você sabe como isso funciona. Nós não somos amigos, porra. Entregue meu cartão a um amigo em apuros, ou não, mas não se esqueça em que pé estamos. Você ainda me deve um favor.

Acho que isso é o mais próximo que o Negociador fica de seus clientes mais agradáveis.

Collin pega o cartão de Des, e isso deveria ser o fim das coisas.

Não é.

Talvez Collin seja presunçoso, ou curioso, ou talvez só queira provar algo, mas no último minuto ele agarra a mão de Des de qualquer maneira, forçando o Negociador a ficar refém de um aperto de mão.

No momento em que a pele de Collin entra em contato com a do meu parceiro, o vidente respira fundo, seus olhos desfocados.

Eu acho que mais alguém vai ter sua sorte lida...

Ao meu lado, a forma de Des pisca. Num segundo Collin o segura em um aperto de mão e, no próximo, Des agarra o vidente pela garganta.

Ele bate Collin contra a parede. — Sinto muito, mas não me lembro de pedir para você malditamente ler meu futuro. — Diz o Negociador calmamente. Não há nada que entregue sua raiva fervente - sem sombras, sem silhuetas de asas - nada.

Collin tenta inutilmente soltar os dedos de Des, mas quanto mais suas peles entram em contato, pior o vidente parece ficar. Os olhos de Collin reviram, sua respiração falhando. Seu corpo espasma uma, duas vezes.

Eu dou um passo à frente. — Des, o que você está fazendo? — Pergunto, alarmada.

Ele franze o cenho para o vidente. — Nada. — Como para provar seu argumento, o Negociador solta o homem.

Collin se dobra no chão, seu corpo fraco e trêmulo. Ele geme, suas pálpebras tremulando. Ele tosse. — Negociador...

O Rei da Noite olha impassível para ele. — Se você fizer essa proeza novamente, você vai perder esses dedos um por um.

Des olha para mim. — Pronta, querubim?

Uh... — Sim.

Des coloca uma mão nas minhas costas e me guia até a porta.

— Espere. — Collin chama à nossas costas.

O Negociador não diminui a velocidade.

— Há algo que você deveria saber — diz o vidente, sua voz rouca. — A escuridão... a escuridão vai te trair.

Capítulo 24

NÃO FALAMOS NADA estarmos à uma quadra de distância do prédio.

— Você quer uma cerveja? — O Negociador finalmente diz.

— *Des.* — Minha voz mal é um sussurro.

— *Eu* preciso de uma cerveja.

— *Des.* — Eu paro. Sinto que não consigo recuperar o fôlego. — Você não pode simplesmente fingir que os últimos dez minutos não aconteceram.

O Negociante murmura algo baixinho. Ele se vira para mim, seu cabelo parecendo neve contra o cenário cinza de Londres.

— Callie, nada vai acontecer comigo. — Ele parece tão seguro de si. Como se ele fosse imune a danos.

Eu quero sacudi-lo. — Aquele vidente disse que a escuridão o trairia, Des!

— O vidente é um pequeno imbecil que ficou muito convencido.

Por que ele não está ouvindo? — Ele viu o seu futuro!

— *Callie.* — Ele pega minha mão, rolando meu anel de noivado um pouco. (Sempre pareço estar usando uma das joias do Negociador.) — Está tudo bem. Não estou desconsiderando as palavras de Collin. O que tiver que acontecer acontecerá, mas você precisa confiar em mim. Você pode fazer isso?

Não. Ugh, *sim.*

— Parece que acabei de ter você de volta. — Olho para os meus pés antes de olhar para o Negociador novamente. — Eu não posso te perder duas vezes.

— Quem disse algo sobre me perder? — Des pergunta. — Não deixe sua mente pregar peças em você agora, amor. Traição não é o mesmo que morte.

Eu respiro fundo. Ele tem razão. De má vontade, concordo.

— Você está bem? — Des pergunta.

Não. Não de verdade.

— Eu quero aqueles body shots.

DESMOND ENCONTROU UM clube temático para nós afinal de contas. Um que oferece body shots.

Alchemy, uma boate de Londres, é ornamentada para parecer o paraíso de qualquer feiticeiro, todas as decorações ligadas à magia negra e à conjuração.

— Querubim, isso é uma idéia ruim. — Des olha para mim de onde está deitado, velas falsas tremeluzindo ao seu redor, formando um círculo. Ele parece uma oferta de sacrifício entre tudo isso, e acho que esse é o ponto.

— Você ama ideias ruins. — Digo. Eu seguro um pequeno frasco de sal em uma mão e um limão na outra.

Estou tão malditamente animada.

— Geralmente. Dessa não tenho tanta certeza. — Ele diz baixinho: — Seria mais divertido se nossos papéis estivessem invertidos.

Eu me inclino para perto, minha boca a centímetros da dele. — Vou *garantir* que você se divirta. — Pontuo a afirmação ao passar a fatia de limão ao redor do umbigo do Negociador. Seus olhos brilham e, através do nosso vínculo, sinto o menor indício de sua excitação.

Ele é um mentiroso. Ele está tão entusiasmado com a situação quanto eu.

Minha atenção se move do rosto para seu torso. Sigo a fatia de limão com um círculo de sal.

Honestamente, isso é tão sexy que deveria ser ilegal.

Des me dá um sorriso lupino. — Divertindo-se, querubim?

— Só um pouco. — Coloco a fatia de limão em sua boca e sinalizo para o garçom.

Um homem vestido de feiticeiro chega com uma garrafa de tequila. Ao meu sinal, ele derrama o líquido âmbar no umbigo de Des.

Depois que ele termina, eu me inclino.

Sorrio para Des enquanto lambo o sal de seu abdômen.

Um gemido escapa de seus dentes cerrados.

Pressionando meus lábios em seu umbigo, engulo a tequila.

Sob minha boca, os músculos do Negociador se flexionam. Coloco a mão contra eles quando me levanto, o álcool queimando na minha garganta.

Inclino-me novamente, pressionando meus lábios contra os do Negociador, depois seguro a fatia de limão entre os dentes, o sabor cítrico cortando a mordida do álcool.

Depois que deixo o limão de lado, Des se senta e gira para me encarar, chutando uma série de velas no processo.

Ele coloca a mão no pedaço de mesa entre suas pernas. — Você já se satisfez, amor?

É uma pegadinha, certo?

Eu me inclino. — Nem cheguei perto.

DES FICA SEM camisa durante o resto da noite, e toda a população feminina deste lugar não consegue lidar com isso.

Sério, elas não conseguem. É um problema.

— Todo mundo está olhando para você. — Digo.

Des senta em cima do balcão, bebendo direto de uma garrafa de uísque chique. Ele realmente não deveria estar fazendo ambas as coisas, mas quando eu disse isso a ele, ele simplesmente disse: — Regras devem ser quebradas. — E então piscou, tomou um gole de uísque e eu tive um orgasmo espontâneo.

Ok, o último não aconteceu, mas foi quase.

Sento-me no banquinho como uma mulher normal e crescida... enquanto meu rei das fadas praticamente me prende com as suas pernas.

Não que eu esteja reclamando. De maneira nenhuma.

Quero dizer, o abdômen dele está bem na minha linha de visão. Há visões piores.

Des baixa sua garrafa de uísque. — Todo mundo está olhando para *você*, querubim. — Ele balança a cabeça. — Os anos podem passar, mas no final do dia, você ainda é a colegial que lamentavelmente não tem consciência de sua própria beleza.

Uma mulher se aproxima do bar ao nosso lado, com o braço inofensivamente roçando a coxa de Des.

— Perdão. — Diz ela, desculpando-se, embora metade das pessoas neste lugar estejam tocando a outra metade.

Dou um olhar aguçado ao Negociador. *Viu?*

Ele ignora a mulher, inclinando-se para a frente. — Suas asas estão começando a aparecer, sirene bebê.

Estou perfeitamente ciente disso. Álcool mais possessividade fae mais todos os meus pensamentos luxuriantes estão tornando quase impossível escondê-las.

A mulher se inclina para Des, e desta vez quando seu braço roça a coxa dele, não é por acaso.

— Você vem sempre aqui? — Ela pergunta a Des, me ignorando completamente.

Minha pele se ilumina e olho para a mulher. — *Vaza.*

Sem dizer mais nada, a mulher se afasta do bar, voltando para a multidão.

Então, isso tecnicamente é contra a lei... mas Deus, foi ótimo.

— Alguém está com *ciúmes*? — Des me lança um sorriso diabólico, tomando outro gole de sua garrafa.

— Pssh, não. — *Sim.*

Olho para minha pele e franzo a testa quando ela escurece. — Este é um bar sobrenatural, certo?

— Não exclusivamente. — Usando a mão que segura a garrafa de uísque, Des me chama com um dedo. Como não me mexo, sua magia me pressiona contra ele. — O que significa que, por mais que eu as ame... — Ele toca uma asa.

Ah merda, elas estão para fora de novo.

— ... teremos que guardá-las.

Sob a palma da sua mão, sinto a magia de Des se derramar em mim, assim como da última vez que ele escondeu minhas asas, na minha casa. Há uma pressão momentânea à medida que a mágica as obriga a desaparecer e então elas somem.

Ficamos na boate por mais uma hora, passando do bar para a pista de dança e então para uma área onde podemos ficar de pé e nos misturar.

O tempo todo os clientes deste lugar observam eu e Des, e há muito em seus olhares. Luxúria, inveja, avareza. O Negociador não faz nada além de instigá-los; eu posso sentir sua magia no ar, imprudente e selvagem, estimulando as pessoas a tomarem más decisões.

Eventualmente elas tomam. Elas bebem mais, se tocam mais e se aproximam cada vez mais de nós. Logo as brigas estão começando, pelo menos dois casais parecem estar participando de alguns amassos intensos, e Des e eu espantamos uma dúzia de pessoas interessadas em se meter onde não são chamadas no que diz respeito ao nosso relacionamento.

— Você faz isso em todas as festas em que participa? — Pergunto.

— Faço o que? — Ele pergunta, parecendo inocente.

— Irritar as pessoas.

Ele sorri. — Você não está se divertindo?

— Eu literalmente quase dividi uma mulher ao meio com as minhas garras há cinco minutos atrás. — Ela se meteu entre mim e Des, e depois começou a flertar com meu parceiro - pelo menos até ele facilmente a empurrar de lado para se juntar a mim.

— Pena que eu interrompi isso tão cedo.

Ugh. É o que acontece quando sua alma gêmea é uma fada. Demonstrações verdadeiras de devoção geralmente envolvem derramamento de sangue.

— Mas você está esquecendo todos os homens e mulheres que abordaram *você*. — Acrescenta ele.

Homens e mulheres que deram uma olhada no Negociador ameaçador ao meu lado e repensaram suas jogadas.

Des coloca a cerveja que ele agora segura em uma mesa próxima. — Por que não damos a noite por encerrada?

Os body shots foram bebidos, os bons momentos foram vividos e o resto das pessoas aqui agora estão num estado de bagunça desleixada mais crítico do que nós dois. É um bom momento para meter o pé.

Nós deixamos o clube, descendo alguns quarteirões até chegarmos a um cemitério local. Uma vez lá, Des me leva em direção à um portal para a linha ley, o ar oscilando quando entramos.

Leva menos de um minuto para a viagem de volta entre Londres e Califórnia e, quando saímos da linha ley, estamos de volta à casa de Des.

O Negociador me escolta para fora da sala circular do portal, a porta se fechando às minhas costas, trancada por feitiços de proteção intrincados.

Olho para Des, que se encosta na porta por um momento. Ele tem um olhar diabólico quando olha para mim.

— O que? — Digo. Meu sangue está começando a correr pelas minhas veias.

— Agora, você não achou que eu deixaria você tomar aqueles body shots sem um reembolso, não é? — Des diz.

Em um piscar de olhos, ele está na minha frente.

Vergonhosamente, sua camisa está de volta. Ela pressiona contra a minha quando ele entra no meu espaço pessoal, me apoiando contra uma parede próxima.

— Como você vai querer isso - no chão, contra a parede ou sobre o balcão?

Cristo. Minha pele começa a brilhar quando minha sirene acorda, atraída pelo sexo e pela magia.

Sua mão mergulha nas minhas calças e segura meu sexo. — Ou você prefere que eu escolha por você?

Eu suspiro, minhas mãos chegando aos seus bíceps, meus dedos cavando no músculo.

É preciso pouco esforço para ele deslizar minha calcinha para o lado e mergulhar um dedo no meu núcleo. — Vou considerar isso como um *escolha pra mim*.

— *Des.*

Ele é feroz, avassalador, eloquente e muito, muito fae.

Um segundo dedo mergulha. Eu gemo com a sensação.

Minhas unhas se afiam quando eu o aperto, minhas garras picando sua pele. Minhas unhas cavam mais fundo, e o Rei da Noite sorri quando elas perfuram.

Nós realmente somos um par doentio, sentindo prazer com sangue e sexo.

Minha respiração está saindo em arquejos, minhas pernas se abrindo ainda mais quando eu o incentivo.

Seu nariz e lábios roçam minhas bochechas coradas. — Ou talvez eu não escolha nada disso. Como eu amo ver você desmoronar com o meu toque. Talvez meu toque seja tudo que você conseguirá. — Ele morde meu queixo, brincando comigo. Claramente gostando de que sou argila em suas mãos agora, pronta para ser moldada na forma que ele quiser.

Há um minuto eu não estava pensando em sexo, agora estou lamentando a lenta tortura que é ele me levando ao limite sem me preencher apropriadamente.

Começo a alcançar por suas calças quando ele pega meu pulso e o prende na parede.

— Ah ah. Não é assim que isso funciona. — Des beija meu pescoço e depois move sua atenção para minha boca, e seu gosto é de bebida e atos pecaminosos. O tempo todo, seus dedos hábeis me golpeiam para cima e pra baixo.

Ele pega meu lábio inferior entre os dentes, mordendo-o, seus olhos astutos particularmente diabólicos.

Ele solta meu lábio.

— Goze contra a minha mão. — Des exige.

É a mesmo tipo de ordem intrometida que ele costumava me dar quando eu tinha uma pulseira de miçangas.

E mesmo que a coisa do bracelete tenha acabado há muito tempo, sinto a magia do Negociador florescer entre minhas pernas, estranha e proibida.

Meus joelhos ficam fracos quando meu orgasmo é arrancado de mim, varrendo meu sistema. O prazer é violento e repentino. Parece prolongar-se sem cessar, e mesmo depois que as ondas de prazer diminuem, a queda parece durar uma vida.

Inclino minha cabeça contra a parede, sem fôlego e corada. — Você é um grande bastardo. — Murmuro.

— Awwwwn, você realmente não quis dizer isso, querubim. — Diz Des, removendo os dedos da minha calcinha. Ele coloca os dois na boca, lambendo-os.

Já mencionei o quão sujo ele é?

Leva apenas um minuto ou quase isso para que eu me recupere de ser dedada até a morte. Minha sirene está nas alturas. Longe de ser saciada, ela só conseguiu uma pequena provinha do sexo.

Me desencostando da parede, eu ando até o Negociador. Pegando seu queixo rispidamente, eu beijo sua boca.

— Para um cara cuja especialidade são favores, seus planos de reembolso nesses últimos tempos poderiam ser melhorados. — Digo, batendo na lateral de sua mandíbula com um dedo indicador com garra.

Tenho certeza que pareço tão diabólica quanto ele.

Soltando sua mandíbula, eu me ajoelho na sua frente.

— Callie...

Começo a desabotoar suas calças, olhando para ele. Os olhos de Des estão crepitando de desejo; Des quer me dizer para parar, mas ele também quer meus lábios em torno de seu pau - e ele quer *muito* isso.

O zíper faz um ruído sibilante quando eu o puxo para baixo. — Para sua sorte, quando se trata de reembolso, estou disposta a ajudar.

Capítulo 25

O MUNDO SE forma a partir do caos, borrões de cores ficando cada vez mais nítidos até que se tornem coisas.

A primeira coisa que noto são as cócegas na palma da mão aberta causadas pelo trigo. Logo depois o vívido céu azul bem acima de mim.

E então o Ladrão.

Ele caminha pelos campos vestido de preto, parecendo um ceifador vindo buscar minha alma. Como no último sonho, vê-lo assim é desarmante. Se você pega o monstro que vive embaixo da sua cama e o coloca em plena luz do dia, o que acontece?

Ele se aproxima de mim, ficando desconfortavelmente perto. É aqui onde eu estremeço e me afasto dele, onde me eu me revolto.

— Você foi dormir com um homem e acordou com outro. *Quão* confuso, — diz ele.

Não estou acordada. Está na ponta da minha língua, mas então eu hesito.

Tenho a estranha sensação de que é isso que eu supostamente deveria dizer. Que o Ladrão tem toda a nossa interação coreografada, e que é tudo parte do nosso joguinho.

Só que não quero mais jogar.

Estou farta de me revoltar, de ter medo, de agir de acordo com algum roteiro pré-estabelecido.

Em vez de responder, olho de soslaio ao nosso redor.

De horizonte a horizonte, há infinitos campos dourados ondulando sob um céu dolorosamente azul. Os sons sibilantes do vento ressoando através do trigo.

— Como você escolhe onde nos encontramos? — Pergunto.

Seu cabelo se agita com o vento enquanto ele responde: — O que quer que me agrade no momento, é o que eu escolho.

Quando meus olhos contemplam aquele céu azul, nuvens começam a rolar no horizonte. Elas se movem de maneira não natural, juntando-se uma à outra.

O Ladrão de Almas pode construir paisagens nos sonhos e usar os rostos dos mortos. Dois poderes impressionantes.

As nuvens escurecem como hematomas até sombrearem a terra. O céu

se divide acima de nós e o tempo desaba. Relâmpagos luminosos e trovões barulhentos.

A chuva grossa cai sobre mim e o vento sopra contra o meu corpo, chicoteando meu cabelo. Sinto como se estivesse no centro de um vórtice terrível, e a magnitude de tudo isso é vertiginosamente estonteante.

— Isso assusta você? — Pergunta o Ladrão. Ele me observa com cuidado, o vento e a chuva o castigando.

Não.

Eu me viro para ele, meu cabelo molhado colado na minha pele. — Você quer que assuste?

Um sorriso enigmático cruza seu rosto e seus olhos brilham em conjunto com o raio.

Tão rapidamente quanto a tempestade se aproxima, ela recua. A chuva para, o céu clareia e o sol aparece novamente.

— Acho que você tem coisas maiores a temer quando se trata de mim. — Ele começa a me circundar. — Coisas piores que a morte.

Lembro-me da prisão de Karnon, as mulheres algemadas com ferro, estupradas pelo Ladrão, lentamente perdendo a si mesmas para a magia negra dele. Penso na soldada que eu interroguei.

Está escuro aqui. Muito escuro.

Eu quero descansar. Por que não consigo descansar?

Ele volta a ficar na minha frente. — Nunca vou deixar você em paz, encantadora. Nunca. Pode perder a esperança, se você ainda tiver. Você nunca poderá escapar das minhas garras. Nem mesmo na morte.

Eu procuro seus olhos escuros. — O que foi que eu fiz?

É o fato de eu ser uma sirene? É tão simples e fútil quanto uma pele bonita moldada sobre ossos bonitos? Ou é algo mais específico em relação a mim? Algo que deu errado há muito tempo?

Há uma parte de mim, uma grande parte dormente de mim, que está despertando. Deveria ter sido libertada na escola, quando meus poderes floresceram, ou quando Karnon me alterou, ou mesmo quando Des me deu o vinho lilás, mas não foi.

Não aconteceu naquela época, mas eu posso sentir isso agora, alguma força enterrada há muito tempo surgindo das minhas profundezas.

O Ladrão inclina a cabeça. — O que foi que você fez? — Ele ecoa a minha pergunta. — Você me *despertou*. Fez com que eu sentisse o sangue correndo pelas minhas veias. — Ele se aproxima. — Você me *excitou*. Humana suja, mulher bonita, encantadora improvável. Você chamou minha atenção e eu vou me divertir com você por um tempo.

Eu não vou escapar dele.

Essa é a verdade simples que tenho negado há tanto tempo, e agora eu a encaro.

Eu realmente não vou escapar dele. Um dia, em breve, terei que enfrentar o Ladrão, não em um sonho, mas quando estiver acordada. Um acerto de contas está chegando e, no final, um de nós será o vencedor e o

outro, o derrotado.

— Eu vou quebrar você de novo e de novo até que não haja mais nada para quebrar. — O Ladrão diz suavemente, passando os nós dos dedos pela minha bochecha.

Me quebrar?

Eu estive pensando nisso de modo errado durante a minha vida toda. Eu não sou de porcelana para ser quebrada, sou algo completamente diferente.

Me quebrar?

Eu nivelo meu olhar impiedoso com o dele. — Você pode tentar.

NA MANHÃ SEGUINTE, quando acordo, estou sozinha na cama de Des.

Por um momento, simplesmente fico deitada lá, puxando meu travesseiro e respirando o perfume do Negociador.

Eventualmente, eu me sento, passando minhas mãos pelos meus cabelos. Na mesa de cabeceira, há uma xícara de café. O bilhete ao lado diz: *Até a escuridão morrer*.

Solto um pequeno sorriso. Pego a caneca e tomo um gole, deixando minha mente vagar.

Inevitavelmente, meus pensamentos passam para o sonho da noite passada. Pela primeira vez desde que comecei a tê-los, não estou assustada com o pesadelo. Eu e o Ladrão de Almas estamos frente a frente, não como caça e caçador, mas como *adversários*. E esse detalhe muda tudo.

Desde a morte de Karnon, estou nessa coisa de fuga - tanto que não tenho feito nenhuma verdadeira *perseguição*.

Colocando meu café de lado, saio da cama e vasculho as coisas de Des até encontrar um caderno e uma caneta. Subindo de volta à cama, tiro a tampa da caneta e a pressiono contra a página.

O LADRÃO DE Almas – controla sonhos (pequena morte), toma a forma dos mortos, usa magia negra, coloca as fadas em um estado estupefato, pai de crianças que bebem sangue – e profetizam…

A MAIORIA DOS atributos tem algo a ver com a morte, e aqueles que não têm, parecem ser atributos das fadas da Noite. Não que saber disso me aproxime mais de quaisquer respostas.

Mistério estúpido.

Eu poderia apenas glamourizar o Ladrão e forçá-lo a confessar tudo.

Puta merda.

Eu *poderia* fazer isso. Por que não pensei nisso antes?

Fico eufórica por dois segundos e meio antes de me lembrar que, droga, já tentei esse truque umas três vezes consecutivas *depois* de beber o vinho lilás, quando ele veio até mim em um sonho. Não fez porra nenhuma além de excitar a aberração.

Tanto esforço pra nada. A menos que os sonhos tenham seu próprio tipo de lógica. Talvez ele seja imune ao meu glamour apenas em sonhos...

Esfrego minha testa. Quero dizer, porra, a essa altura do campeonato, quem sabe? Estou correndo em círculos aqui e tudo o que estou conseguindo fazer é me confundir.

Deixando minhas anotações de lado, me levanto da cama de Des. Eu roubo uma camisa do Iron Maiden da gaveta dele, ignorando o conjunto dobrado de roupas femininas claramente destinadas a mim, pego minha caneca e depois ando pelo corredor.

Encontro o Rei da Noite em sua sala, abençoadamente sem camisa, enquanto anda de um lado para o outro. Ele olha para um pedaço de pergaminho desenrolado, sua testa franzida e o lábio inferior preso entre os dedos.

Seus olhos passam do seu trabalho para mim. Um sorriso se espalha por seu rosto quando ele dá uma olhada na minha camiseta. — Essa roupa cai *muito* bem em você, Callie.

Eu seguro a caneca. — Obrigada pelo café.

— A qualquer hora, amor.

— O que você está lendo? — Pergunto, aproximando-me dele.

Seu olhar desce para o papel e sua carranca volta. — Relatórios sobre a situação no Outromundo.

Por um momento, a informação é um choque. Eu quase consegui esquecer que, mesmo na Terra, Des tem uma série de responsabilidades que ele ainda deve cumprir.

Veja, isso é a prova de que eu seria uma rainha de merda.

— O que eles estão dizendo? — Pergunto.

— Malaki seguiu Galleghar até o Reino da Fauna, mas o perdeu lá. E, no que diz respeito aos próprios reinos, Flora e Fauna estão sofrendo baixas imensas.

— O massacre generalizado nesses reinos continua. Os soldados do Ladrão estão se movendo para todas as grandes cidades e matando qualquer fae que encontram. As soldadas adormecidas estão sofrendo fortes perdas - faes da Flora e da Fauna não estão apenas caindo sem lutar - mas a carnificina continua.

Esse tempo todo, as fadas estiveram morrendo. Enquanto eu tomava body shots no corpo de Des, esses soldados estavam matando inocentes.

Meu estômago revira com o pensamento.

Você se deixou ficar ociosa, minha sirene sussurra. *É isso que acontece.*

— Por que o Ladrão faria isso? — Conquistar é um processo sangrento, mas esses reinos já caíram. Não há razão para que as mortes continuem.

— Por que ele faria, de fato? — Des olha por cima do papel, encontrando meus olhos. — Você tem uma caixa de recordações de alguns dos piores humanos. O que *eles* fariam se chegassem ao poder?

Eles matariam, mutilariam e reinariam de forma ilegal, e ninguém estaria seguro, principalmente deles.

— Não estamos lidando com um ser humano. — Protesto.

Os seres humanos têm seus próprios impulsos, faes tem outros.

— O mal não funciona de maneira tão diferente entre os mundos — diz Des. — Embora faes realmente *tenham* uma queda especial por criatividade e brilhos.

Des deixa o pergaminho de lado. — Ah, a propósito, eu achei que você deveria saber, Typhus Henbane está morto.

Leva um minuto para associar o nome.

O rei das Terras Banidas, aquele que procuramos para receber notícias de Galleghar.

O homem que roubou uma quantidade de magia equivalente à uma cidade inteira agora está morta, e eu sou pelo menos parcialmente responsável por isso.

Ontem, essa pequena informação teria pesado como uma pedra no meu estômago. Hoje... hoje estou com um humor esquisito.

— O que aconteceu? — Perguntei.

— Exatamente o que você temia que pudesse acontecer. Seu povo se levantou contra ele e o assassinou. Eles pegaram suas magias de volta.

A magia que ele os forçou a permutar...

Magia permutada.

Meus olhos voltam para Des.

— O que?

Eu corro de volta para o quarto dele, apenas para descobrir que o Negociador já está lá esperando por mim. Ele fica de pé, com os braços cruzados, me olhando com olhos curiosos. Contornando-o, pego o papel que deixei na cama e encaro minhas anotações.

— Pode me dar minha linha do tempo? — Aceno para Des com a mão.

Sem palavras, o Negociador faz a linha do tempo que eu criei dias atrás aparecer, deixando-a na minha palma.

Coloco os dois papéis lado a lado no colchão. Por cima do meu ombro, o Negociador os observa.

Estava bem na minha cara o tempo todo.

— Galleghar e o Ladrão compartilham poderes.

Capítulo 26

Galleghar e o Ladrão compartilham poderes.

Não sei como, quando ou por que eles estão ligados, mas eu apostaria muito dinheiro que esses dois estão associados. Isso explicaria porque Galleghar continua aparecendo durante nossa busca pelo Ladrão. Ele está preso à mesma linha de poder mágico que o Ladrão de Almas. Enquanto a magia deles estiver unida, você não poderá ter um sem o outro.

A prova de sua estranha parceria está mapeada na linha do tempo. Séculos atrás Galleghar é morto, só que seu corpo é incorruptível, desafiando a ordem natural. Por duzentos anos, ele permaneceu inativo - assim como como os soldados adormecidos - até ser acordado por uma sombra - uma sombra semelhante à que assombrava as mulheres adormecidas e as crianças do caixão.

Quando me viro para encarar Des, ele parece... horrorizado. A expressão está lá apenas por um momento antes que ele a esconda.

Seu olhar se move para o meu. — *Deuses*. — Ele se aproxima um pouco. — Isso explicaria por que meu poder não destruiu os soldados adormecidos.

Porque as sombras são leais às si mesmas. Mesmo que o Ladrão não seja um fae da Noite, sua vida e magia estão associadas à um homem que é um.

A escuridão vai te trair.

Pego minhas anotações e leio a lista de características do Ladrão. Seus poderes obviamente têm algo a ver com necromancia, mas necromantes são mortais, e o Ladrão não.

— Des, você pode pensar em algum fae que consegue fazer o que o Ladrão faz?

É uma pergunta antiga, que nós dois já nos fizemos uma dúzia de vezes. Então, não me surpreendo quando Des balança a cabeça. O que quer que as sombras digam a Des, elas não o dirão nada sobre isso. Existem alguns segredos que nem elas vão contar.

Infelizmente, são esses segredos que fazem a diferença.

O DIA TRANSCORRE de forma bastante ociosa. Des e eu tomamos um café da manhã decente, depois vadiamos e nos deleitamos um no outro, e as horas passam.

Ao meio-dia, estou nadando no oceano embaixo da casa de Des - eu até mesmo consigo arrastar o Rei da Noite para as ondas gélidas. E, longe da costa, mostro a ele que as sirenes não gostam só de matar homens na água.

Nós gostamos de transar com eles também.

Em algum momento, voltamos para minha casa. Des conserta a torneira quebrada do meu banheiro de visitas, e eu o agradeço muito pessoalmente. Nós cozinhamos, conversamos, aproveitamos a companhia um do outro.

É simples e adorável e o que há de melhor - *e ainda assim*.

Nem Des nem eu vamos ter essa vida - não enquanto o Ladrão e Galleghar estiverem aterrorizando o mundo - e nenhuma quantidade de barganhas pode mudar isso. Em algum momento, nossas pequenas férias aqui na Terra terminarão, e então teremos que voltar para o Outromundo e lidar com todos os problemas que deixamos para trás.

Giro meu anel de noivado de novo e de novo no meu dedo. E então, abruptamente, paro de girar quando um pensamento me ocorre.

Há uma coisa que eu gostaria de fazer antes que nosso tempo aqui acabe.

Meu olhar encontra o de Des. — Me leve para Veneza.

FAZEM OITO ANOS desde que eu estive neste lugar. Oito anos chocantemente longos. E, no entanto, andando perto dos canais, você pensaria que foi ontem que convenci Des a me aceitar em uma das suas barganhas.

Mesmo agora meu coração perde uma batida quando me lembro da primeira vez em que vi ele trabalhar. Seu mundo supostamente deveria me assustar, mas teve o efeito oposto. Eu comecei a gostar de seus segredos, seus favores, sua *magia*. Essa foi a primeira noite em que dei uma espiada no seu mundo.

Portanto, apenas parece certo voltar aqui agora.

Ao meu lado, Des estuda o meu rosto. Ainda não contei a ele minhas razões para vir aqui.

— Segredos, querubim, são o meu lance, não o seu — diz ele. Mas seus olhos são brilhantes, como se ele gostasse muito de qualquer pequeno truque que eu tenha na manga.

É um bom truque também.

— Me dê uma hora sozinha.

Des levanta as sobrancelhas. — Em que travessuras você vai entrar sem a minha companhia?

Awwwn, alguém está se sentindo excluído? Que pena.

— Do tipo que você não vai ficar a par.

Des estreita os olhos.

— Vá encontrar algo para fazer por uma hora — digo. — Eu sei como contatá-lo.

— Hmmm. — Diz ele, me avaliando. Seus olhos se erguem, absorvendo as luzes brilhantes de Veneza. É tarde aqui, mas a cidade ainda está viva com música, vozes e risadas. O lugar está sob seu próprio tipo de feitiço. — Eu deveria apenas... me divertir enquanto isso? Aqui? — *Sem você?* Ele não diz essa última parte, mas mesmo assim eu a ouço. E isso me aquece até a ponta dos pés.

— Tenho certeza de que não é a primeira noite em que você se vê com tempo de sobra para matar.

Ele pega uma mecha do meu cabelo e torce em torno de seu dedo. — Tudo bem, Callie. Vou encontrar algo para fazer — ele diz isso como se fosse procurar problemas. — Enquanto espero.

Eu abro minha boca para responder, quando Des desaparece no ar. A mecha de cabelo que ele estava torcendo agora tremula de volta para o meu ombro.

Meu coração bate um pouco mais alto.

Eu tenho uma hora. Melhor fazer valer a pena.

Eu sei o que quero no momento em que meus olhos pousam no objeto. Estou ainda mais certa quando passo meus dedos sobre ele.

Neste momento, seguro o grande segredo que estou tentando esconder de Des...

A aliança de casamento dele.

Inclino o anel para frente e para trás sob a luz da joalheria. Pequenos pedaços de madrepérola esmagada captam a luz. Sua cor iridescente não é tão brilhante quanto estou acostumada; parece mais perto da pedra da lua do que qualquer outra coisa, mas não é da lua que quero que Des se lembre. É do mar.

Meu parceiro me deu um pedaço do seu céu noturno. Estou dando a ele um pedaço do meu oceano. A sirene praticamente ronrona com o pensamento.

Corro meu dedo sobre a faixa de madrepérola novamente, meu coração batendo rápido. Eu nunca pensei que era do tipo sentimental, mas cá estamos nós.

— Eu vou levar esta. — Digo ao joalheiro.

Eu compro a aliança e saio da loja. Não dou nem dez passos quando paro e puxo o anel da pequena caixa de veludo em que está encaixado. Eu o rolo entre os dedos enquanto o encaro.

Há uma última coisa que eu quero.

Eu raramente tento me conectar com a magia de Des, mas não tive motivos para isso. Agora eu tenho.

Fecho os olhos e puxo a conexão que compartilho com o Negociador. Abaixo do nosso vínculo, sinto o pulso de sua magia. Eu a pego até sentí-la deslizar pelas minhas veias. Com um pequeno empurrão, eu a envio

pelos meus dedos e para dentro do próprio anel.

Quando abro os olhos, vejo as palavras gravadas que a magia de Des me deu; eles giram em torno do interior do anel.

Até que a escuridão morra, seja meu, sempre.

Uma combinação da sua promessa para mim e da minha para ele.

Deus, eu realmente sou mestre em todo esse negócio de ser brega.

Antes que eu possa estudar meu trabalho com mais detalhes, uma presença familiar brota bem na minha frente.

Olho para o Negociador, surpresa ao vê-lo.

— Você não deveria vir até eu chamar. — Protesto.

A questão cai em ouvidos surdos. Os olhos do Negociador se prendem à aliança de casamento, e ele está olhando para ela como se ele fosse Gollum e eu estou segurando O Anel para a todos governar.

Ah, porra.

Isso não deveria acontecer desse jeito.

— Você pegou a minha magia — diz Des distraidamente. — Eu estava preocupado. O que é isso?

Meu coração martela com sua pergunta.

Mordo o lábio, mas isso não impede que as palavras saiam.

— É o seu anel. — Eu respiro fundo. — Case-se comigo, Des. Esta noite. Agora mesmo.

Ele olha para o anel por mais alguns segundos. Lentamente, seus olhos enluarados se erguem para os meus, seus fios prateados luminescentes.

Sua mão se fecha ao redor do anel, a outra mão envolvendo meu pulso como uma algema - como se eu e minha oferta pudéssemos escorregar por seus dedos se ele não segurasse com força suficiente.

Ele parece... muito fae. Muito, *muito* fae. Seus traços parecem ter se aguçado, e o olhar em seu rosto é predatório.

— Você está falando sério, Callie? — As palavras são cuidadosas e curtas, como se ele estivesse tentando reter uma grande esperança.

Aceno, não ousando falar. O último pedaço da minha coragem escapuliu junto com minhas palavras.

Seu aperto no meu pulso fica mais forte, e então suas asas se manifestam.

Capítulo 27

NÃO CONSIGO SUPERAR a visão dele em toda a sua glória - bem no meio de Veneza, ainda por cima.

Ele olha para mim como se estivesse morrendo, como se isso fosse pura agonia, mas então sorri, e a visão é impressionante.

Sua mão livre se enrosca nos meus cabelos, e então ele me puxa para frente e sua boca está súbita e fortemente contra a minha.

Ele me beija como um homem possuído, seus lábios reivindicando os meus. Sinto o gosto de sua magia na língua dele, como se a própria noite tivesse um sabor.

Mesmo depois que o beijo termina, o Negociador me mantém perto, sua mão segurando a minha nuca, sua testa pressionada na minha.

— Nada me daria mais prazer, Callie, do que me casar com você. — Ele inclina minha cabeça para que possa sussurrar no meu ouvido. — Você não sabe... — Eu o sinto balançar a cabeça contra mim quando as palavras falham. Ele me abraça forte, suas asas com pontas de garras se curvando protetoramente ao nosso redor.

Estendo a mão e toco uma das asas de couro, traçando uma de suas veias. — Negociador, eu gostaria de fazer um acordo.

Des enrijece. — Callie...

Ele não precisa dizer mais nada para que eu entenda o que ele está pensando. A última vez que barganhei com nosso relacionamento, perdemos sete anos juntos.

— É um pedido pequeno. — Digo. Um que não deve ter repercussões duradouras.

O Rei da Noite espera, mas não há dúvidas do quão tenso o corpo dele está.

— Eu quero me casar em algum lugar especial para você.

Des toca meu rosto levemente, sua expressão ilegível. Eu acho que ele pode estar extremamente exultante, mas talvez seja só esperança minha.

Envolvendo uma mão em volta da minha cintura, o Rei da Noite nos ergue no ar, suas asas ondulando atrás ele.

— Querubim, temos um acordo.

O LUGAR QUE escolhe para se casar comigo não é na Terra, mas também,

não achei que seria.

O lugar que Des escolhe para se casar comigo não é na Terra, mas também, não achei que seria.

Estamos entre as ruínas do templo de Lyra, uma antiga deusa fae associada à nova vida. Os arcos e colunas de mármore esculpido agora são um mero esqueleto do que uma vez deve ter sido um edifício extravagante.

O tempo corrói todas as coisas - nem mesmo os fae são imunes a esse destino.

A grama selvagem ultrapassou algumas das baixas lajes de pedra, seus caules balançando ao vento da tarde, o desabrochar de mil flores peroladas balançando para lá e para cá no meio disso tudo.

As flores eternas de Lyra, Des me disse assim que colocamos os pés neste lugar.

Temper e Malaki chegam logo depois de nós, e preciso tirar o chapéu para os dois -eles se arrumaram bem, considerando que demos tão pouco tempo para eles.

Pouco tempo, tipo, meio que demos as notícias apenas a algumas horas atrás.

— Ora, ora, ora — diz Temper quando me vê, a cauda de seu vestido azul enevoado se arrastando atrás dela. — *Aqui está* minha melhor amiga. Você se divertiu fodendo o Menino Morcego enquanto o resto de nós estava realmente salvando o Outromundo?

Eu pressiono meus lábios para não sorrir. — Eu não estava só fodendo o Des — eu digo. — Nós festejamos um pouco também.

— *Sem mim*?

— Não aja como se estivesse sendo mantida aqui contra sua vontade. — Eu a encontrei no quarto de Malaki, embrulhada nos lençóis dele.

— Vadia, você não sabe como as coisas tem rolado por aqui. — Ela olha para Malaki, que está ocupado batendo no ombro de Des. Temper abaixa a voz. — Ele é realmente intenso para caralho, o que é incrível quando está metendo em mim, mas não muito quando saí do quarto. Tenho a impressão de que o cara quer *compromisso*.

É, eu também tive essa impressão. Pena que Temper é alérgica a isso.

Ela deixa a conversa de lado e me puxa para um abraço. — Eu sinceramente nunca achei que esse dia chegaria — diz ela, me abraçando apertado. — Você está me dando fé de que mesmo nós, as vadias más, podemos encontrar amor.

Eu rio nos braços dela.

Minha amiga se afasta para observar meu vestido pálido e brilhante. O tecido é feito de luz do luar, seu bordado um pouco mais brilhante que o resto. Na minha garganta está o colar que Des me fez dos raios da lua.

Eu me sinto como a rainha das fadas.

— Você está linda. — Diz Temper. Não há sarcasmo, piada, farpas comuns para conter a doçura de suas palavras.

— Tudo bem, Temper, você pode parar de ser sentimental. Está me assustando pra caralho.

Malaki vem até mim então, me puxando para um abraço. — Desmond é um homem abençoado por ser parceiro de uma mulher como você. Obrigado por fazer ele feliz.

O general de Des e eu nunca conversamos muito e, para ser honesta, sempre presumi que ele achasse que eu era apenas uma garota qualquer. Então, ouvi-lo dizer isso...

Eu não tenho nem palavras para dizer a ele como me sinto, então simplesmente abraço Malaki com mais força.

Ele me solta e dá um passo para trás, colocando uma mão possessiva na parte de trás do pescoço de Temper, os dedos esfregando ociosamente a pele dela. Ela não está o enxotando, o que não teria problemas em fazer se não gostasse do cara.

Hummm…

Um mistério para outro dia.

Des se aproxima de mim, vestido com as mesmas sedas brilhantes que eu, com a coroa de bronze na cabeça. Ele é quase insuportável de se olhar; sua beleza desumana é quase dolorosa de se ver.

— Callie, — diz ele — há algo que eu queria lhe mostrar.

Des pega minha mão e me leva para longe de Temper e Malaki, e depois se afasta até mesmo das próprias ruínas. O ar fresco da noite assobia através das flores, e tudo é muito sereno.

O Negociador me leva a um pequeno monte coberto de flores. Ele se ajoelha na frente dele, colocando as mãos na terra.

— Isso pode ser um pouco macabro, mas eu quero trazê-la aqui há muito tempo — diz ele. — Foi aqui que eu coloquei minha mãe para descansar.

Eu olho para o monte.

Sua mãe, a única mulher que sacrificou tudo por ele até o fim, foi sepultada aqui?

E *Des* a colocou para descansar? Eu tento imaginar - Des carregando sua mãe morta para este lugar, cavando um túmulo para ela. Ele estava sozinho? A possibilidade em si é de partir o coração.

— Por que aqui? — Pergunto.

É lindo, mas também existem inúmeros outros lugares lindos no Outromundo.

— Ela costumava me contar histórias de Lyra, a deusa da nova vida. — Des acena com a cabeça em direção às ruínas.

Seus olhos se voltam para o túmulo. — Às vezes eu venho aqui para ficar perto dela — admite. Ele olha para mim. — Me desculpe, eu não quis fazer disso uma coisa sobre o passado.

— Não é. — Pego a mão dele e o coloco de pé.

O Negociador tem poucas pessoas importantes em sua vida. Mesmo morta, sua mãe é uma delas. A primeira mulher a se importar com ele. É

simplesmente apropriado estar aqui, onde ela pode passar a tocha para mim.

Aperto a mão dele. — Vamos nos casar.

Começo a puxá-lo de volta para Temper e Malaki quando ele resiste.

— Espere, Callie, há mais uma coisa.

Eu me viro quando Des estende a mão em direção aos céus. Muito acima de nós, as estrelas brilham, mas enquanto eu assisto, gotas derretidas de luz estelar giram, vindo lá de cima, unindo-se na palma de Des. Ele sussurra algo em Fae Antigo. Em resposta, as luzes estelares saltam em sua mão, rodopiando até que ela se torna um círculo delicado e cintilante.

Des agarra-o com as duas mãos e o coloca na minha cabeça. — Aqui está.

Ele dá um passo para trás, a luz das estrelas refletindo em seus olhos e me encara do mesmo modo como me encarou a todos aqueles anos atrás, quando me fez uma coroa de vaga-lumes.

— Em todos os mundos e todas as épocas, nunca houve outra como você, Callie. — Ele limpa a garganta, como se estivesse chamando a própria atenção. — *Agora* vamos nos casar.

DES E EU estamos diante de Temper, nossas mãos entrelaçadas. A arrogância usual da feiticeira se foi. Aqui, com Des e eu diante dela, ela é solene. Dentre todas as esquisitices da noite há o fato de que ela é nossa celebrante. Malaki fica ao lado, a testemunha da cerimônia de Temper.

Des passa o polegar sobre a minha mão enquanto olha nos meus olhos. Não tenho certeza se ele já esteve mais bonito do que está agora, em seu terno feito de luz do luar. Parada em frente a ele em meu próprio vestido brilhante, o vento esvoaçando a fina cauda de tecido em direção à noite, finalmente sinto que essa vida se encaixa.

Meu parceiro estava certo. Eu não sou normal, *isso* não é normal. As pessoas não têm garras e escamas e asas e perseguidores do Outromundo.

Mas pessoas normais também não entendem a sensação de sentir a magia de suas almas gêmeas se movendo através delas. Elas não entendem o que é fazer parte de um conto de fadas. Elas não entendem um amor que transcende o tempo e os mundos.

Aperto as mãos de Des.

Pessoas normais não entendem isso, mas eu entendo.

Temper lê nossos votos de casamento, e o Rei da Noite e eu os recitamos novamente um para o outro - com algumas adições próprias.

— Das chamas às cinzas, do amanhecer ao anoitecer, pelo resto de nossas vidas, seja sempre meu, Desmond Flynn. — Digo. Minhas asas saíram, expostas pela minha emoção crua.

O Rei da Noite traz os nós dos meus dedos aos lábios. — Sou seu,

Callypso. — Suas próprias asas estão dobradas nas costas. Elas estão visíveis desde que Temper começou a ler os ritos.

Des abaixa minhas mãos, seus olhos procurando os meus. Eu posso sentir sua magia se acumulando no ar, a escuridão nos pressionando.

— E montanhas podem subir e descer, e o sol pode definhar, e o mar reivindicar a terra e engolir os céus. Mas você sempre será meu. E as estrelas podem cair do céu, e a noite pode encobrir a terra, mas até que a escuridão morra, eu sempre serei sua.

E assim nos casamos diante das ruínas de Lyra, a mãe de Des nos observando de onde ela descansa entre as flores eternas, as estrelas nossas únicas outras testemunhas.

ANTES DE DEIXARMOS o templo antigo, Malaki, Temper, Des e eu dividimos uma garrafa de vinho fae vindo de Lephys, onde a fruta em si é cultivada nas águas brilhantes da ilha. Tem gosto de esperança e amor e das lembranças mais doces.

Talvez seja a primeira vez que nós quatro nos sentamos juntos fora de um ambiente profissional, e eu descubro que Malaki tem um senso de humor sujo e que ele e Des agem mais como irmãos do que como melhores amigos.

— Graças aos deuses que você finalmente fez do Desmond um homem honesto. — Diz Malaki, inclinando-se para brindar com o meu copo.

— 'Honesto'? — Eu ergo minhas sobrancelhas. — Estamos falando do mesmo homem?

Malaki ri e seus dentes são incrivelmente brancos contra a pele oliva. — Sim, esse é um argumento justo.

— Deixar que vocês dois sejam amigos pode ter sido minha pior decisão até agora. — Diz Des, gesticulando entre mim e seu general.

— Agora você sabe como eu me sinto. — A única coisa pior que Temper ou Des por conta própria é juntar os dois.

— Eu ainda não posso acreditar que vocês dois filhos da puta fizeram body shots sem mim — resmunga Temper.

— O que é um body shot? — Malaki parece genuinamente confuso.

— Ah, sua coisa doce. — Temper dá um tapinha na bochecha dele. — Eu vou te mostrar mais tarde.

Depois que o vinho acaba, Temper e Malaki retornam a Somnia. Des e eu nos demoramos um pouco mais no templo caído de Lyra, a brisa noturna agitando a grama selvagem e fazendo as flores balançarem.

Lá, entre as ruínas, o Negociador faz amor comigo, cada golpe de seu quadril é uma promessa. Nós dois compartilhamos um vínculo, uma vida única e décadas e décadas de um futuro não escrito.

Eventualmente deixamos as ruínas, trocando as flores eternas de Lyra por lençóis de seda e os confortos do palácio de Des.

É apenas nos aposentos de Des, meu corpo envolto sobre o dele, que o

silêncio toma conta. Eu levanto minha cabeça de seu peito. O Rei da Noite já está dormindo, sua respiração profunda e regular.

Olho suas feições devastadoras sob a luz fraca da lâmpada. Algo grosso se aloja na minha garganta.

Marido.

É só mais um título para acumular, mais uma reivindicação que tenho sobre ele.

Traço uma de suas orelhas pontudas.

Estou indescritivelmente feliz -*e ainda assim*.

E ainda assim, eu ainda não entendo como posso ter essa vida. A vida fácil, descomplicada. Eu posso estar vivendo um conto de fadas, mas os contos de fadas não são só cheios de príncipes, fadas madrinhas e casamentos ao luar. Eles também estão cheios de monstros. Monstros e violência e terror e morte.

Minha mão treme enquanto continuo a traçar a orelha de Des.

Hoje à noite é o começo de alguma coisa... mas eu temo - temo que também seja o fim.

Capítulo 28

— Felicitações à nova noite.

Eu me viro e encaro o Ladrão de Almas.

Ele se reclina em uma cadeira feita de ouro, o metal trabalhado de modo que forma espirais estranhas e torcidas que se arqueiam muito acima do apoio de cabeça. Olho em volta e percebo que estou de volta à sala feita de pedra pálida. A mesma videira florescendo em vermelho sangue cresce na parede, e a poça sussurrante fica ao lado do trono, mesmo agora vibrando com poder.

Ao meu redor, as colunas parecem ossos, e há um cheiro fraco aqui, como vinho azedo...

— Onde estamos? — Pergunto.

— Sabe, eu nunca entendi o motivo de casamentos pequenos. Por que se dar ao trabalho de casar com alguém, se não há ninguém para ver?

Acho que sei a resposta do Ladrão à pergunta. — Se uma árvore cai na floresta...

— Aparentemente *você* viu — digo.

Ele levanta um ombro. — De certo modo.

Eu estreito meus olhos para ele.

Ele se inclina para frente, o couro que ele usa rangendo um pouco com o movimento. — Você já descobriu quem eu sou?

Não.

Eu o encaro.

— Ah. — Ele descobre a resposta pelo meu rosto - ou talvez ele já soubesse. — Você pode ter suas artimanhas, encantadora, mas não é fã de quebra-cabeças. Uma vergonha, sério — seus olhos ficam maliciosos — quando seu parceiro claramente é muito bom nisso.

— O que isso supostamente quer dizer?

O Ladrão parece muito satisfeito quando se espreguiça em seu assento. — Ele descobriu um pouco mais do que você.

É apenas mais uma mentira para adicionar ao resto.

— O que você tem feito, agora que não tem mulheres para estuprar e soldados para sequestrar? — Pergunto.

O sorriso que ele me dá é absolutamente assustador.

— Você não sabe, encantadora? Eu tenho me preparado para você.

Há pouco tempo, uma confissão como essa teria me deixado paralisada. Porém tenho mudado de uma maneira sutil, mas fundamental.

— Então somos dois.

Seus olhos brilham com uma excitação sombria. — Que intrigante. Aguardo nossa verdadeira reunião.

Ele se inclina para a frente, cruzando os dedos. — Diga-me, saber que eu estou associado com Galleghar de alguma forma diminui meu mistério?

Eu quase dou um passo para trás. *Como ele sabe disso?*

Os olhos do Ladrão ficam mais afiados. — Na verdade, estou decepcionado com o quão magnificamente você me subestimou. Tenho espiões mais competentes do que as *pixies* do Rei da Noite. Eu pensei que você já estaria ciente disso à essa altura.

— Eu sei o que você comeu no café da manhã, quantas vezes você abriu suas lindas coxas para o seu parceiro no último dia. Eu sei que o tolo do Galleghar atacou você quando estava indo capturá-lo. Eu sei que ele quer fazer isso de novo. Eu sei que você não está nem perto de ser tão digna de ser destruída quanto o rei caído parece achar que é. Na verdade, sou capaz até de manter você pra mim.

Isso é... *assustador*. Ele esteve me observando como um falcão rastreando sua presa.

Olho para o pequeno tecido que visto e toco o material fino. O vestido é branco e transparente e deixa pouco para a imaginação.

— Parece injusto. — Eu digo, olhando para o Ladrão.

Ele descansa o queixo no punho. — O que, exatamente?

Eu ando em direção a ele, a ação fazendo a fada arquear uma sobrancelha. Não são muitos os faes que, ao conhecerem a verdadeira natureza dele, se aproximariam de bom grado.

— Se estamos jogando, como supostamente devo competir de verdade, já que sabe tanto de mim e eu sei tão pouco de você?

Seus dedos batem ociosamente contra o braço de ouro da cadeira. — Humana impaciente. Pensei que você tivesse feito uma carreira para si mesma trabalhando com dedução? — Os dedos dele ficam imóveis. — Mas eu *tenho* uma vantagem injusta - e bem, nós não podemos aceitar isso agora, podemos? — O Ladrão se reclina em seu assento e levanta a mão. — De qualquer forma, faça suas perguntas.

Este é apenas mais um jogo dentro de outro jogo, mas não me impede de perguntar de qualquer maneira.

Eu olho em volta. — Este é um lugar real?

— É real o suficiente.

Tenho a sensação de que respostas vagas como essa são o máximo que vou receber dele.

— Onde estamos?

— Três palpites. — Diz ele.

Eu me aproximo dele. Eu realmente não quero. Eu não sou idiota; essa

coisa que está atrás de mim é tão má quanto parece, mas minha sirene está estranhamente intrigada. Ele me faz querer afiar minhas garras e pintá-las com o seu sangue.

— Você está sentado em um trono...

— Eu estou.

Agora, já visitei todos os reinos e vi todos os palácios. Esse não se parece com nenhum deles.

— Você é um rei? — Pergunto.

— Um rei? — Ele zomba. — Ora, encantadora, vamos pensar em algo maior que reis.

Esse cara é um puta megalomaníaco.

— Qual é o seu verdadeiro nome?

O Ladrão de Almas inclina a cabeça. — E se eu te contar, o que acontece então? Você vem invadir o meu castelo, tentando arrombar minhas portas como meus soldados fizeram as suas?

Sim.

Ele olha para longe de mim, seus músculos tencionando quando ele olha à distância. O canto de sua boca se curva em diversão.

O Ladrão relaxa e me encara mais uma vez.

— Um dia eu vou te dizer o meu nome — diz ele. — Quando for tarde demais.

Mais uma vez a atenção do Ladrão é desviada. Seus dedos voltam a bater no descanso de braço. — Alguém está tentando entrar — diz o Ladrão preguiçosamente. — Por que não o recebemos?

Por um momento eu o vejo, como uma miragem no horizonte.

— Malaki?

A forma do general oscila quando seu olhar se move em minha direção. Ele encara cegamente.

— Callypso? Você está bem? — Ele pergunta.

— Ela estava, até agora.

Num instante o Ladrão está sentado em seu trono, e no próximo ele está na minha frente, me levantando pela garganta.

— Callypso! — Eu ouço o deslizar do aço quando Malaki desembainha sua espada.

Eu chuto o Ladrão, minhas garras se alongando. Nem me incomodo tentando rasgar a mão que me sufoca; em vez disso, vou para os olhos do Ladrão, pronta para arrancá-los. Minhas unhas afundam em pele macia, e sangue quente e *preto* começa a derramar.

Amaldiçoando, o Ladrão me joga de lado.

Eu rio, e não tenho vergonha de admitir que isso soa assustador pra caralho com o glamour na minha voz.

— O Ladrão está mais machucado do que eu. — Grito para Malaki, que parece cego perante nós dois.

— Você vai pagar por isso. — Diz o Ladrão, e a certeza em sua voz deveria me assustar até eu perder o juízo.

Qualquer que seja o juízo que eu tinha, ele já se foi há muito tempo.

Eu levanto, minha pele brilhando. A sirene tomou conta com força, e Deus, como nós duas queríamos esse momento.

Com a espada empunhada, Malaki se move em minha direção, seus olhos ainda cegos. — Você terá que passar por mim para chegar à Callypso. — Diz ele, sem um alvo específico.

Levanto-me quando o Ladrão começa a se aproximar de Malaki.

— Tecelão de Sonhos, — diz o Ladrão — este não é um lugar para você. Seus sentimentos podem ser doces, mas você não poderia proteger sua preciosa rainha. Você nem sabe onde ela *está*.

Minhas asas saem e minhas escamas douradas ondulam em meus antebraços. Nesse momento, pertenço mais ao Outromundo do que nunca.

Com uma batida poderosa das minhas asas, salto em direção ao céu e, quando pouso, é em frente ao general.

Eu abro minhas asas, bloqueando-o do Ladrão. — Este é o *nosso* jogo — digo, ficando um pouco excitada com a visão do rosto sangrento do Ladrão. — Deixe-o fora disso.

— Eu pretendo. — Diz o Ladrão. Há uma alegria maliciosa em sua expressão, e eu posso ver que qualquer que seja o sofrimento que ele planeja infligir, é tudo destinado a mim.

— Você está tentando me proteger, Callypso? — Malaki pergunta. Sinto uma mão roçar nas minhas asas. — Afaste-se. Deixe-me estripar esse monstro.

O Ladrão ri. — E como você pretende fazer isso? Você não consegue nos ver, e você só não está ferido porque eu quero.

Enquanto eu observo, o olho do Ladrão se repara sozinho.

Jesus. Como vou matar essa coisa se ele pode se curar tão rápido?

— E pensar que eles te chamam de Senhor dos Sonhos — continua o Ladrão, seu olhar focado em Malaki. — Suas linhagens são fracas ultimamente.

Atrás de mim, o general diz: — Você vai...

Como uma vela se apagando, a presença de Malaki desaparece de repente.

Parece mais frio aqui. Eu não tinha percebido que, mesmo em sonhos, a magia do Ladrão carrega traços de sua depravação.

— Receio que ele estava ficando entediante. — O Ladrão toca o próprio rosto, seus dedos se sujando de sangue. — Você me deixou de bom humor. Não pense que vou esquecer isso, Callypso.

— Espero que não.

Quero que ele se lembre de como eu o machuquei.

Ele se vira, voltando ao seu trono. Quando se senta e me encara de novo, o sangue negro e estranho se foi, todas as evidências da minha agressão foram apagadas como se nunca tivessem existido.

Dobro minhas asas atrás de mim e me aproximo dele mais uma vez.

— Você é ou muito tola ou muito corajosa para chegar tão perto de mim.

Aetherial tinha dito algo semelhante a mim uma vez... na época em que éramos prisioneiras desse homem.

— O que você quer? — Pergunto, minha pele escurecendo. — Quero dizer, o que você *realmente* quer?

O Ladrão se estica em sua cadeira. — O que qualquer criatura quer? Viver.

Perdoe-me se vou afirmar o óbvio, mas...

— Você *está* vivendo.

Ele balança a cabeça. — Não, não, não, encantadora, estou *sobrevivendo*.

Se toda a carnificina que ele fez é sua versão de *sobrevivendo*, então não consigo imaginar o que *viver* implicaria. Apenas sei que isso simplesmente não pode acontecer.

Olho o Ladrão de cima a baixo. Parece ser normal o suficiente, mas ele é uma coisa estranha mesmo entre os fae.

— De onde você é?

Ele me dá um sorriso enigmático. — De muito, muito longe, encantadora. Muito, muito longe.

QUANDO ACORDO, DES se foi.

Sento-me na cama, meus cabelos cascateando ao meu redor. Por um momento, não consigo me situar. Terra ou Outromundo? Minha casa, ou a de Des?

É só quando avisto as janelas em arco que me lembro que voltamos para Somnia. Uma brisa noturna agradável sopra do lado de fora, trazendo consigo o perfume das flores.

Minha mão desliza sobre o espaço vazio ao meu lado.

— Des? — Eu chamo.

As lâmpadas estão apagadas. Eu não tenho um relógio para consultar, mas tenho certeza de que é a Hora das Bruxas, o período da noite em que os sobrenaturais bonzinhos estão todos dormindo profundamente.

Provavelmente é por isso que eu *não* estou dormindo.

Levanto-me, botando um dos vestidos menos elaborados que consigo encontrar. Passando de sala em sala, procuro o Negociador em nossos aposentos, brincando com a minha aliança enquanto faço isso. Ele não está em lugar nenhum.

Eu poderia simplesmente chamá-lo. Eu conheço as palavras.

Negociador, eu gostaria de fazer um acordo.

Ele estaria aqui num instante.

Mas não quero necessariamente afastá-lo do que quer que ele esteja fazendo.

Pelo menos, é o que eu digo a mim mesma. Eu ignoro a bola de preocupação que fica na boca do meu estômago.

Eu estou imaginando coisas. É isso que eu sempre faço quando a vida fica muito calma. Eu assumo o pior - e com razão, do jeito que minha vida tem sido até agora.

Fechando os olhos, eu foco no meu interior. Bem onde está o meu coração, posso sentir o brilho do meu vínculo. É a corda mágica que me conecta a Des, a coisa que fisicamente nos torna almas gêmeas. Eu puxei o poder dele através da nossa conexão, mas nunca tentei simplesmente encontrá-lo através dela. Eu sei o suficiente sobre seres sobrenaturais para saber que isso é possível.

Eu poderia tentar.

Minha respiração diminui. Os cheiros, os sons e as sensações, tudo isso desaparece quando eu procuro esse vínculo mágico.

E... *nada*.

Abro os olhos, me sentindo ridícula.

Onde *está* Des?

Uma batida na porta interrompe meus pensamentos. Eu caminho até ela e, pegando a maçaneta, abro.

Malaki olha para mim, parecendo mais feroz do que nunca. — Acho que é hora de conversarmos.

— Onde está o Des? — Pergunto.

Nós dois estamos sentados em uma sala lateral em que eu nunca estive antes. Na parede, há um intrincado mosaico representando uma grande batalha ocorrendo entre os céus.

— Ocupado sendo um rei. — Foi-se o bom humor de Malaki. E eu aqui pensando que tínhamos criado laços ontem à noite com aquele champanhe.

Recosto-me na minha cadeira.

— E Temper? — Pergunto.

— Eu não sou o guardião dela.

Quase me enganou...

Nesse momento, uma fada entra carregando uma bandeja com uma variedade de cafés e bolos. Malaki e eu ficamos calados enquanto ele põe as coisas na mesa. É só depois que a fada sai e nós dois estamos sozinhos mais uma vez que falamos novamente.

— Por que você estava batendo na porta de Des no meio da noite? — Na nossa noite de núpcias, ainda por cima.

Olho em volta, tentando descobrir por que estou aqui, conversando com Malaki, ao invés de estar na cama com Des.

Sério, onde diabos está o Negociador?

— Há quanto tempo você tem sonhado com o Ladrão de Almas?

Eu me concentro em Malaki mais uma vez. — Desde o Solstício. Por quê?

— Você não falou nada sobre isso. — Diz ele, recostando-se na cadeira.

Agora que tenho uma boa chance de estudar o amigo de Des, percebo o quão deslocado ele parece aqui no palácio. Ele é um homem enorme e volumoso, e com esse tapa-olho ele se parece mais com um pirata do que com uma fada delicada.

— Eu deveria ter falado? — Digo. — São *sonhos*.

Mas eu sou mais esperta do que isso. Sonhos nunca são apenas sonhos, especialmente esses que eu estou tendo.

Malaki xinga em voz baixa. — Há quanto tempo Des sabe sobre eles?

— Desde o Solstício.

O general se levanta da cadeira, parecendo absolutamente aterrorizante.

— Aquele *estúpido.* — Diz ele sombriamente.

Não me mexo, mas minhas garras se alongam e minhas escamas aparecem, minha pele brilhando só um pouco. — *Cuidado* com o que você diz sobre o meu parceiro. — Minha voz é suave e perigosa.

Uma ofensa para o nosso parceiro é uma ofensa para nós.

Malaki olha para mim, seu olhar ficando distraído enquanto me observa. — Você sabe por que eles me chamam de Senhor dos Sonhos? — Ele pergunta.

Tecelão de Sonhos, o Ladrão o chamou.

— É porque eu sou o melhor no que faço. — Ele não diz isso como se estivesse se gabando. Ele afirma como se fosse simplesmente um fato.

Minha pele escurece novamente. — E o que você faz?

— Eu posso tecer sonhos.

Seu olhar escuro perfura o meu. — Eu projeto o cenário, trago as pessoas, orquestro as atividades. Posso destruir a mente de um inimigo dessa maneira - aprender suas fraquezas, descobrir seus planos.

— Ontem à noite, pela primeira vez, conheci uma força mais poderosa que a minha. E não apenas um pouco mais poderosa. Minha magia era praticamente inútil contra a do Ladrão.

O Ladrão de Almas me disse que a pequena morte era o reino dele.

Malaki passa a mão pelo rosto. — O Ladrão tem uma obsessão doentia por você, Callypso. Eu não entendia a profundidade disso até hoje à noite.

Ouvir essas palavras saírem da boca de outra pessoa faz minha pele pinicar.

— Desmond admitiu para mim ontem que Galleghar e o Ladrão de Almas compartilham poderes — diz Malaki. — Que eles são associados.

Ele faz uma pausa.

Eu espero ele continuar. O suspense me deixa tensa.

— Galleghar era um rei extremamente poderoso, mas pelo que eu sei, ele nunca conseguiu controlar sonhos, muito menos entrar neles. Sua magia estava em outras áreas mais táticas.

Eu observo o rosto de Malaki. — Por que você está me contando isso?

— Galleghar não conseguia controlar sonhos, não conseguia adormecer fadas, não podia usar a aparência dos mortos. Quaisquer que

sejam os poderes que o antigo Rei da Noite legou ao Ladrão, eles não chegam aos pés dos que o Ladrão já possuía.

Meu coração está batendo alto. Eu posso ouvi-lo como um tambor.

— Nós já sabíamos que o Ladrão de Almas era poderoso. — Digo.

Malaki balança a cabeça. — Você não está entendendo. O poder do Ladrão de Almas eclipsa o meu - e eclipsa o de um *rei*, um poderoso. E eu temo…

Uma comoção fora da sala nos interrompe. Um momento depois, a porta se abre estrondosamente e um guarda real entra.

— Sua Majestade, Meu Senhor — diz o guarda ofegante, acenando para cada um de nós. — Nós não conseguimos encontrar o rei, e...

Espere, Des não está no palácio *mesmo*?

— O que foi? — Pergunta o general, de pé.

Eu levanto também. Tenho um mau pressentimento na boca do estômago. Nas minhas costas, minhas asas coçam para sair.

— Soldados adormecidos — diz o guarda. — Mais deles invadiram nosso portal e agora estão vindo em direção aos portões.

Capítulo 29

MALAKI JÁ ESTÁ caminhando em direção à porta. Ele aponta para mim. — Você precisa se proteger. Guardas...

Ele não está falando sério, está?

— Eu vou com você — digo, seguindo o general porta à fora. — Eu posso detê-los.

Malaki solta um suspiro. — Desmond iria querer que eu te protegesse.

Des, que está notoriamente ausente.

— Desmond *adoraria* ver você tentar.

Malaki murmura algo sobre mulheres humanas teimosas em voz baixa.

Nós dois seguimos pelo corredor, cercados por guardas.

— Eu posso parar os soldados com o meu glamour. — Insisto.

— Você realmente acha que eu esqueci? — Malaki pergunta, sua voz cortante. — O problema é que o Ladrão também sabe disso. Seja o que for, certamente é uma armadilha.

— Eu não me importo.

Malaki agarra meu braço, me girando para encará-lo. — Droga, Callypso, — ele rosna — você vai me ouvir!

Minha pele se ilumina. — Me *solte*.

A mão de Malaki cai do meu braço.

— *Ninguém* fala comigo assim — eu digo, veneno na minha voz. — Nem mesmo Des, e definitivamente não você.

— Você está pensando com o coração e não com a cabeça! — Diz Malaki. — Já vi centenas de homens serem mortos por fazerem o mesmo.

Minha voz sobe. — Você realmente acha que estou ansiosa para pular de cabeça na batalha? Que eu quero ser morta ou capturada e me reencontrar com aquele monstro que estamos caçando? Você esqueceu - eu já fui prisioneira dele uma vez. Eu já vi o que ele faz com as fadas com as quais brinca.

Enquanto eu viver, essas memórias nunca vão me deixar.

— Mas que caralhos está acontecendo agora? — A voz de Temper vem do corredor.

Assustados, Malaki e eu nos viramos para encará-la.

Minha amiga parece sonolenta e descontente, mas, apesar disso, seu cabelo está perfeito, e ela ainda conseguiu colocar um vestido preto

brilhante.

Ela é muito melhor do que eu nessa coisa toda de fada.

Eu relaxo ao vê-la. O negócio de ser melhor amiga de uma pessoa por tanto tempo quanto Temper e eu somos é que metade das nossas conversas não precisam de palavras. Tudo o que ela precisa fazer é dar uma olhada no meu rosto e na minha expressão exasperada, e seu olhar aguçado desliza para Malaki.

— O que diabos você *pensa* que está fazendo? — Ela exige.

— Temperance, — diz Malaki — não tenho tempo pra isso.

— O inferno que não tem. Acho muito bom você *arrumar* um tempo, maldição.

Ele hesita, e é toda a abertura de que preciso.

Eu sussurro um *valeu* para Temper e sigo pelo corredor.

— Ei! — Malaki grita atrás de mim, mas então ouço Temper descer-lhe o cassete, e deixe-me dizer, essa garota sabe como comer o cu de um homem com areia. Ainda posso ouvi-la quando viro o próximo corredor, a caminho da entrada do palácio.

Alguns guardas se separaram de Malaki; eles agora seguem atrás de mim. Se algum deles discordam do meu envolvimento nessa situação, eles mantêm essa opinião para si mesmos.

Entro no hall de entrada e vou em direção às enormes portas de bronze que dão para o exterior.

Não posso acreditar que estou fazendo isso. Des queria que eu fosse sua rainha, e eu lutei e lutei contra isso... E agora cá estou eu, enfrentando avidamente uma ameaça ao seu reino.

Os guardas que protegem a entrada principal abrem as portas para mim, e então estou passando por eles, deixando o castelo para trás.

Eu me detenho quando os noto.

Soldados adormecidos estão marchando pelas ruas de Somnia, indo direto para os portões, e devem haver centenas deles. Esses soldados adormecidos não são do Reino da Noite. Alguns têm flores brotando dos cabelos, outros têm penas e caudas.

Isso é o que resta do exército roubado do Ladrão. Estes são os vencedores, aqueles que têm aterrorizado os Reinos da Flora e da Fauna. A evidência disso está bem à vista - a maioria deles está coberta por tripas, sangue e outros pedaços emaranhados em seus cabelos ou secos e escurecidos nas roupas.

Se há uma coisa que aprendi sobre as fadas, é que elas levam a aparência *muito a* sério. O que torna a coisa toda ainda mais medonha. Este exército se parece com mortos ressuscitados.

Mas, apesar de sua aparência horrenda, pelo menos dessa vez eles não estão atacando loucamente. E de todos os lugares que eles poderiam ir, eles vieram logo aqui...

Um dos assessores reais se aproxima de mim. — Minha rainha, nós barramos os portais da linha ley, exatamente como o rei pediu - e eles

passaram através deles mesmo assim.

O poder do Ladrão de Almas... eclipsa o de um rei.

— Levamos vários soldados para o portão de entrada, mas eles não estão atacando...

Dou um suspiro audível, e o assessor para de falar.

— Eu vou lidar com eles. — Digo, ainda olhando para os soldados.

O assessor se afasta, me deixando em paz. À minha frente, os soldados marcham em filas ordenadas, com os rostos passivos.

No momento em que alcançam os portões, eles param. A última passada deles ecoa pelas ruas, e então tudo fica em silêncio.

Respiro fundo novamente e atravesso o jardim, em direção às grades que circundam o palácio. Ao me aproximar dos soldados, solto minha sirene. Minha pele ilumina e meu passo fica um pouco sensual.

— Vocês não vão machucar nenhum dos súditos do Rei da Noite. — Eu grito, minha voz sendo levada através da noite.

Silêncio. Então…

— Não estamos aqui por eles. — Diz um dos soldados. Sua voz é baixa, e mesmo assim suas palavras parecem chegar a todos os cantos da cidade.

— Por que vocês estão aqui? — Pergunto.

— Você sabe o porquê. — Diz outro soldado.

Na verdade, não sei.

Paro a vários metros do portão. — Esclareça-me, então. — Eu digo suavemente.

— Seus dias estão contados, encantadora — diz um dos soldados à minha frente. — Estamos ansiosos para abrir suas lindas coxas e ver qual é o gosto do tesouro de um rei.

Tem o gosto da sua morte, minha sirene sussurra.

Ao meu redor, a noite escurece.

Des.

— O próximo soldado a ameaçar minha esposa será abertamente eviscerado — o Negociador diz atrás de mim, sua voz soando pela noite. — E tomara que você me teste.

Eu giro para encará-lo.

O Rei da Noite caminha em minha direção, vestido com seus trajes reais. Sua coroa de bronze descansa sobre a testa e seus três braceletes de guerra feitos de bronze estão em destaque. Ele até usa uma capa, e ela deveria parecer ridícula, tremulando e esvoaçando atrás dele, mas ela parece apenas agregar à sua presença ameaçadora.

Des para ao meu lado, suas asas se abrindo atrás dele. — Eu saio por uma hora e veja em quantos problemas minha parceira se meteu — diz ele suavemente, com os olhos brilhando. — Você não está nem usando suas adagas. Eu não te ensinei nada? — Ele estala os dedos e os punhais e seus coldres se manifestam, se ajustando ao redor dos meus quadris.

Atrás dele, Malaki está saindo do palácio. Temper segue logo atrás dele,

parecendo satisfeita.

Neste momento, Des e eu temos a atenção de Somnia. Seu povo observa das janelas e dos telhados e das ruas abaixo. Os soldados olham cegamente para a frente, embora eu saiba que por trás daqueles olhos aparentemente vazios, o Ladrão de Almas espreita.

Des olha para eles. — Por que vocês estão aqui? — Ele pergunta.

— Não é costume que novos governantes se encontrem? — Responde um soldado.

Enquanto olho para os soldados adormecidos, noto que entre eles estão algumas crianças do caixão. Eu tenho que engolir o meu horror ao ver seus rostos doces cobertos de sangue, seus olhos cheios de um prazer malicioso. Seus corpos podem ser jovens, mas quaisquer que sejam as almas que residem dentro deles, são coisas antigas e corrompidas.

— O Reino da Noite não reconhece seu governo, Ladrão. — Diz Des.

Por um momento, o único barulho é o esvoaçar da capa do Negociador ao vento. Então uma risada baixa começa entre os soldados. Isso envia um arrepio pela minha pele, ouvir aquela risada maligna ondular entre suas fileiras.

— Por enquanto.

Dou um passo à frente, minha pele brilhando ardentemente. — Você está tão ansioso para adquirir este reino, e, no entanto, cá estamos nós. Eu te *desafio* a cumprir pelo menos uma de suas ameaças e me levar.

Venha para mim, e eu vou rasgar você em pedaços.

Não fico surpresa quando o ar escurece. Des odeia quando eu provoco o Ladrão.

— Tentador. — Diz o soldado.

Eu abro meus braços. — Me leve, Ladrão. Aqui e agora. Eu sei que você quer.

— *Querubim*.

Eu ignoro o Rei da Noite quando me aproximo dos limites da propriedade.

Um grande silêncio caiu sobre a multidão. Estava silencioso antes, mas agora é como se o mundo estivesse prendendo a respiração, esperando que algo aconteça. Eu posso sentir uma magia espessa e sombria se acumulando ao meu redor. Quem quer que seja o Ladrão de Almas, sua fome me deixa inquieta.

A primeira fila de soldados avança, até estarem contra a grade. Agarrando suas armas, eles as levantam e atacam a grade de bronze.

Antes que o aço atinja a cerca, ele colide com uma barreira invisível - algum forte encantamento feito para afastar o inimigo. A proteção não apenas se sustenta, mas também, com uma rajada, envia a fila de soldados para trás como uma explosão, jogando-os em seus próprios camaradas.

Outra linha de soldados dá um passo à frente e tentam quebrar o encantamento e, como a primeira fila, eles são atirados para trás. Em

seguida, uma terceira linha aparece…

— Pare, — eu ordeno.

Imediatamente, a multidão para.

Olho para os homens e mulheres, com seus olhos vazios. — Você pode ser forte, Ladrão, mas hoje não será o dia em que vai derrotar o Reino da Noite.

— Tão confiante. Tão forte — diz um soldado. — Meu Deus, e não é que você está assumindo melhor o seu papel. Eu me pergunto se esse sempre será o caso.

— Vá — ordeno — antes que os bons cidadãos deste lugar decidam que vocês ficam melhores mortos do que vivos.

Os olhos do soldado brilham quando ele abaixa a cabeça. — Até a próxima, encantadora.

O contingente de soldados dá meia volta, seus movimentos robóticos.

— Ah, uma última coisa, — digo para as costas deles. — Vocês não farão mal a outro fae. Nunca.

SABE QUAL É a coisa mais irritante nessas aparições sem aviso? Elas sempre têm que ser seguidas de longos debates. Todo mundo precisa se reagrupar e decidir um plano de ação sendo que realmente não há como planejar contra um homem como o Ladrão de Almas. Ele não joga de acordo com as regras, não está claro o que ele quer, e parece não haver uma maneira ordenada de detê-lo.

Mas eu assisto à reunião de qualquer maneira e ouço todo mundo repetir as últimas horas de novo e de novo. Quando a reunião termina, fica claro que Des e Malaki têm mais o que conversar, os dois indo para um canto da sala, onde continuam a falar em voz baixa.

Eu me viro para Temper. — Quer atacar a cozinha?

Preciso de uma bebida depois dessa reunião.

— Você realmente precisa perguntar?

Quinze minutos depois, nós duas estamos sentadas em um corredor aleatório, mastigando uma bandeja de salgadinhos e bebendo álcool fae diretamente da garrafa.

— Faz muito tempo desde que fizemos isso. — Digo.

Costumava ser uma coisa semanal. Nós saíamos ou ficávamos em casa, mas sempre estávamos juntas. Festas do pijama, brunches, noites de cinema de madrugada, bares, boates - éramos como unha e carne.

— Você pode dizer isso de novo. — Temper suspira. — Só isso já é motivo o suficiente para matar o Ladrão de Almas. Ele está mexendo com a nossa rotina.

Eu dou uma grande mordida em uma massa cheia de queijo, engolindo-a com um gole de vinho fae.

Coloco a garrafa de lado e olho para ela. — Você já reparou que as fadas fazem suas bebidas alcoólicas muito doces?

— *Né*? — Temper diz. — Nunca pensei que eu desejaria tanto uma

garrafa de uísque escocês barato na minha vida, mas cá estamos nós.

Eu me viro para ela. — Obrigada por mais cedo - sabe, com Malaki.

— *A qualquer hora*. Você sabe como é o nosso esquema.

Nós somos o braço direito uma da outra desde que podemos nos lembrar.

Coloco a garrafa no chão e estendo a mão, segurando a de Temper. — Deus, eu te amo.

— Você está bêbada? Você é *tão* fracote.

— Sério, Temper? — Essa é a resposta para meu juramento de amor por ela? — Sua ingrata. Eu não estou *bêbada*.

Ela aperta minha mão. — Também te amo, mozona, mesmo se você for à Terra e fizer body shots sem mim.

— Ei, eu convidei você para o casamento.

— Só porque você precisava de um ministro consagrado.

Eu e ela sabemos que essa não foi a única razão.

— Como foi mesmo que você *conseguiu* ser consagrada? — Se alguém deveria ter sido rejeitada, provavelmente deveria ter sido Temper. Quero dizer, eu amo minha amiga, mas ela não é exatamente uma santa.

— Porra, como se eu soubesse - a Internet é uma coisa mágica.

Nós duas nos entreolhamos e caímos na gargalhada.

É a vez de Temper beber da garrafa de vinho e devolvê-la. — Sabe, com todas essas batalhas sendo travadas no Outromundo, eu mal tive quaisquer chances de atirar em alguém.

Meu humor fica mais sombrio quando meus pensamentos retornam ao Ladrão. — Tenho certeza que seu dia vai chegar.

— Ah, eu *sei* que sim. É por isso que eu tenho estado por aqui. Amo uma boa briga.

Eu olho para ela.

— *O quê*? — Temper pergunta acusadoramente.

— Você é uma mentirosa *cara de pau.*

Ela respira fundo. — Quem você está chamando...?

— Você não está aqui por causa das brigas — digo, falando sobre ela. — Nem está aqui porque eu estou, embora eu saiba que você me ame. Você está aqui porque gosta de transar com Malaki. — Digo, interrompendo-a.

Por um momento, Temper não responde, reagrupando-se para reunir seus pensamentos.

— Estou aqui porque quero brigar — ela finalmente diz — *e* acontece que minha melhor amiga é uma rainha. Malaki é um bônus da situação.

É, e eu nasci ontem.

— Eu vou enfeitiçar você para tirar esse olhar do seu rosto.

— Eu vou parar você antes disso. — Digo, minha pele iluminando.

— Boa tentativa — diz Temper. — Seu glamour não funciona mais em humanos. — Ela parece tão certa disso, como se conhecesse os efeitos do vinho lilás melhor do que eu.

— Não funciona, é? — Digo, deixando minha magia encher minha voz.

O olhar de Temper fica nebuloso brevemente antes de clarear.

— Ah, sua vadia má — diz ela, começando a rir. Ela toma outro gole do vinho, balançando a cabeça. — Você pode glamourizar humanos *e* fadas?

Eu levanto um ombro. — Parece que sim.

Apenas o Ladrão parece estar imune aos meus encantos, o que é lamentável, considerando que ele é o único em quem provavelmente precisarei usá-los.

— Mocinha, é melhor se cuidar — eu digo. — Malaki fica com aquele olhar possessivo quando olha para você. — Digo.

E ele é irritantemente mandão, eu descobri.

Temper parece uma fã. — Eu sei, não é quente pra caralho?

Uh, esse é um modo de encarar as coisas.

— Temper, ele é o melhor amigo de Des. Se você partir o coração dele, as coisas vão ficar estranhas. Quero dizer, tive uma pequena amostra do que é um Malaki irritado; perdoe-me se eu não quiser ver como ele é quando está com o coração partido.

— Cadela, quem disse alguma coisa sobre eu quebrar o coração dele? Estou mais interessada em quebrar a cama dele.

Ela não está considerando terminar com ele? À essa altura, num flerte, Temper está *sempre* considerando terminar as coisas.

Eu me viro para dar a ela toda a minha atenção. — *O que* está acontecendo entre vocês dois?

Ela balança as sobrancelhas. — Você não *gostaria* de saber?

Eu rio. — Ah meu Deus, não me esconda nada agora.

— *Você* não quer que *eu* te esconda nada? Você anda mais misteriosa do que seu marido ultimamente - e ugh, podemos falar sobre o fato de você ser uma mulher casada agora? Você é toda doméstica e velha.

— Não sou velha. E pare de mudar de assunto. — Digo. Puts, ela é difícil de se encurralar quando quer ser.

— Que tal conversarmos sobre o fato de que o Ladrão de Almas quer foder você?

— *Não* vamos. — Eu posso sentir um calafrio surgindo.

— Quero dizer, você pode simplesmente ceder e afogar o ganso com o vilão.

— *Temper*. — *Sério?*

— Sim, você está certa — diz ela. — Isso é maligno demais.

— Além disso, sou casada - e tenho um parceiro - e estou apaixonada — digo lentamente. — Não vamos esquecer disso também.

— Certo, certo, certo. — Ela toma outro gole do vinho fae. Ela deixa escapar uma risada, e é aí que eu percebo que ela está me provocando.

Eu solto minha respiração. — Você é a *pior.*

— Chupa essa, Lillis. Eu sou a melhor e todo mundo sabe disso.

O ar tremula à nossa frente, e então Des está lá, uma sobrancelha arqueada enquanto olha para nós. — Então é por isso que há uma

escassez de salgados na cozinha.

Eu discretamente limpo as migalhas do meu peito. Temper, no entanto, lambe os dedos.

— Não é culpa minha que sua cozinha esteja com falta de recursos. — Diz ela, toda insolente.

Os olhos de Des se voltam para ela. — Malaki está procurando por você.

— Ele está, é? — Temper diz, seu interesse despertado. Ela se levanta, pegando a bandeja, a garrafa de vinho ainda em seu aperto. — Então é melhor eu encontrá-lo... fica na paz, Callie. — Ela me saúda com o sinal de paz, depois segue pelo corredor, seus saltos estalando.

Des volta sua atenção para mim. — Esposa. — Seus olhos estão em brasa. — Temos alguns negócios inacabados.

Capítulo 30

— NÃO ERA ASSIM que eu esperava passar o dia após meu casamento. — Nós dois caminhamos pelos corredores do castelo. Suponho que estamos voltando aos aposentos de Des para *terminar os negócios*, mas o Negociador me leva pelos corredores que serpenteiam em direção a sua suíte.

— Acho que esse é o ponto — diz Des. — Duvido que o Ladrão queira que desfrutemos nosso tempo juntos.

Era essa a razão do Ladrão por trás do show nos portões? Ele me disse antes em um sonho que ele queria que eu aproveitasse meu tempo com Des. Portanto, não faz sentido.

— Onde você estava esta manhã? — Eu pergunto.

— *Por aí*.

Ugh, por que as fadas nunca podem ser diretas?

— Seus guardas não conseguiram encontrar você. Você estava no palácio?

Des desaparece, apenas para reaparecer a alguns metros de distância no final do corredor. Ele coloca as mãos no arco acima dele e se inclina para frente, bloqueando o meu caminho.

— Querubim, é impressionante que você esteja irritada comigo quando *você* foi a única desafiando o Ladrão a quebrar minhas proteções e pegar você.

Enquanto ele fala, as sombras começam a engrossar e enrolar a seus pés. Ele parece casual o suficiente, mas obviamente este é um assunto delicado.

— Não mesmo. Não é assim que isso funciona. Você não fica bravo comigo por como eu lidei com a situação quando você me deixou para fazer isso sozinha. — Eu digo.

Não é inteiramente verdade - ele estava lá para me testemunhar brincando de pega-pega com um monstro psicopata - mas ele não estava lá quando as notícias chegaram a mim e a Malaki.

Ele abaixa as mãos e desaparece novamente, reaparecendo diretamente na minha frente. Aproximando-se, ele diz: — Você está certa. — As sombras ao seu redor se tornam mais claras. — Você foi uma rainha esta manhã. Eu vi, meu povo viu, e o Ladrão viu.

É claro que ele traria isso novamente, sobre eu ser uma rainha.

— Eu também ouvi você enganar Malaki. — Os olhos de Des praticamente dançam com o pensamento.

— Ele queria me esconder como uma donzela desmaiada.

— Que *audácia.* — Diz ele.

Des pega minha mão e, recuando, começa a me levar adiante novamente. — Eu te perdoo por sua conduta imprudente esta manhã...

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Você é *inacreditável*.

— ...assim como eu tenho certeza de que você me perdoa por ter abandonado você em tal situação.

Eu gargalho.

Abruptamente, Des nos para na frente de uma porta de bronze, a parte superior dela chegando a um ponto curvo.

Eu estive tão envolvida em nossa conversa que não prestei atenção para onde o Negociador está nos levando.

— Onde estamos? — Eu pergunto, olhando a porta na minha frente.

Des está me olhando, seus olhos brilhando. Eu diria que ele é particularmente perigoso agora ou particularmente sensual - ele tende a usar a mesma expressão para as duas emoções. — Abra a porta.

Eu o encaro por alguns segundos, minhas sobrancelhas franzindo, então eu giro a maçaneta e abro a porta.

No interior, lâmpadas quentes estão penduradas no teto, sustentadas por uma série de colunas em arco, suas superfícies incrustadas com azulejos azuis. A parede oposta não passa de arcos abertos. Descansando metade dentro e metade fora do arco de colunas, há uma piscina infinita, cheia até a borda com a água brilhante de Lephys. Serpenteia pelas câmaras pouco iluminadas antes de se curvar. Não tenho muita certeza, mas acho que pode cortar cada um dos quartos desta suíte.

Do outro lado da piscina, Somnia está diante de mim, as luzes da cidade brilhando em âmbar, azul e verde pálido durante a noite.

Acho que não respiro ao absorver tudo. Estou acostumada à beleza do Outro Mundo, mas isso realmente parece mágico.

— Você esteve me escondendo algo, Flynn. — Eu digo, entrando mais fundo no aposento, meu olhar voltando para a piscina.

Eu não fazia ideia de que *havia* um lugar como esse em seu palácio.

— Você gosta do seu presente de casamento? — Ele pergunta atrás de mim.

— Presente de casamento? — Eu me viro para encará-lo.

Os olhos prateados de Des brilham.

Olho ao redor novamente. — Espere, estes são ...?

— Nossos novos quartos.

Ele desliza as mãos nos bolsos, se aproximando de mim para examinar as câmaras. — Não é o oceano, receio que haja limites até para o que eu posso fazer, mas imaginei que minha esposa precisava de um lugar para a sua sirene descontrair.

Nossos novos quartos. Eu ainda estou presa nisso. Ele fez tudo isso por mim - por *nós*.

As cortinas transparentes sopram das janelas, o vento trazendo os aromas da noite. Eu passo a mão sobre uma coluna.

— Eu amei. — Eu suspiro.

— Fico feliz.

Quando olho para Des, ele exibe um pequeno sorriso no rosto, os olhos brilhantes.

Felicidade genuína fica bem nele.

Eu ando pela suíte, vendo o banheiro opulento, com seu azul-turquesa iridescente e fechos de bronze - cada detalhe lembra o mar de alguma forma. Ao meu redor, as paredes do banheiro estão cobertas de pedra de ardósia cinza e a banheira submersa é feita da mesma pedra escura.

— Eu não pude evitar. — Des admite, seguindo o meu olhar. — Depois de todo esse tempo, sinto falta das cavernas em que cresci.

Agora que eu procuro, eu vejo - o banheiro é uma fusão entre o oceano que eu amo e as cavernas que Des sente falta.

— É perfeito.

Saio do banheiro e entro no nosso quarto. A câmara fica sob a luz de dezenas de lâmpadas, suas chamas faiscando como fogos de artifício. A cabeceira da cama é do mesmo bronze trabalhado que nas outras câmaras de Des, mas alguém se deu ao trabalho de criar uma imagem de ondas quebrando sob um céu estrelado.

Existem milhares de outros detalhes nesta suíte que certamente levarei dias para perceber e apreciar completamente.

Eu me viro para encarar Des. — Você planejou tudo isso?

Ele não diz nada, mas não precisa, está tudo nos olhos dele. Des deve ter passado anos montando esta câmara. Eu esfrego meu peito. Meu coração dói tanto.

Balanço a cabeça. — Obrigada.

Des desaparece, manifestando-se ao meu lado. Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Não é nada. — Diz ele, sua voz um pouco áspera.

Eu me inclino em seu toque, dando-lhe um pequeno sorriso. Meu olhar varre os quartos novamente, e novamente, meus olhos se prendem a piscina.

Realmente quero entrar.

Antes que eu pudesse expressar essas palavras, minhas roupas escorregaram, deixando para trás um maiô de tiras.

Eu toco o material macio. — *Como* você faz isso? — Mas não é realmente uma pergunta e eu não esperava uma resposta. Des sempre teve seus meios.

— Magia, amor. — Diz ele, me respondendo de qualquer maneira.

Eu me afasto dele. O Rei da Noite me observa com seus olhos brilhantes e sinto esse olhar em toda parte.

— Se eu entrar na piscina, você se juntará a mim?

— Eu tenho uma escolha?

— Você realmente quer uma?

Seus olhos se estreitam, mesmo quando o prazer toca suas feições. — Respondendo perguntas com perguntas. Você está se preparando para ser uma excelente fada, Callie.

Eu me viro para a piscina para esconder meu sorriso e lentamente entro. A água é fria contra a minha pele e minha sirene chama por mais.

Afundo cada vez mais no líquido brilhante até ficar totalmente submersa.

Des está certo - não é o oceano tumultuado. Não há marinheiros para levar até a morte, nem promessa de violência. Mas há paz aqui, abaixo da superfície. E além do mais, penso ao sentir um movimento na água e Des se juntar a mim, há *sexo*.

Eu subo lentamente, com as ondas batendo em meu corpo, meus olhos encontrando o do Negociador. Ele fica no meio da água, o brilho dela ilumina todos os planos duros de seu torso nu. Sua manga de tatuagens está em exibição e seu cabelo está preso em um coque.

Ele é, em uma palavra, *impressionante*.

Lentamente, vou até ele. Ao fazê-lo, deslizo uma das minhas tiras de maiô por cima do ombro e desço pelo braço, depois a outra. O resto é rápido. O maiô foi uma boa ideia, mas agora é inútil para mim.

Des me observa com aqueles olhos prateados dele. Quando o alcanço, paro, olhando nos seus olhos.

— Eu nunca poderia imaginar isso — eu digo. — Nem nos meus sonhos mais loucos eu poderia imaginar como seria a vida com você.

Ele apoia a lateral do meu rosto na mão, seu olhar se movendo para meus lábios. — E será assim; pelo resto de nossas vidas, temos isso - os bons momentos, as confissões, as risadas, a magia – temos tudo. — Seu polegar acaricia minha bochecha. — Querubim, você é tudo que eu já desejei.

Abaixando minhas pálpebras, eu subo na ponta dos pés e o beijo profundamente, *ferozmente*. Alcançando seu coque, afrouxo seu cabelo, deixando-o cair em torno de seu rosto em ondas. É aqui que eu faço alguns comentários sobre seu coque bobo e onde ele tem uma piada espertinha.

Mas pela primeira vez, meu humor me abandonou. Tudo o que eu quero é Des, e tenho certeza que tudo o que ele quer sou eu.

Seus braços vêm em volta da minha cintura, e então ele está envolvendo minhas pernas em torno de seus quadris. Se Des usava uma roupa de banho, ela já se foi há muito tempo. Eu posso sentir cada centímetro glorioso dele nu contra mim.

Eu corro minhas mãos sobre seus bíceps, suas tatuagens chamando minha atenção. Há aquele anjo sombrio e a rosa. Eu os toco com as pontas dos dedos. É quando eu noto pela primeira vez a faixa de

miçangas pretas de tinta enrolada em seu braço.

Meus dedos param. — Isso é novo?

Seus olhos parecem estar sorrindo. — Eu sempre quis usar um pedaço de você em mim.

Eu traço a pulseira de contas no pulso dele, depois subo por seu braço até o ombro... onde elas se transformam em escamas de tinta. Essas, por sua vez, fazem a transição para penas negras. As plumas minúsculas escorrem de seu ombro e caem sobre seu peitoral, algumas delas se soltando para flutuar sobre seu coração.

Afasto minha cabeça. — Quando?

— Ontem à noite, quando eu deveria estar defendendo meu reino.

Então era *isso* que ele estava fazendo longe do castelo. Meu coração dói com tudo o que sinto.

Eu estudo a tatuagem novamente. As miçangas, as escamas, as penas, essas coisas já foram um fardo para mim.

Eu sempre quis usar um pedaço de você em mim.

Minha garganta se fecha. Esses quartos já eram demais. Ouvir que ele pintou essas partes de mim em si mesmo...

Ele deve ver minha garganta oscilando, deve saber que eu literalmente não tenho palavras para transmitir esse emaranhado inimaginável de emoções que sinto.

Estou tão insuportavelmente, indescritivelmente, feliz.

— Eu amo você, querubim — diz ele. — Até a escuridão morrer, eu irei te amar.

Eu me ergo um pouco, meu corpo deslizando sobre seu torso duro. Entre nós, nosso vínculo palpita como um único batimento cardíaco, o som unificado. Eu seguro suas bochechas e pressiono minha boca na dele.

Como raios de luar e sombras. É do que ele tem gosto, de como eu o sinto. Como se o próprio universo sombrio se unisse e decidisse um dia formar um homem. Ele ainda não parece real. Espero que ele nunca pareça. Ele é minha magia.

Des me abaixa, ou talvez eu seja a única a afundar. Minha pele brilha quando a ponta do seu pau pressiona contra a minha abertura por um momento, sentindo-o grosso, muito grosso. E então está deslizando para dentro de mim, e essa espessura requintada está me esticando, me enchendo.

Eu olho nos olhos de Des e vejo uma eternidade estendida neles. Anos e anos de noites assim, de amor assim.

Ele empurra os quadris para trás e sinto a perda em todos os lugares. Mas no instante seguinte, ele está deslizando de volta para mim, seu pau latejando.

— Te amo muito, Callie — ele respira. — Teria esperado uma eternidade se isso significasse encontrar você.

Inclino minha cabeça contra ele, sentindo-o profundamente em mim.

— Eu teria caminhado pelo inferno para encontrar você. — Eu sussurro de volta.

Ele estremece. — Você fez, querubim, você fez.

Não sei a qual experiência ele está se referindo, e realmente não me importo. Nada desse horror faz parte desse momento.

Eu corro meus dedos por seus cabelos brancos, os fios parecendo brilhar graças à água que o umedeceu.

Nós dois nos movemos para cima e para baixo, dentro e fora, nos afastando e chocando como as marés. Estamos equilibrados nos limites de Somnia, com as estrelas acima e o mundo abaixo.

Às vezes, o sexo é sujo e carnal, e às vezes, como agora, é o amor mais íntimo.

Meus seios deslizam sobre seu peito enquanto eu subo e desço, a água brilhante fazendo nossa pele escorregadia.

Minha respiração para quando o ritmo de Des aumenta e seus golpes se aprofundam. O tempo todo nós dois nos encaramos. Eu não sei quanto a Des, mas eu tenho uma visão deslumbrante. Planetas giraram e estrelas se alinharam para nos unir.

— Tudo que já desejei... — Des diz roucamente, tomando minha boca.

O gosto dele e o toque dele - esses são os gatilhos que me mandam além do limite. Eu gemo em sua boca, meu domínio apertando Des quando meu orgasmo bate em mim.

O beijo termina quando eu absorvo a última gota do meu clímax. Des olha para mim, seus olhos prateados devorando minha expressão. Seus impulsos se tornam frenéticos, quase punitivos.

— Minha esposa. — Diz ele, com a voz baixa. Seu olhar cai nos meus lábios e seu aperto aumenta.

Com um gemido, eu o sinto gozar. A água espirra em torno de nós quando ele bate em mim, de novo e de novo. Seu olhar rasteja de volta e ele me absorve enquanto persegue cada onda de prazer que seu orgasmo traz.

Mesmo depois que terminamos, ficamos emaranhados juntos. Eu escovo seu cabelo molhado para o lado, tentando memorizar todas as características dele.

— Eu realmente amo meu presente de casamento. — Eu digo.

Ele solta uma risada baixa e satisfeita. — Eu também.

NÃO SEI QUE horas são, apenas que meu corpo se sente desossado e minha sirene, pela primeira vez em sua vida, totalmente saciada. Des dorme ao meu lado, sua perna jogada sobre a minha e um braço pesado envolto em meu corpo.

Invejo o Rei da Noite e sua capacidade de dormir. Tenho certeza de que, no momento em que eu ceder, o Ladrão de Almas estará do outro lado, esperando por mim.

Os mortos realmente morrem? A voz do Ladrão ecoa pela minha cabeça.

Eu franzo a testa. Eu não posso escapar dele, nem mesmo agora.

Este é o nosso joguinho - e confie em mim, encantadora, está longe de terminar.

Eu rolo as palavras repetidamente em minha mente.

Ele enganou Des e o fez me dar o vinho lilás na noite em que disse isso, tornando minha magia compatível com a dele.

Tudo para *que*? Por que ser magicamente compatível importava para ele?

Eu nunca vou te deixar em paz, encantadora. Nunca. Pode perder a esperança, se você ainda a tiver. Você nunca poderá escapar das minhas garras. Nem mesmo na morte.

Arrepios florescem em meus braços.

Nem mesmo na morte.

Os soldados adormecidos, o corpo incorruptível de Galleghar, a capacidade do Ladrão de Almas de sobreviver até da morte...

Eu quase suspiro quando percebo.

Claro. *Claro*.

Todos aqueles enigmas idiotas, e estava bem na minha frente o tempo todo.

Há não muito tempo, Des havia explicado os quatro reinos do Outromundo – Noite, Dia, Flora e Fauna.

Mas havia *outros dois*.

O Reino de Mar... e o Reino da Morte e Terra Profunda.

O Reino da Morte e Terra Profunda.

Em um mundo em guerra, quem realmente venceria?

A morte venceria.

Os mortos realmente morrem?

Jesus.

É por isso que o Ladrão pode usar os corpos dos mortos, e é assim que ele pode enviar soldados para um sono do qual eles não podem acordar. Todos os poderes estranhos e misteriosos do Ladrão que o Outromundo nunca viu, são poderes que pertenciam ao Reino da Morte.

O trono em que o Ladrão estava sentado, o alcance impressionante de sua magia... Ele não é apenas um fae da terra dos mortos - ele deve ser o *rei* deles.

Tudo isso, é claro, assumindo que estou certa.

Eu estou certa. Eu sinto isso nos meus ossos.

Eu balanço o ombro do Rei da Noite.

Des acorda com um sorriso, já me alcançando. — Esposa insaciável. Está afim de um segundo *round*?

Antes fosse.

— Des, — eu sussurro — acho que sei quem é o Ladrão.

Capítulo 31

É MUITO, *MUITO* mais tarde, que adormeço. E quando o faço, o Ladrão está me esperando nos meus sonhos, assim como eu sabia que estaria.

— Então você finalmente descobriu. — Ele se reclina em seu trono de ouro e, pela primeira vez, vejo um rei nele. Não é o tipo de rei que Des é, sombrio, honrado e malicioso ao mesmo tempo.

Este é o tipo de rei para o qual você se encolhe, o tipo de rei que você reza para que nunca a note.

Caio chão de pedra abaixo dele, esparramada como se me jogasse aos seus pés.

— A morte é o único reino que todos esses faes arrogantes esqueceram. — Continua ele.

Não me incomodo em perguntar como ele sabe.

Lembro-me da reação de Des quando lhe contei minha descoberta. Sua expressão espantada. A descrença que se seguiu, depois a consideração relutante e, por fim, sua aceitação horrorizada.

Mesmo agora eu posso sentir como as mãos do Rei da Noite agarraram meus braços, apertando-os enquanto eu explicava meu raciocínio.

Ele ficou estupefato, mas no final, senti a onda quente de seu orgulho. *Você descobriu, querubim. Tantas vidas serão salvas porque você descobriu.*

O problema é que não sei para onde vamos daqui. Saber quem é o Ladrão não o torna mais fácil de derrotar. Na verdade, o fato de ele governar os mortos é um novo enigma.

Quero dizer, você pode realmente matar algo que *vive* entre os mortos? É mesmo possível? Des não sabia quando perguntei, assim como ele não sabia como chegar à terra dos mortos sem antes morrer.

O Ladrão se levanta do trono e se dirige a mim quando começo a me sentar. Ele se agacha ao meu lado no chão. Sua mão vai para o meu pescoço, sua carne fria, tão fria. Por que eu nunca tinha notado isso antes?

— Vou te contar uma história. — Diz ele, empurrando-me de volta para o chão.

Não tento lutar contra ele, embora a sirene em mim queira. — Eu realmente não quero ouvir. — Eu digo, presa sob seu aperto.

— Mas acho que você quer, encantadora.

O Ladrão de Almas flexiona os dedos, pressionando levemente contra a minha traqueia. Eu posso dizer que ele quer fazer mais, que o pensamento o excita. Mas, como eu, ele domina seus impulsos mais selvagens.

— Muitos anos atrás, uma fada ansiava por poder, e ele fez muitas coisas terríveis para mantê-lo. — Ele começa.

O chão frio morde minha pele, e o cheiro de ossos velhos está de volta. Juro que sinto o cheiro de sangue velho apodrecendo em algum lugar próximo.

— Um dia, essa fada descobriu que seu tempo realmente terminaria, a menos que ele tomasse medidas para garantir que não terminasse. — Outra pressão de seus dedos. — Eu fui uma dessas medidas.

— Eu dormi por muitos anos antes de Galleghar me procurar. Mas então sua escuridão tocou a minha e eu *acordei*.

Minhas sobrancelhas se uniram. Não sei o que pensar das palavras dele. O Ladrão é o Rei da Morte. Eu assumi que, como os outros reis fae, ele nasceu, cresceu e se tornou um homem, e em algum momento ele herdou o trono. Não esse negócio de dormir e acordar. Não sei o que fazer com essa informação.

— Ele me deu vida para que um dia eu retribuísse o favor. — Os olhos do Ladrão ficam distantes. — E eu retribui, e aqui estamos nós.

Eu olho para ele. Eu posso sentir sua necessidade de me sufocar até a morte.

— Faça — eu o provoco. — Me mate. Eu sei que você quer.

Esta é a minha natureza básica falando. Minha sirene quer a dor e a violência. Ela se regozija com o caos.

Os olhos do Ladrão se estreitam, enquanto ele sorri. — Você talvez seja a única criatura viva que desafia a minha violência. — Os dedos do Ladrão apertam, e ele começa a me sufocar. Ele se inclina para perto. — E estou adquirindo um gosto pela sua coragem tola.

Não consigo respirar.

Ele se inclina para perto, sua boca a poucos centímetros da minha. Uma mecha de seu cabelo escuro roça minha bochecha.

Pontos pretos estão começando a salpicar na minha visão.

— Você e eu sabemos que não posso te matar aqui. — Diz o Ladrão, ainda apertando meu pescoço.

Preciso respirar.

Está começando a *parecer* que ele está realmente me matando.

— ... Mas eu *posso* machucá-la. — Para enfatizar seu argumento, seu aperto aumenta.

Eu não me mexo, não luto. Eu quero, quero arrancá-lo de mim, mas uma parte mais profunda e mais traiçoeira de mim está inquieta, acordando de seu próprio sono profundo, e ela não dará *nada a* esse monstro.

Começo a sorrir para ele, mesmo quando a escuridão cobre mais da minha visão. — *Se você quer me machucar…* — Eu estou articulando mais as palavras do que dizendo. Meu entorno está desaparecendo, sendo substituído pelo preto. — ...*você terá que se esforçar mais…*

EU ENGASGO, RESPIRANDO fundo, puxando o ar uma vez e outra. No alto, vejo asas prateadas abertas.

Um momento depois, o rosto de Des preenche minha visão. — Você está acordada. — O alívio engrossa sua voz.

Lembro-me pela milionésima vez que, quando o Ladrão decide comandar meus sonhos, nem mesmo o Rei da Noite pode me acordar.

Ainda sinto a pressão da mão do Ladrão no meu pescoço e juro que sinto o gosto da morte no fundo da minha garganta.

Realmente devo parar de provocar o Ladrão.

— Por que suas asas estão abertas? — Eu pergunto, me libertando dos últimos vestígios do sonho.

— Você sabe a frequência com que eu luto contra essa sua reação? — Des diz, sentando-se. Ele passa a mão pelos cabelos desgrenhados. — Uma pergunta melhor seria: por que minhas asas não estão abertas o tempo todo? Eu quero te foder ou foder alguém por mexer com você.

Dou um pequeno sorriso ao Negociador e então meus olhos voltam para suas asas. Trilho meus dedos sobre elas novamente. — Para qual dos dois você está mais inclinado no momento? — Pergunto.

Os lábios do Negociador se levantam em um sorriso irônico. — Ambos. — A expressão desaparece rapidamente. Ele traça o nó do dedo ao longo do lado do meu rosto. — Você sabe que isso está quase no fim, certo?

Eu sei que ele está falando sobre o Ladrão de Almas, mas, por algum motivo horrível, penso que ele está falando de nós. O puro terror do pensamento me paralisa.

Três batidas abruptas na porta nos interrompem.

— Sua Majestade, — Malaki chama pela porta. — Galleghar foi avistado.

TEM QUE SER outra armadilha.

É o que penso quando me sento na sala do trono ao lado de Des, uma estranha criatura fae diante de nós.

— Eu o viiiiii. O veeelhooo rrreii. — O fae mal consegue pronunciar palavras de modo coerente com sua boca deformada. Sua pele é da cor de um hematoma, seus olhos são reptilianos e seu corpo é magro e corcunda.

Não tenho idéia de que criatura é essa, só que já a vi antes em um dos esboços de Des.

Des apoia o queixo em uma mão, o dedo indicador batendo na bochecha. — Onde?

— Barrrrbooosssss.

Minha pele se ilumina.

— Você está trabalhando para ele? — Eu pergunto, glamour escorrendo das minhas palavras. Não quero repetir a última vez que descobrimos o paradeiro de Galleghar.

— Nãoooooo.

— Ele sabe que você o viu?

— Nãooooo.

O Rei da Noite para de tocar a bochecha. — O que *mais* você sabe?

Aquela boca estranha torce. — Ele seee esscondeee na naturezaaa ssselvageeemmm, nosss túneeeissss. Muitossss o ajuudaaammm. Elesss matarãooo qualquerrr ummm quee preejudicaarrr ooo veeelhoooo rrreiii.

— Por que eles o ajudam? — Pergunto.

— Aaa mmmenteee deeleess perteeenceeeem a outrroooo.

Eu fico imóvel.

Des fica de pé, seu corpo imponente. — A quem?

Mas nós já sabemos.

— Aoo Laadrãããooo deee Almmmaassss.

— PRECISAMOS TOMAR UMA decisão. — Diz Malaki quando a sala esvazia. Todos que ficam são ele, eu, Des e um punhado de guardas.

Desmond olha para mim. — O que devemos fazer sobre Galleghar?

Ele está me perguntando como se eu fosse uma co-governante.

Balanço a cabeça. Não quero tomar uma decisão como esta. Esta é toda a razão pela qual eu tenho fugido da ideia de ser uma rainha. Uma coisa é lidar com uma ameaça ou interrogar algumas fadas. Outra é tomar uma decisão importante cujo resultado não podemos prever, que pode ter consequências de longo alcance.

Estou prestes a dizer *eu não sei*, mas maldição, meu orgulho de repente parece que está em jogo, e eu não quero decepcionar Des.

Na verdade, vou tomar uma decisão sobre isso. Porra.

Ir atrás de Galleghar ou não?

Sabemos onde está o velho rei, mas sabíamos onde ele estava da última vez, e ele ainda teve uma vantagem sobre nós.

No entanto, se o pegarmos de surpresa, esse pode ser o começo do fim para Galleghar e o Ladrão. Os dois compartilham um vínculo. Um vínculo que estou ansiosa para romper.

— Acho que é hora de capturarmos seu pai. — Digo lentamente.

Des olha para mim por um longo momento. Muito lentamente, um sorriso malicioso se espalha pelo rosto dele. — A rainha decidiu.

BARBOS NÃO É como eu me lembro.

Quando Des e eu pousamos na ilha - Malaki e Temper atrás de nós - vejo pela primeira vez o lugar desde a última vez em que visitei. As ruas e os locais sobre as quais sobrevoamos estão praticamente vazios, os sons

mudos. Grande parte da multidão de valentões que se divertiam aqui agora se foi. Aqueles que permanecem parecem estar olhando por cima dos ombros, como se estivessem sendo vigiados.

A coisa toda me dá calafrios.

Você está apenas imaginando coisas.

Pelo menos não fomos emboscados no caminho. Prendi a respiração durante a maior parte da viagem, esperando Galleghar aparecer e lutar contra nós. Mas ele nunca apareceu.

Ou temos sorte, ou os encantamentos estão fazendo o trabalho deles.

Eu posso sentir os feitiços agarrados à minha pele, a magia me isolando como um casaco. Antes de sairmos, vários homens de Des criaram proteções em Temper, Malaki, Des e eu contra a magia inimiga. Entre outras coisas, esses encantamentos nos escondem da visão de nossos oponentes, tornando-nos praticamente invisíveis para fadas como Galleghar.

Enquanto voamos para o interior, a cidade abre caminho para uma densa floresta. Aqui e ali, as árvores são iluminadas pelas luzes brilhantes de vários fae. Não parece um lugar assustador, e ainda assim, em algum lugar dali, há um rei assassino.

Não posso acreditar que estamos fazendo isso. Tudo porque eu dei a Des o sinal verde. Ainda espero que Galleghar se manifeste diante de nós, ou que os soldados adormecidos do Ladrão se aproximem de todos os lados. Nada nunca sai conforme o planejado; por que isso deveria?

No entanto, nada acontece. Galleghar e o que resta do exército do Ladrão fica longe, e o nosso grupo voa tranquilamente, o único som é do vento que apita contra nossos ouvidos.

Des começa a mergulhar em direção à terra, embora este trecho de selva pareça com todos os outros. Sigo sua liderança, descendo na folhagem grossa e escura até minhas mãos e pés roçarem as copas das árvores, as folhas farfalhando contra a minha pele.

O emaranhado de arbustos densos não deixa muito espaço para pouso. Eu assisto Des, vendo como suas asas se inclinam em torno das árvores, e acho que entendi... até minha asa se cortar num galho de árvore que eu não vi.

Eu grito com a dor, e minha asa se fecha reflexivamente. Eu caio entre as árvores, atingindo todos os galhos que já existiram. Eu caio no chão da floresta com um barulho.

Ai, *caralho*.

Em um instante, o Negociador aparece ao meu lado. — Você ainda é a sirene mais desajeitada que eu já conheci. — Diz ele, estendendo a mão para me ajudar.

— Sim, sim, sim. — Murmuro, pegando sua mão e deixando-o me ajudar

Malaki cai ao meu lado, Temper em seus braços.

— Por que você não acorda a selva inteira logo? — Minha melhor

amiga diz quando sai dos braços da fada.

Dando a Temper um olhar irritado, espano meus couros de batalha, arrancando galhos dos meus cabelos. Pelo menos não perdi meus punhais; as lâminas gêmeas permanecem amarradas às minhas laterais, seus punhos de pedra brilhando.

Eu dou um tapinha no bolso de trás. Todos nós quatro recebemos um par de manilhas de ferro, para o caso de estarmos ao alcance de Galleghar. Como minhas facas, meu conjunto de algemas está exatamente onde deveria estar.

Os olhos de Des varrem a folhagem espessa. — Sigam-me. — Diz ele ao grupo.

Andamos por quinze minutos, nossos passos silenciosos. Ao nosso redor, a selva parece estar prendendo a respiração.

Parece que nós quatro estamos vagando sem rumo até Des parar. Ele aperta a terra à sua frente, depois com um aceno de mão, a terra à sua frente limpa, revelando uma pedra plana e circular esculpida com símbolos em fae antigo.

Ele olha para mim. — Chegamos.

VOLTANDO A ATENÇÃO para a pedra, o Rei da Noite sussurra um encantamento baixinho. Os símbolos em fae antigo brilham cor de esmeralda por um momento, depois a pedra desliza para o lado, revelando outro buraco no chão

O que há com esse cara e buracos?

— Nem fodendo — diz Temper, encarando o buraco da mesma maneira que eu. — Ninguém disse nada sobre um túnel. Eu tenho claustrofobia.

Os olhos de Des rapidamente se voltam para ela antes de pousar nos meus. — Você também pode optar por não participar. — Ele me diz.

Balanço a cabeça. — Eu vou com você.

Eu vou onde Des for.

Os olhos dele brilham. — Então eu estarei esperando por você no fundo. — Com isso, ele dá um passo e cai para dentro da terra.

— *Merda.* — Temper xinga atrás de mim.

Eu olho para ela, depois para Malaki. O general parece ameaçador na escuridão. Ele não está muito satisfeito que Temper e eu estamos aqui, nos colocando na linha de fogo, mas ele não tentou parar nenhuma de nós do jeito que tentou da última vez.

Respirando fundo, sento-me na beira do buraco, mergulhando meus pés na escuridão. Minha bota bate contra uma escada colocada na lateral do buraco, e deslizo meu corpo para baixo até que eu possa agarrar o apoio de mão.

E então eu começo a descer.

Eu não posso dizer o quão fundo eu tenho que ir, só que quando chego no fim do buraco, Des está esperando por mim, sua forma iluminada por

orbes de luz.

— Sirene corajosa. — Diz ele enquanto eu desço os últimos metros para o chão.

Isso não é coragem. Coragem vai ser enfrentar o que está no fim desses túneis.

Antes que eu possa responder, ouço o passo pesado de Malaki enquanto ele desce a escada. É só depois que me afasto que o general solta sua mão na escada e cai o resto do caminho até o chão, aterrissando pesadamente na terra úmida.

O general se endireita, olhando para a abertura.

Como se fosse uma sugestão, ouço murmúrios zangados bem acima de nós, seguidos pela batida agitada dos pés de Temper contra a escada.

Quando ela chega ao fundo, ela pula da escada e olha para cada um de nós. — Que fique registrado que eu *não* estou feliz com isso.

— Você poderia ter nos esperado lá em cima. — Eu digo.

— Eu não vou esperar em uma selva aleatória enquanto meus amigos caçam um rei sanguinário. Essa merda é a *minha* responsabilidade.

Aww, ela disse *amigos, no* plural. Alguém está aprendendo a ser simpática com os outros.

Os olhos de Des nos observam, e então ele se vira e começa a andar por um dos túneis. Como ele sabe em qual entrar está além de mim.

As raízes das árvores se apegam à curva do teto, iluminado por esferas de luz que flutuam acima de nós. Pequenas criaturas fae correm pelas raízes, uma fazendo uma pausa para sibilar em nossa direção, como se sentisse que algo está errado. Mas ela não nos vê.

— O que é esse lugar? — Temper pergunta, olhando para um dos orbes de luz enquanto ele suavemente salta entre as raízes das árvores.

— Os Anjos da Pequena Morte costumavam usar túneis como esses para transportar mercadorias frágeis. — Diz Malaki, com a voz estridente.

Irônico que a *autoridade* de quem eles se escondiam agora é o *criminoso que* eles perseguem.

Olho para os nossos arredores com novos olhos. Des e Malaki devem ter trabalhado nesses túneis há anos, movendo itens ilegais, acumulando tesouros e se escondendo dos homens do rei. A coisa toda é tão surreal para mim - este lugar e todas as vidas que Des viveu muito antes de ele ser meu.

Ele sempre foi nosso, diz minha sirene.

Eu olho para as costas largas do Negociador. Eu sei que ele diria a mesma coisa.

O túnel parece se estender por uma eternidade, e quanto mais avançamos, mais minha pele se arrepia. Talvez sejam os espaços apertados, ou a escuridão, ou estar no subsolo - ou talvez seja o homem que procuramos, mas algo simplesmente não parece certo.

Des para, erguendo a mão. — Galleghar está logo à frente. — Ele

respira.

Reflexivamente, minha mão vai para minha adaga.

Des começa a andar novamente e, mecanicamente, eu o sigo.

À frente, o túnel se abre numa sala, mas não vejo quão massiva a câmara realmente é até entrarmos nela. Devemos estar debaixo de uma colina, pois o teto se arqueia bem acima de nós. É tão grande quanto alguns dos salões de baile dos palácios que conheci, embora este não possua toda a beleza e refinamento daqueles palácios fae: as paredes aqui são feitas de terra simples e compactada. É uma sala destinada a armazenar uma quantidade enorme de mercadorias. No momento, no entanto, está quase vazia, exceto por alguns sacos de ouro.

Bem, alguns sacos de ouro... e um rei morto-vivo.

Do outro lado da sala, Galleghar está em algum tipo de trono. É uma visão melancólica, vê-lo largado naquela cadeira de prata, como se estivesse esperando para ouvir as queixas de uma plateia que nunca chega.

Seus olhos cinza-tempestuosos estão turbulentos enquanto olham para longe, e fico arrepiada, olhando para aquele rosto nefasto que é tão parecido com o do meu companheiro.

Ele não pode nos ver. Os encantamentos realmente funcionam. Estamos de frente para Galleghar, mas somos totalmente invisíveis para o rei tirano.

Flutuando no ar à sua frente está um pedaço de pergaminho desenrolado, e ao seu lado está uma refeição - da qual ele parece ter se esquecido.

É isso que ele faz o dia todo? Esconder, refletir e conspirar?

Meus olhos se movem sobre o aposento novamente. Há dezenas de entradas e saídas nesta câmara, e não tenho ideia de como vou descobrir qual pegar quando sairmos.

Uma preocupação para mais tarde, depois que Galleghar for nosso.

Parece tão fácil. Ele está bem na nossa frente. Tudo o que precisamos fazer é arrancá-lo de seu trono, algemar seus pulsos e levá-lo de volta à Somnia.

Talvez pudesse ter acontecido dessa maneira, mas só tínhamos dado alguns passos curtos em direção a ele quando o ar ao nosso redor oscilou. E então, sinto nossos encantamentos se dissolvendo.

Tenho certeza de que isso não era parte do plano.

Em um instante, os olhos de Galleghar disparam para nós. Eu pego um lampejo de surpresa neles, mas então seu rosto se abre em um sorriso frio e malicioso.

— Meu filho mal-gerado, nos encontramos novamente.

Capítulo 32

— E VOCÊ TROUXE amigos. — Diz Galleghar casualmente, seus olhos passando rapidamente para nós.

De repente, me sinto estranha parada aqui, como se nós quatro fossemos uma gangue de Vingadores sobrenaturais. Só que fomos apanhados com as calças abaixadas.

Não é como eu imaginava essa interação se desenrolando.

Des caminha para frente, enfiando as mãos no bolso. — Eu nunca pensei que veria o dia em que você seria o único morando nas cavernas e eu o rei. — Ele diz suavemente.

Ooooh, *toma essa*.

Uma das mãos de Galleghar se fecha em punho, mas essa é sua única reação. O pedaço de pergaminho pairando na frente dele se enrola e flutua suavemente para o chão, ao lado dos sacos de ouro. Em um dos corredores escuros que levam ao salão, vejo um lampejo de movimento.

É uma das sombras de Des? Algo mais? É impossível dizer.

O rei morto-vivo cruza uma perna sobre a outra, erguendo as sobrancelhas enquanto seu olhar se move sobre nós. — Sinto muito, deveria estar assustado? Duas escravas e um criminoso insignificante com um título... ah, e meu filho conspirador.

Este imbecil. Todas as suas atrocidades à parte, ele deve ter sido um verdadeiro imbecil de se ter por perto.

— Como estão suas asas? — Des pergunta. — Ainda quebradas?

Galleghar olha para ele, se inclinando para trás em seu assento. — Eu imagino que você se lembra do sentimento. Suas asas estalaram como galhos sob o meu toque.

Eu tinha quase me esquecido do ferimento que Des sofreu no Reino da Flora; tantas coisas terríveis aconteceram naquela noite.

— Seu trono é fofo — diz o Negociador, continuando. — Dei à filha do meu criado um desses, só que acredito que era um pouco maior.

Caramba. Fadas não brincam quando se trata de insultos.

Os olhos de Galleghar se estreitam. Estou esperando sua resposta quando ele desaparece.

Minha sirene surge em um instante, fazendo minha pele brilhar.

Galleghar reaparece na frente de Des, com o punho levantado. O

Negociador desaparece com a mesma rapidez, aparecendo atrás de Galleghar. Des chuta as costas de seu pai, derrubando a fada aos meus pés.

Minha alma gêmea aperta com um pé a garganta do pai, sua mão pegando as algemas. — Essa é toda a luta que você tem? Você está tornando isso muito fácil.

— Por que lutar quando as probabilidades são tão injustas? — Bradou seu pai.

Des inclina a cabeça, estreitando os olhos. — Você mesmo disse que éramos apenas alguns escravos e criminosos humildes; não somos páreos para o grande Galleghar Nyx.

Uma criança aparece em uma das portas que dá para a sala, me distraindo do confronto diante de mim. A garotinha parece absurdamente deslocada - até eu ver seus olhos. Toda aquela raiva, toda aquela malevolência - ela deve ser uma criança do caixão.

Das outras portas aparecem mais algumas crianças, seguidas por soldados com olhos vidrados, seus uniformes ensanguentados.

Soldados adormecidos.

— Você não achou que eu estava falando de mim mesmo quando disse que as probabilidades eram injustas, não é? — Galleghar chia, sorrindo, apesar de sua traqueia estar sendo lentamente esmagada.

Algumas crianças começam a mostrar suas presas, enquanto outras começam a rosnar. Os soldados pegam metodicamente suas armas.

Os soldados estão vindo de todas as direções, seus corpos enchendo as portas ao redor da sala.

Des observa nossos novos adversários e sua bota se afunda um pouco mais. — Eu diria que as probabilidades ainda estão contra você, velho. Mas você saberia disso se não morasse em uma caverna.

Ele está se referindo a mim e ao meu glamour, eu percebo. Soldados adormecidos nada mais são do que adereços, uma vez que uso minha magia neles.

O rei morto-vivo exibe um sorriso malicioso enquanto olha para o filho, pouco antes de desaparecer.

Galleghar manifesta-se entre os soldados quando entram na sala por todos os lados.

Em um minuto, eles formam um anel em volta de nós quatro, os rostos calmos, os olhos assustadoramente vazios.

Uma briga e um som sufocado vêm de um dos soldados atrás de mim. Viro bem a tempo de ver uma espada ensanguentada empalando o abdômen do soldado. Um segundo depois, foi arrancada do jeito que veio, fazendo um barulho molhado e de sucção.

O soldado sangrando oscila por alguns segundos e depois cai para a frente. Na entrada escura além da fada moribunda, uma forma sai, seu corpo se iluminando rapidamente a cada segundo até que tudo o que posso ver é uma esfera de luz.

Quando escurece novamente, fico encarando o Rei do Dia.

NÃO SABIA QUE *ele* tinha sido convidado para a festa. Aparentemente, Des pediu ajuda de seu aliado.

— Ouvi dizer que o Reino da Noite tinha um problema de vermes — diz Janus. Seus olhos pousam em Galleghar. — Ah. Aqui está o rato.

O rosto do meu companheiro permanece impassível, mesmo quando ele para do meu lado.

Os olhos de Galleghar se estreitam. — Você veio para me matar também?

— Bem, eu não vim pelo clima. — Responde Janus.

O sangue ainda escorre de sua espada enquanto ele avança, e ele não tenta limpá-la. Ele vem até nós quatro, acenando para Des, depois Malaki e Temper. Temper, por sua vez, o olha de cima a baixo como se fosse almoço.

Quando os olhos de Janus pousam em mim, ele se curva. — Senhora, você tem minha espada e escudo.

Meus lábios se separam de surpresa. Eu assumi que o Rei do Dia veio porque ele e Des eram aliados, mas talvez não seja esse o motivo.

Janus me jurou lealdade há não muito tempo; talvez Des tenha contado a ele sobre o nosso plano, talvez este seja ele cumprindo seu juramento.

Os soldados não fazem nenhum movimento para retaliar pela morte de seu camarada; eles apenas continuam a nos assistir com as mesmas expressões estoicas.

Galleghar estuda Janus um pouco mais, e então seus olhos são atraídos para mim. Minha pele ainda brilha, e quanto mais ele me olha, mais intrigado ele aparece.

— Escrava — ele murmura. Mais alto, ele diz: — Eu tenho uma mensagem para você...

Uma mão pesada aperta o ombro de Galleghar. — Chega. — Diz o soldado atrás dele.

O rei morto-vivo olha furioso para o soldado manchado de sangue, embora a fada não preste atenção nele enquanto caminha para frente, seus olhos iluminados com um deleite sombrio.

Só existe uma pessoa que me olha assim.

— Encantadora, — diz o Ladrão — como você me *ilude,* até mesmo agora.

É uma sensação horrível ouvir aquele espírito mercurial dele sendo projetado através do corpo de outra pessoa.

— Pensei em simplesmente assistir e apreciar o banho de sangue, mas... — ele me encara com um fascínio doentio. — Quero que você me note como eu notei você.

Ao meu lado, as asas de Des se manifestam, se espalhando atrás dele. Ao nosso redor, sombras enchem a sala. O Ladrão de Almas não percebe nada disso.

— Batizada em sangue, entregue à sua natureza mais selvagem, se eu pudesse tocar sua mente, talvez ficasse satisfeito.

O soldado manchado de sangue se aproxima de mim, perto o bastante para eu sentir o cheiro da podridão que se apega a ele.

Des entra na minha frente, suas asas me protegendo da vista.

— Não é dos meus punhos que você precisa protegê-la. — Diz o Ladrão. Não posso mais vê-lo, mas sinto seus olhos por toda a minha pele, me observando pelos olhos de dezenas de soldados diferentes. — Um único segredo pode causar *tantos* problemas, não é mesmo, Desmond?

Meu companheiro não diz nada e, infelizmente, não consigo ver sua expressão. Suas asas, no entanto, começam a dobrar, o que é pelo menos uma indicação de que suas emoções estão firmes.

O Ladrão continua. — E nós dois sabemos que você tem mais do que apenas *um* segredo — Seus olhos deslizam para mim. — O Rei da Noite contou sobre eu e Galleghar?

Do que ele está falando?

Eu saio de trás de Des e dou uma boa olhada nele. Ele está usando sua expressão de estou-guardando-um-segredo. Quanto mais eu olho para ele, mais apreensiva me sinto.

O Ladrão levanta as sobrancelhas. — Presumo que isso seja um *não*. — Ele balança a cabeça em reprimenda. — Eu sei que você tem uma reputação a manter, Desmond, mas achei que você seria mais aberto *pelo menos* com sua parceira.

Os olhos do Negociador se movem dos soldados para mim.

— Querubim — diz ele, e eu posso dizer que ele está escolhendo as palavras cuidadosamente. — Eu *tenho*… eu fui desonesto com você.

Ele parece tão estranho, tão fae.

Meu coração bate um pouco mais rápido.

— Eu disse que não sabia nada sobre a profecia de Galleghar Nyx ou como ele e o Ladrão estavam conectados, mas era mentira. Eu li a profecia de meu pai. Eu sei por que ele está atrás de você e o que ele teme. Sei quando e como ele procurou o Ladrão, e sei como ele deve ser detido.

Minhas sobrancelhas se juntam, mesmo quando olho para Galleghar. O olhar do rei traidor se move para mim e posso ver uma promessa letal neles.

Minha sirene se irrita com a ameaça.

Chegue mais perto, rei caído, para que eu possa te esculpir melhor.

— Desmond, você não vai contar a ela o resto? — O Ladrão entra em cena. Ele ainda está me observando, me dando o mesmo olhar estranho de quando era o Homem Verde. — Diga a ela como você soube da minha verdadeira identidade e de onde eu morava. Diga a ela como você escondeu esse conhecimento dela - conte a ela e ao resto de seus amigos.

Cada declaração dos lábios do Ladrão é uma toxina, envenenando

lentamente meus pensamentos.

O Rei da Noite me enganou esse tempo todo?

Você pode ter suas artimanhas, encantadora, mas não é fã de quebra-cabeças. Uma vergonha, sério, quando seu parceiro claramente é muito bom nisso.

— Desmond, — diz Janus, dando um passo em nossa direção. — O que ele está dizendo é verdade?

Des me observa, sem responder, então eu respondo por ele.

— É.

Sinto meus joelhos enfraquecerem quando Janus e os outros começam a falar ao mesmo tempo, expressando sua frustração.

Des é mais esperto que isso. Tudo o que estou descobrindo agora não está alinhado com o que sei do meu parceiro. Ele pode ser secreto e um pouco perverso, mas é *leal*. O que quer que esteja acontecendo, qualquer que seja o engano que o Ladrão esteja tentando capitalizar, deve ser algum tipo de distração.

Eu pego a mão de Des, segurando-a entre as minhas. Há tantas coisas que quero lhe dizer. Quão fodido foi ele ter me deixado de fora. Como, juro por Deus, vou chutá-lo em sua bela bunda, se ele continuar com o hábito de mentir. Mas mais importante...

— Eu confio em você. — Digo suavemente.

O olhar de Des é firme, mas seus olhos, seus olhos ardem como estrelas morrendo. Ele aperta minha mão. — Você é minha vida, querubim.

Com isso, ele pega a espada presa a ele, desembainhando-a em um movimento fluido. Ele ataca o soldado manchado de sangue diante de nós. Ao redor da sala, os soldados adormecidos ficam tensos.

Des se afasta de mim, suas asas perversas se abrindo até que sua estrutura impressionante parece preencher todo o espaço.

— Até a escuridão morrer. — Ele me promete.

E então ele desaparece.

Capítulo 33

NUM PISCAR DE olhos Des está em seu pai, sua espada brandida. Essa é a deixa que todos parecem estar esperando.

Com um grito de guerra, Malaki ataca os soldados adormecidos no momento em que eles correm para nos encontrar. Janus sobe no ar e Temper solta uma risada baixa, seu poder ondulando ao longo de sua pele.

— Soldados, parem! — Eu grito, empurrando tanto glamour nessas duas palavras quanto possível.

Os soldados adormecidos *deviam* parar, mas não param. Em vez disso, eles continuam avançando.

Que inferno?

Cinco deles se aproximam de mim ao mesmo tempo, e mal tenho tempo para pegar meus punhais antes de começar a bloquear os golpes.

Eu não entendo.

Esse pensamento se repete na minha cabeça enquanto luto contra meus agressores. Eu me abaixo quando um machado de dois lados balança sobre minha cabeça, depois revido com meus punhais.

Eu deveria ter sido capaz de glamourizar a todos.

— Congelem, soldados. — Digo novamente.

— Receio que eles não possam seguir seus comandos — diz um dos soldados. Mas é o Ladrão quem está falando. — Eles foram protegidos contra o seu glamour. — Diz ele.

Protegidos? Eu fico fria. Qualquer vantagem que eu pensava ter, desapareceu.

E pensava que conseguiríamos ter sucesso nessa emboscada. Mas eles estavam prontos com sua própria magia - magia que nos tirou de nossos encantamentos e os tornou impenetráveis ao meu poder.

Ouço o rasgo do tecido nas minhas costas e sinto a sensação doentia de uma lâmina afundando na pele. Sinto a cascata de sangue derramar da ferida antes que a dor entre.

Quando ela se instala, no entanto - *Jesus* - dói como uma cadela.

Antes que eu possa retaliar, outro golpe segue o primeiro, cortando meu braço.

Eu cambaleio para frente, direto para um soldado coberto de sangue

seco e pedaços inomináveis, minhas asas se manifestando em resposta à dor e adrenalina.

Gotas de sangue quente descem pelo meu braço e minhas costas. E os ataques ainda continuam chegando. Tudo que posso fazer é desviar da maioria dos golpes. Des pode ter me treinado para lutar, mas não sou párea contra *cinco* soldados fae.

— *Callypso!* — Des ruge.

De repente, ele está ao meu lado, atravessando soldados adormecidos. Mas então seu pai usa a distração para aparecer na minha frente, arma levantada.

— Você *não* será minha queda, escrava. — Ele promete.

Nem tento glamourizar Galleghar. Em vez disso, faço o que qualquer mulher sã faria - chuto aquele filho da puta nas bolas.

Forte.

A reação é imediata. Ele se dobra, emitindo um ruído sibilante e sufocado entre os dentes cerrados.

É tudo o que vejo antes que os soldados adormecidos se aproximem de mim, apesar dos esforços de Des. Sangue espirra no meu companheiro enquanto ele os retalha, mas sempre há mais deles para lutar, e nenhum joga limpo.

— Ladrão! — Des grita. — Você e eu tínhamos um acordo!

Um acordo?

Os soldados que me rodeavam de repente param de lutar, ficando plácidos.

— E temos. — Diz um deles.

Eu olho entre eles. No grupo, o pai de Des começa a se endireitar. Além de nós, os outros soldados adormecidos ainda estão batalhando, sem saber que a luta deste lado da sala parou.

Esse pensamento mal passou pela minha cabeça e Galleghar desapareceu, materializando-se mais uma vez na minha frente, a espada apontada. Antes que ele possa dar um golpe, uma mão agarra seu pulso e torce, forçando o pai de Des a abrir mão da lâmina.

Sigo a mão de volta ao dono, chocada ao vê-la pertencer a um soldado.

— *O que você está fazendo?* — Galleghar choraminga.

Um instante depois, Des se materializa em suas costas, o estrangulando. — Awwwn, você achou que foi o único que fez acordos com esse monstro?

Meu sangue congela.

Des, o que você fez?

O rosto de Galleghar se contorce em uma careta, e então ele desaparece, Des desaparecendo uma fração de segundo depois dele. Os dois atravessam a sala, entrando e saindo da existência como fogos de artifício.

Eu posso sentir o cheiro de sangue e magia maléfica enchendo o ar enquanto a batalha continua.

O cabelo de Temper está começando a levitar com seu poder, e ela tem um sorriso selvagem enquanto luta com seus oponentes. Malaki e Janus lutam no céu e no chão, usando suas asas para ganhar alguma vantagem. As crianças do caixão têm as presas à mostra, a boca ensanguentada e muitos dos soldados adormecidos têm lâminas manchadas de sangue.

Não será uma vitória limpa para nenhum dos lados.

E então há eu, cercada por uma faixa de soldados adormecidos que agora são dóceis.

Olho em volta para eles, apontando minha adaga. — Por que você não luta? — Eu pergunto, o sangue pingando do meu pulso enquanto falo.

— Eu já disse, — um deles diz — seu parceiro guarda muitos segredos.

Eu giro, olhando para cada agressor. Por trás de seus olhos, o Ladrão de Almas sorri para mim.

Você e eu tínhamos um acordo, dissera o Negociador.

— Qual é o acordo entre você e Desmond? — Eu pergunto, apontando a adaga para a garganta de um dos soldados.

— Sério, você vai me apunhalar com isso agora? — O Ladrão pergunta, sorrindo para a lâmina.

Talvez. Eu não sei. A ameaça é tão obviamente inútil para ele.

— Qual é o acordo? — Eu repito.

Ao nosso redor, gritos ecoam pela sala, acompanhados pelo som molhado de metal cortando carne. O ar brilha com sangue. Eu quase posso sentir o sabor nos meus lábios.

— Você não gostaria de saber.

O Ladrão e seus jogos. Decidi há um tempo que já tive o suficiente deles.

Começo a empurrar os soldados. Se eles não vão lutar comigo, irei ajudar um dos meus camaradas que estão enfrentando grandes desvantagens. Mas assim que tento abrir caminho entre a multidão, eles fecham a minha saída.

— Saiam do meu caminho. — Eu digo, minha pele iluminando.

Mas eles permanecem resolutos.

Eu quero gritar. A cada momento que passa, meus amigos ficam mais cansados e mais feridos.

— Eu deixei minha natureza mais básica tirar o melhor de mim, mas seu parceiro está certo. Quero deixar você inteira e intocada… — diz um soldado às minhas costas — por enquanto.

Eu me viro para a fada que falou. Ela tem longos cabelos loiros cor de trigo que foram trançados para longe de seu rosto angelical. Na mão, ela segura uma espada de foice.

Andando até a soldada eu aperto suas bochechas, olhando profundamente em seus olhos de espuma do mar. A soldada permanece parada, o olhar do Ladrão iluminado com interesse. Olho para os lábios da mulher. — Não é a minha mente que você quer tocar, é, Ladrão?

A soldada me estuda antes de baixar os olhos para os meus lábios.

— Você quer aquilo do qual você só teve um gostinho na prisão de Karnon. — Eu digo.

Naquela época, tudo o que ele fez foi me beijar. Ele não tinha feito novamente.

Sinto a onda quente do meu poder.

Beije-o. Mate-o. Tome tudo de uma vez.

Inclino-me, meus lábios tão perto da soldada, minhas mãos deslizando pelas bochechas dela. As pontas dos meus dedos roçam o cabelo entrançado dela...

Vamos arrastá-lo para baixo e fazê-lo nos dar tudo.

Seu olhar mercurial permanece em mim por um segundo ou dois.

— Olhe para o seu parceiro. — Diz ele subitamente.

Eu franzo a testa. Todo o meu poder firmemente enrolado está se dissipando.

Não é como isso deveria acontecer.

— Por quê? — Eu digo, meu olhar inabalável.

— Eu quero ter certeza de que você está assistindo.

Eu posso sentir um zumbido na minha pele. Magia - magia maléfica e oleosa - começa a vibrar ao meu redor. Ele se separa das paredes, do chão e do teto, espessando o ar.

Ao meu redor, as outras fadas estão começando a olhar em volta, confusas.

Eu estreito meus olhos para o Ladrão, mesmo quando a mágica começa a solidificar em nuvens de fumaça.

— O que você está fazendo? — Pergunto.

— Olhe para cima.

Meus olhos permanecem no Ladrão por um longo momento, mas eventualmente eu olho para cima, meus olhos atraídos para o meu parceiro.

Eu ofego com a visão.

Capítulo 34

Desmond

Os anos podem ter passado, mas meu pai ainda luta do mesmo jeito.

Como um covarde.

Eu o persigo pela escuridão, nós dois nos tornando um antes de voltarmos de sombras para homens. De novo e de novo e de novo.

— Você não pode me matar. — Diz ele, enquanto nossas lâminas se chocam. Nós dois pairamos no ar, a maioria das fadas lutando abaixo.

— Enquanto você sofrer, eu não me importo. — Com exceção do pai de Callie, nunca tive tanta fome de vingança. Quero espetá-lo como um animal e assá-lo no espeto. Eu quero cortar ele e fazê-lo assistir enquanto eu removo seus órgãos um por um. Quero usar todas as torturas que aperfeiçoei ao longo dos séculos para fazê-lo pagar por minha mãe, por meus irmãos, pela ameaça que ele representa para a minha parceira.

Galleghar evita o golpe, as lâminas faíscam com a força quando se chocam, e então ele se foi novamente.

Eu desapareço na escuridão, sentindo-o reaparecer acima de mim. Eu me uno de volta na forma de homem apenas para meu pai se dissipar nas sombras mais uma vez. Agora ele está atrás de mim, agora ele está do outro lado da sala. Eu o persigo, tecendo através do campo de batalha ao nosso redor. Malaki sangra no abdômen e Janus está segurando o braço.

Temper pode ser a menos machucada, mas seus olhos começaram a brilhar; a feiticeira está perdendo a cabeça e o controle de seu poder.

E Callie, Callie está enfrentando o pior monstro de todos eles. Eu a condenei a ele. Mesmo agora, tremo só de pensar em...

Galleghar reaparece na minha frente. Eu me manifesto na dianteira dele, minha lâmina pronta. Ele aponta sua espada para o meu estômago, e meu balanço se torna um ataque defensivo, empurrando sua arma para baixo.

Galleghar ri. — Você não me pode matar. *Nada* pode me matar.

— É por isso que você se ligou ao Ladrão? Então você nunca poderia morrer?

Uma pergunta que dificilmente vale a pena fazer. É claro que o tolo

escolheu o ser mais maléfico para se associar.

— Segredos são para uma alma guardar. — Diz Galleghar.

Eu quase largo minha espada. Minha mãe costumava dizer isso para mim quando eu era menino. Quando os soldados adormecidos começaram a sussurrar, me perguntei o porquê.

Galleghar ataca novamente, e paro o golpe com minha lâmina.

— A cadela que deu à luz a você me dizia isso. — Galleghar diz por trás de nossas lâminas trancadas. — Você sabia disso? Repetidas vezes, ela sussurrava isso no meu ouvido como uma provocação. Mas a piada é ela, porque ela está morta e a única coisa miserável com a qual ela se importava terá uma morte horrível e macabra.

— Minha pequena espiã — continua Galleghar. — O Ladrão a vê de vez em quando. Ele te contou?

Raiva prensada a frio escorre em minhas veias.

Se o que ele diz é verdade...

— Ele adora atormentar os mortos e, mesmo para nossa espécie, a atenção dele são incomumente perversas.

Nossas lâminas ainda estão travadas, o metal moendo um contra o outro.

— Pelo menos sua mãe terá uma pausa em breve — continua Galleghar. — Depois que eu matar sua parceira, a atenção do Ladrão estará totalmente ocupada. Eu quase tenho pena daquela sua escrava. Ele a fará fazer coisas que fariam até prostitutas corarem.

Sinto meu ódio se expandir.

— Ele pode até fazer você assistir.

Empurro a arma de Galleghar para trás, nossas espadas se libertando. Não há nada que eu adoraria mais do que matá-lo. Mas não sobrevivi por tanto tempo cedendo ao meu temperamento.

Vários soldados adormecidos deixam suas próprias lutas para trás quando percebem que eu não desapareci. Eles saltam no ar, suas asas desenrolando, suas armas apontadas para mim. Desapareço e reapareço por apenas tempo suficiente para matar cada um.

As formas inanimadas dos soldados caem do ar e eu respiro fundo várias vezes, meu corpo ensanguentado, quando me aproximo de meu pai mais uma vez.

Os olhos de Galleghar passam brevemente pelos mortos que caem.

— Todo esse poder — ele murmura — estou quase orgulhoso de ver o quão forte meu sangue flui.

— Você poderia ter se poupado de tudo isso — eu digo. — Só estou lutando porque você deseja minha morte. — Porque ele soube de seu destino e, assim, fez de sua missão matar todos os seus descendentes.

Galleghar ri, como se eu fosse um tolo, em vez de um rei e criminoso experiente.

— Não se iluda, *filho*. Essa não é a única razão.

Eu faço uma careta para ele.

— Você não sente? — Ele pergunta. — Nossa brutalidade está ali, em nossa magia, fervendo em nossas veias. Se eu tivesse escolhido um caminho mais pacífico, ainda assim teria morrido pela espada da minha ninhada. Somos um lote envenenado.

Como se em resposta, as sombras começam a sussurrar.

Olho para Callie e o grupo de soldados adormecidos que a cercam. Suas asas estão abertas e sua pele brilha. Minha linda e letal sirene. Um dos soldados se aproxima dela, com um olhar doentio.

Callie…

O pavor toma conta da minha barriga, de uma forma que *nunca* senti.

— O que você poderia oferecer a essa criatura? — Pergunto a Galleghar, ainda encarando o confronto entre minha parceira e o monstro que Galleghar desencadeou neste mundo. Esse mal antigo é quase inigualável em poder.

— Oh, pouco, meu filho mal concebido — responde meu pai. — Liberdade de seus vínculos eternos, poder, a vida como a conhecemos... e um reino.

Um reino de espíritos e carne apodrecida. A Terra da Morte e a Terra Profunda.

— Como você poderia prometer a ele algo assim? — Um reino para conquistar. Seria como eu oferecer a outro o Reino da Fauna.

O Ladrão de Almas nunca foi o legítimo herdeiro da Morte.

— Certamente você sabe que esta terra fica bem na porta da Morte — diz Galleghar. — Marchei meus exércitos, tomei o palácio à força e deixei que ele fizesse o resto.

Mesmo aqui, no Outromundo, as leis da vida e da morte são bastante rígidas. Para levar os vivos para a terra dos mortos, depois *derrotar* os mortos...

E agora o Ladrão de Almas era um rei. Não apenas um marionetista enchendo o corpo de um governante morto ou moribundo, mas um por si só.

— Você deu a ele liberdade, um reino e um pouco do seu poder, e então deixou que ele o colocasse para dormir, esperando que o acordasse.

— Ele me acordou.

Essa pode ser a parte mais surpreendente de tudo isso - que o Ladrão realmente cumpriu sua parte final do negócio. O Ladrão de Almas não precisa de Galleghar mais do que eu.

Eu quase rio. — Você *realmente* confia nele. — Digo espantado.

Meu pai sempre foi um homem condenado. Ninguém pode ter esse tipo de ego sem consequências.

Balanço a cabeça. — Certamente você sabe que não pode controlar algo assim. — Eu digo. Algo que é mais antigo, mais forte e mais perverso do que nós.

Callie terá que enfrentar essa criatura.

O pavor engrossa.

— Não preciso — responde Galleghar altivamente. — Eu só preciso coexistir com ele.

Agora solto uma risada cruel. — Você acha que ele vai deixar você ficar? Você acha que ele lhe deve *qualquer* lealdade?

— Eu o libertei de seus laços eternos.

Isso *é* um feito impressionante. Outros reis não teriam ousado. Mas isso não significa nada para um ser como o Ladrão.

— Ele manterá você por perto, desde que você o agrade.

E o prazer do Ladrão é uma coisa passageira.

O rosto de Galleghar se contorce. Seu ego secular, nascido de séculos de governo impiedoso, agora se mostra. Ele acredita demais em sua própria importância para ver a verdade claramente.

Meu pai não dá nenhum aviso. Sua forma tremula, em um momento a vários metros de mim, no próximo nas minhas costas.

Sinto mais do que vejo sua espada arqueando em minha direção. Em um instante, desapareço e voltamos a trocar golpes. Por vários minutos, ele e eu somos tudo o que existe.

Ele, eu e Callie - sempre Callie. Eu não posso *não* perceber cada movimento dela. Seu poder canta para mim, mesmo agora, aquela sirene que está me chamando, sempre me chamando de volta para o lado dela. É apenas o tempo e a prática que me mantém focado na batalha em questão.

Eu cortei o braço de Galleghar e ele arranhou minha coxa. E assim por diante, golpe após golpe, um golpe certeiro seguido por outro. Nunca lutei contra um inimigo mais difícil - e nunca gostei tanto do desafio.

Meu pai está certo. Há brutalidade em nosso sangue. Eu sempre tive consciência disso, mas são momentos como esse em que sinto a carnificina me chamando.

Eu posso ouvir nossas respirações rápidas e sentir o cheiro do suor, sangue e magia pingando de nossa pele. A sala inteira está ficando mais espessa…

Ao meu redor, as sombras caíram em silêncio. Muito, muito quietas.

Eu o sinto então. O Ladrão.

Eu paro um golpe do meu pai e deixo meus olhos varrerem a sala.

Como eu não tinha notado?

Toda aquela magia vil e antinatural em que estou sufocando não pertence a Galleghar ou a qualquer um dos soldados adormecidos. É do Ladrão.

Eu posso sentir sua força vital ao meu redor. Ele não é simplesmente um rei morto-vivo ou um leviatã banido...

Eu não tinha percebido até agora a verdadeira natureza das trevas. Ela se aproxima de mim por todos os lados.

…Nós lamentamos…

…Sentimos muito mesmo...

Certeza fria e sombria toma conta de mim.

Meus olhos se movem para Callie bem a tempo de encontrar seu olhar horrorizado.

Eu te amo, eu quero dizer. *Mais do que mundos aguentam ou palavras podem transmitir. Você é tudo o que alguma vez me importou. Tenha fé e força. Você ficará bem.*

A escuridão se aproxima de mim, descendo sobre minha carne, como eu já tinha visto em muitos de meus inimigos.

Tento dizer as palavras, dar *algo a* Callie, mas as sombras afundam em mim, trazendo magia maléfica com elas. Parece fogo debaixo da minha carne, um inferno nas minhas veias.

Sinto muito, querubim. Meu lindo pesadelo. Você terá que salvar a todos nós.

Capítulo 35

EU ASSISTO, CONGELADA, as sombras de Des se aproximarem dele.

Suas costas arqueiam e seu corpo inteiro fica tenso, seus músculos esticados contra a pele.

Era isso que o Ladrão queria que eu visse.

Eu aperto meu coração. Eu posso sentir sua dor como um aríete, batendo em mim de novo e de novo. Eu quase engasgo com sua agonia. Se estou sentindo isso através da nossa conexão, o que *ele* deve estar experimentando?

E então a escuridão o engole.

Quando se afasta, ele se foi.

Imediatamente, a dor no meu peito diminui. No começo, sinto um alívio; Des não sente mais dor.

Mas então, entro em *pânico*. Pânico como nunca senti.

Eu não consigo respirar. Não consigo respirar, não consigo respirar, não consigo respirar.

Meus olhos percorrem todos os cantos da sala. Para onde Des *foi?*

Meus dedos, ainda embalando a pele sobre o meu coração, agora a cavam.

A magia do Rei da Noite, embora ainda dance em minhas veias, agora parece uma sombra do que já foi. E a cada expiração, diminui e diminui até que eu apenas guarde uma lembrança dela dentro de mim.

Eu agarro os últimos tentáculos de seu poder enquanto eles deslizam por nossa conexão mágica. Indo para baixo e para longe de mim. O tempo todo, meu olhar escaneia a sala.

O que acabou de acontecer? Para onde Des foi?

E por que não posso senti-lo por nosso vínculo?

À distância, alguém me chama.

Ainda não consigo respirar o suficiente.

Por quê?

Por quê por quê por quê?

Meus dedos começam a formigar como se tivessem sido beijados pelo gelo. A sensação se espalha, entorpecendo-me. Colocando as mãos na cabeça, me curvo.

Tão confusa...

De repente, sinto uma presença nas minhas costas. Alguém pega um pedaço do meu cabelo e puxa minha cabeça para trás, colocando uma lâmina na minha garganta. Eu ouço Temper gritar.

— Hora de se juntar ao seu parceiro. — Galleghar sussurra no meu ouvido.

Assim que as palavras saem, outra explosão daquela magia doentia o faz recuar.

— Eu disse para não tocá-la. — Diz um soldado, sua voz ecoando pelas paredes.

Uma segunda onda de magia segue a primeira, essa vindo de Temper. Explode da palma dela, atingindo Galleghar na cabeça e nocauteando-o.

— Coma merda, filho da puta. — Diz ela.

Tudo o que acontece ao meu redor mal é registrado. Tudo no que posso focar é na batida do meu coração e a certeza doentia que algo está errado, que *eu* estou errada.

Onde está meu parceiro?

Os passos de Temper ecoam pela sala quando ela vem em minha direção, seus olhos ardendo. — Você tem cerca de um minuto para começar a se explicar — ela comanda um soldado adormecido — e então eu começo a foder tudo.

— Há apenas uma humana cujas palavras eu vou ouvir — o soldado responde suavemente — e elas não são as suas.

Isto é um sonho. Claro. Um *sonho*.

Soltando minhas mãos, eu me endireito.

— Chega de jogos. — Estou surpresa que minhas palavras saiam da forma que fazem.

Eu procuro o Ladrão pela sala. Quando não vejo as feições sombrias dele, encaro uma soldada adormecida. — Onde está meu parceiro? — Glamour reveste as palavras como mel.

Ao meu redor, a sala inteira para, o ar denso com a violência prometida e a magia maléfica do Ladrão.

A soldada que eu encaro responde: — Ele está no meu reino agora.

Pequena morte. O Ladrão domina a pequena morte. É por isso que esse pesadelo é possível. Estou dormindo, e o Ladrão está ferrando comigo.

— Me acorde. — Eu exijo.

O olhar que o Ladrão me dá... se eu não o conhecesse melhor, quase diria que é de pena. Mas ele está gostando disso.

— Isso não é sonho, encantadora. Se assim fosse, eu estaria diante de você com a minha aparência real, exatamente como sempre fiz.

Olho em volta, para todos os rostos congelados. Malaki e Janus estão esparramados no chão, suas formas sobrenaturalmente imóveis, Galleghar não se moveu de onde Temper o nocauteou, e o resto dos lacaios do Ladrão parecem satisfeitos em ficar onde estão.

A única outra pessoa que parece verdadeiramente viva é Temper. Meu olhar cai nela assim que ela se aproxima de mim.

Querida Temper, minha melhor amiga. Uma lágrima escorre de seus olhos ardentes.

Eu só a vi chorar duas vezes.

Ela balança a cabeça. — Querida, isso não é um sonho.

Isso... não é um sonho?

Mas é claro que é. Ninguém é o que parece e nada parece como deveria.

Meu coração espasma e essa dormência fria atinge meu vínculo com Des.

Tropeço e caio de joelhos.

A realização é sempre descrita como um instante de iluminação, mas não é assim que acontece desta vez. A verdade vem em incrementos lentos e gelados.

Eu *não* fui arrastada até um sonho. Lembro-me do último minuto e do minuto anterior a isso. Lembro-me de vir aqui, e lembro-me de todas as coisas lógicas, exceto a última e final.

Des desaparecendo. Des me deixando.

Ofegando, eu aperto meu coração.

A escuridão o trairá, disse o vidente.

Eu respiro fundo.

Isto não é um sonho.

Parece... parece que caí em um lago gelado e a água fria está invadindo meus pulmões.

Minha respiração sai trêmula.

Se não é um sonho, isso significa que Des… Des…

Minha garganta espasma quando um grito sobe.

Eu estou balançando a cabeça.

Não não não não não.

O choro está crescendo no fundo da minha garganta.

Ele não pode estar - não pode estar morto*.*

Eu grito, minha sirene subindo dentro de mim. Minhas asas se abrem e minhas escamas ondulam em meus antebraços, minha pele queima brilhantemente, terrivelmente brilhante. Meus dedos palpitam onde minhas garras se estendem.

Não me sinto humana, não me sinto fae. Estou me perdendo, meu coração e minha cabeça tentando, infrutífera, diminuir o vínculo que compartilho com Des, perseguindo os últimos ecos de seu poder.

Mas se foi. Acabou e eu não sei se algum dia voltará.

Vamos recuperá-lo -ou então...

Estou gritando e gritando e gritando, e o mundo inteiro está caindo. Minha dor está escurecendo, aprofundando-se como a noite, até eu não saber onde termina a agonia e começa a raiva.

Nós vamos matar e matar e matar e matar e...

— Callypso.

Eu me viro com o som ecoante da voz de Temper. Seus olhos ardem com seu poder. A seus pés está Malaki, seu corpo deitado. Janus não está

muito longe, sua forma igualmente estupefata. Vítimas da magia do Ladrão.

— Estamos indo embora. — Diz Temper.

O olhar da feiticeira, seu olhar ardente, está focado na forma imóvel de Galleghar.

A vingança dela corresponde à nossa...

O ex-Rei da Noite está esparramado no chão, inconsciente de seu último golpe.

Temper levanta a mão, a palma estendida.

Ela quer matá-lo.

— Não — eu digo, minha voz vibrando com o meu poder. — A morte dele é *minha* para reivindicar.

Os olhos de Temper se estreitam em Galleghar, enquanto seus lábios se curvam um pouco. O sorriso nada mais é do que cruel. — Tudo bem.

Ela volta sua atenção para um soldado adormecido. — Você fodeu com as humanas erradas. — Diz ela, sua voz ressoando com sua própria magia.

De seus pés, fogo vem a vida. Corre pelo chão em uma dúzia de direções diferentes, em direção aos soldados adormecidos. Pousa no primeiro, depois outro e outro. Um por um, os servos do Ladrão são queimados pelas chamas.

Eles gritam quando seus corpos escurecem e queimam, e eu não sinto nada.

O fogo dispara por apenas alguns minutos e, quando extinto, tudo o que resta dos soldados são ossos enegrecidos e cinzas.

As únicas pessoas que restam na sala são eu, Temper, Malaki e Janus - os dois últimos ainda imóveis, a magia do Ladrão agarrada à pele deles. E depois há Galleghar Nyx.

A raiz de todo o meu sofrimento.

Eu me levanto do chão, minhas asas se abrindo atrás de mim. Lentamente, eu ando até ele.

Eu sinto tanto frio. Até minha raiva queima como gelo. As únicas coisas que restam dentro de mim são dor e vingança.

O pai de Des está começando a se mexer, gemendo um pouco.

Temper se aproxima dele, rindo baixo. — Você vai querer estar morto. — Sua voz é desumana, possuída por sua natureza perversa. Pela primeira vez, eu a abraço completamente.

É por isso que ninguém fica em nosso caminho. Somos terrivelmente forjadas.

Eu me aproximo de Galleghar, puxando as algemas de ferro do bolso de trás. Ignoro a maneira como o ferro chia contra a minha pele enquanto agarro os pulsos do ex-rei. Puxando-os pelas suas costas, fecho um punho, depois o outro, prendendo os braços atrás dele.

Corte sua garganta. Rasgue seu coração e faça-o comer. Estripe-o e dance em suas entranhas.

Eu quero tudo isso.

Faça-o pagar pelo que fez ao nosso parceiro.

Os gemidos de Galleghar ficam mais altos e seus olhos começam a tremer.

Agachada ao lado dele, sussurro uma única promessa:

— *Seu arbítrio é meu*.

Durante todos esses anos eu estava sob domínio da minha consciência, fugindo dessa verdade única e sóbria: posso fazer mais do que dobrar os outros à minha vontade; eu posso *escravizá-los* completamente.

Todo esse tempo eu me escondi da minha verdadeira natureza.

Não vou mais me esconder.

Capítulo 36

NÃO SINTO NADA.

Eu não senti o toque de Temper quando ela me segurou em seus braços, sua pele como fogo no meu gelo. Não senti a picada de dor ou gratidão quando vários fae da noite nos recolheram daquela caverna. E não senti o vento forte contra minhas bochechas durante a longa jornada de volta a Somnia.

Só quando me deito em meus aposentos e respiro trêmula, que eu sinto *algo*.

Agonia como nenhuma outra. Ela enfraquece meus joelhos e tira meu fôlego.

Eu fecho meus olhos com força. Isso é pior, muito pior, do que não sentir nada. Essa dor é como uma ferida aberta, o sangue escorrendo para fora de mim.

Temper ainda está ao meu lado, seus dedos entrelaçados nos meus. Eu deslizo minha mão da dela.

— Deixe-me. — Eu digo.

Ela nunca me deixaria em circunstâncias normais. Mas minha pele ainda está brilhando e meu glamour ainda está envolvendo minhas palavras. Minha sirene não me deixou desde a batalha, e mesmo uma feiticeira tão poderosa quanto Temper não pode lutar contra minha magia.

— Isso é besteira — murmura Temper enquanto seus pés a carregam para fora do quarto. Ela pega a maçaneta da porta e a abre. — Assim que seu glamour acabar, eu voltarei para você.

A porta se fecha atrás dela e sua voz cede lugar ao silêncio.

Meus olhos varrem a suíte. Presente de casamento de Des para mim.

Um soluço escapa e meu peito se enche de gritos vazios e silenciosos. Ando até a piscina infinita com sua água brilhante.

Passo após passo, deslizo para dentro da piscina, roupas e tudo. Sob a superfície, minha cabeça deriva.

Isso não pode ser real. Dor como essa não *existe,* e certamente não se pode sobreviver a esse tipo de sofrimento.

Eu desço até o fundo da piscina e olho através da água. Dali, posso ouvir a água correndo entre meus ouvidos e ver as lâmpadas da suíte

brilhando bem acima de mim.

Eu poderia ficar aqui, para sempre, e ficaria bem com isso. Não acho que uma sirene seja capaz de se afogar, mas estou sempre disposta a testar essa teoria.

Se eu morresse, estaria no Reino da Morte e Terra Profunda. Então estaria com Desmond, de uma vez por todas.

Minha garganta aperta. Ele se foi.

Mas eu poderia me juntar a ele. Eu poderia me juntar a ele na terra dos mortos...

É isso que o Ladrão quer.

Solto um gemido, o som distorcido sob a água.

Não há alívio para essa agonia; nem mesmo a morte será o fim dela. Se eu morresse, estaria sob o reinado do Ladrão. Então o monstro poderia me controlar completamente, e eu duvido que me reunir com meu parceiro seja parte do plano dele.

Então, eu estou presa aqui, na terra dos vivos, enquanto Des...

Des está morto.

Morto.

Um soluço sai então, uma explosão de bolhas se formando com o choro. Mas quando começo a chorar, não consigo parar. Minha voz de sirene transforma o som em música, e é horrível que a dor possa parecer adorável.

Ele se foi e eu não sei o que *fazer.*

Aquele Ladrão filho da puta e seu jogo doente e distorcido. Eu me joguei direto nas mãos dele no momento em que decidi ir atrás de Galleghar. Quando pus os pés naquela caverna, os dentes de sua armadilha se fecharam ao meu redor.

Des se foi; Malaki e Janus estão catatônicos, vítimas da mesma magia que comprometeu os soldados adormecidos.

E eu estou quebrada.

É tudo minha culpa. Se eu não tivesse dito para irmos atrás de Galleghar, Des ainda estaria aqui.

Fecho os olhos, minhas lágrimas se misturando na água.

Não sei por quanto tempo fico no fundo da piscina. Mais do que um humano poderia suportar. Eventualmente, alguém pula na piscina e me pega, me arrastando para fora da água.

Eu tusso um pouco, meus pulmões implorando por ar.

— Sua Majestade!

Eu pisco para o soldado fae, a água escorrendo pela minha pele brilhante.

Ele parece em pânico. — Eu sei que é difícil, mas você não pode morrer. Nosso reino precisa de você.

Eu não vou morrer

Eu já estou morta.

O que é a morte?

Os mortos realmente morrem?

Minha respiração prende com esse último pensamento.

Morrem?

Des ainda está lá fora?

Lanço um olhar aguçado para o soldado. Atrás dele, a porta se abre. Temper deve ter avisado que eu não estava bem.

— Precisamos de você. — Repete o soldado da Noite, me sacudindo um pouco.

Suas palavras finalmente são registradas.

Nosso reino precisa de você.

Engulo em seco. Ele quer que eu seja uma rainha. Que eu tome a liderança e governe agora que meu parceiro não pode.

A última decisão que tomei matou meu parceiro.

Mas não resta mais ninguém para tomar decisões. Todos os outros governantes estão mortos ou incapacitados.

Eu engulo e aceno.

— Ok. — Eu digo, minha voz rouca.

Ele me coloca no chão. Estou pingando água luminosa por todo o chão.

— O que eu devo fazer? — Eu pergunto, minha voz bruta.

Não sei nada sobre ser uma rainha.

O olhar do soldado viaja sobre mim.

— Governe. Governe e nos salve.

O GUARDA REAL sai logo depois. Não sei como consigo convencê-lo de que estou bem. Eu não estou, e provavelmente não deveria estar sozinha, mesmo que eu não possa suportar o pensamento de compartilhar esse sofrimento com mais alguém. Parece estranhamente pessoal.

Toco os cabelos e começo a trabalhosa tarefa de despir as roupas e vestir algo seco. Mesmo depois, meus cabelos molhados pingam na roupa.

Nesse momento, Des teria secado meu cabelo para mim. Ele faz coisas estranhas e atenciosas assim o tempo todo.

Fazia.

Sento-me pesadamente na minha cama - *nossa* cama - um pedaço de papel farfalhando embaixo de mim. A dor violenta e sem fôlego da minha tristeza está deslizando como veneno pelas minhas veias.

Eu cubro meus olhos. Soluços feios e doloridos assolam meu corpo.

Deixo escapar, deixo sair *tudo* até me sentir totalmente esgotada. Colocando as mãos nas coxas, respiro fundo.

É só aí que finalmente percebo o pedaço de pergaminho simples em que estou sentada, o papel enrugando toda vez que me mexo. Ele estava ali, como se Des o tivesse deixado na cama descuidadamente. Mas Des não faz nada descuidadamente.

Eu o puxo de debaixo de mim. Na verdade, são dois pedaços de papel,

um documento formal e uma nota menor escrita por uma mão familiar. Eu tenho que colocar a palma da minha mão na boca para parar outra rodada de soluços.

Não tenha medo de si mesma, querubim. Você é exatamente como deveria ser. Da chama às cinzas, do amanhecer ao anoitecer, eu sou seu sempre. Até a escuridão morrer.

~ Seu Negociador

Des sabia que ia morrer.

É o que isso é - um bilhete de amor post-mortem.

De repente, eu estou brava. Brutalmente, gravemente, brava com ele.

Minha mão treme, amassando o papel.

Aquele *bastardo*. Como ele *ousa* me deixar.

Quase não leio o outro pedaço de papel, de tão furiosa. Mas então, isso é tudo o que me resta dele. Uma nota curta e outro pedaço de pergaminho.

Fazendo uma careta, aliso o papel, meus olhos percorrendo as palavras escritas em estrofes formais.

A Profecia de Galleghar Nyx
O poderoso Nyx veio,
O poderoso Nyx buscou,
Tudo o que pôde,
Do seu lote sombrio.

Na noite profunda,
Seu reino ascendeu,
Cuidado, grande rei,
Com aquilo que cresceu.

Fácil de conquistar,
Fácil de coroar,
Mas mesmo o mais forte,
Pode derrotar.

Crescido nas sombras,
Criado na noite,
Seu filho virá,
E ascender poderá.

E você, o morto,
Esperará e verá
Quais outras coisas,

Uma alma pode se tornar.

Um corpo para amaldiçoar,
Um corpo para culpar,
Um corpo a terra,
Ainda não reivindicará.

Cuidado com a mortal,
Abaixo do seu céu,
Esmague a humana,
Que verá a sua morte.

Duas vezes você vai subir,
Duas vezes você vai cair,
Para evitar esse destino,
Mude tudo.

Ou então, pereça durante o dia,
Pereça ao amanhecer,
O mundo acreditará
Que você já se foi.

Então escureça seu coração,
Meu rei das sombras.
E vamos ver,
Que guerra trará.

Olho as palavras por um longo tempo. Horror, medo e fúria agitam-se dentro de mim. Minhas emoções parecem uma roleta, girando e girando. Não tenho certeza de qual emoção vencerá.

Isso deveria significar algo para mim? Porque não significa.

Coloco o pergaminho de lado, minhas emoções girando, girando, até que eventualmente, elas param em uma determinação sombria.

Eu *vou* terminar isso. Encontrarei o Ladrão, matarei ele e Galleghar juntos, e depois vasculharei o submundo atrás do meu parceiro perdido. Não vou parar até que Des seja meu novamente.

Não ficarei satisfeita com nada mais.

Uma batida na porta me tira dos meus pensamentos.

— Sua Majestade? — O soldado que me deixou há não muito tempo agora chama do corredor. Acho que ele não confia em mim o suficiente para me deixar em paz.

— Entre. — Eu digo. Quase não reconheço minha própria voz. Está fria e calma, como se meu mundo não tivesse sido destruído.

Des não está aqui. Oh Deus, ele não está aqui e eu ainda tenho que funcionar.

Você já funcionou sem ele antes, Callie, quando pensou que nunca mais o veria. Você é uma veterana nisso.

Mas naquela época eu pelo menos sabia que o Negociador continuava em algum lugar deste vasto universo, bebendo expresso de xícaras minúsculas e fazendo acordos com homens desesperados.

De fato, o coração deve ser o órgão mais merda do mundo, porque pode sentir amor e o amor é uma coisa terrível.

O ódio é uma emoção muito melhor.

Eu tenho muito ódio.

Deixo minhas veias esquentarem enquanto me levanto e abro a porta.

— Vossa Majestade, — o guarda diz do corredor — a Rainha da Flora está aqui, e ela está procurando por um refúgio.

Capítulo 37

MARA VERDANA ESTÁ *viva - viva* e aqui em Somnia.

Por um momento, estou tão chocada que esqueço dos meus próprios problemas.

Eu posso imaginar a Rainha Flora claramente na minha mente. Seu cabelo vermelho-fogo, aquelas flores retorcidas em suas mechas ardentes. Seu sorriso lindo e venenoso.

Mara, descarada e perversa. No final da minha estadia em seu reino, ela se tornou uma figura trágica em meus olhos. Como eu, ela viu sua alma gêmea morrer. E também como eu, ela sobreviveu à provação.

— Busque Temper. — Eu ordeno a um dos guardas quando sou escoltada para a sala do trono.

Eu posso ter dispensado a companhia da feiticeira quando desmoronei, mas a quero ao meu lado para todo o resto.

Os soldados me levam para a sala do trono, e minha boca treme um pouco quando percebo o único trono esperando por mim. Alguém removeu discretamente o segundo.

Sento-me, ignorando a sala cheia de nobres e oficiais, aqui por uma razão ou outra. Minhas mãos apertam os braços da cadeira.

Eu mal respiro; não tenho idéia de como devo governar quando mal consigo me manter sã.

As portas do outro lado da sala são abertas e uma comitiva carrega um trono de veludo ornamentado em ripas. Sentada nele está a Rainha Flora.

Suas bochechas estão magras, seu cabelo vermelho flamejante está apagado e as flores que crescem nele estão murchas, as bordas douradas.

A visão dela murchando é preocupante. No entanto, o queixo dela ainda está erguido naquele desafio altivo que me lembro.

A comitiva para, seus passos finais ecoam pela sala, e as fadas que carregam seu trono agora o colocam no chão.

No silêncio que se segue, um dos guardas de Flora, seguindo a procissão, dá um passo à frente.

— Sua Majestade. — Ele anuncia — Nossa Senhora da Vida, Senhora da Colheita, Rainha do Reino da Flora e Tudo o que Cresce, Mara Verdana.

O olhar de Mara cai para mim. Até os olhos dela, que antes eram tão

surpreendentemente verdes, agora perderam o brilho.

Se ela está surpresa ou ofendida por me ver - uma humana -sentada em um trono fae, não demonstra.

— Eu vim assim que ouvi as notícias sobre Desmond. — Diz ela.

Eu franzo a testa para ela, minhas garras afundando nos braços do trono de veludo.

As notícias correm rápido.

Uma das portas laterais se abre e um soldado da Noite entra trazendo Temper para a sala do trono, depositando-a a poucos metros de mim. Quando ela olha me olha, suas sobrancelhas se franzem em preocupação. Então seu olhar vai para Mara.

Ela sibila. — Nunca pensei que veria *você* de novo. — Os olhos Temper observam Mara de cima e a baixo. — Você parece ter experimentado metanfetamina várias vezes.

Mara ignora Temper e, em vez disso, luta para se levantar. Eu levanto do trono.

Ela estende a mão. — Estou bem.

A Rainha Flora leva um minuto agonizante para ficar de pé. Assim que fica, seus olhos passam pela sala e seu olhar ainda tem aquela nitidez da qual me lembro. Eventualmente, sua atenção se move para mim.

— Podemos ter um momento a sós? — Ela diz.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Uma das últimas vezes em que você e eu dividimos o mesmo espaço, você me chicoteou até eu quase morrer...

Ao meu redor, alguns dos fae da Noite sibilam. O som aperta meu coração. Eles estão na defensiva por mim. Eu não esperava por isso. Eu não esperava a aceitação deles.

— Acredito que, para discutir o destino de nossos parceiros, — Mara diz suavemente — você vai querer discrição.

Meus olhos se estreitam. Vou admitir, a Rainha Flora tem bolas de bronze, desfilando aqui como uma espécie de estrela do rock e exigindo uma reunião particular.

Olho para Temper, que está empaticamente balançando a cabeça e murmurando: — Hoje não, Satanás.

Meus olhos voltam para Mara, que parece exausta, mas paciente. Ela entende o que estou sentindo. Agora, ela pode ser a *única* que entende.

A encaro um pouco mais, e então finalmente aceno. — Vocês poderiam, por favor, nos dar um momento a sós? — Eu pergunto para todos na sala.

Em resposta, a sala esvazia. Temper sai furiosa, murmurando sobre o quão inútil foi eu tê-la arrastado para cá, já que eu não quero ouvir seus conselhos.

A última fada sai e as portas se fecham, o som ecoando pelas paredes.

Olho para Mara.

É isso que eu vou me tornar? Uma concha de mim mesma?

Levanto-me e arrasto uma cadeira próxima ao trono de veludo em que

Mara entrou.

— O show acabou — eu digo, gesticulando para sua cadeira elaborada. — Você pode se sentar.

Ela se aproxima e quase cai no trono, chiando um pouco.

— Eu sei que ele matou seu parceiro. — Ela começa.

Não preciso perguntar de quem ela está falando.

Ela passa o dedo indicador sobre o apoio de braço. — A primeira vez que senti atração por outros homens foi há dez anos. Eu me lembro do dia exato.

Não foi assim que imaginei a conversa.

Mara continua: — Olhei para o Homem Verde e, de repente, ele não me atraiu como fazia antes. De fato, se estou sendo perfeitamente honesta, diria que me senti *repelida* por ele, embora aparentemente nada tenha mudado.

— Eu não conseguia entender o porquê e, claro, tinha vergonha disso. Nunca tinha ouvido falar de uma fada que estivesse enojada de sua alma gêmea.

— Eu não sei como o Ladrão fez isso, como ele conseguiu extrair o espírito do Homem Verde e inserir o seu. — Ela cobre os olhos por um momento. — Eu só vi magia assim uma vez antes.

Minhas sobrancelhas se unem. Eu descanso meus antebraços nas minhas coxas e me inclino para mais perto.

— Quando eu era jovem e meus pais governavam o Reino da Flora, conheci um homem como você - um encantador. Lazaret. — Mara suspira o nome dele. — Ele veio à nossa corte como menestrel, para entreter minha família e a nobreza.

A Rainha Flora já me contou essa história quando visitei seu reino. Ela se lembra disso ou sua mente murchou junto com seu corpo?

Os olhos dela ficam distantes. — Deuses, ele era impressionante. Pele dourada, olhos como esmeraldas.

Eu tento não revirar os olhos. Mara pode ser trágica, mas ainda é insípida.

— No entanto, foi minha irmã, — diz Mara — Thalia, que reivindicou o coração dele. Eu a invejei por ter a atenção de um homem tão bonito.

— Mas quanto mais ela ficava perto de Lazaret, mais fraca se tornava. Ela estava convencida de que eles eram parceiros, mesmo que fosse ridículo - as fadas podem sentir esse tipo de magia, e não estava presente na minha irmã ou em Lazaret. Mas Thalia não seria convencida. Ela prometeu sua vida e seu coração ao encantador... e seu poder.

— Meus pais disseram a ela para desfazer o que havia feito, que sua magia pertencia ao reino, não a uma fada bonita, mas ela não os ouvia.

— Enquanto Thalia enfraquecia, a influência de Lazaret crescia entre nosso povo. Ele tocava músicas e hipnotizava o público de maneiras que eram... não naturais. — Ela suspira. — E quanto mais próximos ele e eu nos tornávamos, mais ele me perturbava. Foi apenas uma conversa que

ficou oblíqua em algum lugar ao longo do caminho, ou uma reação inadequada a uma situação.

Minha pele arrepia. Eu sei muito bem do que ela está falando.

— Mas na época — ela continua — estávamos todos sob o feitiço dele. Todos, menos meus pais, que o viam pelo que ele realmente era - um *ladrão.*

Essa palavra é como um hálito frio no meu pescoço.

— Eles o chamaram na corte em uma manhã de primavera para divertir os nobres. Mas foi uma armadilha. Antes que ele pudesse abrir a boca, o carrasco da corte cortou sua cabeça.

Ela esfrega os olhos. — Minha irmã... ela não sobreviveu para ver o próximo ciclo da lua. Seu poder era dela novamente, mas seu coração não era. Ela pegou a espada do meu pai e tirou a própria vida.

Mara franze a testa, com a mão em punho. Ela respira fundo. — Eu nunca fui minha irmã. Eu nunca tive a mesma magia impressionante. Eu deveria me casar bem e aproveitar os frutos da vida na corte. Em vez disso, ela morreu e eu herdei o trono.

— Eu não era poderosa, mas a terra da Flora é gentil; quando eu estava mais insegura sobre o futuro do meu reino, ela me deu meu rei.

— Encontrei o Homem Verde nas profundezas da Floresta Arcana. Ele nasceu das próprias árvores; eu vi com meus próprios olhos a maneira como a casca do tronco da árvore se separou e um homem completamente formado saiu dela.

Suas palavras me lembram todos aqueles soldados ensanguentados enrolados nas árvores. O Ladrão deve ter usado o poder do Homem Verde para colocá-los lá.

— Naquele instante, nosso vínculo se encaixou. Somente os maiores governantes recebem esse tipo de presente da própria terra. O Homem Verde era estranho e magnífico, do jeito que as coisas selvagens são, mas ele não era uma fada normal. Ele era uma bênção e ele era meu.

Ela estremece. — Eu o amava. Tanto. — Os olhos dela se voltam para mim. — Eu sei que você provavelmente questiona isso, mas o homem que você viu…

— ...era o Ladrão — termino por ela.

Ela se encolhe um pouco, suas flores murchas se movendo em seus cabelos. — Como eu não percebi? Eu me pergunto isso o tempo todo. Eu não tenho respostas. Eu pensei que talvez a estranheza do Homem Verde fosse um sinal de que a Terra o estava chamando de volta. E quando as árvores começaram a… *apodrecer*... pensei que minha magia tivesse me traído.

A escuridão o trairá, o vidente havia dito para Des.

Eu não sabia que a magia *podia* trair seu portador, mas eu, de todas as pessoas, deveria saber melhor. A magia de Des o levou a uma barganha que nos manteve separados por sete anos.

A Magia é senciente.

— Eu estava com raiva e cansada do meu poder — diz Mara — e do meu parceiro que começou a agir de maneira estranha e distante e passava longas horas entre meus carvalhos sagrados. Eu deveria saber. Houve momentos em que meu companheiro parecia sinistro para mim.

— E então, quando as mulheres adormecidas começaram a voltar para nós em caixões, e começamos a colocá-las nas estufas, o Homem Verde começou a visitá-las. Eu confundi seu fascínio por preocupação, nunca imaginando que ele fosse o resp… — a voz dela quebra — ...responsável.

— E então eu enterrei minhas emoções exaustas em corpos quentes e celebrações bonitas. Mesmo quando meus carvalhos morreram e meu povo desapareceu e meu parceiro deslizou para longe do meu alcance, eu fingi que estava tudo bem.

— Eu me tornei cruel.

Seu olhar prende o meu. — E é assim que minha grande e improvável história termina - minha alma gêmea morta, minhas terras envenenadas e um impostor em minha cama que semeou seu exército de mortos-vivos na *minha* madeira sagrada. — Ela balança a cabeça. — *Blasfêmia.* — Ela sibila baixinho.

Fazendo uma careta, ela acrescenta. — Morei com ele por dez anos.

Eu tento não tremer com isso. Ela passou a última década ao lado de uma criatura que estuprou milhares de mulheres e matou quem sabe quantas mais. Ela o chamou de *companheiro*.

— Você está indo atrás dele? — Ela me pergunta.

Vamos caçá-lo e cortar sua carne.

Eu concordo. A cada minuto minha sede por vingança aumenta.

— Ele tirou minha irmã de mim — diz Mara. — Ele tirou minha alma gêmea de mim. Se eu pudesse matá-lo, eu o mataria, mas infelizmente estou morrendo.

Ela estende a mão e pega a minha, apertando-a com força. Seus olhos brilham. — Encontre essa coisa e *acabe* com ele de uma vez por todas.

AFASTO-ME DA sala do trono, enquanto meu público volta para dentro. Alguém me chama e tenho certeza de que estou bagunçando o protocolo real.

Considerando o dia que tive, acho que tenho o direito de atribuir responsabilidades ao dedo médio.

Minhas emoções são difíceis de desvendar. Não achei que gostasse de Mara Verdana depois de tudo o que ela me fez passar, mas estava enganada. Eu gosto dela e é tarde demais para sermos amigas.

Como um fantasma, deslizo em direção aos meus aposentos.

Uma vez dentro, com a porta firmemente fechada atrás de mim, tiro os sapatos e me deito na cama.

É mais um daqueles dias de Ave Maria, só que desta vez, não há barganha para afastar minha dor.

Amanhã não será mais fácil.

Eu fecho meus olhos com força, meu corpo inteiro pesado. Eu não acho que poderia me mover se tentasse.

Eu quero ficar aqui para sempre.

Demora mais de dez minutos para Temper me encontrar. Eu a ouço estremecer quando ela entra no quarto. Ela coloca algo de lado e depois se arrasta para a cama, deslizando sob os lençóis.

Seus braços serpenteiam ao meu redor, e ela me abraça.

— Está tudo bem, querida. — Ela sussurra.

Balanço a cabeça. — Não está.

Temper exala. — Você está certa. Não está. Mas você não está sozinha. Eu sempre estarei aqui para você.

Isso faz uma lágrima cair. — Des me prometeu a mesma coisa.

Mentiroso.

Minha melhor amiga escova meu cabelo para trás, inclinando-se sobre mim para dar uma boa olhada no meu rosto.

— É bom que você esteja preocupada comigo — diz ela — mas você e eu sabemos que minha bunda é muito má para matar.

Uma risada sai e ela ri junto.

— Eu acho que a minha também pode ser. — Eu admito.

— Inferno, sim, você tá certa. — Temper concorda. — Você é uma puta fodona quando quer.

O braço de Temper me aperta. — Callie, você e eu passamos por muita merda na última década. Você não precisa ser forte comigo. Apenas deixe sair.

Não sei se precisava ouvir isso, ou se as palavras de Temper foram simplesmente a gota d'água, mas eu desisto e choro - se é que você pode chamar isso de choro.

Você chora com os olhos, mas não estou apenas chorando - estou chorando, tremendo e arfando.

Temper esfrega minhas costas e me abraça quando eu desmorono, e ela deve ser literalmente a melhor amiga que alguém já teve. Quer dizer, o namorado dela está em coma agora, e ela está tentando ser forte para que eu possa desmoronar.

Minutos e horas passam e, de vez em quando, pessoas batem à porta, suas vozes mencionando coisas como *me atualizando* ou *lidando com assuntos delicados*. As únicas vezes que Temper sai do meu lado é para afastá-los.

— Você quer ser chamuscado? — Temper ameaça um.

Uma pausa, depois alguns murmúrios.

— Sim, foi o que eu pensei. Cai fora. — Ela bate a porta e volta para o meu lado.

Em algum momento durante a noite, a feiticeira admite para mim que têm sentimentos por Malaki. Então ela chora um pouco comigo, e agora eu a estou segurando tanto quanto ela está me segurando.

Nós duas adormecemos assim, lamentando nossas mágoas e

confortando uma a outra, como sempre fizemos.

Capítulo 38

— Saudades do seu parceiro?

Eu giro com essa voz, minha pele brilhando e minhas asas se manifestando.

O Ladrão de Almas se reclina em seu trono, um sorriso satisfeito no rosto.

— Eu vou *estripar* você... — Eu sigo em direção a ele, minhas garras aparecendo em um instante.

Beba seus gritos.

Ria enquanto o vemos morrer.

Ele levanta uma sobrancelha. — Eu gostaria de ver você tentar.

Minhas asas se movem, me impulsionando para o ar. Eu desço sobre ele como uma fúria, minha perna sobre as dele, minhas garras à mostra.

O Ladrão segura meus pulsos.

— O que era mesmo que você disse da última vez que sonhou comigo...? — Ele finge pensar. — Ah, sim - 'Se você quiser me machucar, terá que se esforçar mais.'

— Diga-me, encantadora, já me esforcei o suficiente?

Eu grito, lutando contra seu aperto em meus pulsos. Eu quero arrancar aquele sorriso presunçoso dele.

— Maldição! — Minha voz sai crua de fúria e dor. Uma lágrima furiosa escapa. — Eu vou fazer você se deliciar com o seu próprio coração pelo que fez.

— Isso é *muito* vívido. Você vai ter que arrancar ele do meu peito primeiro e… — ele olha para os pulsos que mantém em cativeiro — não parece que isso vai acontecer tão cedo.

Eu puxo contra seu aperto, meus dentes cerrados.

O Ladrão se instala entre as minhas pernas. — Uau, isso é íntimo.

— Onde está Des? — Eu exijo. O glamour enche minha voz, mas não faz nada para tirar a verdade do Ladrão.

— Se você quer sua alma gêmea — diz ele, com a voz baixa — você terá que vir buscá-lo. — Ele puxa meus pulsos, me puxando para perto.

O Ladrão se inclina e lambe minha garganta nua. — *Por um preço.* — Diz ele, usando as palavras que roubou do Negociador.

Fico selvagem em seus braços, resistindo loucamente e arranhando

tudo o que posso.

O Ladrão me joga no chão facilmente.

Estou de pé em um instante, mas é tudo o que é preciso para o chão se dividir e uma gaiola literalmente *crescer* do chão. As barras pretas se erguem ao meu redor, arqueando acima até que se encontrem.

— Acho que você esqueceu que dentro de um sonho, eu posso fazer qualquer coisa. — Para enfatizar o argumento, minha roupa - um vestido azul pálido e fino - começa a desaparecer centímetro por centímetro.

— Eu posso humilhá-la. — Diz ele, enquanto a barra do vestido sobe pelas minhas pernas e as alças deslizam dos meus ombros, revelando meus seios.

Eu faço uma careta para o Ladrão, com raiva demais para ficar envergonhada. Distraidamente, empurro as alças de volta para o lugar, cobrindo meus peitos mais uma vez.

Seus olhos estão iluminados pela excitação. — Eu posso machucá-la... — As barras de metal se curvam até tocar minha pele. Minha carne começa a chiar e queimar sob a pressão do ferro.

— Isso nem sou eu sendo criativo — acrescenta. — Eu poderia fazer o chão ter olhos e boca e engolir você inteira. Eu poderia mudar sua aparência…

Ele começa a sorrir. — … Eu poderia até fazer os mortos voltarem à vida.

— Querubim.

Me sobressalto com a voz, minha respiração presa. Viro tão rápido que me queimo ao tocar as barras novamente.

Saindo das sombras, vestido de couro e uma camisa desbotada do Guns N 'Roses, está minha alma gêmea.

Um pequeno som escapa da minha garganta. — *Des*.

Meus olhos o analisam, observando sua manga de tatuagens, seus ombros largos e esculpidos, seu cabelo preso em um rabo de cavalo.

Eu sei que ele não é real, que nada disso é real, e ainda assim ele parece totalmente realista.

No Outromundo, os sonhos nunca são apenas sonhos. Eles são outro tipo de realidade.

Des tinha me dito isso uma vez.

A cada passo que ele dá em minha direção, suas passadas ficam mais longas, mais apressadas. Ele para na frente da minha gaiola, seus olhos procurando meu rosto. Ele olha para o Ladrão, seu lábio superior tiquetaqueando. Um sorriso sombrio cresce em suas feições.

— Ela vai te matar. — Diz ele com certeza.

— Não — o Ladrão discorda. — Ela fará coisas por mim - muitas coisas perversas - ao longo de sua muito longa vida, e não há nada que você possa fazer para impedir.

Meu coração está começando a martelar no meu peito, minha dor e raiva alimentando a sirene dentro de mim.

Eu lanço um sorriso malicioso para ele. — Se você quer me provar, Ladrão, então chegue mais perto. — Eu gesticulo para ele se aproximar.

Seu rosto é perspicaz, mas seu interesse é despertado. — Eu poderia ir até você - ou você poderia vir até mim.

Minhas sobrancelhas se unem.

De repente, um vento forte atravessa o palácio do Ladrão. A rajada sopra as barras da minha gaiola; sopra as colunas em forma de osso que sustentam o teto, depois as pálidas paredes de pedra junto com ele. O vento sopra para longe do chão, puxando meu vestido.

Então, para meu horror, isso desintegra Desmond, pedaço por pedaço. Primeiro os pés e as panturrilhas, depois o peito, os braços e a pelve. Ele olha para mim com seus ferozes olhos prateados, suas írises brilhando enigmaticamente. Essas também se perdem um segundo depois, espalhando-se como poeira ao vento.

Solto um grito, mas o vento o arrebatou, chicoteando meu cabelo ao fazê-lo. A rajada sobrenatural está varrendo tudo para a escuridão.

As últimas coisas a serem varridas são o Ladrão e seu trono dourado.

Ele sorri para mim, parecendo um conquistador. — *Venha encontrar seu parceiro onde o esquecimento está. Vou manter você cativa até a escuridão morrer.*

EU ACORDO OFEGANDO.

Meu cabelo está grudado no meu rosto e minha pele brilha. Ao meu lado, Temper ronca, seu corpo de alguma forma conseguindo pegar três quartos da cama.

Saio do colchão e começo a remexer ao redor do quarto, procurando discretamente um maiô. Quando não encontro um, me contento com lingerie. Depois de me trocar, volto para a piscina meio interna, e meio externa.

Desta vez, quando entro nas águas brilhantes, não mergulho no fundo. Em vez disso, eu viro de costas e me deixo boiar. Inevitavelmente, a água me leva para as bordas externas da piscina, e eu olho para as estrelas.

Des…

Meu peito parece que está desabando.

Até as estrelas parecem zombar de mim. Como elas podem continuar a brilhar quando o homem que as governava se foi?

Venha encontrar seu companheiro onde o esquecimento está…

Começo a brilhar novamente, só de pensar no Ladrão.

Já faz muito tempo desde que eu quis machucar alguém tanto assim.

Vamos cantar para ele a nossa doce e estranha música. Ele conhecerá o prazer então - prazer e dor. Vamos lembrá-lo por que as sirenes são conhecidas por serem assassinas.

O enigma de tudo isso é como colocar minhas mãos no Ladrão. Morrer é a maneira mais óbvia - é uma passagem só de ida para o reino dele. Mas é exatamente isso que o Ladrão quer - é exatamente o motivo pelo qual

ele me deu o vinho lilás. Porque, no fim das contas, uma vez que uma fada morre, sua alma está sob o domínio do Rei dos Mortos.

Pelo menos eu acho que ele me quer sob seu domínio... ele não se esforçou muito para me matar.

Venha encontrar seu companheiro onde o esquecimento está…

Ele disse como se eu pudesse *andar* até lá.

Eu olho para as estrelas...

Minha respiração sai de uma vez só.

Puta *merda.*

E se eu *pudesse* caminhar até o Reino da Morte?

E *se*?

O Reino da Morte e Terra Profunda é um lugar físico no Outromundo, assim como os outros reinos. O fato de você ter que morrer para chegar lá é a rota mais óbvia, mas…

Se as fadas podem transformar a luz do luar em tecido e Des pode colocar a luz das estrelas no meu cabelo, por que os vivos não poderiam entrar no reino dos mortos *sem* morrer?

Mesmo na Terra, havia histórias de pessoas vivas entrando no submundo - algumas até mesmo saindo com alguém morto. Aqui no Outromundo, um lugar onde o impossível é possível, talvez eu possa fazer o mesmo.

Ou talvez o luto tenha te feito perder o juízo.

Eu murcho.

Continuo encarando as estrelas, a água batendo na minha pele. Mas quanto mais meus pensamentos vagam, mais eles voltam à possibilidade de que exista uma maneira de entrar na Terra dos Mortos, uma que não envolva a morte.

Aposto que é possível.

Talvez então eu pudesse enfrentar o Ladrão de Almas sem estar sujeita a ele.

Afinal, eu não seria a primeira pessoa a visitar o Rei dos Mortos e viver para contar a história. Havia alguém que o procurou há muito tempo...

Sento-me na água, a água espirrando com o movimento.

Porra, eu tenho uma *ideia*.

Uma ideia que pode realmente funcionar.

Capítulo 39

— Todos saúdam a Rainha da Noite.

Entro na sala do trono, Temper atrás de mim. Um coro de aplausos se levanta quando as fadas me observam entrar, seus olhares atraídos para a minha pele brilhante. Meu poder ainda não se acalmou, não desde ontem. A este ponto, não tenho certeza se isso acontecerá tão cedo.

Não até eu recuperar meu parceiro.

Sento-me no trono de Des, Temper parando ao meu lado. Horas atrás, contei para minha amiga tudo o que sabia sobre o Ladrão e o reino que ele governa - e então contei a ela a minha ideia. Agora, tudo o que resta é executá-la.

A sala fica em silêncio, as fadas esperando por mais instruções.

Eu não uso coroa, e não estou aqui por opção, mas pela primeira vez me sinto… majestosa.

Tarde demais para Des ver.

Olho para um dos soldados da Noite que guardam as portas da parte traseira do salão. — Traga o traidor.

O soldado inclina a cabeça e sai. Em seu rastro, o silêncio parece se aprofundar.

Esperamos, os minutos passando.

De repente, as portas duplas se abrem e dois guardas vestidos de preto escoltam uma fada de cabelos brancos pelo corredor.

Galleghar sorri para mim, claramente satisfeito consigo mesmo, apesar da situação - satisfeito por seu último filho restante estar morto.

Ao vê-lo, aperto os braços do trono, minhas garras perfurando o veludo.

Vamos rasgá-lo e fazer tiras com sua carne.

Os soldados levam o pai de Des até o final do corredor.

— Soltem-no. — digo aos guardas.

Imediatamente eles se afastam de Galleghar, movendo-se para ocupar seus postos nas proximidades.

O ex-rei olha para as algemas de ferro, um sorriso torcendo sua boca. — Como é perder o que você mais amava, escrava? — Ele pergunta, olhando para mim.

A sala inteira prende a respiração com a ofensa.

Eu o observo, tamborilando minhas garras no apoio de braço.

Vamos provar sua carne enquanto ele implora por misericórdia, minha sirene sussurra. *Traga-o para mais perto.*

— Durante toda a minha vida, nunca entendi meu poder de verdade — começo. — Por que a natureza das sirenes tem que ser seduzir homens?

As sobrancelhas de Galleghar franzem. Não é a resposta que ele esperava, e ele não tem ideia de para onde estou indo com isso.

Mas eu sim.

— Eu não entendo. — Diz ele, forçado a responder pelo glamour em minha voz.

Quaisquer proteções que o tornavam imune à minha magia em Barbos se foram agora.

Nós o temos em nossas garras.

Eu o estudo. — Você irá.

Por que meu poder atrai os outros?

Eu sempre me perguntei sobre isso. Sobre o quanto minha natureza sedutora era culpada pelos ataques doentios do meu padrasto. Obviamente, esse pensamento é incorreto - meu *padrasto* era o culpado por suas ações, não o *meu* poder - mas na época eu não sabia disso. E então um instrutor da Academia Peel me tocou de maneira inadequada, e de repente o abuso pareceu um padrão, e eu me perguntei de novo - *por quê*? Por que eu tinha que ser assim? Se eu me misturasse mais, poderia ter escapado do abuso que sofri?

Não.

Não, não poderia.

Sempre haverá homens maus, e eles vão tomar, tomar e tomar.

Mas eu também.

Pessoas como nós não são vítimas. Nós somos o pesadelo de alguém.

Finalmente entendo por que meu poder atrai outros.

— Existem dois tipos de predadores — digo suavemente. — Aqueles que perseguem a presa e aqueles que atraem a presa até eles.

Galleghar ainda não perdeu sua expressão presunçosa.

Ele vai, daqui a pouco.

— O que você vê quando olha para mim? — Pergunto.

— Minha inimiga mortal — diz ele. — Você deve ser destruída.

— O que mais?

Novamente suas sobrancelhas se juntam.

— Uma escrava. — Diz ele, forçado a responder pela minha magia.

— O que mais?

Ele franze a testa, mas seus olhos me bebem, fascinados. — … uma encantadora. — Ele finalmente diz.

— Uma *sirene.* — Eu o corrijo.

Existem aspectos da minha magia que inconscientemente apaguei ao longo dos anos. A capacidade de prender minhas vítimas apenas com um olhar é uma delas.

A mesma parte de mim que se ressentia da minha natureza também *temia* essa parte de mim. A parte sinistra, poderosa e punitiva de mim. Eu não gostei da atenção que recebi. Eu não queria *mais* nada disso.

Por isso, mesmo na Academia Peel, eu era uma solitária. Eu quis ser esquecida. Eu não sabia que era isso o que estava fazendo, mas mesmo assim fiz.

E eu continuei fazendo isso.

Até agora.

De repente, libero toda a força da minha magia na sala. Minha pele se ilumina mais um pouco e meu poder inunda o ar.

Dezenas de fadas estão de pé, com os olhos vidrados enquanto olham para mim. Muitos começam a escalar cadeiras, tentando se aproximar de mim. Até Temper corta em direção ao meu trono.

— Todo mundo, fiquem onde estão. — Minha plateia para onde está, vinculada à minha ordem.

Olho para o ex-Rei da Noite. De repente, me levanto. Degrau por degrau, desço o tablado, até estar a apenas alguns metros dele.

— O que você vê agora? — Pergunto.

É assim que uma sirene caça.

Ele dá um passo à frente, os olhos brilhantes, o olhar enredado.

— Não... não há palavras — ele suspira, sua vingança esquecida. Ele balança a cabeça maravilhado. — Em todos os meus anos, nunca vi alguém como você. — Ele dá outro passo à frente. — Por que meu filho deveria receber tal prêmio dos deuses, e não eu?

Um momento atrás eu era uma escrava. Agora eu sou um prêmio. Sempre um objeto a ser possuído.

Fecho os olhos, mesmo quando o ex-Rei da Noite começa a murmurar promessas sobre o futuro. — Quando eu for rei novamente, você ainda poderá morar aqui... O Ladrão vai tocar neste reino... você poderia ser uma das minhas concubinas... eu faria de você a minha favorita... você teria tudo o que sempre quis...

A única coisa que eu sempre quis se *foi*.

Ensine-me novamente como ser o pesadelo de alguém, pedi a Des.

Meu poder ondula sobre minha pele.

Com prazer, parceira.

Eu abro meus olhos.

— Ajoelhe-se. — eu ordeno.

Galleghar nem sequer olha para mim. Eu seguro sua mente na palma da minha mão; o que o governa agora é o *desejo.*

Eu faço uma careta para o ex-Rei da Noite. Esta é a semente do mal que começou tudo. Se não fosse o egoísmo de Galleghar, todo o tecido da história deste mundo teria sido diferente. A mãe de Des poderia ainda estar viva, junto com seus meios-irmãos. Des poderia ter sido criado em um castelo e não em uma caverna. Ele pode ter tido uma ótima vida.

Nós poderíamos nunca ter nos encontrado, e ele poderia nunca ter

morrido antes do seu tempo.

A parte horrível do amor verdadeiro é que eu *nos* apagaria se isso significasse mantê-lo vivo.

Lentamente, diminuo meu glamour. Não quero que Galleghar desfrute sem pensar no que estou fazendo com ele, quero que isso o incomode muito, muito mesmo.

Em segundos, a expressão do ex-rei passa de lasciva a confusa e a furiosa.

— *Sua puta.* — Ele rosna.

— Ah, ah. — Eu o repreendo. — Da próxima vez que você fizer ou disser algo desagradável sobre mim - ou qualquer outra pessoa - eu vou fazer você comer sua língua. *Literalmente.*

Estendo a mão para acariciar a bochecha de Galleghar.

Nosso para provar, nosso para quebrar.

Ele levanta as mãos atadas, presumivelmente para afastar as minhas.

— Não — eu digo. — Você não vai lutar comigo, não vai fugir. Você vai sentar aqui, responder minhas perguntas e me deixar tocar em você como eu quiser.

Suas mãos caem, enquanto ele torce o lábio superior. Galleghar tem tanto poder - posso senti-lo vibrando dentro dele - e, no entanto, contra mim é totalmente inútil.

Eu acaricio sua bochecha. — Você é muito bonito — digo — de uma maneira cruel. Pena que o resto de você é inútil. — Agarro-o pela mandíbula e inclino sua cabeça para frente e para trás, avaliando-o de diferentes ângulos. — Então, novamente, talvez eu *possa* encontrar alguma utilidade para você. Agora que meu companheiro se foi, não há nada que me impeça de começar meu próprio harém.

Eu me inclino para mais perto. — Você seria minha concubina. Eu devo avisá-lo, *se* você estivesse no meu harém, eu exigiria coisas que talvez o deixassem desconfortável. As sirenes são conhecidas por apreciar sexo e sangue. Eu espero que você tenha estômago forte.

Eu sorrio um pouco com o ódio em seus olhos. Duvido que ele já tenha tido alguém para revidar seus próprios truques.

Soltando sua mandíbula, eu digo: — Relaxe, imbecil, *nunca* seria íntima com você.

Chega de brincar com ele.

Eu me endireito. — Quero fazer uma visita pessoal ao Ladrão de Almas. Como chego até ele?

Galleghar ri. — Você teria que morrer primeiro.

Espero sua risada parar.

— Essa é a única maneira? — Eu pergunto.

Ele hesita.

— É? — Eu pressiono.

O olhar de ódio está de volta. Observo como ele luta contra o meu glamour por um - dois - três - quatro - cinco segundos.

— Não. — Ele finalmente grita.

Meu pulso começa a acelerar.

Eu tinha razão. Existe outra maneira de entrar.

— Diga-me tudo o que você sabe sobre essa outra entrada para o Reino da Morte e Terra Profunda.

Os lábios de Galleghar se contraem quando ele luta contra minha compulsão. Pela primeira vez, não é satisfatório vê-lo resistir. Cada segundo que ele resiste parece uma eternidade.

Impaciente, forço um pouco mais do meu poder. — Você *quer* me responder — eu digo, minha voz hipnótica. — Agora *me diga*.

O olhar cruel em seus olhos se dissolve; ele olha para mim como se eu fosse um tesouro raro. — Na terra dos pesadelos, há uma floresta. — Diz ele.

A Terra dos Pesadelos…

Por que isso soa familiar?

Memnos, eu lembro. A Terra dos Pesadelos era outro nome para Memnos, uma das ilhas flutuantes do Reino da Noite. Era a única ilha para onde Des não me levou - e por boas razões. Era onde as criaturas dos pesadelos viviam.

— No fundo desta floresta, existe o Poço. — O olhar de Galleghar nunca desvia do meu. — Vá para o Poço e viaje tão fundo quanto ousa, e lá encontrará o Reino da Morte e Terra Profunda e o próprio Ladrão.

Eu expiro.

Aqui está, minha resposta há muito procurada. Meu coração acelera de volta à vida. Eu quero rir de toda a esperança que sinto.

Arrastarei Des de volta à terra dos vivos, e ninguém pode me parar. Nem o próprio Ladrão. Pela primeira vez, salvarei o companheiro que me salvou repetidamente.

Olho para Temper. Como as fadas da sala, ela é pega pelas espirais do meu glamour, seus olhos brilhando. Ainda assim, ela consegue dar um sorriso predatório.

Voltando a Galleghar, o liberto da maior parte do meu poder.

É a coisa mais natural do mundo, fortalecer e enfraquecer minha magia. E eu achava que tinha pouco controle sobre minha sirene. Eu nunca tinha percebido que mantive uma trela firme em meu poder esse tempo todo, mesmo quando o usava. Pelo menos, eu não havia percebido isso até *agora*, agora que não me importo mais em controlar minha natureza destrutiva e sedutora.

A expressão de Galleghar tremula, depois muda à medida em que o meu domínio sobre ele diminui. Seus traços se contorcem com sua fúria. Duvido que alguém o tenha tratado assim antes.

Eu estudo o ex-rei, que ainda está de joelhos. Apesar de prisioneiro, ele ainda está vestido com linho fino e usa vários anéis.

— Deixe-me ver suas mãos.

Ele luta contra o meu glamour, suas mãos tremendo, mas

eventualmente ele as estende para mim. Galleghar usa três anéis de bronze, um magistralmente trabalhado para representar uma lua crescente e estrelas, outro com uma pedra negra inserida e o último uma argola simples, com um rosto grosseiramente esculpido de uma mulher com cabelos selvagens, a boca aberta em um grito.

Meus dedos pousam nesse anel.

Sob o meu toque, a pele de Galleghar salta. Ignorando a reação dele, tiro o anel.

— O que você está fazendo? — Ele exige.

— Não é óbvio? — Eu digo, minha voz subindo. — Estou pegando suas joias. — Uma lembrancinha para lembrar dele - o rei que fiz ajoelhar com um único olhar. O homem que abusou de seu poder de tantas maneiras horríveis. Ele é impotente agora, talvez pela primeira vez em sua vida estranhamente longa.

Sua boca se move, provavelmente para amaldiçoar meu nome, mas acho que ele se lembra do meu aviso.

Eu vou fazer você comer sua língua.

Tudo o que ele ia dizer fica preso firmemente atrás dos dentes. Ele decide me encarar um pouco mais, o ódio em seus olhos se misturando com um pouco de dor. Ser impotente é um sentimento terrível e humilhante. Des e eu saberíamos. Nós tínhamos sido impotentes antes, vítimas da crueldade de nossos pais. Oito anos atrás, Des tinha lidado com o meu; agora estou retornando o favor.

— Diga-me, rei caído, — digo em tom de conversa — quantos de seus próprios filhos você matou?

Ele rosna para mim, lutando contra as palavras. Eu espero, um pequeno sorriso puxando meus lábios. Ele não pode aguentar para sempre.

— Eu... não... sei. — As palavras são arrancadas de sua garganta.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Tantos. — Na verdade, dói, pensar nesses herdeiros mortos há tanto tempo, alguns devem ter sido crianças e bebês quando seu próprio pai veio atrás deles.

— E você já foi levado à justiça por esses crimes?

A sala está extasiada, vendo esse show de horrores se desenrolar.

— *Não.* — Ele grunhe entre os dentes.

— Então é hora de enfrentar sua punição.

Galleghar faz uma careta para mim, furioso.

— Como o Reino da Noite retribui o homem que forçou inúmeras mulheres ao seu harém? — Pergunto. — Mulheres de quem ele se aproveitou, mulheres cujos filhos ele matou. Como recompensamos o homem que permitiu ao Ladrão de Almas sequestrar milhares de soldadas e forçá-las a crueldades indizíveis? Como você faz justiça para algo assim? — Pergunto a ele.

Fica quieto por alguns segundos, nós dois nos encarando.

— Você não pode. — Galleghar finalmente cospe, respondendo à

minha pergunta retórica.

Agora eu sorrio, só um pouco.

— Aqui — digo suavemente — é onde você erra. — Meus olhos se movem para os soldados que estão nas portas. — Guardas, encontrem o pântano e tragam-no aqui.

Os olhos de Galleghar se arregalam e agora sua raiva é substituída pelo pânico. O rosto do ex-rei da noite fica vermelho quando ele se contorce contra o meu glamour, lutando para se libertar. Mesmo sendo tão forte, ele não é páreo.

Eu posso sentir os olhos de Temper em mim, eu posso sentir sua surpresa e sua discreta aprovação. Ela pode não saber o que é um pântano, mas sabe que estou prestes a fazer algo ruim, e está bem com isso. Nós duas abrigamos monstros dentro de nós; ela entende isso.

O sentimento no resto da sala é um mistério. Há mágica no ar, e sinto gosto de medo e antecipação e deleite perverso, mas as próprias fadas não dão nenhuma indicação de seus verdadeiros sentimentos.

Leva uma eternidade para a criatura se juntar a nós. O tempo todo eu olho para Galleghar. É a onda de vozes pela sala mais do que o próprio monstro que me alertam que o pântano chegou.

Eventualmente, eu o vejo subindo pelo corredor.

Não sei se estou fazendo o certo por Desmond ou por qualquer outra pessoa, ou se minha própria maldade está me ultrapassando, mas sei que não sinto culpa.

Não mesmo.

— Não sei quais são seus medos, — digo a Galleghar — mas espero que o pântano os saboreie tanto quanto eu vou.

Nosso para matar, a sirene protesta.

Mas estou guardando a matança para outra criatura.

O lábio superior de Galleghar se curva, ainda preso ao chão por minhas ordens. — Espero que o Ladrão faça você sofrer. — Diz ele, enquanto a forma sombria do pântano se aproxima dele.

A atenção do ex-rei se move brevemente de mim para o monstro que se aproxima dele. Sua respiração engata.

O olhar de Galleghar volta para mim. Ele não implora – mesmo agora ele tem muito orgulho para isso – mas seus olhos estão me implorando por misericórdia.

O tempo para misericórdia já passou.

— Quero que você saiba — digo. — Que estou fazendo isso por toda mulher que você ofendeu, toda criança que você matou, toda pessoa que você machucou. Mas mais do que isso, quero que saiba que estou fazendo isso por Desmond e sua mãe – e estou fazendo isso por *mim*.

Eu me viro para o pântano. — Devore-o.

Capítulo 40

Eu vou te salvar, Des.

Essa frase se repete na minha cabeça enquanto eu ando pelo palácio do Rei da Noite, o vestido transparente que estou vestindo se arrastando atrás de mim.

Preciso trocar de roupa.

— Garota, aquilo foi *tenso.* — Diz Temper ao meu lado, enquanto nós duas nos distanciamos da sala do trono.

— Você teria feito o mesmo.

Ela bufa. — Eu teria feito *pior*. Todos nós sabemos que de nós duas, você é a policial boazinha.

Eu costumava ser. Agora, por outro lado...

— O pai de Des não pode ser morto. — Eu digo.

Pelo menos, Galleghar não pode ser morto enquanto o Ladrão continuar prolongando sua vida não natural. Isso significa que o pântano pode assustar o rei caído, mas ele não morrerá no processo.

— Droga — diz Temper — então você vai deixá-lo apodrecer dentro daquela criatura?

— Não.

Infelizmente.

— Eu ainda preciso de Galleghar.

Temper me dá um olhar interrogativo.

— Ele vai me guiar para o Poço.

Ela levanta as sobrancelhas. — Oh *merda.* Você vai tentar salvar Des.

Não tentar. Eu *vou* salvá-lo.

Ela estala o pescoço. — Eu nunca estive no submundo antes. Isso vai ser divertido.

— Você não vem junto. — Eu não olho para ela quando digo isso.

Por um momento, há silêncio.

Então...

— *O que*? Claro que eu estou indo. Não me faça ficar ofendida.

Paro no meio do corredor e me viro para ela. — Temper, provavelmente não sobreviverei.

E não suporto o pensamento de colocar sua vida em risco no processo.

— Um, — diz Temper — você não vai *morrer,* porra. Esta não é uma

missão suicida - caso contrário, eu estaria acorrentando sua bunda a uma das estúpidas esculturas de mármore que cobrem este lugar, em vez de me preparar para arrumar minhas malas.

— E dois, sim, isso vai ser uma merda perigosa. Você quer resgatar sua alma gêmea e matar aquele Ladrão imbecil. Eu nem tenho certeza de como você vai fazer isso. O que sei é que você precisa de uma feiticeira para ajudá-la. Eu gosto de criaturas assustadoras e bagunça de merda em geral. Eu vou com você.

Eu paro e hesito enquanto nós duas estamos no corredor. Quer dizer, Temper sempre foi leal até o fim. E não há ninguém melhor para ter ao seu lado do que uma feiticeira furiosa ao enfrentar um inimigo de proporções épicas.

Mas a questão é que o Ladrão tem poder e influência aparentemente ilimitados.

— Temper, eu não sei como isso vai acabar, e eu não quero...

Eu não quero que você morra.

Ela levanta as sobrancelhas. — Você realmente acha que essa aberração desgraçada poderia me matar? Agora *estou* ofendida. — Os olhos dela brilham brevemente com seu poder.

Ugh, ela é impossível.

— Tudo bem, venha comigo então. — Não vou brigar com ela sobre isso.

Ela solta uma risada baixa, a língua correndo sobre o lábio inferior. Eu posso amar essa mulher, mas agora Temper parece *sinistra*.

— Garota, — diz ela — vamos fazer esse bastardo *pagar.*

— Eu preciso de armas. Muitas e muitas armas. — Ordeno a um dos meus guardas enquanto Temper e eu nos dirigimos para meus aposentos. — E armaduras de batalha. Traga o suficiente para nós duas.

A feiticeira, por sua vez, está praticamente brilhando de excitação. Ela tem um apetite saudável por vingança.

Eu e Temper entramos nos meus aposentos e tento não estremecer ao ver os quartos. Continuo esperando que Des apareça a qualquer momento, sua voz irônica nas minhas costas.

Mas não vou ouvi-lo ou vê-lo - até que eu o salve.

Alguns minutos depois, alguns soldados da Noite chegam aos meus aposentos, os braços cheios de uma grande variedade de armas e armaduras. Eles depositam as peças na cama e recuam.

Depois que a porta se fecha atrás deles, Temper e eu começamos a nos vestir.

Como Des não está aqui para ajudar magicamente, levamos uns bons dez minutos. Quando nós duas terminamos de apertar e prender os couros de batalha, começamos a nos armar - uma espada aqui, uma adaga ali.

Deslizo meus punhais de confiança em suas bainhas em ambos os lados

dos meus quadris, enquanto Temper pega um machado de duas cabeças.

— Olha — ela diz — é do tamanho de uma dama para meus dedos pequeninos.

Eu rio. A arma *é* pequena. Temper desliza o machado em um coldre em suas costas. Acho que seu tamanho pequeno serve.

Termino de prender um coldre na coxa e me endireito.

Não há mais medo. Eu fui da tristeza ao desespero, ao entorpecimento, e agora isso.

Determinação fria e forte.

Essência à essência. Respiração por respiração. Minhas fraquezas foram roubadas de mim. É isso que está embaixo.

Morto ou não, estou recuperando meu cônjuge e, portanto, que os deuses se preparem, derrubarei o universo se for preciso.

Até a escuridão morrer, Des.

DUAS HORAS DEPOIS, Temper e eu estamos diante de um Galleghar que geme, seu corpo revestido por uma substância límpida e mucosa, que só posso supor que seja o ácido estomacal do pântano.

O pântano, por sua vez, está guardado com segurança na mesma caixa simples da qual Des uma vez o libertou.

Franzo o cenho para Galleghar, que está segurando a cabeça.

— Levante-se. — eu ordeno, minha pele brilhando.

Ele se levanta com os pés trêmulos. Quando ele vê Temper e eu, ele solta um grito que está em algum lugar entre a raiva feroz e o medo ofuscante.

A feiticeira o avalia. — Você nunca pensou que duas escravas iriam foder sua vida, não é?

Não são apenas duas escravas, duas *mulheres*, o que para Galleghar é de alguma forma pior ainda.

— Eu vou te matar. — Diz ele, cambaleando para frente.

— Não, você não vai — digo calmamente. — O que você *vai fazer* é tomar um banho, arrumar roupas limpas e nos ajudar.

— Sua puta louca.

— Eu *não* preciso da sua língua, então, a menos que você queira perdê-la, continuará falando comigo e com minha amiga feiticeira aqui da maneira mais reverencial possível.

— Quero que ele me chame de 'Grande Deusa'. Você pode fazer isso acontecer? — Temper diz para mim.

Olhando fixamente para Galleghar, eu digo: — Você se referirá à feiticeira daqui em diante como *Minha Grande Deusa das Fodas e Outras Coisas Mágicas,* entendido?

Se Galleghar pudesse cuspir fogo agora, ele faria. Em vez disso, ele acena com a cabeça bruscamente, as narinas dilatando.

— Bom. — Eu digo. Faço um sinal para os soldados que estão próximos. — Por favor, arrumem um banho e roupas novas para o

traidor - e algo para comer. Ele precisará de sua força para o que está por vir.

— O que está por vir? — Ele ecoa, uma faísca de medo iluminando seus olhos.

— Eu não te disse? — Eu digo. — Você está nos levando para Memnos.

MEMNOS DEVERIA SER um lugar assustador, mas quando avisto a ilha escura no horizonte, tudo o que sinto é uma emoção fria.

Estamos nos aproximando.

Os assistentes de Des e seus soldados relutaram em me deixar vir aqui com apenas uma humana e um traidor. Eles queriam enviar o exército, indiferentes ao fato de que o Ladrão de Almas poderia fazer com que todos dormissem em um instante, se quisesse.

Então eu ignorei os conselhos deles. No final, eles não puderam fazer muito sobre isso – não quando eu tinha o glamour trabalhando para mim.

Nós três nos aproximamos da ilha, Temper embalada nos braços de Galleghar. O outrora poderoso rei agora não passa de nosso garoto de recados. Ele tem um olhar venenoso, mas ele é magicamente escravizado por minhas ordens. E assim ele obedientemente nos leva adiante, em direção à ilha flutuante.

Quando chegamos na ilha, passamos por uma pequena cidade. As luzes abaixo de nós estão abafadas, o cheiro de sangue e magia corrompida tingem o ar. Eu posso praticamente sentir o perigo irradiando da terra.

Os prédios dão lugar para florestas densas e arruinadas, com árvores sombrias e uma luz estranha brilhando de dentro de suas profundezas. A visão do bosque é quebrada apenas por uma estranha fortaleza ou chalé, a estrutura parecendo absolutamente nefasta.

As árvores diminuem e as que permanecem parecem fracas e deformadas. É entre essas árvores que pousamos.

Pouso de pé, dobrando as asas enquanto Galleghar pousa à minha frente.

Seus braços tremem enquanto ele gentilmente libera Temper. Eu posso dizer que ele quer muito jogar minha amiga no chão, mas meu glamour o proíbe de machucar a feiticeira.

— Onde fica o Poço? — Temper pergunta, olhando em volta.

— À frente... Minha Grande Deusa das Fodas e Outras Coisas Mágicas. — Ele murmura a última parte.

— Fale mais alto. — Eu ordeno.

Seus olhos disparam adagas em mim. — Eu disse, está à frente... Oh, Rainha das Trevas que Pensa que Sou um Idiota das Proporções Mais Épicas.

Temper sorri. — Qual é o seu nome mesmo? — Ela pergunta.

Ele torce o lábio para ela.

— Callie? — Temper diz, pedindo um pouco de assistência.

— Responda. — Eu ordeno.

Ele range os dentes. — Galleghar O'Malleghar, Rei dos Imbecis, Assassino de Ereções, Imperador que Quer Comer um Saco de Paus e Morrer.

Os títulos claramente ficaram um pouco fora de controle.

Quero dizer, podemos não ser capazes de matá-lo ou levá-lo à justiça, mas podemos humilhá-lo.

Gesticulo em torno de nós. — Nos leve ao Poço.

A FLORESTA ESTÁ sobrenaturalmente silenciosa... até que não está.

Primeiro, é um uivo zangado de alguma criatura solitária. Então o grito de um corvo se junta a ele. Em poucos minutos, a floresta está cheia de assobios e uivos, lamentos e gritos meio loucos.

— Malditamente assustador. — Sussurra Temper ao meu lado.

Os barulhos não são a pior coisa deste lugar. Eu posso sentir uma dúzia de diferentes olhos em mim enquanto atravessamos a floresta escassamente arborizada. Ainda estou brilhando como um farol, meu poder atraindo um número crescente de fae. Uma magia mais malévola tinge o ar, e só piora quanto mais andamos.

Passamos a última árvore e eu vejo – o Poço.

A coisa é enorme; parece um buraco, suas profundezas lançadas na escuridão. Quanto mais eu a encaro, mais percebo que a escuridão está se *movendo*, escrevendo sobre coisas vivas ou mágicas.

Não quero ir lá em baixo.

Meus ossos protestam com a aproximação.

Duas criaturas sombrias se separam da escuridão. Eles são mais longos e mais finos que uma fada comum, mas eu posso sentir o cheiro de sua magia fae.

Eu olho para eles quando eles se aproximam. — O que eles são?

— Reaves — diz Galleghar com desgosto. — Eles são os superintendentes do Poço, Oh Rainha das Trevas que Pensa que Sou um Idiota das Proporções Mais Épicas.

— Você pode parar com os títulos. — Eu digo.

— É melhor ele me chamar pelo meu. — Diz Temper.

— Você pode parar com todos os títulos, exceto o dela. — Eu emendo, apontando para a minha amiga.

Galleghar parece furioso.

Os Reaves se aproximam de nós, a visão deles faz os cabelos ao longo dos meus braços se arrepiarem.

Não sei como eles se sentem sobre eu usar seu precioso poço para chegar ao Reino da Morte e Terra Profunda, mas duvido que fiquem animados com isso.

Eles param quando se aproximam de nós, um deles cheirando o ar. Deus, eles são um casal hediondo, seus membros desengonçados, olhos

redondos e lábios apertados e sem sangue.

— Nosso velho rei, um humano, e... algo meio interessante. — Anuncia um deles, com os olhos pousando em mim. Ao nosso redor, sinto aquela mágica espessa e enjoativa se agitar.

O pai de Des aparece atrás de mim. — Como herdeiro legítimo...

— Segure suas calças, amigo — eu digo. — Você não deve falar com esses dois bons Reaves.

Os agradáveis Reaves que parecem que não se importariam de nos comer vivos.

— O Rei da Noite está no fundo desse poço. — Digo a eles, acenando com a cabeça para o buraco. Barulhos estranhos e desumanos vêm dele.

Coisas *vivem* naquele lugar, coisas que não necessariamente pertencem a este mundo ou ao outro. Vou ter que enfrentá-las.

— Todos os mortos terminam em algum lugar no fundo do poço. — Diz um dos Reaves com sua boca torcida.

— Você me entendeu mal — eu digo lentamente. — Estou lhe dizendo que seu rei está lá embaixo não porque ele está morto, mas sim porque estou entrando naquele buraco e recuperando-*o*.

— Você não pode — diz um dos Reaves. — É proibido.

As narinas do outro Reave se abrem; tenho a impressão de que ele está cheirando o ar novamente.

— Eu *vou* — eu insisto. — E nem você, nem ninguém mais vai me parar. — Eu ordeno, minha voz se harmonizando consigo mesma, meu glamour denso no ar.

— Não há como você conseguir se orientar pelas profundezas. — Diz o outro, mesmo quando ele sai do meu caminho.

— É melhor você torcer que eu possa — respondo — ou então estou arrastando você para lá comigo.

Na escuridão, algumas criaturas sibilam e os barulhos do poço aumentam, ficando agitados.

— *Sangue fresco.* — Pareço ouvir uma das vozes dizer.

Sim, minha sirene ronrona, *há muito sangue fresco para derramar.*

— Isso é uma ameaça? — Pergunta o Reave.

— Sim, porra — diz Temper. — Você não estava ouvindo? — O poder da feiticeira está começando a crepitar.

Estamos perdendo tempo brigando. A cada momento que passa, Des está se afastando de mim.

Eu libero meu poder em força máxima, minha pele latejando com o pulsar da minha magia. — Estou entrando no Poço e saindo com seu rei. Ninguém deve me impedir, e ninguém deve fazer mal a mim ou a minha amiga humana aqui.

— A fada de cabelos brancos aqui você pode foder. — Acrescenta Temper sombriamente, recebendo um olhar de Galleghar.

Em resposta aos meus comandos, as Reaves recuam, seus olhos brilhando com malícia.

Olho para Temper. — É aqui que eu deixo você.

— O que você quer dizer com 'deixo você'? — Ela pergunta, acusadora.

— Você não vai me seguir até o Poço. — Eu ordeno.

Ela realmente achou que eu a deixaria entrar na terra dos mortos?

— Não se *atreva a* me deixar aqui. — A magia de Temper começa a fazer sua pele brilhar, um sinal claro de que ela está ficando chateada. — *Não* é assim que isso funciona.

Como isso funciona é que não vou deixar minha amiga ser morta.

— Eu te amo, Temper, mas esta é a minha batalha. — Ela não vai morrer hoje. — Se eu não voltar em um dia, você pode vir me procurar.

Deus, por favor, não me faça me arrepender das minhas palavras.

— Eu não vou esperar um *dia.* — ela protesta.

Eu aperto seus braços. — Eu tenho que fazer isso, Temper. — Eu estou praticamente implorando a ela.

Ela olha para mim por um instante, depois me puxa para seus braços e me abraça com força. — Você vai tomar cuidado – o mínimo que você pode fazer é me prometer isso.

Eu a aperto, abraçando-a. — Eu prometo. — É uma mentira, mas uma que nós duas precisamos ouvir.

— Você vai matar aquele filho da puta. — Acrescenta ela.

Eu aceno com a cabeça em seu ombro. — Eu vou. — Ou pelo menos, eu vou tentar. Ainda não tenho certeza de como vou matar uma coisa morta-viva.

Soltando-a, eu recuo. Temper não tenta me impedir, embora a expressão ferida em seu rosto quase me faça vacilar.

Além dela, avisto uma figura em retirada. O pai de Des, tentando fugir, aquela cobra.

— Galleghar, pare. — Eu ordeno.

Ele faz uma pausa no meio do caminho.

— Volte para mim.

Roboticamente, ele retorna, seus passos inconstantes enquanto ele luta contra o meu glamour.

Eles nunca aceitam que é inútil.

Inclino minha cabeça quando ele para na minha frente. — Você realmente achou que eu deixaria você ir embora?

Ele rosna algo incoerente.

— Isso é fofo — eu comento. Meu coração dói quando percebo que é algo que Des teria dito. — Quando eu lhe disse que você seria meu guia, eu quis dizer que você estava me levando *até* o fim.

Ele olha para mim, mas obedientemente se aproxima da beira do Poço.

Eu o sigo, ciente dos olhares curiosos de dezenas de fae diferentes, todos assistindo o que faremos a seguir.

O pai de Des olha para a escuridão sombria.

— Vá em frente — eu digo. — Lidere o caminho para o reino do Ladrão.

— Você vai morrer por isso — ele promete.

Antes que eu possa responder, as asas de Galleghar se manifestam. Sinto algo preso na minha garganta ao vê-las. Elas são escuras e com uma garra nas pontas.

Tão parecidas com as de Des.

Galleghar cai da borda, mergulhando na escuridão.

Dou uma olhada final em Temper, cuja pele continua a brilhar, seu poder quase fora de controle. Ela parece arrasada por ter sido deixada para trás.

Eu levanto a mão para ela, e então caio da borda.

Minhas asas se abrem atrás de mim, se espalhando para controlar minha queda enquanto eu desço em espiral.

Cometi um erro, pensando que Galleghar poderia liderar o caminho. A escuridão aqui parece engolir *tudo*, inclusive ele. Eu sou a única coisa que ilumina esta trincheira na terra, e o brilho da minha pele está lançando luz sobre os fae assustadores que vivem aqui.

Sem pelos, criaturas nuas agarram-se às paredes, suas formas emaciadas, as asas nas costas murchas com o desuso. Um deles rosna para mim quando passo, outro cheira o ar, a boca escancarada.

Na verdade, esses fae são coisas de pesadelos.

Criaturas aladas, parecidas com duendes, com dentes estalando, atravessam o ar, batendo em mim como insetos contra um para-brisa, suas formas atraídas pela minha luz e meu glamour.

— Vocês devem me deixar passar ilesa. — Eu ordeno. Preciso repetir a ordem várias vezes enquanto desço para que os fae que estavam fora do alcance da voz possam ouvir minhas palavras e obedecer.

Desço e desço e aparentemente não há fim à vista. Pela lógica, o fundo deste poço deve me levar ao coração da ilha flutuante... ou deve atravessar a ilha e sair no céu noturno abaixo. Em vez disso, essa trincheira supostamente vai nos cuspir no reino do Ladrão.

Eu vou acreditar quando ver.

A temperatura cai, ficando cada vez mais frio. Os fae que vivem tão longe são coisas estranhas e sem visão, seus corpos pálidos e carnudos, seus olhos nublados pelo desuso.

Eventualmente, o ar cresce e eu paro de ver faes. De vez em quando, ouço um uivo ou um grito agudo, mas esses também morrem.

Isso parece a morte. Silencioso como o túmulo, o ar estagnado. Até os raios de poeira capturados na minha luz parecem congelados no lugar, brilhando no ar.

De repente, o chão se eleva abaixo de mim.

Eu pouso com força sobre uma pilha de ossos, os restos quebradiços desmoronando sob o meu peso. Uma nuvem de poeira se levanta, desenrolando-se lentamente no ar parecido com melaço.

Eu me espano, absorvendo meu entorno. Não vejo muito além de ossos e ossos e ossos. Existem caveiras, fêmures e costelas e tantos outros

pedaços de anatomia que não consigo identificar. Quanto mais eu olho, mais começo a perceber a armadura manchada entre os ossos. Uma lua crescente está estampada em um escudo de metal. Outro capacete tem a mesma marca.

Soldados da Noite.

Merda.

— Aí está você.

Minha cabeça se levanta quando Galleghar sai da escuridão. Ele está coberto de sangue e suas roupas estão em frangalhos. Por toda sua pele há marcas de mordida e, em algumas áreas, falta carne. Está cicatrizando, mas cada ferida é um lembrete sombrio do que poderia ter acontecido comigo se eu não tivesse meu glamour para afastar todos os fae que vivem no Poço.

Olho de volta para os ossos.

— Por que existem soldados da Noite aqui embaixo? — Pergunto.

Galleghar chuta um osso inutilmente para o lado.

— Há muito tempo, eu invadi o Reino da Morte e Terra Profunda.

Horror desponta em mim. Todos esses ossos pertenciam às fadas que Galleghar trouxera aqui – trazidas aqui para morrer.

— Ilumine este lugar. — Eu ordeno.

Galleghar me encara por alguns segundos. Então, estendendo a mão, uma bola de luz se forma. Enquanto eu assisto, ela cresce maior e mais brilhante antes de levitar da palma do rei caído e flutuar no ar acima de nós.

Agora, eu dou uma boa olhada nos arredores. Até onde os olhos podem ver, o chão é um oceano de ossos. Deve haver... *milhares* de corpos.

— Por quê? — Eu pergunto, meus olhos observando os restos.

— O Ladrão precisava de um reino para governar.

Olho bruscamente para Galleghar. — Como assim, o Ladrão precisava de um reino para governar?

O pai de Des me dá um sorriso enigmático. — Ele era um invasor.

Meus olhos varrem o cemitério. — E você o ajudou.

Galleghar trouxe um exército aqui para assumir um reino. Ele permitiu que esses soldados morressem, tudo para que ele pudesse inserir o Ladrão em um trono roubado.

Jesus.

Outra pessoa costumava governar este lugar. Alguém que presumivelmente agora está sob o domínio do Ladrão. Tremo ao pensar em como deve ser a vida após a morte para ele.

— Ajudei.

Galleghar se afasta de mim, os ossos de seus ex-soldados sendo esmagados sob seus pés. Ele não lhes dá atenção. E por que deveria? Na sua opinião, as fadas só servem para serem usadas.

— Por aqui — ele diz por cima do ombro. — A menos que você tenha mudado de idéia.

Seguimos em frente, atravessando o cemitério assustador. Entre os soldados mortos estão esqueletos de monstros que viveram e morreram neste lugar. Não tenho certeza se já vi algo assim – ou se algum dia voltarei a ver.

A luz de Galleghar balança acima de nós, iluminando um grande arco de pedra à frente. Desse lado, os ossos dos mortos, do outro, uma fumaça espessa e ondulante obscurece nossa visão.

O rei caído passa por aquele arco sem olhar para trás, a fumaça se agitando enquanto o engole.

Eu hesito.

Não tenho um plano, nenhuma grande descoberta que possa ser a ruína do Ladrão de Almas. Tudo o que tenho é determinação e algumas armas.

Espero que seja o suficiente.

Respirando fundo, passo sob o arco e entro oficialmente no Reino da Morte e Terra Profunda.

Capítulo 41

EU NÃO ESTAVA esperando jardins. Jardins cheios de plantas que provavelmente têm nomes como Sanguinária e Verbena, mas ainda assim jardins. Eles se estendem para cada lado de mim, subindo pela rua de pedra em que estou.

Galleghar está a seis metros à minha frente, subindo pela estrada, e nem se dá ao trabalho de olhar para trás. Bem à nossa frente, um palácio feito de pedra pálida alcança o céu noturno, suas torres e pináculos parecendo os ossos de um monstro. O castelo fica situado à beira de um oceano.

A vida após a morte tem um *oceano*. Minha sirene se agita com isso.

O ar ainda está gelado e imóvel, mas neste lugar parece qualquer outro lugar do OutroMundo, com seus jardins bem cuidados e o céu noturno no alto. Não é assim que eu imaginaria a vida após a morte.

Sigo Galleghar pela estrada de pedra até o palácio. O tempo todo não vemos outra alma.

O Ladrão está em algum lugar neste castelo. Eu posso sentir sua magia me pressionando por todos os lados, e sinto olhos invisíveis em mim. Mas se ele está perto, ele não está se revelando.

Galleghar sobe até as duas portas enormes. Eu paro ao lado dele.

— E agora? — Pergunto.

Em resposta, as enormes portas duplas começam a se abrir.

Galleghar me dá um sorriso arrepiante.

— Depois de você. — Diz ele, apontando para a frente.

E tê-lo nas minhas costas? Acho que não.

— Você lidera o caminho. — Eu ordeno.

O rei caído me lança um olhar longo e depois entra no castelo comigo seguindo em suas costas.

Lá dentro, nossos passos ecoam. Há uma entrada e mesas laterais, tapeçarias e plantas estranhas crescendo nas paredes do castelo. Basicamente, o reino do castelo dos mortos se parece com qualquer outro palácio fae que eu já estive, o que torna toda a experiência assustadoramente real.

Nunca estive mais certa da minha própria mortalidade do que neste momento, entrando no palácio do Rei da Morte e Terra Profunda. Parece

que me mudei para muito longe da terra dos vivos.

Mas então, meu coração palpita, meu vínculo com Des dando um puxão suave, e eu quase caio de joelhos. Soltando um suspiro suave, pressiono minha mão no meu peito.

Eu o sinto. Está fraco, mas eu o *sinto*.

Meu Negociador. O mundo parou de girar no momento em que ele desapareceu. Agora, eu posso imaginar se movendo mais uma vez.

Desespero como eu nunca senti toma conta. Me concentrando no meu interior, tento usar a força do nosso vínculo para rastrear meu companheiro.

Eu já fiz isso uma vez antes e não funcionou, mas agora me movo com meus instintos, saindo do lado de Galleghar e vagando pelo castelo, sem saber por quais cômodos estou passando, concentrando-me no fio mágico que foi despertado agora que estou no Reino da Morte e Terra Profunda.

Maravilha das maravilhas, posso *sentir* minha conexão com Des se fortalecendo sutilmente.

Eu estou fazendo isso. De verdade, estou rastreando meu parceiro através de nosso vínculo. O pensamento quase tira o meu fôlego.

Meus passos ecoam ao meu redor. Estou perto. Eu posso sentir.

A próxima sala em que entro é coberta do chão ao teto com prateleiras sobre prateleiras, cada uma delas repleta de potes e poções, livros com títulos dourados e instrumentos cujo uso eu não poderia adivinhar. Bem no meio da sala, há um altar de mármore esculpido intrincadamente, e deitado no altar está...

— *Des.* — O nome dele, espontaneamente, sai dos meus lábios.

Agora eu corro.

Ele está tão quieto. Muito quieto.

Ele *não pode* estar morto. Não aqui, na terra *dos* mortos. É aqui que os fae passam a vida após a morte.

Paro quando chego ao altar de pedra. Minha conexão pulsa, como se quisesse confirmar que isso não é uma ilusão.

Estendo uma mão trêmula. Estou quase com medo de tocá-lo. Algo grosso se aloja na minha garganta.

Eu pensei que ficaria feliz em encontrar Des. Em vez disso, sinto que estou perdendo-o novamente.

Seus cílios longos beijam o topo de suas bochechas e seus cabelos brancos estão espalhados ao seu redor. Ele se parece com aquelas pessoas enfeitiçadas dos contos de fadas, dormindo um sono eterno. Ele é bonito e comovente de se olhar.

— Des. — Repito, minha voz implorando. Toco sua bochecha; sentindo sua pele pegajosa e fria. — Acorde.

Ele não se mexe.

Meus dedos percorrem seu rosto, seu queixo e além de seu pescoço, parando em seu coração. Eu pressiono minha palma lá. Sob o meu toque,

seu coração bate devagar.

Ele está *vivo – o* que quer que isso signifique neste momento.

Sinto-me fraca de alívio por vários segundos, até me lembrar que os soldados adormecidos também estavam tecnicamente vivos, suspensos em um estado muito parecido com este.

Um pouco de mim morre com o pensamento. Meu Rei da Noite reduzido a isso.

Atrás de mim, um homem estala a língua.

— *Você* não pertence aqui.

Minha pele pica com a voz familiar.

Eu me viro, e é só agora que noto as luzes tremeluzentes da tocha e os candelabros repelindo uma escuridão não natural.

O Ladrão de Almas está entre tudo isso, e ele é exatamente como se mostrou nos meus sonhos. Cabelos escuros e arrepiados, olhos vazios. Pele pálida e uma boca macia demais para o resto do rosto.

Finalmente, nós dois nos encontramos em carne e osso.

Ele começa a bater palmas. — Muito bem, muito bem, encantadora. Você descobriu como me encontrar. E aqui eu pensando que você era totalmente inútil para solução de problemas. Eu deveria saber que você simplesmente precisava do *incentivo* certo. — Seus olhos deslizam para Des.

Minha pele ainda está brilhando, mas agora eu uso todo o meu poder.

— Acorde meu companheiro. — Eu exijo.

Os olhos do Ladrão brilham com interesse. Ele caminha até Des, olhando para o Rei da Noite por um momento. Erguendo a mão, o Ladrão a segura sobre o rosto do Negociador. Sinto magia se reunindo em sua palma da mão, mas então ele a fecha e a retira.

— Acho que não quero fazer isso. — Diz o Ladrão.

Como ele pode nos desafiar?

— Não fique tão surpresa — diz ele. — Você realmente não achou que isso iria funcionar comigo, não é? — Os olhos dele ainda brilham, mas ele não tem a aparência de uma fada glamourizada.

Ele se aproxima de mim e eu o observo com olhos irritados.

O Ladrão para na minha frente. — Diga-me, como planeja me matar e recuperar o seu parceiro? — Com um dedo, ele levanta um dos meus coldres. — Certamente não com *essas* armas? Você esperava usá-las contra mim? — A boca do Ladrão se curva. Ele puxa a lâmina e a joga de lado. — Lamento dizer que você não pode me matar com nenhum dos brinquedinhos que trouxe.

E... lá se vão os planos que eu tinha.

Lentamente, o Ladrão me circunda, estendendo a mão enquanto remove várias armas. O tempo todo parecendo entediado e nada impressionado.

A situação está ficando cada vez pior. Eu vim aqui para salvar meu parceiro e, em vez disso, o Ladrão provou que nada à minha disposição

pode machucá-lo.

Eu me afasto dele, e ele deixa, mesmo que ainda não tenha terminado de me desarmar. Ainda tenho uma adaga presa à coxa e outra no coldre em volta da panturrilha. Para me deixar com algumas armas... elas devem ser realmente inúteis contra ele.

Minha atenção volta para Des. O Rei da Noite ainda parece a própria morte. Eu poderia fingir que meu coração não está deitado aqui neste altar, mas o Ladrão já sabe o que ele tem.

Eu descanso minhas mãos no braço da minha alma gêmea; sua pele está assustadoramente fria. — Por que você fez isso com ele?

O Ladrão para ao meu lado. — Se você soubesse alguma coisa sobre vantagem, saberia a resposta para isso.

Eu me viro para o Ladrão, uma resposta em meus lábios. Mas em um instante, ele desaparece, desaparecendo como Des e Galleghar fazem.

Eu sinto sua magia sombria e cruel ao meu redor. É selvagem de uma maneira que nem a magia dos fae é. Ela se dispersa pelo ar, depois desliza para baixo em direção ao Rei da Noite, até que não esteja mais no ar, mas no *meu parceiro*.

Sob meus dedos, o braço de Des se contrai. Eu sobressalto com a sensação. Então meu aperto fica mais forte.

— Des?

Seus olhos tremulam e seus lábios se movem, como se ele estivesse murmurando alguma coisa. Mas nossa conexão parece enfraquecer.

Querido Deus, o que está acontecendo?

A magia selvagem e malévola se eleva de Des, e lá está mais uma vez.

Eu esfrego meu peito quando nosso vínculo volta a se fortalecer.

— Ah, bom, não custa nada tentar.

Estremeço quando o Ladrão se aglomera atrás de mim.

— Eu esperava ter mais alguns dias — diz ele. — Então, talvez a minha forma — Ele alisa a camisa. — Seria um pouco mais... ao seu gosto.

Eu giro para encará-lo. — Do que você está falando? — Mas então entendo.

O Ladrão estava tentando invadir o corpo do meu companheiro.

Um raio de puro terror passa por mim.

É isso que ele pretende fazer? Usar a forma de Des exatamente como ele usava a do Homem Verde? Para me aterrorizar com o rosto do meu parceiro enquanto ele habita o corpo do Rei da Noite?

Bile sobe pela minha garganta enquanto eu encaro suas feições sombrias.

Não, eu quero avisá-lo. Existe passar dos limites, e existe *passar dos limites*. Desfilar por aí usando o corpo da minha alma gêmea cai na segunda categoria.

Mas, é claro, não digo isso porque tenho uma profunda convicção de que quanto mais exponho meus medos, mais provável é que o Ladrão os explore.

— Esse é o seu verdadeiro rosto? — Eu pergunto.

— Quem disse que eu realmente tenho um rosto? — Ele retruca.

Um calafrio percorre minha espinha.

— Esta, encantadora, é a forma que eu escolhi usar - por enquanto. — Diz o Ladrão.

O som de passos interrompe nossa conversa.

Galleghar entra na sala, parecendo vagamente irritado. Ou talvez essa seja a expressão normal dele.

Provavelmente é a expressão normal dele.

Primeiro Galleghar vê seu filho deitado no altar de pedra, depois percebe o Ladrão parado ao meu lado.

Os olhos dele se estreitam no parceiro. — Como você pôde me deixar com essa humana? — Ele acusa a fada ao meu lado.

O Ladrão de Almas se afasta de mim, avaliando Galleghar. Não há nada por trás dos olhos do Ladrão, nem camaradagem, nem suavidade – nada para indicar que esses dois têm algum tipo de proximidade.

— O que exatamente eu deveria fazer? — Pergunta o Ladrão. — A Rainha da Noite domina meus soldados.

— Ela *não* é uma rainha. — Diz Galleghar com veemência.

— Ela é. — insiste o Ladrão.

Galleghar me lança um olhar que diz claramente que ainda discorda.

— Você deveria *matá-la* — diz o pai de Des. — O que diabos aconteceu com esse plano?

Ainda me lembro do ataque em Barbos; o Ladrão não me deixou morrer lá. Aparentemente, eu não sou a única surpresa com isso.

Algo no ar muda, e a magia do Ladrão se agita. Parece violenta.

— Eu a matei. Na floresta de Mara. — O Ladrão responde facilmente.

— E, no entanto, aqui está ela — diz Galleghar. — Você teve uma oportunidade perfeitamente boa em Barbos, mas não quis se comprometer. Pior, você não me deixou terminar o que *não conseguiu*.

Os dois se entreolham por alguns segundos, e eu estou estranhamente calma com a coisa toda, considerando que eles estão discutindo sobre me matar.

— Você cometeu um erro vindo aqui. — Diz o Ladrão.

— Não — a voz de Galleghar se eleva — *Você* cometeu um erro maldito, sonhando com essa mortal. Você deixou seu pau tomar decisões quando tínhamos um plano.

A sala praticamente crepita com energia. Juro que algo está prestes a acontecer.

— Mate-a. — diz Galleghar, caminhando em nossa direção. — Ou deixe que eu mesmo faço.

O Ladrão o lança um olhar indolente.

— *Mate-a.* — repete o pai de Des, insistente.

Magia inunda o ar. E ainda assim, o Ladrão não faz nenhum movimento.

É resposta suficiente.

O lábio superior de Galleghar se curva. — Você fez um *juramento*. Cumpra sua parte e mate...

— *Não.*

CRACK!

Magia divide o ar e Galleghar é jogado para trás. Seu corpo bate em uma parede com prateleiras, livros, ossos e jarros, todos caindo nele. Ele cai no chão, gemendo.

A forma do Ladrão ondula, como se fosse uma miragem, sua magia tão intensa que dobra a luz. Uma escuridão está se formando ao redor dele, escurecendo a sala.

Não sei se esse é o poder emprestado de Galleghar ao Ladrão, ou o dele, mas é estranhamente parecido com o de Des.

O pai de Des parece chocado, caído lá. — Você quebrou seu juramento. — Ele sussurra.

— Não sei por que você está tão surpreso — diz o Ladrão. — Você mesmo disse: não a matei em Barbos quando tive a chance.

A voz de Galleghar começa a subir. — Nós tínhamos um acordo!

— Você pensou que um *juramento* me prenderia? — O Ladrão caminha para a frente, examinando Galleghar casualmente. — Depois de tudo que você aprendeu sobre a minha natureza, você pensou que seria suficiente?

— Eu te *libertei.* — Diz o pai de Des.

O Ladrão agita o pulso e um raio de magia fatia o peito de Galleghar, cortando-o até os ossos.

Eu estremeço com a violência repentina, mesmo quando o pai de Des solta um grito chocado.

Ele se vira para mim. — Me liberte! — Galleghar implora.

— Libertar você? — Eu ecoo. *De que?*

— Seu glamour ainda me prende — explica ele. — Liberte-me dele.

O Ladrão ri. — Você acha que desaparecer vai salvá-lo? Eu posso te seguir até os cantos mais sombrios do universo. Nunca estará a salvo de mim.

Ele pontua suas palavras com golpe após golpe mágico. O corpo de Galleghar sacode com cada um deles, os golpes rasgando sua carne. O ex-rei grita de dor e raiva.

Ele tenta se levantar. — Por favor. — Ele me implora novamente.

O Ladrão ri. — Você está implorando para a escrava agora? Como as marés mudaram, meu amigo. Eu pensei que você a queria morta.

O Ladrão de Almas move o pulso para frente e para trás, para frente e para trás, cortando Galleghar centímetro por centímetro, com um pequeno sorriso no rosto.

— Você se arrepende do preço que pagou pelo poder? — Ele pergunta.

Mas Galleghar está além das palavras, seu rosto é uma massa sangrenta. Quaisquer que sejam os poderes regenerativos que ele tem,

ele não pode ou não os usará.

Em algum momento, eu me afasto. Tenho muita sede de sangue, mas há vingança e depois há sadismo. Isso é o último.

Volto para a altar de pedra, para Des, ignorando os sons sufocados atrás de mim.

Suavemente, afago sua bochecha. *Como vou nos tirar daqui?*

— Negociador, — eu sussurro — eu gostaria de fazer um acordo.

Nada acontece. Eu não esperava que algo acontecesse, mas é uma decepção de qualquer forma.

Minha outra mão desliza para o braço de Des, seus braceletes de guerra estão gelados contra a minha pele. Seu diadema correspondente está apoiado em sua testa. Ele nunca pareceu tanto um rei quanto agora, deitado aqui como os mortos solenes.

Galleghar parou de gemer, e o som molhado de pele sendo rasgada se foi. No silêncio, os passos do Ladrão ecoam como sinos tocando.

Ele se aproxima e sem cerimônia pega minha mão, me puxando para longe de Des.

— Venha, — diz o Ladrão. — Tenho muito a lhe mostrar.

Eu resisto. — Acorde ele.

— Ok.

Eu me viro para encará-lo, chocada com sua resposta.

O Ladrão chega bem perto, forçando-me a recostar-me no altar. Seus braços se movem para ambos os lados do altar, me prendendo.

— Diga-me, — diz ele — o que você faria para acordar seu parceiro?

Qualquer coisa.

Eu não respondo. Eu não preciso. O Ladrão sabe.

Ele se inclina para perto. — Agora, encantadora, você e seu companheiro tinham um joguinho que costumavam jogar – Verdade ou Desafio. Por que não tentamos?

Meu lábio superior torce.

Este é o nosso joguinho – e confie em mim, encantadora, está longe de terminar.

— Então, verdade... ou desafio? — Ele pergunta, seus estranhos olhos vazios brilhando.

— Nenhum.

— Receio que isso não seja uma opção — diz ele. — Por que não começamos com um simples desafio: me toque.

— Não.

O Ladrão faz uma pausa e então sorri. Só então percebo que ele quer minha desobediência mais do que qualquer outra coisa.

Ele olha para Des. Eu sigo seu olhar, inquietação formando uma bola no meu estômago.

De repente, as costas do Rei da Noite se arqueiam e ele começa a gritar.

Meus joelhos quase dobram com o som.

Tanta dor. Eu posso sentir ecos disso através do nosso vínculo.

— Pare. — Eu sussurro.

O Ladrão me ignora e Des continua a gritar, os olhos cegos. O som fecha minha garganta.

— Pare!

Ainda assim, nenhuma reação.

Engulo meu desgosto e minha raiva. Imagino por um momento que sou Des, que sou sombrio e intocável e nada pode me machucar.

Eu olho para o Ladrão. Em toda a minha vida, nunca tive tanta fome pela morte de alguém. Mas, em vez de tentar matá-lo, levanto a mão e embalo a lateral do rosto do Ladrão.

E os gritos de Des continuam.

Os olhos do Ladrão deslizam para os meus. — Mais. — Ele comanda. Eu posso ver a emoção em seus olhos.

Existem muitas maneiras de controlar uma pessoa, mas a chantagem é, talvez, a pior de todas.

Respirando fundo, fecho os olhos e me forço a abafar os gritos horríveis do meu companheiro. Guio o rosto do Ladrão para o meu. Muito suavemente, eu escovo meus lábios nos dele.

Eu posso provar o menor indício da magia dele. Isso me lembra de todos os outros beijos em que ele me forçou.

Estamos simplesmente continuando de onde paramos.

Quando os gritos de Des finalmente se calam, solto minha mão e termino o beijo.

O Ladrão sorri para mim. — Acho que vou gostar muito deste jogo.

Vou estripá-lo por isso.

— Oh, não me olhe assim, Callie. Você aprenderá a amar ou a viver com isso. Porque você *vai* viver. Afinal, isso fazia parte da barganha do seu companheiro.

O que?

— Des fez uma barganha com você? — Meu coração gagueja. Olho para meu companheiro, seu rosto calmo.

Você e eu tínhamos um acordo, ele disse ao Ladrão.

— Desmond, Desmond, Desmond, *sempre* o guardião secreto — diz o Ladrão. — Ele não te contou o quão longe foi, para tentar salvá-la?

Eu continuo olhando para a forma adormecida do meu parceiro. A luz tremeluzente faz as sombras dançarem ao longo de sua pele. Talvez seja apenas minha imaginação, mas parece que a escuridão está sofrendo por ele.

Des, o que você fez?

Tremo ao pensar que, seja o que for que Des tenha tramado e planejado, isso o fez acabar aqui, neste estado. Eu nunca conheci alguém que tirou vantagem do Negociador.

Não assim.

O Ladrão se afasta de mim, circulando em torno do altar. Isso me deixa nervosa, vê-lo se concentrar em Des quando minha alma gêmea está tão

exposta.

— Ouvi muitas coisas sobre as barganhas infames do Rei da Noite. Como ele era astuto, calculista e implacável. O amor parece ter sido sua queda.

— Veja, ele veio até mim a não muito tempo – ele te contou isso? Ele veio até mim e fez um acordo: desde que eu nunca matasse ele ou sua preciosa parceira, ele se tornaria voluntariamente meu prisioneiro.

A sala parece se inclinar um pouco e eu tenho que apoiar a mão no altar. Meus olhos voltam para Des.

Isso não é vida. Isso é algum tipo de zombaria.

Mas Des devia estar ciente disso. Ele viu os soldados adormecidos, sabia que o Ladrão poderia manter um homem vivo sem que eles realmente vivessem.

Então, por que ele faria um acordo?

O Ladrão olha para o Rei da Noite. — O que seu cônjuge não sabia é o seguinte: a pior dor vem com a vida, não com a morte.

Des *nunca* deixaria algo assim passar despercebido.

A questão é: o que *eu* estou deixando passar?

— Você sabe — continua o Ladrão — ele ainda está aí. A mente dele, tudo. Talvez eu o acorde... — Posso ver as engrenagens na cabeça do Ladrão girando.

Engulo em seco sutilmente. Quero ver os olhos de Des abertos, mais do que qualquer coisa no mundo, mas não quero que o Ladrão os force a se abrirem – e não quero que Des veja o que ele quer.

O Ladrão desvia o olhar primeiro. — Talvez revisemos esse pensamento emocionante mais tarde.

Ele pega minha mão novamente.

— Eu não vou deixá-lo. — Eu insisto. Não posso. O pensamento de me afastar de Des agora que finalmente o encontrei é insuportável.

— Você vai. — O Ladrão insiste, um pouco de seu bom humor desaparecendo.

Eu mostro meus dentes para ele. — Me obrigue.

Eu ainda estou brilhando, ainda feroz com meu poder.

Ele ri, o som deslizando pelos meus braços. O aperto do Ladrão aumenta, me acorrentando a ele. — Você percebe que eu poderia imobilizá-la, assim como eu fiz com seu companheiro? Eu já fiz isso com milhares de fadas diferentes. Agora que você já provou o vinho lilás, não é diferente de nenhuma delas.

Ele tem razão. Ele poderia me incapacitar tão facilmente. Sua ameaça paira sobre minha cabeça como uma lâmina.

Eu observo seu rosto. — É isso que você vai fazer? Você vai forçar magia em mim, assim como fez com todas as outras fadas?

Ele não precisa falar para eu obter a resposta.

— Você *não vai*. — Oh Deus, ele vai fazer tudo, *menos* isso. Por alguma razão perversa, o Ladrão quer me ver resistir.

Sua mão desliza para o meu pulso, onde escamas douradas espanam minha pele. Ele aperta minha carne a ponto de doer.

— Você sente isso? — Ele pergunta.

Por um momento, acho que ele se refere ao aperto no meu pulso. Mas então há uma agitação no meu peito, e o que está acontecendo? Minha mão se move sobre o meu coração, depois minhas costas se curvam quando uma onda de magia inunda minha conexão com Des.

Por um instante, parece que o vínculo que compartilhamos está voltando à vida. No altar, Des se mexe.

Tão rapidamente como a sensação chega, ela passa, voltando às brasas que estavam. Minha alma gêmea fica quieta novamente.

— É isso que está em jogo para você. — Diz o Ladrão.

Eu o odeio. Cristo, eu o odeio.

Ele segura a vida de Des na palma da mão e, embora ele não possa matar completamente meu companheiro, ele vai balançar nosso vínculo na minha frente. É tudo o que ele precisa fazer para obter minha conformidade.

— Isso é que vai acontecer: — diz o Ladrão — Você vai fazer tudo o que eu digo. Caso contrário, você perde Des, pedaço por pedaço. — Para enfatizar seu argumento, a magia engrossa o ar, e as costas de Des arqueiam novamente. Como num sonho doentio, meu companheiro começa a gritar de novo.

— Pare–pare! — Estou gritando, e meu glamour está em todo lugar e em tudo, queimando intensamente. Não faz nenhuma diferença.

— Entendido? — O Ladrão diz calmamente, Des berrando entre nós enquanto a dor continua a atormentar seu corpo.

Minha ira se acumula em minhas veias, mas esses gritos – é como se uma parte de mim estivesse morrendo.

— Entendido. — Eu digo, minha voz grossa.

Des estremece, seu corpo caindo frouxo no altar de pedra.

— Você vai se arrepender disso. — Eu digo, ardendo com raiva mal contida.

— Não, encantadora, é você quem vai se arrepender, se me desafiar novamente.

Capítulo 42

O LADRÃO ME leva para fora da sala e através do castelo, me mostrando isso ou aquilo, enquanto usa um sorriso triunfante nos lábios. Nós dois sabemos que ele não dá a mínima para nada neste castelo roubado dele, exceto pelas almas miseráveis que ele atormenta. Ele está apenas saboreando minha dor.

Vamos esfaquear seus olhos e cortar a língua dele...

Desde que o Ladrão começou a nos guiar pelo palácio, minha sirene sussurra todas as maneiras pelas quais ele pagará por seus crimes.

Vamos levá-lo ao ponto de prazer e depois destruí-lo, pois sempre *destruímos nossos inimigos.*

Eventualmente, o Ladrão me leva para uma varanda. De onde estamos, posso ver o vasto oceano. Sob a cobertura da noite, parece tinta derramada, estendendo-se até onde os olhos podem ver.

Ao meu lado, sinto o Ladrão prestes a falar.

— Por que estou aqui? — Eu pergunto, girando para ele. — Por que não me mata ou me incapacita como todas as outras fadas que você encontrou?

Isso teria sido mais fácil.

O Ladrão faz uma pausa, me avaliando.

— Por quê? — Ele finalmente diz. — Por quê, por quê, *por quê*? Vocês e suas necessidades de respostas lógicas e ordenadas. Quando alguém se apaixona, é lógico? E quando eles odeiam cegamente, isso também é lógico? Seus instintos mais profundos são baseados em *nada*. O que você está pedindo é uma explicação para o inexplicável.

Eu não esperava essa resposta. O Ladrão de Almas ficou filosófico comigo.

Ele se aproxima. — Pare de tentar me entender. Você *nunca* entenderá meus motivos. Eu não sou como você ou qualquer outra pessoa.

Eu o estudo. — O que você pretende fazer comigo?

Agora esse sorriso sinistro está de volta. Um minuto atrás, eu quase podia fingir que ele era civilizado. Eu não posso agora.

— O que eu quiser. — Diz o Ladrão.

Gostaríamos de vê-lo tentar.

— Sim, eu entendo isso, mas o que isso realmente significa?

— A antecipação está matando você, encantadora? — Ele toca uma mecha do meu cabelo, sua mão deslizando para baixo. — Isso significa que eu terei você das formas mais óbvias que você teme – eu vou te foder, vou comer essa bucetinha encantadora, vou fazer você se apaixonar por mim. Mas isso não será o fim. Há muitas coisas que você fará para me agradar, e há muitas coisas que farei para você para me agradar. Isso vai continuar até que você não possa mais fazê-las.

Até que meu espírito esteja totalmente quebrado, ele quer dizer.

— A verdadeira questão é por quanto tempo você sobreviverá às minhas... atenções. Sua vida agora é medida em séculos, não décadas. Essa sua mente é mais resiliente do que era quando você era humana – e, é claro, seu vínculo a manterá sã e manterá suas prioridades exatamente onde eu preciso que elas estejam. Tenho a sensação de que você vai durar muito tempo.

A terrível verdade é que, apesar de estar ciente de que o Ladrão está usando meu vínculo contra mim, ainda vou jogar na mão dele. Porque ver Des com dor e senti-lo escapar de mim, isso me deixa em pânico.

— Você vai descobrir que eu não sou tão divertida em cativeiro. — Eu não era quando eu era prisioneira dele antes. Desta vez também não serei.

— Pelo contrário, acho que você será extremamente agradável.

Não consigo nem imaginar o futuro que ele pretende para mim. Todos aqueles minutos, horas, dias, anos – *séculos*. Tudo isso é um show de horror doente e distorcido.

Talvez isso seja o inferno. Talvez isso seja um inferno e eu esteja apenas tendo um gostinho de como vai ser.

Olho para o mar, franzindo a testa. Ele se estende até a noite e não está claro o que – se existir alguma coisa – está além dele.

Um píer se projeta para fora do terreno do castelo. Amarrado a ele está um navio solitário, suas velas em farrapos e seu casco afundado nas águas. Ele se inclina severamente para um lado, e o cordame do navio oscila fracamente, apesar de não ter brisa para movimentar nada disso.

De repente, fico impressionada com a verdadeira estranheza deste lugar.

Por que o Reino da Morte e Terra Profunda teria um palácio próximo a um oceano estranho? Por que haveria um navio? E por que esse navio cairia em desuso?

E falando do inferno e da vida após a morte...

Eu olho em volta. — Onde estão todos os mortos?

É de se pensar que eles vagariam por esses corredores, como espectros ou pessoas de sangue puro, mas eu não vi outra alma além de Des e Galleghar – e o Ladrão, é claro.

O Ladrão olha para mim, sua expressão não revelando nada. — Eu vou mostrar para você em breve.

Com essa resposta enigmática, ele pega minha mão e me leva

placidamente de volta para dentro de seu palácio, com suas paredes pálidas e trepadeiras vermelho-sangue que parecem feridas abertas.

Passamos por várias salas, cada uma parecendo como a última, e essa não deve ser diferente, exceto que é. Quando entramos, vejo alguém que não reconheço.

A fada está coberta de algemas de ferro – pescoço, pulsos e tornozelos. Correntes grossas de ferro unem as algemas.

Eu respiro fundo com a visão de sua pele empolada e cheia de bolhas.

A fada não está sozinha. A mulher ao seu lado tem um brilho etéreo.

Ela está morta, percebo chocada.

Eu não pensava que o Ladrão iria me mostrar os mortos logo após sua resposta enigmática.

Se os mortos se parecem com isso...

Des não está morto. Eu não pensei que estava, mas não tinha certeza. Este lugar dobra a realidade.

O homem algemado nos ignora completamente, observando a mulher morta.

— Quem é ele? — Eu pergunto quando passamos pelos dois.

— Kharion, o barqueiro.

O barqueiro?

— Você quer dizer o cara que transporta os mortos? — De volta à terra, tínhamos mitos humanos sobre isso. Eu não tinha percebido que, pelo menos no Outromundo, a vida após a morte realmente funcionava dessa maneira.

— Quando penso que sua única qualidade redentora é o seu rosto, você me surpreende com seu intelecto infinitesimal. — Diz o Ladrão.

Meu olhar afia.

— Por que ele está algemado? — Eu pergunto.

— Não concordamos em alguns pontos.

Antes que eu possa fazer mais perguntas, o Ladrão me arrasta para fora da sala e seguimos em frente.

— Para onde vamos? — Pergunto.

Estou ficando impaciente. Minha sirene ainda está sussurrando seus planos sombrios, e não estou colocando nenhum deles em ação, porque tenho medo de que nada pare o Ladrão – nada além de paciência e pegá-lo de surpresa.

— Supus que você gostaria de ver onde está hospedada.

Eu não vou ficar. Vou sair daqui com Des assim que tiver uma boa oportunidade – ou então Temper estará descendo aqui para chutar todas as nossas bundas.

Nós dois chegamos a uma porta gótica e olho para o Ladrão, uma sobrancelha erguida. Em resposta, ele me lança um sorriso malicioso.

Com um rangido sinistro, a porta se abre.

— Bem-vinda aos nossos aposentos.

Nossos.

Meu sangue congela quando meus olhos varrem o espaço. Mesmo sendo corajosa e brava, ainda tremo ao ver o que está a minha frente. A cama, com seus lençóis carmesim, tem algemas e correntes de ferro presas aos quatro postes. É óbvio que elas para mim.

Há uma dama de ferro na sala, uma gaiola de tamanho humano pendurada no teto e uma Roda para tortura. Existem correntes penduradas nas paredes e nos tetos, e quase todas as superfícies possuem fixadores de ferro ou couro.

Parece que uma masmorra para BDSM conheceu a Inquisição e eles tiveram alguns filhos fodidos juntos.

Minha mão vai para o meu coldre na coxa.

Mate-o, mate-o agora antes que ele possa nos acorrentar.

O Ladrão sai do meu lado e caminha até a roda. — Gostaria de testar essa aqui?

— Não é muito o meu estilo. — Eu digo.

Assistir você morrer é.

— Você já experimentou?

Obviamente não. Não brinco de tortura leve nos fins de semana.

— O que você acha? — Eu digo, minha voz estridente.

— Acho que você não saberá do que gosta até que experimento.

— Eu não sabia que meu prazer importava para você.

Sua mão deixa a roda e ele caminha até mim, aproximando-se. — É melhor você esperar que isso importe para mim, encantadora. Caso contrário, os próximos duzentos anos da sua vida poderão ser muito, muito sombrios.

Estou tensa, esperando o Ladrão quebrar essa máscara de civilidade. Não vai durar muito com ele – nunca dura. E existe algum lugar melhor para começar do que nesta sala fodida?

Mas isso nunca acontece. Sua mão agarra a minha, e ele me leva para fora do quarto e através do corredor.

Se eu pensava que este era o fim da turnê pelo palácio, estava profundamente enganada.

— Você sabe como os Reis dos Mortos conseguiram poder? — Ele pergunta causalmente enquanto caminhamos.

Não tenho ideia do que mais ele espera me mostrar neste castelo. As masmorras, talvez? Mesmo um babaca como ele tem um número limitado de surpresas terríveis para compartilhar.

— Eles – *nós* – *temos* que sequestrar nossas noivas — diz ele. — Isso não é incomum para uma fada. Caso você não tenha notado, gostamos de raptar rapazes e donzelas. Tudo faz parte da emoção.

— Mas os Reis da Morte – bem, eles sempre fizeram as coisas um pouco diferentes. Para escolher suas noivas e noivos, usavam a pele dos mortos e iam para a superfície. Invariavelmente, sempre há um festival fae ou outro acontecendo pelo Outromundo. Eles sempre foram o campo de caça favorito dos governantes dos mortos.

Minha pele arrepia quando penso no Solstício. Como o Homem Verde me procurou de novo e de novo.

— É surpreendente, sério, quantas fadas amam um estranho misterioso. Dê a eles estimulantes o suficiente e deixem-os dançar até ficarem bêbados com magia e vinho... É *tão* fácil sussurrar algumas promessas e atrair uma fada.

Estou começando a entender onde a conversa está indo.

— Então os Reis da Morte atrairiam seus cônjuges para o Reino da Morte e Terra Profunda. Eles os batizariam no poço da ressurreição e amarrariam seus parceiros ao lado deles – para sempre.

A mão do Ladrão desliza para o meu ombro, seus dedos cravando. — E então aquelas noivas e noivos viviam aqui, assim como você irá.

Sim, isso não vai acontecer, porra.

— É claro que tomar o corpo dos mortos é útil para mais do que apenas arrebatar cônjuges. Pode-se atrair praticamente qualquer fada usando o rosto de seus amados falecidos.

As soldadas adormecidas, é a isso que ele está se referindo.

— Então eu raptei fada após fada e as fodi e soprei minha magia em seus corpos até que, uma a uma, elas ficam sob meu comando.

Eu já sei a verdade lúgubre sobre os soldados adormecidos, mas ouvir o Ladrão de Almas recontar tudo isso faz meu estômago revirar.

— Os homens eu escondi. Mas as mulheres... eu peguei seus bebês e seus corpos e os entreguei de volta para onde eles vieram.

— Elas eram o meu exército, e eu levei minha escuridão para o mundo acima e a observei crescer. — Ele esfrega o lábio inferior com o polegar, depois solta uma risada. — Para dizer a verdade, tudo se tornou muito chato... até que, é claro, era hora de lidar com o Rei da Noite. Foi assim que descobri seu parceiro tão charmoso.

— As sombras não paravam de falar de você. A humana mais bonita que elas já viram. A amada alma gêmea do Rei da Noite. Elas são muito conversadoras, *se* você puder fazê-las cantar.

Tropeço até parar, a mão do Ladrão escorregando do meu ombro. — Você pode falar com as sombras?

Querido Deus.

O Ladrão sorri maliciosamente. — Você pensou que seu companheiro era o único? Ele não é. As sombras sussurram para mim também.

Isso é... realmente, realmente péssimo. Também explica como o Ladrão sabe tanto. As sombras são suas espiãs.

Ele agarra meu ombro mais uma vez e me força a voltar a andar.

Estátuas de armadura, espadas em exibição, arquitetura majestosa; mal registro tudo isso enquanto passo.

— Elas me disseram tudo o que preciso saber sobre você — diz o Ladrão. — Eu ouvi tudo sobre sua vida fodida, meu lindo pássaro. Eu sei que seu padrasto a estuprava repetidamente. Sei que você o matou e que nosso galante Desmond Flynn veio e te salvou. Você sabia que ele

ressuscitou seu Papai Querido?

Ele fez *o que*?

Imediatamente, duvido das palavras do Ladrão. Des teria me contado sobre algo assim.

— É claro, — continua o Ladrão — foi apenas para que ele pudesse torturar e matar o homem novamente. Eu aprecio uma boa matança. Pena que depois Desmond decidiu se tornar um homem honroso, tudo para se impedir de te foder prematuramente.

Percebo distraidamente que entramos em outra sala, nossos passos ecoando nas paredes de pedra.

— Eu sei que a magia do Rei da Noite manteve vocês dois separados por sete anos — continua o Ladrão. — Eu sei que vocês fizeram um ao outro promessas *muito* ardentes – o Reino da Noite realmente sabe como fazer um bom romance. "Até que a escuridão morra"... Sério, é um sentimentalismo adorável.

— Sabe, só existe um problema com essa frase...

Ele para e se vira para mim.

— Eu.

Capítulo 43

MINHAS SOBRANCELHAS FRANZEM. — Do que você está falando? — Olho ao nosso redor enquanto pergunto.

Eu já estive aqui antes, eu percebo.

Aquelas colunas de ossos, o teto que dá lugar à noite escura acima. Aquela piscina inquietante, que zumbe com magia, e o trono do Ladrão. Este último brilha e pisca à luz das velas, seus espinhos pontudos parecendo especialmente afiados e mortais.

A sala do trono do Rei da Morte.

Nada de bom acontece nesses aposentos.

— Estou falando sobre quem sou. — responde o Ladrão.

Ele começa a me circundar e minha pele brilha mais do que nunca.

— Você viu todos aqueles soldados caídos na minha porta. Nós dois sabemos que eu não nasci neste reino, que invadi este lugar. Que vivo há séculos, que Galleghar me usou para salvar sua própria vida.

Ele termina sua volta, parando na minha frente.

— Então, quem sou eu? — Ele diz. — A pergunta que todos querem saber.

O lugar é ameaçadoramente silencioso, o único som vindo da piscina que se estende do outro lado da sala.

— Não um conquistador, — Ele balança a cabeça. — Não um rei. Eu vim de um tempo antes de tais coisas.

— Veja bem, eu não sou homem. Eu sou um *deus*.

UM... DEUS?

— Não fique tão chocada, encantadora — diz o Ladrão. — Se uma mulher fala com a escuridão – ela fica realmente tão surpresa quando a escuridão responde?

Não tenho tempo para sentir descrença ou questionar a afirmação do Ladrão. Seu corpo começa a se expandir diante dos meus olhos, sua forma escurecendo até que ele nada mais é do que a forma de um homem. Pontos de luz – que parecem estrelas – brilham profundamente dentro daquela escuridão. Eu mal consigo entender suas características entre tudo isso.

Dou um passo para trás quando o ar parado começa a se mover e

agitar.

Ao nosso redor, as velas começam a tremeluzir e o zumbido da piscina parece ficar mais alto.

— Todo esse tempo, você queria saber quem eu sou. Encantadora, sou *Euribios.* — Ele respira o nome com um tremor de magia. Ela desliza pela minha pele. — Eu sou o que veio *antes*.

Sinto essa parte da sua magia então – não a maldade dela, mas a *selvageria*.

Eu o encaro enquanto ele fica cada vez maior. A sala começa a escurecer, sua forma sugando a luz.

Entre toda aquela escuridão, sinto seu sorriso, e isso me arrepia inteira.

— Houve uma época em que Morte e Noite eram a mesma coisa. E não havia mais nada.

A sala está dando lugar à sombra, e o Ladrão está perdendo sua forma.

— Naquela época, quando o mundo era jovem, antes que tudo acontecesse, eu reinava supremo.

É aí que me lembro de onde ouvi o nome Euribios. Janus o mencionou em referência a algumas obras de arte.

Ele tinha sido o deus primordial das trevas.

Porra de Matusalém. O Ladrão não é *apenas* um deus; ele é um dos maiores.

— Vou reinar novamente — continua ele. — Reino por reino, tomarei este mundo até que nada seja deixado – nem vida, nem vida após a morte. Vou derrubar o sol e consumir a terra.

Meus ossos tremem com o pensamento.

Ele está falando de aniquilação.

— Mas não tema, mortal, eu *vou* adiar o fim, já que assim que este mundo se for, não haverá nada para me entreter novamente.

Nós devemos acabar com ele. Não se trata mais de vingança. É sobre preservação.

— Na primeira noite do solstício, — diz Euribios — você se lembra do que Mara disse?

Enquanto ele fala, ele continua a crescer, sua forma se expandindo até sua cabeça tocar o teto, seu corpo se tornando um com a escuridão.

— "Do fundo do ventre da noite nascemos, e para o fundo da noite nossos espíritos retornamos quando o corpo morre e a carne esfria."

Com essas palavras, a sala fica escura.

Euribios e eu e tudo mais neste submundo somos engolidos pelo vazio que ele criou.

— Eu sou o começo e o fim — continua ele. — Sou morte e trevas, mas sou infinitamente mais. Eu sou o que veio antes e sou interminável.

Sinto... sinto como se estivesse me perdendo. As sombras estão engolindo tudo. Meu corpo, minha mente, meu *vínculo*.

Não perderei isso.

O impasse acabou. Minha paciência esgotou.

Pego a lâmina escondida no coldre da minha coxa e a outra presa à panturrilha, aquelas que o Ladrão foi arrogante demais para remover.

Eu ando em direção a essa terrível escuridão, armas levantadas, minhas asas se abrindo atrás de mim. Não consigo ver Euribios, mas sinto-o, seu corpo o epicentro de sua magia.

Minhas asas batem e, com um salto, eu subo no ar.

Cega pela escuridão, uso meus outros sentidos para me aproximar de Euribios. Meu olfato, audição e capacidade de sentir magia.

Aproximo-me dele, minhas lâminas prontas.

No instante em que me preparo para atacar, sinto minha conexão com Des se agitar, e então... *desperta*.

Des.

Isso quase me faz parar. Quero acreditar que Des é o responsável pela sensação, mas Euribios é o mestre das marionetes, Euribios que mantém nosso vínculo como refém, Euribios que agora está me provocando com tudo o que tenho a perder.

E com este único ato eu posso perder tudo.

Não tenha medo de si mesma, querubim. Você é exatamente como deveria ser.

Com um único golpe poderoso, afundo as lâminas naquela terrível escuridão. Eles atingem *algo*; eu posso sentir a resistência. Não é carne, mas também não é apenas ar.

Eu tiro minhas armas. Então mergulho-as em carne estranha novamente. Meu corpo brilha o tempo todo e sorrio violentamente, minha sirene me enchendo.

Minha conexão com Des ainda queima intensamente, e eu deveria ter medo disso. É exatamente isso que o Ladrão quer – me fazer entender o que tenho, para depois sentir a dor de sua perda. Mas a sensação me dá uma força perversa.

Nós o derrotaremos.

Entre a escuridão, Euribios ri. Um momento depois, eu o sinto agarrar meus punhais pelas lâminas.

— Você ainda acha que pode me matar? — Ele pergunta, inclinando a cabeça. — Eu sou uma divindade.

Ele tira as armas das minhas mãos e as joga de lado.

Eu o golpeio com minhas garras, minha sirene me consumindo.

Euribios não tem carne como eu. Eu nem tenho certeza do que estou rasgando, só que mesmo naquela escuridão, ele ainda tem substância.

O tempo todo, meu vínculo pulsa. Sinto Des do outro lado.

— Chega. — Diz Euribios.

A magia ao meu redor muda, e eu mudo com ela, evitando fluidamente o poder das trevas.

Entro de novo e colido com magia e carne. Imediatamente, afundo minhas garras na substância – seja qual for. Não consigo ver nada, exceto

pelas galáxias brilhando em sua forma, mas é o suficiente.

Algo como sangue desliza entre meus dedos enquanto faço um rasgo na forma estranha do Ladrão.

Atrás de mim, sinto sua magia se aproximando de mim novamente. Imediatamente eu solto minha mão, caindo no chão assim que seu poder se move sobre minha cabeça, agitando meu cabelo. Eu ouço um estalo quando o Ladrão atira magia.

— Deuses não podem me destruir. — Sua voz troveja na escuridão. — É tolice pensar que *você* pode.

Eu pulo de volta no ar, garras à mostra. Eu ataco a escuridão mais uma vez.

Vamos ver se essa coisa tem um coração.

Não consigo ver seu corpo, mas ainda resta algo dele na escuridão. Meus dedos rasgam sua carne estranha, procurando algum ponto vital.

Ele sibila com o ataque.

Vamos encontrar o coração dele – vamos encontrá-lo e arrancá-lo.

Sinto osso e sangue...

A mágica de Euribios bate em mim. Ou talvez seja a mão dele; impossível dizer quando o mundo está tão escuro e ele se transformou em algo que é meio humano, meia sombra.

— Chega!

Ele me joga no chão, meus ossos estalando com o impacto.

Eu gemo.

Coisas estão... quebradas. Alguns ossos das asas, costelas.

Não o matei. Não cheguei nem perto.

Eu posso sentir a forma de Euribios, sua imensa e sombria forma pairando sobre mim, seu poder me prendendo no lugar.

Eu começo a me arrastar para longe. Minha magia se move através de mim, reparando ossos e tecidos por onde passa. Agora que bebi o vinho lilás, meu corpo pode se curar. Não que seja agradável.

Eu cerro os dentes quando os ossos voltam ao lugar, meu corpo palpitando com a rápida cicatrização.

O tempo todo, minha conexão pulsa.

Sinto um pé nas minhas costas. Um segundo depois, chuta minha lateral, me jogando de costas. Minhas asas desaparecem, a dor e a pressão delas sendo demais.

Estou cega e, no entanto, sinto os olhos vazios e sem alma de Euribios me encarando.

— Eu nunca vou parar de lutar contra você. — Eu digo.

— Conto com isso, encantadora.

Magia familiar – a magia de Des – se estende através de nosso vínculo e roça contra mim. Um grito sufocado quase me escapa com a sensação.

Des?

...Ssshhh... as sombras parecem sussurrar.

De repente, a escuridão se afasta. Seus tentáculos esfumaçados e

sombrios se dobram para longe, nas bordas da sala. Sinto o cheiro de ossos velhos e podres, posso ver as paredes pálidas e o trono roubado do Ladrão. Eu solto uma respiração trêmula. O zumbido silencioso da piscina atrás de mim começa novamente.

…Um truque…

...Um truque inteligente...

Os sussurros vêm de toda a parte, e sinto como se estivesse ficando louca.

Lentamente, a forma do Ladrão se torna visível. Uma a uma, as estrelas em seu corpo piscam e, em seguida, a escuridão dá lugar à carne pálida.

...ele não sabe...

Euribios ainda paira sobre mim, com o pé apoiado no meu peito. Seu próprio peito goteja com sangue negro como tinta que evapora no ar como ondas de fumaça. Algumas marcas finais de garras curam enquanto eu olho.

...Não conte a ele...

Contar o que?

Mas então, tão rapidamente quanto os sussurros chegam, eles desaparecem.

Euribios inclina a cabeça. — Como puni-la por sua transgressão?

Eu me preparo, engolindo em seco. Não sei o que está acontecendo, mas sei que minha tentativa de arrancar o coração do Ladrão provavelmente rendeu ao meu parceiro algum tipo de punição.

As sombras ao nosso redor ondulam, levantando os cabelos ao longo dos meus braços. Justo quando espero ouvir os gritos distantes de Des, não há... *nada*. Sem gritos, sem enfraquecimento do meu vínculo.

O Ladrão oscila, seu pé saindo do meu peito. Ele olha para longe de mim, para a porta.

Ele se vira para mim, suas sobrancelhas franzidas entregando sua confusão. — Hmmm... pensando bem...

Euribios levanta o pé do meu corpo e estende a mão para mim.

Eu o olho com cautela.

Quando eu não pego a sua mão, ele sorri para mim. — Tudo bem.

Com uma mão ele alcança minha cabeça; com a outra, minha boca. Agarrando uma mecha grossa do meu cabelo, ele começa a me arrastar em direção à piscina.

Eu grito, meus gritos saindo abafados por sua mão, arranhando seu pulso – qualquer coisa para aliviar a pressão horrível no meu couro cabeludo.

— A tradição dita que a noiva de todo Rei da Morte deve ser batizada no Poço da Ressurreição.

Quanto mais perto chegamos da piscina, mais o zumbido se torna um som suave. Aquela água brilhante e *trêmula* chama minha sirene.

No momento em que estamos na borda, Euribios me levanta para que eu possa ver, em primeira mão, a piscina em que ele pretende me batizar.

A superfície da água se agita, e então algo em suas profundezas *se move*.

Não vou entrar, tento dizer, mas minha boca ainda está sendo tapada.

Outra coisa se move, um pouco de pano chamando minha atenção. Quanto mais eu olho, mais vejo – primeiro um braço delicado, depois um rosto – depois outro rosto e outro. Todas essas fadas, todas gritando silenciosamente em aparente agonia.

Jesus.

Elas se amontoam em direção à superfície, as mãos pressionadas contra a água, como se houvesse alguma barreira impedindo-as de escapar. Eu respiro fundo quando vejo um rosto familiar entre eles. A mulher fae que recentemente passou pelos corredores de Euribios agora está presa lá embaixo com quem sabe quantas outras almas.

O Ladrão me puxa para perto. — Você queria saber o que acontece com os mortos. Agora você sabe.

Eles tentam me alcançar.

Minhas asas ameaçam se expor, e o Ladrão deve perceber.

— Encantadora, você está com medo? — Ele pergunta, seus lábios roçando meu ouvido. — Porque você deveria estar. Depois que eu te jogar, você terá que lutar para sair.

Vou cortar ele de orelha a orelha e usar um colar de suas entranhas, a sirene sibila.

Com um impulso feroz, Euribios me empurra para a piscina.

Bato na água com um tapa forte, mas não afundo, não imediatamente. Minha cabeça e ombros ainda estão acima da água.

Imediatamente, eu os sinto. Os fantasmas que vivem nesta piscina. Suas peles fantasmas deslizam contra mim, e eu sinto seus dedos finos enquanto agarram meus couros, me puxando para o fundo da piscina.

— Me soltem. — Eu ordeno.

As mãos que me seguram não param.

E lá se vai minha única vantagem.

Começo a me arrastar de volta para a beira da piscina, em direção ao Ladrão que me observa com um sorriso traiçoeiro. Mais e mais mãos agarram minhas pernas, tornozelos e torso.

Os mortos estão se agarrando a mim!

Estou totalmente assustada com a sensação.

Eles não tentaram fazer mais do que isso, no entanto. Pelo menos ainda não.

Eu quero alcançar o Ladrão e implorar para que ele me salve. Raiva e orgulho detêm minha mão e minha voz. Em vez disso, resolvo encará-lo.

Ele sorri de volta para mim, sua forma escurecendo um pouco.

Não acredito que ele é um deus. Um deus maligno e amaldiçoado.

— Você sabe, — ele diz num tom de conversa enquanto eu sou arrastada para trás — eu conheci uma sirene uma vez. Ela era linda como você. E tinha um parceiro, como você. Mas é aí que as semelhanças

terminam.

Uma mão puxa meu tornozelo com força e quase perco o pé.

Eu realmente não me importo com suas histórias nesse momento. Eu só quero que essas fadas mortas parem de me apalpar.

Euribios franze a testa, seus olhos suavizando à medida que se afastam. — Mas isso foi em outra vida. — Diz ele, ainda perdido em suas memórias.

Estremeço quando corpos fantasmas se aglomeram ao meu redor. Eles me olham de baixo com olhos agoniados. Pedaço por pedaço, eles tiram meu equipamento e o levam, deixando-me apenas com a camisa e a calça que coloquei em Somnia.

Mesmo isso não basta para saciar o interesse deles em mim. Eles se aglomeram, atraídos pela minha força vital ou pelo meu glamour. Não consigo imaginar quantos foram presos nesta piscina. Nem mesmo a morte poderia libertá-los do tormento do Ladrão.

Euribios se inclina contra um pilar próximo. Enquanto ele me observa, ele começa a mover a mão, murmurando baixinho.

— O que você está fazendo?

Ele faz uma pausa no cântico, mas sua mão ainda torce e mexe. — Removendo uma proteção.

Removendo uma proteção? Que proteção?

— Existem mundos onde a magia não tem efeito sobre mim. — Diz ele em tom de conversa. — E mundos onde tem. Este é o último.

Então ele é afetado pela magia? E a proteção em questão – isso é algo que ele colocou sobre si mesmo? Algo que ele está eliminando agora?

Se sim, *isso* muda as coisas.

— Por que você está me dizendo isso? — Minha voz treme no meio da frase enquanto um braço se enrola no meu tronco e me puxa para baixo.

— Eu quero ouvir você cantar. — Diz ele quando termina.

Sinto a mais sutil agitação no ar quando a proteção se dissolve. Era tão habilmente trabalhada que não detectei sua presença e agora mal percebo sua partida.

— Não há impedimentos — continua Euribios. — Quero sentir o que todos aqueles homens sentiram quando morreram aos seus pés.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Você não é imune ao meu glamour? — Eu pergunto, minha pele brilhando. Demoro para processar, em parte porque tenho uma horda de faes mortos tentando me arrastar para baixo – mas *puta merda*.

Ele sorri um pouco, estreitando os olhos. — Encante-me, se você puder.

A sirene dispara.

Nós podemos encantá-lo.

Minhas asas se projetam, minhas garras afiam e minhas escamas surgem e se ajustam ao longo dos meus antebraços. Meu glamour vibra contra a minha pele e reveste minha garganta.

Na exibição, os mortos ao meu redor ficam frenéticos, me agarrando e me arrastando para baixo com maior urgência.

Eu luto contra eles, mas é uma batalha perdida.

E justamente quando as coisas estavam se tornando meio interessantes.

Claro, essa é toda a razão pela qual o Ladrão removeu a proteção. Ele quer ouvir meu glamour quando eu não represento nenhuma ameaça.

Se ele pode ser vítima de nós, sempre seremos uma ameaça.

Meu pescoço desliza sob a água, meu queixo ainda na superfície. Eu separo meus lábios. Há apenas duas coisas que quero dele: um, que o Ladrão libere seu domínio sobre Des; e dois, que ele morra.

Ele parece destemido. — Qualquer tentativa que você fizer contra a minha vida será frustrada. Eu também tenho meus próprios truques, encantadora.

Então, salvar Des será. Estou tentando montar a ordem correta quando os espíritos da piscina me sacodem com força. Minha boca desliza sob a superfície e tenho que inclinar minha cabeça para trás para falar.

Acabou o tempo.

— Venha se juntar a mim na água. — Eu respiro, e depois sou arrastada para baixo.

O SANGUE CORRE pelas minhas veias, minha sirene cantando enquanto eu chamo um deus para mim. Para *nós*.

Isso vem se aproximando há uma década. Foi isso que nasci para fazer.

Só agora estou finalmente ouvindo o chamado da sirene.

Alguns dos espíritos me libertam, pulando para esta nova criatura. Mesmo com meu glamour, posso dizer que os mortos o acham infinitamente mais interessante. Ele é um deus, o que o torna mais do que vivo. Ele é eterno.

Isso fará matá-lo interessante.

Assim que o aperto dos mortos abranda, subo à superfície mais uma vez, bem a tempo de ver Euribios vindo em minha direção, indiferente às mãos que o agarram. Curiosidade e desejo pelo domínio em seus traços. Esta é uma criatura que vai tomar e tomar e tomar.

Os espíritos me puxam, redobrando seus esforços, e é uma luta manter minha cabeça acima da água.

— Tão desafiadora, — diz o Ladrão, me observando com os olhos brilhando intensamente, — mesmo agora quando você sabe que lutar é inútil.

Não sei se ele está se referindo aos fantasmas me puxando para baixo, ou ao problema mais geral de eu ser cativa dele.

Meus lábios deslizam sob a superfície mais uma vez.

Euribios agarra meus ombros. — Deixe-me ajudá-la. — Diz ele, e por um momento acho que ele vai me levantar.

Mas então...

— Eu te benzo nas águas dos mortos.

Não tenho tempo para sugar o ar antes que ele me mergulhe nas profundezas da piscina.

Sob a superfície, mil almas diferentes uivam, a magia desbotada acendendo contra a minha pele.

Ele nos mantém prisioneiros.

Séculos sem descanso.

Nunca termina.

Os espíritos me arrastam cada vez mais fundo nas águas escuras.

Precisa do nosso dízimo.

Dê ele para nós.

Eles arranham a minha pele brilhante.

— *Eu vou matá-lo.* — Digo na água amaldiçoada. Minha voz soa verdadeira e clara, vibrando assustadoramente na água.

Sinto algo varrer os mortos então, algo além de sua fome e fúria.

Excitação.

O aperto deles afrouxa um pouco.

Dê ele para nós, eles repetem.

A sirene em mim sorri.

— *Eu vou.*

EURIBIOS ME PUXA para a superfície mais uma vez. — Levante-se, minha consorte. — Diz ele.

Estou abalada. No fundo dessas profundezas, ouvi os mortos e os senti. Todos aqueles que morreram durante os séculos que ele governou aqui; eles não deveriam estar definhando nesta pequena piscina.

O barco abandonado que vi anteriormente me vem à mente. A embarcação fica sem uso na doca do castelo e, além dela, um oceano inteiro aguarda. Mas o capitão, o barqueiro ou quem quer que mova as almas não está mais fazendo isso, e os fae que morreram agora estão sofrendo por isso.

Isso deve acabar.

Os espíritos me libertaram, mas as mãos do Ladrão ainda estão na minha pele, seus olhos seguindo seu toque. A humana em mim quer se afastar dele, mas a sirene o chama para mais perto.

Tão arrogante ao ficar na água com uma sirene.

Tão arrogante... e imprudente.

Salvar Des. Matar esse monstro. Esses são os dois únicos objetivos que tenho no momento. Agora que sei que meu glamour funciona no Ladrão, esses objetivos parecem tentadoramente fáceis. Mas foi o mesmo pensamento que tive quando tentei emboscar Galleghar em Barbos. Sem dúvida, há uma armadilha me esperando aqui também. Nada é fácil quando se trata do Ladrão.

Existem dois tipos de predadores. Os que perseguem a presa e os que atraem a presa até eles.

Um grande deus como Euribios deve se sentir imune a danos. Ele é incrível demais, poderoso demais.

Será sua queda.

Mas não posso ser muito apressada.

Deixe-o pensar que ele tem controle da situação. Engane-o suavemente.

Eu olho para o Ladrão. — Eu sou a única a ser batizada?

Os olhos dele brilham. Em resposta, ele se aproxima de mim, seu olhar fixo no meu rosto. — Você é... totalmente singular. Você sempre foi. — Ele parece impressionado com o efeito que tenho nele. — Se você quer me batizar, sirene, simplesmente me dê a ordem.

Ele implora pela morte!

Eu pego a mão dele. — Venha, meu rei captor.

Meu sangue se agita quando eu o puxo cada vez mais fundo na piscina. Sinto a compulsão antiga de atrair minha vítima para a água.

Água…

Meses atrás, lembro-me de pensar nas origens da minha espécie.

Como as sirenes eram conhecidas por atrair marinheiros para o mar. Essa história nunca fez sentido. A crueldade perversa de tudo isso. A aparente aleatoriedade da vítima e o modo de morte.

Mas não é aleatório.

A água está com fome de sangue.

Eu estou com fome de sangue.

Vingança, luxúria e força destruidora me chamam.

Tenha paciência…

Talvez aqueles marinheiros merecessem a morte. Talvez não merecessem.

Coloco minhas mãos nos ombros de Euribios. Ele está olhando meus lábios, esperando pela minha próxima ordem.

Paciência...

— Deixe-me benzer você nas águas dos mortos.

Minhas garras cavam em seus ombros, pressionando para baixo. Lentamente, ele se abaixa.

Paciência...

Eu me inclino para perto, até apenas uma respiração separar meus lábios dos dele.

— Se afogue. — Eu respiro.

Nossa paciência se foi.

O Ladrão ri, parecendo perturbadoramente imperturbável. — Eu avisei que tinha precauções.

Meu estômago aperta de medo e decepção.

Fui muito apressada. Claro que não seria tão fácil.

A forma do Ladrão cintila e desaparece.

Um instante depois, ele se reforma das sombras e, quando o faz, algo em seu rosto muda. Talvez seja confusão, talvez seja surpresa. Seja o que for, é uma revelação absoluta de que as precauções da Euribios não estão

funcionando como deveriam.

Ele olha para os cantos escuros da sala.

— As sombras... — o Ladrão acusa.

— ...*te traíram.* — Termina uma voz familiar.

Eu me sobressalto, meus olhos disparando para o som.

E aí está ele.

Des.

Capítulo 44

DES.

Meu coração bate dolorosamente.

Querido Deus – *Des*.

Ele está bem ali, a poucos passos de distância.

O Rei da Noite está encostado no trono de Euribios, as costas apoiadas em um dos apoios de braço, as pernas apoiadas uma na outra, descansando como se ele não estivesse perdido para mim apenas momentos atrás.

Minha conexão palpita, assim como quando o Ladrão expôs seu verdadeiro poder e identidade.

Deve ser um truque, um truque cruel e calculado. Euribios segura a vida de Des na palma da mão.

Só que o Ladrão também parece um pouco assustado. Ele se vira para enfrentar o Negociador, mesmo quando ainda luta contra o meu comando.

Nunca vi uma criatura suportar meu glamour por tanto tempo.

Des levanta as sobrancelhas. — Não esperava que as sombras fodessem com você, não é?

O Rei da Noite desencosta do trono e caminha até a piscina. Brevemente seus olhos tocam os meus, e eu vejo mil coisas neles. Acima de tudo, vejo desejo, tanto desejo.

Combina com o meu.

Meu Negociador.

Eu o encaro como se ele fosse uma assombração. Toda aquela dor que eu estava lutando para superar apenas para funcionar – é como se a ferida fosse reaberta. Mas agora há esperança para acompanhar a dor. Tanta esperança que eu mal posso respirar.

Talvez isso *seja* um truque... mas talvez não seja eu quem esteja sendo enganada.

O Ladrão luta contra o meu glamour e o aperto dos mortos que ainda se apegam a ele. Agora é sua vez de tentar escapar dessa piscina, indo em direção à beirada.

— Você deve ficar nesta piscina, Euribios. — Eu ordeno atrás dele, toda a força do meu glamour em minhas palavras.

Além dele, Des balança um pouco em minha direção, enquanto olha para Euribios. Eu posso dizer que meu parceiro está se esforçando para não olhar para mim. Ele não está mais imune ao meu glamour, e eu não estou mais mantendo meus poderes sob controle.

Entre nós, o progresso do Ladrão diminui.

Ele olha por cima do ombro para mim. — Você pagará por isso mais tarde. — Diz ele, sua voz cheia de veneno.

A sala ao nosso redor escurece com a ira de Des.

Pessoas como nós são o pesadelo de alguém.

Eu estreito meus olhos para o Ladrão e sorrio um pouco. — Acho que não.

O Rei da Noite chega à beira da piscina e se agacha, estudando nosso inimigo. O Ladrão empurra contra os puxões incessante que o levam para baixo.

— Você pode ter poder, Euribios, — Des diz. — Mas há uma coisa que você nunca considerou.

Meu coração bate mais rápido. De alguma forma, Des orquestrou isso.

— Fidelidade.

Euribios está de costas para mim; o que eu daria para ver a expressão desse monstro conivente.

— Durante séculos, as sombras e eu fomos os mais próximos dos confidentes.

As sombras falam comigo, Des admitiu de volta à superfície. Foi assim que ele aprendeu tantos segredos.

— Você acha que isso significa alguma coisa para elas? Para mim? — Diz o Ladrão. — Eu existia antes do amanhecer.

As sombras ao nosso redor começam a tremer e crescer.

— Você sabe o que elas me disseram? — Des diz.

Euribios fica em silêncio.

O rosto de Des endurece. — Até sombras podem enganar e deuses podem morrer.

DES OLHA PARA mim então, e como um raio, sinto esse olhar nos meus ossos.

Amor, amor tão infinito quanto a noite. É tudo o que vejo nos olhos dele.

— Agora, minha rainha, — o Rei da Noite me diz. — Onde você estava mesmo?

Ele está entregando a tocha, deixando-me retomar à tarefa insidiosa que eu comecei.

Lentamente, um sorriso aparece no meu rosto.

Vingança, finalmente.

Eu levanto meu queixo. — Des, você deve ignorar todos os comandos que eu der deste ponto em diante.

Seus olhos brilham com prazer diabólico. — Como desejar, minha doce sirene.

Com essa linha de separação, ele desaparece, derretendo na escuridão como tantas outras vezes desde que eu o conheci. Nosso vínculo canta, e eu posso senti-lo do outro lado, seguro e firme.

Meu olhar se move para o Ladrão e toda a minha personalidade muda. Por um minuto, deixo de lado o conhecimento de que Des parece estar vivo e bem.

No momento, essa entidade precisa pagar.

— Encare-me, Euribios.

Lentamente, o deus gira, sua expressão incrédula.

Ele domina os outros há tanto tempo que não pode reconhecer a posição em que está agora.

— Vou gostar de fazer você pagar por isso... — ele promete.

— Você *não* vai *me* ameaçar — eu digo. — Você também não usará sua magia em mim ou em mais ninguém. Agora, você está *impotente*.

A boca do Rei da Morte se curva. — *Nunca* serei impotente, encantadora. — Diz ele, atravessando entre as almas para chegar até mim, ainda resistindo ao meu comando anterior. Ele não parece assustado – acho que o Ladrão nem sabe o que é medo; ele nunca teve que temer nada em sua vida.

Enquanto ele se move em minha direção, ele começa a murmurar. Sua magia oleosa se mexe, e eu o sinto refazendo sua proteção.

Tarde demais, Rei da Morte.

— Afogue-se. — eu digo, minha voz hipnótica.

O Ladrão dá uma risada, interrompendo o trabalho. — Você não me pode me matar...

— Eu posso fazer *o* que eu quiser. Então chegue mais perto — digo, recuando até a parte mais profunda da piscina, almas passando por mim. — Encontre-me sob as ondas. Sinta meu beijo molhado. Afogue-se em meus braços. Morra por mim, meu rei eterno.

Sinistro. Sedutor. Até a morte é tentadora quando uma sirene a entrega docemente.

O Ladrão continua avançando em minha direção, só que agora, seu torso está começando a desaparecer sob a superfície da água.

— Eu não posso morrer.

— Sim, — eu suspiro. — Você pode.

Vou para o meio da piscina, sentindo minha magia nas veias e na água. Os olhos de Euribios estão presos nos meus, desejo brilhando neles. A água quase alcançou seus ombros. Ele começa a murmurar mais uma vez.

— Encontre-me nas profundezas da água — eu digo, persuadindo, *persuadindo*. — Não há nada a temer. Inspire. Afogue-se.

Minhas palavras batem como uma bigorna.

A respiração do Ladrão prende e uma faísca de algo entra em seus olhos; não é medo, ele é uma criatura muito estranha para isso; choque, talvez – ou traição.

Ou talvez, por causa de todas as suas relações com a morte, essa coisa

eterna não possa conceber que isso esteja acontecendo com ele.

E agora está.

Qualquer que seja a proteção que ele estava montando, ela fica no ar inacabada, e não está claro se seria útil nesse momento. Meus olhos, meu corpo, minha magia – tudo o que eu sou o atrai.

Junte-se a nós no fundo.

Não importa que ele seja um deus e eu não, nem que meu poder seja infinitesimal próximo ao dele. Eu estou prometendo um sonho, um sonho bonito e mortal, e o que é mais poderoso que isso? Sonhos, desejo – o *que* você *não* faria para ter o que mais deseja?

Deslizo para baixo da superfície das ondas. Ao meu redor, fantasmas uivantes agarram e arranham o Ladrão.

Eles não me machucaram – eu nem pensei que eles eram capazes disso –, mas eles estão ferindo Euribios, sua pele se abrindo, seu sangue parecendo tinta na água antes que sua pele se cure.

— Afogue-se, afogue-se, *afogue-se*. — Mesmo aqui embaixo, continuo sussurrando.

A linha d'água sobe para o seu pescoço e depois para sua mandíbula.

Eu não sei se ele afunda o resto do caminho, ou se ele para de lutar contra os poderes que o puxam, mas de repente, sua cabeça afunda para dentro da água.

— Afogue-se.

O Ladrão – Euribios – abre a boca e a água entra.

Isso é tudo o que os espíritos precisam para se aglomerarem, atacando o deus como bestas vorazes. Se eu pensava que eles estavam machucando ele antes, não é nada comparado ao ataque agora. Eu vejo músculos e ossos quando eles o rasgam.

Mais perturbadoramente, a morte abre caminho pela sua boca.

Os olhos do Ladrão estão abertos, e o tempo todo ele olha para mim, seus olhos afiados com desejo e alarme. Euribios estica a mão para mim, seja por querer ou necessidade, a água em torno de seu braço escura com seu sangue escuro.

Mas nunca pego sua mão esticada, e os espíritos se aglomeram tanto que, após vários momentos, o Ladrão desaparece por trás de tantos corpos efêmeros.

No momento em que perdemos contato visual, seus gritos começam, o som sendo abafado pela água e pelos espíritos que abrem caminho em sua boca.

Eu permaneço debaixo d'água, meus ouvidos se deleitando com seus gritos moribundos. Eles ficam cada vez mais fracos, até que eventualmente desaparecem completamente.

E então...

BOOM!

A magia do Ladrão detona, ondulando para todos os lados. Ela bate em mim, me jogando para trás antes de continuar, explodindo através da

sala do trono.

Em seu rastro, os espíritos começam a se afastar do Ladrão. Só que não há mais ladrão. Sem corpo, sem ossos – apenas algumas gotas de sangue manchando a água. A última gota de sua magia se dissolve na água, depois se dissipa.

Sua morte não foi a doce sedução que prometi a ele que seria. Foi dolorosa, brutal. Como deveria ter sido.

Ele se foi.

O Ladrão está finalmente morto.

Talvez sempre hajam trevas, sombras e tudo o que acontece quando o sol se põe. Talvez a noite esteja sempre esperando para engolir a terra, mas hoje...

A escuridão morreu.

Capítulo 45

QUANDO TENTO DEIXAR a água, os mortos se apegam às minhas roupas, não querendo me libertar. Eventualmente – e com relutância – eles me soltam. Afinal, eu dei a eles o sangue que eles exigiam.

Eles voltam para a piscina, onde esperam pelo o que quer que os governantes do submundo façam com as almas dos mortos.

Agora que o Ladrão se foi, sua magia impressionante se eleva do ar, e a sala ao meu redor se ilumina.

A natureza selvagem da sirene ainda está me excitando. Eu quero beijar e tocar, provar e atormentar. Eu quero tudo isso tanto que minhas asas e garras latejam.

Só dei um ou dois passos quando Des aparece a vários metros de mim.

Paro e não ouso respirar.

Parece um feitiço que será quebrado no momento em que eu me mover.

Nós nos encaramos por uma batida, depois duas. E então o feitiço é quebrado.

Des desaparece, apenas para reaparecer bem na minha frente. O Rei da Noite me esmaga contra ele, e é tudo o que eu preciso.

Amasso a camisa dele com meus punhos enquanto seus lábios encontram os meus. De repente, parece que posso respirar novamente, como se o mundo tivesse cores, propósito e alegria, porque Desmond Flynn, Rei da Noite, está vivo e em meus braços.

Ele tem gosto de magia e caos. Quero rir; tenho certeza de que vou chorar. Des não é um sonho, nem uma aparição que sumirá assim que o Ladrão se divertir o suficiente.

De alguma forma, ele superou a morte.

Quando o beijo termina, eu o encaro. Aqueles olhos pálidos e prateados, aquela suavidade em torno de sua boca, todas as partes de seu rosto que são tão desoladoras – eu não sabia que podia sentir tanta falta de algo.

— Você é real, certo? — Eu sussurro.

— Eu sou real. — O Rei da Noite está me dando aquele olhar, aquele que me faz sentir como se eu fosse digna de adoração.

— Eu pensei que tinha te perdido... — Minha voz quebra.

O canto da sua boca se inclina para cima e ele me olha com ternura. — Há muitas incertezas na vida, mas uma coisa é verdadeira: eu sempre voltarei para você, querubim.

Des não é apenas escuridão. Ele é luar e poeira estelar; ele é desejos e aventuras e um amor tão vasto quanto o céu noturno.

E ele está aqui, *vivo*.

Ele está vivo.

Um lampejo de raiva brilha através de mim, e eu dou-lhe um empurrão leve. — Eu pensei que você estivesse *morto*.

Ele sorri, pegando meu pulso. — Awwn, querubim — diz ele. — Não fique brava.

— Sem *awwn, querubim*, Des — eu digo, arrancando meu pulso do seu alcance. — Você não sabe como foi. — Eu digo com voz rouca. — Você *não sabe*. — Eu não poderia sonhar com um pesadelo pior do que aquele. Todas aquelas horas que passei lamentando por ele.

Des fecha o último espaço entre nós, seu rosto ficando sombrio. — Eu *sei*, Callie. Eu quase te perdi uma vez. — Seus olhos se fecham e ele balança a cabeça. — Sinto muito. — Diz. Ele abre os olhos, seu olhar brilhando. — Por enganar você e forçar você a passar por isso. Não *existe* inferno pior.

Realmente não existe.

— E eu sinto muito por fazer você enfrentar o Ladrão sozinha. — Ele pega minha mão e coloca-a entre as suas. — Nunca mais. — Ele promete, sua voz feroz.

Eu respiro fundo e me recomponho. Agora que Des está vivo e bem, minha pele finalmente começou a escurecer, minhas asas e garras e escamas desaparecendo à vista.

— Quero mais do que promessas e desculpas de você. — Digo.

Os olhos de Des brilham e um canto da boca se levanta quando ele percebe exatamente o que estou pedindo.

Ele estica o pulso na frente de si. Enquanto eu assisto, um fio de seda de aranha se forma em torno dele, e depois uma miçanga preta opaca.

— Isso é justo? — Ele pergunta.

Um acordo. Um que *eu* tenho que reivindicar.

Eu dou a ele um olhar cético. — Uma miçanga? Eu sofri com a *morte* da minha alma gêmea e enfrentei um deus, e tudo o que ganho é uma mera miçanga?

— Sirene exigente. Tudo bem.

Uma segunda joia parece próximo a primeira.

Dou a Des outro empurrão leve, uma risada escapando. A risada se transforma em um soluço. E o soluço... o soluço dá lugar a lágrimas feias e pesadas.

E é assim que essa temível sirene acaba sentada no colo do Negociador na sala do trono do Rei da Morte, ouvindo o Negociador cantar uma canção de ninar para ela, suas cabeças pressionadas juntas.

Isso estava prestes a acontecer. O último pedaço da minha bravura foi gasto matando Euribios. Não sobrou nada.

— Eu te amo, querubim. — Des murmura. — Mais do que qualquer fada tem o direito de amar qualquer coisa. — Ele varre minhas lágrimas com os polegares.

Eu aceno contra ele.

— Vou adicionar uma fileira inteira de miçangas pretas à pulseira – várias fileiras. Apenas, por favor, pare de chorar. Não suporto te ver triste. — Ele pontua o sentimento pegando minha mão e beijando a base da minha palma. E então ele beija cada ponta dos meus dedos, e a coisa toda é tão ridiculamente doce que eu engasgo novamente.

Fechando os olhos, respiro fundo algumas vezes. É uma coisa física, me recompor, mas eventualmente eu faço.

Abro os olhos e seguro o rosto de Des. — Eu amo você. — Eu sorrio um pouco enquanto digo.

Eu me levanto, puxando o Negociador atrás de mim. Ele ainda usa sua coroa e parece o rei das fadas.

Ele aperta minha mão, e acho que é a maneira dele de ver se estou pronta para sair desta sala, e Deus, estou pronta, mas antes de irmos, noto uma camisa descartada a vários metros de distância. É a camisa de Euribios – ele deve ter removido logo antes de entrar na piscina.

Andando até ela e a pego. Des me olha com curiosidade quando começo a torcer o pano várias vezes, transformando a camisa em uma corda improvisada. Deslizo a corda pelas presilhas do meu cinto.

Há uma caixa a qual ela pertence, uma caixa que fica em uma casa com piso de areia e bancadas lascadas. Uma caixa na qual todas as minhas relíquias mais valiosas entram.

— É uma lembrança. — Eu digo, amarrando a camisa do Ladrão.

O olhar de Des se torna caprichoso. — Você pode não viver no oceano, Callie, mas você é totalmente uma sirene.

Não sei muito sobre sirenes, além das poucas passagens que encontrei em livros escolares empoeirados e do que aprendi sozinha, mas colecionar lembranças macabras de minhas vítimas parece fazer sentido.

O olhar do Negociador varre a piscina. As águas ainda estão zumbindo, o som arrepiando minha pele.

Seus olhos voltam para mim. — Você nunca foi tão assustadora quanto quando derrubou o Ladrão. — Diz ele.

Lembro-me da minha magia cantando em minhas veias e da emoção de ver minha vítima se curvando à minha vontade, um deus cuja vida imortal eu roubei porque ordenei que ele morresse.

— Você estava assistindo? — Eu pergunto.

Des deveria estar assustado, não impressionado. Mas acho que estou ignorando o fato de que meu marido é um assassino de sangue frio.

— Como eu não poderia? Eu sou uma criatura terrivelmente curiosa.

Então ele me viu matar. Eu me pergunto se ele pensa em mim de

maneira diferente.

Pessoas como nós são o pesadelo de alguém.

Por outro lado, talvez ele sempre tenha pensado em mim de maneira diferente; eu finalmente acabei vivendo de acordo com sua imaginação sombria.

Nós dois saímos da sala do trono, voltando pelo palácio.

Os olhos de Des estudam nosso ambiente. — Então este é o Palácio da Morte e Terra Profunda. — Diz ele. — Eu tenho que admitir, eu estava esperando um pouco mais.

— Um pouco mais do que? Fantasmas?

Porque eu vi *muitos*.

Não vou tirar esses malditos fantasmas da minha cabeça por um longo tempo.

— Minha mãe costumava me contar histórias dos monstros que espreitavam na terra dos mortos.

Aposto que o Ladrão os perseguiu a muito tempo atrás.

— *Você* vai me dizer como fez isso? — Eu pergunto, interrompendo seu devaneio.

Des me dá um olhar malicioso. — Como eu enganei o Ladrão de Almas?

— Não, como você aprendeu a assobiar. Claro que é como você enganou o Ladrão.

Tentar tirar informações dele é como tentar arrancar um dente. Vou precisar de cada século da minha longa vida para descobrir todos os segredos deste homem.

Seus olhos brilham de prazer com a minha atitude; Des gosta mais de mim com minhas garras.

— Agora, querubim, você sabe que esses segredos vão te custar.

— Des!

Ele ri. — Duas palavras: sexo excêntrico. Se você concordar, cantarei como um coral e contarei tudo.

Nós dois quase morremos – o mundo inteiro quase acabou – e é nisso que ele está pensando? Sexo excêntrico?

Eu estreito meus olhos.

— Prometo que vai gostar, esposa. Estou imaginando vividamente você pressionada contra a beira da piscina e enquanto eu lambo a água brilhante entre as suas...

Minha pele está começando a brilhar, o que é extremamente embaraçoso.

— *Tudo bem*. Mas você vai me contar tudo.

— Tudo começou no Solstício.

Nós dois paramos de andar para que Des possa se explicar.

— Quando descobri que o Ladrão de Almas – Euribios – queria que você bebesse o vinho lilás para ficar vulnerável à magia dele, aprendi três

coisas: uma, o Ladrão era um bastardo esperto. Duas, ele queria você. E três, parecia que nenhum fae era imune à sua magia. Ele poderia colocar qualquer um de nós para dormir do mesmo jeito que fez com todos aqueles soldados; a única coisa que o segurava era sua própria conspiração.

Minha mente está acelerada, ouvindo.

— Eu sabia que o Ladrão estava esperando o momento certo para botar seus planos em ação – quaisquer que fossem – e não podia deixar isso acontecer. — Os olhos de Des caem pesadamente nos meus. — Não quando eu sabia que ele queria você.

— Então comecei a tramar meu próprio plano, que salvaria você e o Outromundo. Eu o alterei quando novas informações chegaram sobre o Ladrão. E uma vez que descobri que ele não era apenas um deus, mas *o* deus das trevas, soube que até meu poder era inútil contra ele.

E, no entanto, de alguma forma, Euribios ainda morreu.

Des passa os dedos pelos meus. — Lamento não ter confiado em você, Callie. Ele estava usando sombras para nos observar.

Claro. Se Des tivesse me contado seus planos, o Ladrão os teria descoberto e o elemento surpresa teria sido perdido.

— A profecia do meu pai... — ele continua. — Eu sabia que a humana mencionada era você, então sabia que não só Galleghar poderia cair, mas que o Ladrão poderia ser derrubado com ele.

Minhas sobrancelhas se unem. — Como você podia ter certeza de que a profecia era sobre mim? — Pergunto.

O canto da boca de Des se curva. — Sombras não são as únicas criaturas que me contam segredos. Existem duendes, adivinhos e todos os tipos de fae que têm segredos para compartilhar.

Então meu parceiro descobriu que *eu* estava destinada a parar Galleghar. Essa revelação desce com força em mim. Eu estava fadada a ser uma assassina séculos antes de nascer. Eu tento não estremecer com o pensamento.

— Em algum momento, eu descobri. Como realmente parar Euribios.

Ele faz uma pausa dramática.

Eu dou a ele um olhar fulminante. — E?

Ele ri. — Você é adorável quando está impaciente. — Ele me puxa para perto e envolve uma mecha do meu cabelo no dedo. — Fiz dois acordos – um com o Ladrão de Almas – e outro com as sombras. Com o Ladrão, concordei em me tornar seu prisioneiro de bom grado, desde que nem você, nem eu, morrêssemos.

O Ladrão não tinha conseguido colocar Des em suas mãos até aquele acordo. Não quando o Rei da Noite tinha o hábito de destruir os fae que o Ladrão controlava. Então Des veio até ele e fechou um acordo que fez meu companheiro parecer fraco e desesperado. E Euribios, com todo seu orgulho e poder, acreditou.

— Com as sombras, — continua Des — prometi livrá-las de Euribios

de uma vez por todas, se elas estivessem dispostas a enganá-lo.

As sombras que não falavam do Ladrão de Almas.

— Essa é uma grande promessa — eu digo. — Como as sombras fizeram isso?

— Você quer dizer, como elas enganaram o Ladrão?

Eu concordo.

— O poder é senciente – pode tomar decisões por si próprio.

Des e eu sabíamos disso melhor que a maioria. Foi o que nos separou por sete anos.

— As sombras fazem parte dessa sensibilidade — continua Des — e é disso que Euribios extrai seu poder – assim como eu.

— E esse foi o erro fatal do Ladrão. O deus esqueceu que nosso poder vem da mesma fonte, uma fonte tem seu próprio livre arbítrio. Então as sombras e eu... nós o enganamos.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Falei com a escuridão durante as únicas vezes que sabia que o Ladrão não estava ouvindo, quando você sonhava com ele.

Todos aqueles sonhos doentios – Des não podia impedi-los de acontecer, mas ele podia usá-los contra o Ladrão.

— As sombras me disseram tudo o que eu precisava saber e foram elas que me ajudaram a fechar o acordo com Euribios. E quando chegou a hora, foram as sombras que cortaram o domínio do Ladrão sobre mim.

Ele confiou na escuridão com tudo o que importava para ele...

— Por que você acha que as sombras o ajudaram? — Pergunto. Durante anos, elas não estavam dispostas a dizer uma palavra sobre o Ladrão.

Des olha para mim, seu olhar intenso. — Antes mesmo de poder usar meu poder, eu falava com a escuridão. Ela foi minha primeira amiga.

Penso naquele garoto solitário e de cabelos claros que morava em Arestys, e meu coração doí por ele, mesmo que as adversidades que aquele garoto enfrentou tenham feito dele o homem que eu amo.

— Euribios as brutalizou, assim como ele brutalizou os fae. Ele as abusou até a submissão eras atrás, até que o Deus da Luz o derrotou e libertou as sombras. Mas então meu pai soltou Euribios, e as sombras foram forçadas a se esconder diante de seu poder mais uma vez.

— Não é da natureza das sombras serem desleais – mesmo com criaturas terríveis – mas elas sabiam como era existir fora do medo, e isso não é algo que você possa esquecer.

O que Des não acrescenta é que o medo provavelmente não foi o único fator que influenciou essas sombras. Desmond Flynn é amado pela escuridão.

— E assim, com a sua ajuda, — digo — as sombras se voltaram contra o deus delas.

Des aperta minha mão, seus olhos brilhando de uma maneira muito fae.

— Isso mesmo.

Depois que o Negociador termina sua explicação, continuamos andando pelo palácio. Meus pensamentos estão girando a uma milha por minuto com tudo o que Des me disse. Mortes falsas, sombras desleais e os segredos que salvaram a todos nós.

Eu só esqueço esses pensamentos quando entramos na sala onde encontrei Des. O altar ainda está onde eu o vi pela última vez, junto com todas aquelas prateleiras de poções e instrumentos médicos e livros com títulos dourados. No chão, estão minhas armas descartadas e os restos despedaçados dos objetos que foram derrubados das prateleiras.

Nada disso, no entanto, é o que chama a atenção do Negociador.

Seu olhar trava na forma caída do outro lado da sala. Em um instante, ele desaparece do meu lado, reaparecendo – asas e tudo – próximo ao corpo de Galleghar Nyx.

Ando até minhas armas descartadas, apertando-as novamente antes que ouse me aproximar de Des e de seu pai. Parte de mim teme que Galleghar ainda esteja vivo. Pais maus têm uma maneira de desafiar a morte. De fato, toda essa situação tem o toque de déjà vu, apenas nossos papéis estão invertidos.

O Negociador se ajoelha, seus cabelos brancos roçando seu queixo enquanto olha para o homem que lhe deu vida e morte em igual medida.

— Ele está morto? — Pergunto.

— Bastante. — O olhar de Des viaja sobre ele.

A mão do Negociador toca uma das feridas no peito de seu pai. Ele estuda os ferimentos de Galleghar por um longo tempo antes de finalmente olhar para cima. — Ele estava certo em temer você. Você o matou no final.

— Isso foi o Ladrão.

— Você matou o Ladrão e, com a morte do Ladrão, o vínculo que eles compartilhavam quebrou. O Ladrão não pôde mais impedir a morte de Galleghar.

Dois pássaros mortos com um único tiro.

Ainda tenho muitas perguntas – como por que Euribios escolheu esse momento para acordar Galleghar, e por que o velho deus decidiu manter o acordo por tanto tempo quando ele obviamente poderia ter quebrado o juramento – mas temo que nunca terei respostas.

Enquanto olhamos para o pai morto de Des, uma mão espectral se separa do corpo de Galleghar, e depois um braço.

Oh Deus, eu esqueci de onde estamos.

O Ladrão estava certo sobre uma coisa: os mortos nunca morrem de *verdade* se você está no Reino da Morte e Terra Profunda. Eles apenas mudam de forma.

Um calafrio me percorre. Foi isso que aconteceu com o Ladrão? Ele mudou de forma?

Não, eu me recuso a acreditar nisso.

Des se levanta, fazendo uma careta para o homem. — Eu me pergunto se é possível espancar espíritos...

Pego a mão de Des quando o espírito de Galleghar começa a se separar de seu corpo. — Deixe seu pai enfrentar o próprio destino. — Tenho certeza que até a vida após a morte tem sua própria forma de punição para os perversos.

Com isso, nós dois deixamos a sala e o pai de Des para trás.

ANTES DE PARTIRMOS, libertamos os prisioneiros trancados nas masmorras do castelo. Existem quarenta e quatro deles no total, tudo o que resta dos governantes anteriores.

Seus corpos estão com cicatrizes e emaciados, seus olhos opacos, desesperançosos. Basta olhar para eles e fica claro que o Ladrão não será a última dificuldade que este reino enfrentará.

E, no entanto, nem uma hora após serem libertados, vários deles se movem para o cais, apontando para esta ou aquela seção do navio negligenciado. E o barqueiro que vi anteriormente agora atravessa o Poço da Ressurreição, levando os espíritos, um por um. É uma das paisagens mais estranhas que eu já vi, e isso diz muito neste momento.

Des se aproxima de mim, seus dedos entrelaçando os meus. — Por mais que tenha gostado das nossas farras aqui, acredito que é hora de partir, Callie.

Deus, eu não poderia concordar mais.

Atravessamos o castelo e saímos pelas portas da frente.

Acima de nós, a escuridão foi embora. Há um sol baixo no horizonte e céus de algodão doce acima de nós. Sob a luz, até os jardins pálidos parecem diferentes – menos ameaçadores e mais pacíficos.

Nós dois andamos pela estrada que serpenteia desde a entrada do castelo até o arco pelo qual passei anteriormente, só que desse lado, a porta não parece a mesma.

Paramos na frente dela. Deste lado, duas portas de pedra são encaixadas no enorme arco. Estendendo-se de ambos os lados, há enormes muralhas de pedra que circundam os jardins do palácio.

Olho os portões gradeados à nossa frente. Quando eu acho que vamos ter que arrebentá-los, as portas se abrem, revelando a escuridão sombria do fundo do Poço.

— Isso foi... fácil. — Eu digo.

Todos os mitos prometeram que era impossível escapar da terra dos mortos. Mas o que eu sei? Ninguém me deu um guia para este lugar.

— A parte difícil está à frente. — Diz Des ameaçadoramente.

Nós dois atravessamos o portão, e eu só tenho que lutar um pouco contra quaisquer encantamentos que tenham sido colocados nele.

Quando entramos no poço, Des ilumina o espaço. Ele assobia para o mar de esqueletos. — São muitos cadáveres.

É uma visão triste, mas pelo menos a fada que levou esses soldados à morte foi detida.

Des vem até mim e enrola um braço na minha cintura. Nas suas costas, suas asas com garras nas pontas brilham.

— Se segura, querubim. — Diz ele.

— O que você está...?

Ele nos lança, e a corrente de ar rouba minhas palavras.

Ao contrário da descida, nada toca Des ou eu quando subimos. As criaturas ainda estão sob o meu glamour... ou sabem que não devem machucar o rei.

Nós subimos por quem sabe quanto tempo antes de eu começar a sentir.

Magia.

Ela bate sobre nós, pressionando contra minha pele, querendo que fiquemos na terra dos mortos. Quanto mais subimos, mais pesada fica. E então não está simplesmente empurrando sobre nós, mas dentro de nós, agarrando nossa carne de dentro para fora. Parece que eu estou voando de um avião no meio de uma crise de sinusite. Meus ouvidos estão gritando com a pressão, minha pele começando a arder.

Nós nunca vamos conseguir.

— Não há uma maneira fácil de fazer isso, querubim, mas isso terminará em breve. — Diz Des contra mim.

Você quer dizer que vai *piorar*?

O pensamento mal passa pela minha cabeça quando piora. Deus, piora muito. Minha pele se ilumina quando começo a gemer. Meu corpo inteiro está sendo esmagado pelo peso da magia.

Estou prestes a soltar a mãe de todos os gritos quando...

BOOM!

A magia explode ao nosso redor, ondulando sobre minha pele.

E então passamos.

Eu posso sentir a magia se juntando novamente abaixo de nós. Olho para a escuridão, nervosa. É tão fácil entrar na terra dos mortos, como entrar num tubo, mas quase impossível escapar dela.

É quando olho para o Poço que vejo o brilho de um par de olhos, presos do outro lado da barreira mágica. Eles me encaram por um momento antes de mergulhar de volta para as sombras.

Um tremor me percorre. Já vai tarde.

Quando chegamos à entrada do Poço, avisto centenas de fae que se aglomerando à sua volta.

As notícias do meu confronto com o Rei da Morte e Terra Profunda se espalharam rapidamente.

E na frente deles está Temper, que parece imensamente aliviada.

Assim que a multidão nos vê, eles começam a aplaudir, a noite iluminando os sons de palmas, assobios e faíscas de luz.

Nós pousamos na frente de Temper.

Ela me agarra, me abraçando com força. — Tô feliz pra caralho que você voltou. — Diz minha melhor amiga. — Você demorou muito.

Des se aproxima de nós e Temper abre um dos braços. — Você também entra aqui, Desmond. Você é meu irmão agora.

Ele entra com um sorriso tímido, deixando minha melhor amiga esmagá-lo em nosso abraço.

— Você matou aquele filho da puta? — Temper pergunta, nos soltando.

Eu encontro os olhos dela. — O que você acha?

Ela olha para mim por um momento, depois solta uma risada. — Ha-ha, sua puta fodona. Espero que você tenha lhe dado meus cumprimentos antes de explodir sua bunda em pedacinhos.

Balanço a cabeça, a sugestão de um sorriso curvando meus lábios.

Des se afasta de nós para subir no ar.

A multidão, que estava murmurando assim que chegamos, agora se acalma.

Os olhos do meu parceiro se movem sobre o grupo reunido. — Durante a última década, nosso reino foi atormentado pelo Ladrão de Almas. — A mágica amplifica a voz de Des e explode na noite. — Ele sequestrou nossos soldados, estuprou nossas mulheres e começou uma guerra entre nosso mundo. Ele destruiu a nossa paz e a santidade do nosso reino.

— Foi só recentemente que descobrimos que o Ladrão de Almas invadiu o Reino da Morte e Terra Profunda e tomou o trono à força. Dias atrás, ele me levou como refém, mantendo-me prisioneiro em seu castelo.

— Quando todos achavam que eu estava perdido de vez, minha alma gêmea – sua rainha – marchou até os portões do submundo e encarou o Ladrão de frente.

Ninguém fala, embora eu sinta todos os tipos de olhos se moverem para mim.

Des gesticula para eu me juntar a ele onde ele paira no céu. Relutantemente, eu faço.

Quando estou ao seu lado, ele olha para mim. Eu posso ver um universo inteiro em seus olhos iluminados pela lua.

— Mas Callypso Lillis, Rainha da Noite, não enfrentou um inimigo qualquer. O Ladrão de Almas não era outro senão Euribios, o deus primordial da morte e das trevas.

Há surpresa na multidão reunida, depois murmúrios pensativos enquanto eles me observam.

— Sua rainha enfrentou Euribios e ela o *venceu*.

Arfadas. Eu posso sentir seus olhares em mim como as mãos dos mortos. Mas é o olhar do Negociador que me prende extasiada. Ele me dá um sorriso suave antes de anunciar para a multidão reunida. — O Ladrão não existe mais.

De volta em Somnia, a prisão real está subitamente cheia de soldados fae muito confusos. Entre eles estão Janus e Malaki.

— Alguém foi malcriado enquanto eu estive fora? — Des pergunta do outro lado das grades.

— O que está acontecendo? — Janus exige quando a porta de ferro se abre.

— Callie matou um dos seus grandes e poderosos deuses — diz Temper ao meu lado. — Sem ofensas, mas vocês têm alguns deuses fracos se até essa cadela pode derrotá-los. — Diz ela, me cutucando.

— Ei!

— O quê? — Diz a feiticeira. — Estou *brincando.*

— Temper. — A voz profunda de Malaki faz minha amiga ficar séria.

Ele se aproxima dela, ignorando eu e Des e todos os outros indivíduos que se amontoam pelos corredores da masmorra. Seus olhos estão fixos em Temper e as asas dele – as asas dele estão *abertas*.

Ele toca sua bochecha, e isso é tudo o que é preciso para minha amiga feroz amolecer. Ela desliza para os braços de Malaki.

— Nunca mais faça isso comigo — diz ela. — Ou eu mesma mato você.

O general de Des aperta Temper firmemente, e o fato dele não tomar essa ameaça de forma errada mostra como o que eles têm é forte.

Janus olha entre nós. — Sério, alguém vai me dizer *por* que estou na masmorra do Reino da Noite?

Os olhos do Negociador caem sobre mim enquanto ele brinca com as miçangas da pulseira. — A rainha e eu ficaríamos felizes em informar você — diz ele a Janus. — Por um preço, é claro. — Ele pisca para mim.

Oito anos atrás, tudo começou com um homem morto e um acordo. E agora, aqui estamos, com mais alguns homens mortos e mais alguns acordos.

Pego a mão de Des e nós dois lideramos o grupo para fora da masmorra.

O Rei da Noite leva nossas mãos entrelaçadas aos lábios e pressiona um beijo nas costas da minha mão. Seus olhos prateados brilham.

Este homem.

Ele é o Negociador que salvou minha vida repetidamente, e o rei que eu acabei salvando, uma ou duas vezes.

Ele é um trapaceiro, um guardião de segredos. Ele é o lado escuro da lua. Ele é o meu belo e terrível mistério.

Meu amigo. Minha alma gêmea.

Das chamas às cinzas, do amanhecer ao anoitecer – até a escuridão morrer.

Ele é meu, e eu sou dele, *para sempre*.

Epílogo

7 anos depois

DES E EU pousamos em nosso quintal, nossas asas dobrando atrás de nós. No alto, as estrelas brilham e, bem abaixo do nosso quintal, o Pacífico bate contra a praia.

Entrelaçando meus dedos nos de Des, caminho em direção à casa. Meus olhos vão para as telhas cobertas de musgo e para o exterior desgastado. A tinta está descascando um pouco, mas hesito em refazê-la. Quando comprei esta casa há uma década, eram as imperfeições que eu mais apreciava – bem, isso e o oceano no quintal.

Nossa casa na Ilha Catalina pode ser a mais bonita. Mas este é o nosso bangalô caseiro.

Guio Des até a porta de vidro deslizante. Com um clique, ela se abre, revelando nosso quarto.

As paredes estão cobertas de fotografias de cidades distantes. A única coisa consistente entre elas é o mesmo casal sorridente em cada uma – os traços claros de Des pressionados contra os meus.

Espalhadas entre as fotografias, estão as obras de arte do Negociador – a maioria representando as cidades do Outromundo em que estivemos e que minha câmera não pode capturar convenientemente. Claro, existem alguns esboços embaraçosos de mim, alguns que são o limítrofe do inadequado.

É o que eu ganho por ainda ser uma otária que faz acordos com o Negociador.

E o resto do quarto está cheio de bugigangas cafonas – algumas deste mundo, outras de outro. A maioria é resultado de um dos desafios fraudulentos de Des – como o enorme sombreiro preso na parede que ele me fez usar por uma noite inteira. Mas alguns, como a estatueta das Cíclades em nossa estante, são presentes que demos um ao outro.

Tudo isso são provas da vida incrível que vivemos.

À nossa frente, o edredom desliza pela cama.

Eu espio Des pelo canto do olho. — *Isso é* um pouco presunçoso.

— Não, querubim. *Isso* é presunçoso.

O botão superior da minha calça se abre e meu zíper desliza para baixo. Minha camisa começa a se levantar.

Minha pele se ilumina com interesse porque, mesmo depois de todos esses anos, minha sirene ainda é atrevida quando se trata de Des.

O Rei da Noite ri e me pega, me jogando na cama suavemente. — Ufa — diz ele. — Eu ainda consigo.

Ele se coloca sobre a metade inferior do meu corpo, seu torso convenientemente aninhado entre as minhas pernas.

Des alisa as mãos na parte interna das minhas coxas, seu olhar preso no meu. Sinto o toque frio da pulseira dele contra a minha pele. Eu uso uma igual no meu próprio pulso.

Favores que devemos um ao outro.

Des ainda é um ótimo Negociador, e eu me junto a ele em seus acordos, provavelmente mais do que deveria, especialmente considerando que ainda trabalho em tempo parcial com Temper nas investigações da costa oeste... e ajudo a governar um reino.

Sinto uma pincelada de mágica, e a camisa do Metallica que Des veste agora escapa. Meus dedos percorrem suas tatuagens. Traço o rosário de miçangas em seu braço. Se eu tivesse tempo para contar todas, descobriria que existem 322, o número exato de miçangas que primeiro me ligaram a ele.

— Você me deve alguns favores, querubim. — Ele pontua essa declaração com um beijo num ponto abaixo da minha garganta. Sua pélvis se move contra mim, e meu núcleo aquece.

Enrosco meus dedos em seus cabelos brancos, inclinando sua cabeça para trás para que nossos olhares se encontrem. — Você também me deve alguns favores.

Ele arqueia uma sobrancelha. — Sério? — Eu sinto a brisa de sua magia enquanto minha camisa é tirada de mim. — Para sua sorte, acho que sei exatamente o que fazer para pagar minhas dívidas...

O Negociador começa a descer pelo meu torso, seus lábios roçando minha pele. Ele beija meu umbigo, suas mãos deslizando para meus quadris, antes de continuar...

Sinto a respiração dele na minha pele, e meus braços se arrepiam.

É bom demais para ser verdade.

Todos aqueles anos esperando, desejando e ansiando. A vida nunca nos dá o que desejamos e, se isso acontecer, é melhor não assumirmos que é para sempre.

Mas se há uma coisa que aprendi sobre o Negociador, sobre nós, é que já pagamos todas as nossas dívidas e mais algumas. E agora temos isso pelo resto de nossas vidas muito longas.

De repente Des faz uma pausa, sua boca naquele espaço tentador entre meu abdômen e minha pélvis.

Ele vira a cabeça para o lado, pressionando o ouvido na minha pele macia, como se minha própria carne estivesse sussurrando segredos

para ele.

Seu aperto intensifica nos meus quadris. Muito lentamente, ele levanta a cabeça, seus olhos encontrando os meus.

Não consigo ler sua expressão. Eu não consigo ler sua expressão e eu realmente, *realmente* quero saber o que está passando através da sua mente, porque o olhar que ele está me dando *não é* normal.

— O quê? — Eu finalmente digo, quebrando o estranho silêncio entre nós.

Des sorri, e é tão brilhante, tão comovente e lindo que é fisicamente difícil de olhar.

Ele se inclina e beija minha pele.

— O quê? — Eu digo novamente.

— Eu tenho um segredo.

Glossário

Floresta Arcana: acredita-se ser o local onde as primeiras árvores se enraizaram; localizado no reino da flora; local de nascimento do Homem Verde.

Arestys: uma ilha de terra estéril e rochosa pertencente ao Reino da Noite; conhecida por suas cavernas; a menor e mais pobre das seis ilhas flutuantes localizadas no Reino da Noite.

Avalon: também conhecida como a Cidade do Sol e a Ilha da Luz; Capitólio do Reino do Dia.

Barbos: também conhecida como a Cidade dos Ladrões; a maior das ilhas flutuantes localizadas no Reino da Noite; ganhou reputação por suas salas de jogos, gangues, enseadas de contrabandistas e tabernas.

Pântano: uma criatura sombria do outro mundo, carnívora e come suas vítimas vivas; temida por sua capacidade de fazer suas vítimas viverem seus piores pesadelos enquanto morrem; nativa do Reino da Noite.

Changeling: uma criança trocada ao nascer; alternativamente, pode se referir a uma criança fae criada na Terra ou a uma criança humana criada no Outro mundo.

Cobind: o processo pelo qual os fae compartilham e trocam magia.

Fada das trevas: uma fada que abandonou a lei.

Desmond Flynn: governante do Reino da Noite; também conhecido como Rei da Noite, Imperador das Estrelas Noturnas, Senhor dos Segredos, Mestre das Sombras e Rei do Caos.

Fae: um termo que denota todas as criaturas nativas do Outro Mundo.

Fada: o fae mais comuns no Outro Mundo; podem ser identificadas pelas orelhas pontudas e, na maioria dos casos, pelas asas; conhecidas por seus truques, natureza secreta e temperamentos turbulentos.

Glamour: hipnose mágica; torna a vítima suscetível à influência verbal; considerado uma forma de controle da mente; empunhado por sirenes; eficaz em todos os seres terrenos; ineficaz em criaturas de outros mundos; proibido pela Casa das Chaves por causa de sua capacidade de retirar um consentimento de um indivíduo.

Homem Verde: rei consorte de Mara Verdana, Rainha da Flora.

Casa das Chaves: o corpo governante global do mundo sobrenatural; sede localizada em Castletown, Ilha de Man.

Ilha de Man: uma ilha nas Ilhas Britânicas localizada entre a Irlanda a oeste e Gales, Inglaterra e Escócia a leste; o epicentro do mundo sobrenatural

Janus Soleil: governante do Reino dos Dias; também conhecido como o rei do dia, senhor das passagens, rei da ordem, caixa da verdade e portador da luz

Karnon Kaliphus: governante do Reino da Fauna; também conhecido como Rei da Fauna, Mestre dos Animais, Senhor do Coração Selvagem e Rei das Garras e Garras

Reino do Dia: Reino do outro mundo que preside todas as coisas pertinentes ao dia; reino transitório; viaja pelo Outro Mundo, arrastando o dia com ele; localizado em frente ao reino da noite; as onze ilhas flutuantes dentro dele são as únicas massas de terra que podem reivindicar residência permanente no Reino do Dia

Reino da Morte e Terra Profunda: reino do outro mundo que preside todas as coisas que morreram; reino estacionário localizado no subsolo

Reino da Fauna: Reino do outro mundo que preside todos os animais; reino estacionário

Reino da Flora: Reino do outro mundo que preside toda a vida vegetal; reino estacionário

Reino de Mar: reino do outro mundo que preside todas as coisas que residem em corpos d'água; reino estacionário

Reino da Noite: Reino do outro mundo que preside todas as coisas relativas à noite; reino transitório; viaja pelo Outro Mundo, arrastando a noite com ele; localizado em frente ao

Linhas Ley: estradas mágicas dentro e entre mundos que podem ser manipuladas por certas criaturas sobrenaturais

Lephys: também conhecida como a Cidade dos Amantes; uma das seis ilhas flutuantes no reino dos dias; acredita-se ser uma das cidades mais românticas do Outro Mundo

Loi du royaume: A lei do outro mundo que dita todos os fae deve se submeter às regras do reino em que se encontram

Mara Verdana: governante do Reino da Flora; também conhecida como rainha da flora, senhora da vida, senhora da colheita e rainha de tudo o que cresce

Outromundo: terra dos fae; acessível a partir da terra através de linhas ley; conhecido por suas criaturas cruéis e reinos turbulentos

Academia Peel: internato sobrenatural localizado na Ilha de Man

Phyllia e Memnos: ilhas irmãs ligadas por ponte; localizado dentro do reino da noite; também conhecida como a Terra dos Sonhos e Pesadelos

Duende: fae alado que são aproximadamente do tamanho de uma mão humana; como a maioria dos fae, os duendes são conhecidos por serem curiosos, secretos e travessos

Politia: a força policial sobrenatural; jurisdição global

Portal: portas ou pontos de acesso às linhas ley; pode sobrepor vários mundos

Sete Sagrados: também conhecidos como os dias proibidos; os sete dias em torno da lua cheia, quando os shifters se afastam da sociedade; costume estabelecido devido à incapacidade dos shifters de controlar sua transformação de humano para animal

durante os dias mais próximos da lua cheia

Somnia: capital do Reino da Noite; também conhecida como Terra do Sono e Pequena Morte

Vidente: um sobrenatural que pode prever o futuro

Shifter: um termo geral para todas as criaturas que podem mudar de forma

Sirene: criatura sobrenatural de extraordinária beleza; exclusivamente feminino; pode glamourar todos os seres terrenos para fazer sua vontade; propenso a más decisões

Comunidade sobrenatural: um grupo que consiste em todas as criaturas mágicas que vivem na Terra

Ladrão de almas: o responsável pelos desaparecimentos de guerreiros fae

Poço da Ressurreição: corpo de água localizado na sala do trono do Palácio da Morte e da Terra Profunda que pode conter os mortos; costumava batizar a família dominante do Reino da Morte.

Lobisomem: também conhecido como licantropo ou shifter; um humano que se transforma em lobo; governado pelas fases da lua.